

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

BERNARD CORNWELL

***A Devastação de
SHARPE***

Formatação ePub de LeYtor



E D I T O R A R E C O R D
R I O D E J A N E I R O • S Ã O P A U L O

2008

Título Original: Sharpe's Havoc © 2003,
by Bernard Cornwell

Todos os direitos de publicação em Língua Portuguesa desta obra, excepto Brasil,
reservados por:

Planeta Editora, LDA

Tradução: Aníbal Tello

Revisão: Frederico Sequeira
Capa: José Laranjeira

Composição, impressão e acabamento: Gravitexto, Lisboa

Depósito legal nº 212883/04 ISBN 972-731-157-1

Proibida a reprodução no todo ou parcial, por qualquer meio, sem prévia
autorização do editor

Digitalização e arranjos de Vítor Chaves

Esta obra destina-se ao uso exclusivo de portadores de Deficiência Visual

Outras obras do autor publicadas pela Editora Record

O condenado

Trilogia As Crônicas de Artur

O rei do inverno

O inimigo de Deus

Excalibur

Trilogia A Busca do Graal

O arqueiro

O andarilho

O herege

Série As Aventuras de Sharpe O tigre de Sharpe (Índia, 1799)

Para William T. Oughtred



CAPÍTULO I

Miss Savage desaparecera.

E os franceses aproximavam-se.

A aproximação dos franceses era a grande emergência. Já era possível ouvi o contínuo crepitar dos mosquetes nas cercanias da cidade e, nos últimos dez minutos, cinco ou seis canhões haviam atingido os telhados das casas situadas no alto da colina da margem norte. A casa dos Savages ficava alguns metros mais abaixo na encosta e, por enquanto, encontrava-se protegida do ocasional fogo de canhão dos franceses, mas o cálido ar primaveril zunia com as balas de mosquete perdidas que, por vezes, batiam nas grossas telhas do telhado, com grandes estalidos, ou irrompiam pela folhagem dos pinheiros, espalhando agulhas pelo jardim. Era uma casa grande, de pedra, pintada de branco e com gelsias verde-escuras nas janelas. O alpendre era encimado por uma placa de madeira onde se lia, em letras douradas, *House Beautiful*. Era um nome estranho para uma casa na colina íngreme de onde a cidade do Porto contemplava o rio Douro, particularmente porque a grande casa quadrada não era nada bonita, pelo contrário, era pesada, feia e angulosa, embora as suas linhas duras fossem suavizadas por cedros que deviam proporcionar uma sombra bem-vinda no Verão. Um pássaro estava construindo o ninho num dos cedros e, sempre que uma bala de mosquete assobiava por entre os ramos, o pássaro soltava um pio de alarme, esvoaçando pelo ar, para logo retomar a tarefa. Inúmeros fugitivos passavam em frente da casa, descendo a colina a caminho das barcaças e da ponte de barcas que lhes permitiriam atravessar o Douro. Alguns dos refugiados conduziam porcos, ovelhas e vacas, outros empurravam carrinhos de mão precariamente carregados com mobília. Não raro, outros carregavam os avós às costas.

Richard Sharpe, tenente do segundo Batalhão do 95º Regimento de Fuzileiros de Sua Majestade Britânica, desabotoou as calças e urinou por cima dos narcisos de um canteiro de flores em frente da *House Beautiful*. O chão estava molhado porque houvera um temporal na noite anterior. Os relâmpagos haviam riscado o céu por cima da cidade, os trovões tinham ribombado e chovera tanto que os canteiros de flores, agora, com o calor do sol, vaporosamente se desfaziam da humidade da noite. Uma granada de obus desenhou um arco no céu, soando como um pesado barril rolando rapidamente num soalho de madeira, deixando um pequeno traço acizentado de fumaça, produzido pelo rastilho incandescente. Sharpe observou o rastro do fumaça, avaliando, pela curva, onde estaria situado o obus.

— Eles estão muito próximos, raios os partam! — exclamou ele, não se dirigindo a ninguém em particular.

— Vai acabar com essas pobres flores — disse o sargento Harper, acrescentando depressa, “senhor”, quando Sharpe se voltou e lhe viu o rosto.

A granada do obus explodiu em algum lugar no emaranhado de ruelas junto ao rio e, segundos depois, o canhoneio francês aumentou para um trovejar contínuo, um trovejar com um timbre claro, vivo, sincopado, sinal de que algumas das armas se encontravam muito perto. Uma nova bateria, pensou Sharpe. Devia estar instalada na entrada da cidade, a menos de um quilômetro de distância de Sharpe e fustigando o flanco do grande reduto norte, enquanto o crepitar dos mosquetes que soara como lenha seca ao ser queimada se reduzia, agora, a um estralejar intermitente, sugerindo que a infantaria defensora estava recuando. Alguns, na verdade, estavam fugindo e Sharpe não podia censurá-los. Uma grande e desorganizada força portuguesa, comandada pelo bispo do Porto, tentava impedir que o exército do marechal Soult tomasse a cidade, a segunda maior de Portugal, mas os franceses estavam levando a melhor. O trajeto dos portuenses para a segurança passava em frente ao jardim da *House Beautiful* e os soldados do

bispo, fardados de azul, apressavam-se colina abaixo, tão depressa quanto as pernas lhes permitiam, salvo quando viam as fardas verdes dos fuzileiros ingleses, diminuíam a marcha, como que se quisessem mostrar que não estavam em pânico. E isso, reconheceu Sharpe, era um bom sinal. Era evidente que os portugueses tinham o seu orgulho e tropas com orgulho lutariam bem, se tivessem outra chance, embora nem toda a tropa portuguesa apresentasse o mesmo espírito. Os homens da Ordenança continuavam a correr, mas isso não era de estranhar: A Ordenança era um exército de voluntários entusiástico mas mal preparado, recrutados para defenderem a pátria, e as veteranas tropas francesas estavam fazendo-os em pedaços.

Entretanto, Miss Savage continuava sem aparecer.

O capitão Hogan surgiu no alpendre da *House Beautiful*. Fechou prudentemente a porta e ficou olhando para o céu, praguejando fluente e incisivamente. Sharpe abotoou as calças e as suas duas dúzias de fuzileiros puseram-se a inspecionar as armas, como se nunca as tivessem visto. O capitão Hogan expeliu mais algumas imprecações cuidadosamente escolhidas e depois cuspiu, quando uma descarga francesa estrondeou por cima deles.

— O que isto é, Richard — disse ele, quando o som do tiro de canhão passou —, é uma grande confusão. O raio de uma miserável e diabólica confusão, combinada com uma grande dose de tolice.

A descarga francesa caiu em algum lugar na parte baixa da cidade e precipitou a queda em estilhaços de um teto em ruínas. O capitão Hogan sacou sua caixa de rapé e inalou uma boa pitada.

— Deus o salve — disse o sargento Harper.

O capitão Hogan espirrou e Harper sorriu.

— O nome dela — disse Hogan, ignorando Harper — é Katherine, ou, melhor, Kate. Kate Savage, de dezenove anos e precisando, meu Deus, como ela precisa de uma boa surra! Uma

surra! Um bom par de palmadas, é o que ela precisa, Richard. A merda de uns açoites bem aplicados.

— Mas, afinal, onde é que ela está? — perguntou Sharpe.

— A mãe acha que ela foi para a Vila Real de Zedes — disse o capitão Hogan —, seja onde for que isso fica. Mas a família tem lá uma casa. Um lugar para onde vão para escapar do calor do Verão — acrescentou, revirando os olhos de exaspero.

— Mas porque é que ela lá foi para lá, Capitão? — perguntou o sargento Harper.

— Porque é uma menina de dezenove anos sem pai — disse Hogan —, que tem a mania de fazer o que quer. Porque não se dá bem com a mãe. Porque é um droga de uma tola que merece uns bons tapas. Porque, oh, eu não sei porquê! Porque é jovem e tem pensa que sabe tudo, eis porquê. — Hogan era um irlandês de meia-idade, baixo e entroncado, membro dos *Royal Engineers*, com uma cara perspicaz, a pronúncia doce irlandesa, de cabelo grisalho e de carácter generoso. — Porque é uma droga de uma menina tonta, eis porquê — concluiu ele.

— Essa Vila Real qualquer coisa fica muito longe? — perguntou Sharpe. — Não podemos ir lá buscá-la?

— Isso, Richard, é exatamente o que eu disse à mãe que você ia fazer. Você vai a Vila Real de Zedes, vai à procura da droga da menina e vai atravessar o rio com ela. Nós vamos esperar por vocês em Vila Nova de Gaia e, se a porcaria dos franceses tomarem Vila Nova, esperamos por vocês em Coimbra. — Hogan fez uma pausa, enquanto escrevia estas instruções num pedaço de papel. — E, se os Sapos^{1} tomarem Coimbra, esperamos por vocês em Lisboa e, se os sacanas tomarem Lisboa, nós estaremos mijando nas calças em Londres e vocês estarão sabe Deus onde. Não se apaixone por ela — continuou ele, entregando o pedaço de papel a Sharpe —, não emprenhe a droga da moça, não lhe dê a surra que ela bem

merece e, pelo amor de Deus, não a perca e não perca de vista, também, o coronel Christopher. Entendeu tudo?

— O coronel Christopher vai conosco? — perguntou Sharpe, alarmado.

— Não foi o que acabei de lhe dizer? — disse Hogan com um ar inocente, logo se voltando, ao ouvir um tinir de cascos que anunciava a chegada da carruagem de Mrs. Savage, vinda da cocheira que ficava por trás da casa. A carruagem vinha abarrotada de bagagem e havia até mesmo alguma mobília e dois tapetes enrolados presos na parte de trás do porta-bagagem, onde um cocheiro, precariamente colocado no meio de meia-dúzia de cadeiras douradas, trazia pela arreata a égua preta de Hogan. O capitão pegou as rédeas e utilizou o estribo da carruagem para se erguer para a sela.

— Você vai juntar-se a nós dentro de dois dias — assegurou ele a Sharpe. — Daqui a Vila Real de Zedes são seis, sete horas. Outro tanto até Barca de Avintes e, depois, é um passeio até a casa. Você sabe onde fica Barca de Avintes, não sabe?

— Não, não sei.

— Fica para lá — disse Hogan, apontando para leste. — Cerca de seis quilômetros. — Hogan enfiou a bota direita no estribo e ergueu o corpo para soltar as abas do capote azul. — Com um pouco de sorte, pode juntar-se a nós amanhã à noite.

— O que eu não entendo... — começou Sharpe, logo se calando ao ouvir a porta da frente se abrir, de onde surgiu Mrs. Savage, a mãe viúva da filha desaparecida.

Mrs. Savage era uma mulher dos seus quarenta anos, atraente, de cabelo escuro, alta e elegante, com um rosto claro e de sobrancelhas arqueadas. Ela descia os degraus da entrada quando uma bala de canhão troou sobre a casa e, logo depois, soou uma descarga de tiros de mosquete alarmantemente perto, tão

perto que Sharpe subiu os degraus do alpendre para observar o alto da colina, onde a estrada de Braga desaparecia entre uma grande taverna e uma igreja elegante. Um canhão de seis libras português acabara de se instalar junto da igreja e começara a disparar contra o inimigo invisível. As forças do bispo haviam cavado novas trincheiras no alto da colina e protegido apressadamente a velha parede medieval com uma paliçada coberta de terra, mas a visão do pequeno canhão a disparar da improvisada posição no meio da estrada dava a idéia de que essa defesa ia sucumbir bem depressa.

Mrs. Savage choramingava que tinha perdido a sua menina, mas o capitão Hogan conseguiu convencê-la a entrar na carruagem. Duas criadas, carregadas de malas atulhadas de roupa, seguiram a patroa para dentro do veículo.

— Vai encontrar a minha Kate? — perguntou Mrs. Savage ao capitão Hogan, abrindo a porta da carruagem.

— A sua querida menina estará junto da senhora muito em breve — disse Hogan, em tom confiante. — O tenente Sharpe vai tratar disso — acrescentou ele, fechando a porta da carruagem com o pé.

Mrs. Savage era a viúva de um dos muitos negociantes ingleses estabelecidos na cidade do Porto. Era rica, supunha Sharpe, pelo menos suficientemente rica para ter uma bela carruagem e a petulante *House Beautiful*, mas era também louca, pois devia ter deixado a cidade dois ou três dias antes. Ficara, obviamente, porque acreditara na garantia do bispo de que conseguia repelir o exército do marechal Soult. O coronel Christopher que, em tempos, ficara alojado na estranhamente designada *House Beautiful*, pedira às forças inglesas, estacionadas a sul do rio, para enviarem homens para escoltar a partida de Mrs. Savage. Como o capitão Hogan era o oficial mais próximo da cidade e Sharpe, com os seus fuzileiros, protegia Hogan, enquanto o engenheiro elaborava o mapa do Norte de Portugal, fora ele que atravessara o Douro para norte, com vinte e quatro dos seus

homens, precisamente para escoltar Mrs. Savage e quaisquer outros habitantes ingleses do Porto. O que teria sido uma tarefa bastante fácil, não fosse o caso de, ao amanhecer, a viúva Savage ter descoberto que a filha fugira de casa.

— O que eu continuo sem entender — insistiu Sharpe — é porque é que ela fugiu.

— Possivelmente, porque está apaixonada — sugeriu Hogan, com um sorriso. — As jovens de dezenove anos, de famílias respeitáveis, são muito dadas a se apaixonar, por causa dos romances que lêem. Até daqui a dois dias, Sharpe, ou talvez mesmo até amanhã. Espere pelo coronel Christopher, ele já vem encontr-lo. E ouça — Hogan dobrou-se todo na sela e baixou a voz, de maneira a que só Sharpe pudesse ouvi-lo — não perca o coronel de vista, Richard. Eu ando preocupado com ele.

— Devia preocupar-se era comigo, Capitão.

— Também me preocupo, Richard, palavra que me preocupo — disse Hogan.

Depois endireitou-se na sela, acenou com a mão e esporeou a montaria atrás da carruagem de Mrs. Savage, a qual atravessava já o portão da entrada, juntando-se à corrente de refugiados que se dirigiam ao Douro.

O som da carruagem desvaneceu-se. O Sol apareceu por trás de uma nuvem, no exato momento em que uma bala de canhão francesa atingiu uma árvore no alto da colina, explodindo numa nuvem de flores avermelhadas que voaram por sobre a íngreme encosta da cidade. Daniel Hagman olhou para as flores esvoaçantes.

— Parece um casamento — disse ele e, depois, olhando para cima, quando uma bala de mosquete ricocheteou numa telha, tirou uma tesoura da algibeira. — Damos um corte no seu cabelo, Tenente?

— Vamos lá — disse Sharpe, sentando-se num dos degraus do alpendre e tirando o quepe.

O sargento Harper certificou-se de que as sentinelas estavam a postos, vigiando o lado norte. Um grupo de cavalaria portuguesa surgira no alto da colina onde o único canhão disparava com bravura. Um crepitar de mosquetes indiciava que alguma infantaria ainda se batia, mas havia cada vez mais soldados passando em retirada em frente da casa e Sharpe sabia que o completo colapso das defesas da cidade era uma questão de minutos. Hagman começou a cortar o cabelo de Sharpe.

— O Tenente não gosta do cabelo por cima das orelhas, não é?

— Não, eu gosto dele curto, Dan.

— Curto como um bom sermão, senhor — disse Hagman. — Agora fique quieto, Tenente, faça o favor de ficar quieto.

Houve uma sensação de dor, perante uma tesourada mal medida. Hagman cuspiu no pingo de sangue que surgiu no crânio de Sharpe, limpando-o em seguida.

— Os Sapos vão tomar a cidade, não é, senhor?

— É o que parece — disse Sharpe.

— E a seguir vão marchar sobre Lisboa, não é? — perguntou Hagman, continuando a cortar o cabelo.

— Lisboa fica muito longe — disse Sharpe.

— Talvez, senhor, mas eles são muitos e nós somos poucos.

— Mas dizem que Wellesley está a caminho — disse Sharpe.

— É o que o Tenente nos diz — disse Hagman —, mas ele não pode fazer milagres.

— Você esteve em Copenhaguen, Dan — disse Sharpe —, e ao longo da costa, aqui. — Sharpe referia-se às batalhas de Roliça e do Vimeiro. — já viu do que ele é capaz.

— Vistos das fileiras, os generais são todos iguais — disse Hagman — e quem sabe se Sir Arthur está realmente chegando?

Tudo não passava de um rumor, de que Sir Arthur Wellesley ia substituir no comando o general Cradock, e nem todos acreditava nisso. Muitos achavam que os ingleses iam se retirar, que deviam se retirar, que iriam desistir da luta e iriam deixar os franceses tomassem Portugal.

— Vire a cabeça para a direita, senhor — disse Hagman.

A tesoura tinha atarefada, nem sequer parando quando uma bala de canhão se enterrou na igreja no alto da colina. Uma nuvem de poeira surgiu ao lado da torre do sino caiada de branco, ao longo da qual apareceu de repente uma grande rachadura. A cavalaria portuguesa fora tragada pelo fumaça do canhão e uma corneta soou ao longe. Houve uma erupção de tiros de mosquete e depois silêncio. Devia haver um edifício queimando por trás da colina, pois havia uma grande coluna de fumaça derivando para oeste.

— Como é possível que alguém chame *House Beautiful* de sua própria casa? — ponderou Hagman.

— Não sabia que você sabia ler, Dan — disse Sharpe.

— E não sei, Tenente. Foi o Isaías que leu.

— Tongue! — chamou Sharpe. — O que é que levaria alguém a chamar sua casa de *House Beautiful*?

Isaías Tongue, alto, magro, moreno e culto, que se alistara no exército porque era um bêbado e perdera o emprego respeitável, sorriu.

— Porque é um bom protestante, senhor.

— Porque é o quê?

— Foi retirado de um livro de John Bunyan — explicou Tongue — intitulado *Pilgrims Progress*.

— Já ouvi falar dele — disse Sharpe.

— Há quem o considere uma leitura essencial — disse Tongue vivamente. — É a história do percurso de uma alma, do pecado à salvação, senhor.

— O tipo de coisas para deixar as velas queimando à noite — disse Sharpe.

— E o herói, Christian — continuou Tongue, ignorando o sarcasmo de Sharpe — recebe as pessoas na *House Beautiful*, onde conversa com as quatro virgens.

Hagman pôs-se a rir.

— Vamos entrar, senhor.

— Você é muito velho para uma virgem, Dan — disse Sharpe.

— Discrição — prosseguiu Tongue —, Fé, Prudência e Caridade.

— O que é que quer dizer com isso? — perguntou Sharpe.

— Eram esses os nomes das virgens, senhor — disse Tongue.

— Que porcaria! — exclamou Sharpe.

— Caridade é a minha — disse Hagman. — Puxe o colarinho para baixo, senhor. Assim está bem — acrescentou ele, aparando o cabelo da nuca.

— Devia ser um velho rabugento, esse Mister Savage, se foi ele quem pôs o nome à casa. — Hagman inclinou-se, para manejar a tesoura por cima do colarinho alto de Sharpe. — E porque é que o capitão nos deixou aqui, senhor?

— Ele quer que tomemos conta do coronel Christopher — disse Sharpe.

— Tomar conta do coronel Christopher — repetiu Hagman, tornando evidente a sua desaprovação, pela lentidão com que pronunciou as palavras. Hagman era o homem mais velho dos fuzileiros de Sharpe, um caçador de Cheshire que tinha um tiro fatal com o seu rifle Baker. — Então, agora, o coronel Christopher não sabe tomar conta de si próprio?

— O capitão Hogan deixou-nos aqui, Dan — disse Sharpe —, portanto é porque acha que o coronel precisa de nós.

— E o capitão é um bom homem, meu Tenente — disse Hagman. — Pode largar o colarinho. Está quase pronto.

Mas porque teria o capitão Hogan deixado Sharpe e os seus fuzileiros para trás? Sharpe interrogava-se a esse respeito, enquanto Hagman terminava a tarefa. E o que é que ele queria dizer com a última recomendação de não perder de vista o coronel Christopher? Sharpe só estivera com o coronel Christopher uma única vez. Hogan estava elaborando o mapa da região do Alto Cávado e o coronel, com o seu criado, haviam surgido cavalgando das montanhas e haviam partilhado do bivaque com os fuzileiros. Sharpe não gostara de Christopher, o qual lhe parecera muito sobranceiro e mesmo sarcástico acerca do trabalho de Hogan.

— Você, Hogan, faz o mapa do país — dissera o coronel —, mas eu faço-lhes o mapa do que lhes vai na mente. É uma coisa muito complicada, a mente humana, não é coisa simples como as montanhas, os rios e as pontes.

Além dessa declaração, não explicara a sua presença ali, tendo prosseguido caminho na manhã seguinte. Tinha revelado que se instalara no Porto, onde, muito provavelmente, fora onde conhecera Mrs. Savage e a filha desta, e Sharpe gostaria de saber porque o coronel não persuadira a viúva a sair do Porto mais cedo.

— Está feito, senhor — disse Hagman, enrolando a tesoura num pedaço de calfe —, e agora vai sentir o vento frio, como uma ovelha recém-tosquiada.

— Você também devia cortar o cabelo, Dan — disse Sharpe.

— Isso enfraquece um homem, senhor, enfraquece-o muito. — Hagman franziu o sobrolho ao olhar para a colina, quando duas balas de canhão atingiram o alto da estrada, uma delas levando a perna de um artilheiro português. Os fuzileiros de Sharpe observaram sem expressão a bala rolar, fazendo o sangue espirrar tal girândola de fogo, para finalmente bater e parar contra um muro do outro lado da estrada.

Hagman riu.

— É estranho chamar uma garota de Discrção! Não é um nome natural, senhor. Eu nunca chamaria uma filha de Discrção.

— Isso está num livro, Dan — disse Sharpe —, por isso é que não é natural.

Sharpe subiu para o alpendre e empurrou a porta com força, mas verificou que estava fechada à chave. Onde estaria, então, o coronel Christopher? Mais portugueses corriam encosta abaixo e estes estavam tão atemorizados que não paravam ao verem soldados ingleses, continuando sempre a correr. O canhão português estava sendo engatado à carreta e balas perdidas de mosquete batiam nos cedros e tiniam nas telhas, nas gelosias e nas pedras da *House Beautiful*. Sharpe fez soar o batente da porta trancada, mas não houve resposta.

— Senhor! — o sargento Patrick Harper tentava chamar a atenção de Sharpe. — Senhor!

Harper inclinou a cabeça para a parte lateral da casa. Sharpe afastou-se da porta e viu o tenente-coronel Christopher saindo da cocheira, a cavalo.

O coronel, armado de sabre e com duas pistolas à cinta, vinha palitando os dentes com um palito de madeira, coisa que fazia constantemente, decerto porque se orgulhava dos dentes brancos. Vinha acompanhado pelo criado português que, montado no cavalo reserva do patrão, transportava uma grande mala, tão atulhada de rendas, de sedas e de cetins que nem fechada estava.

O coronel Christopher parou o cavalo, tirou o palito da boca e olhou admirado para Sharpe.

— Mas que diabo está fazendo aqui, Tenente?

— Tenho ordens para permanecer junto ao Coronel — respondeu Sharpe, olhando outra vez para a mala.

Teria o coronel saqueado a *House Beautiful*?

O coronel viu para onde Sharpe estava olhando e rosnou para o criado:

— Feche isso, idiota, feche isso. — Christopher, embora o criado falasse bom inglês, utilizou o seu fluente português e encarou Sharpe de novo.

— O capitão ordenou-lhe que ficasse comigo, é isso que quer me dizer?

— É, sim, Coronel.

— E como espera fazer isso, hem? Eu tenho um cavalo e você, Sharpe, não tem. Pretende correr atrás de mim com os seus homens?

— O capitão Hogan deu-me essa ordem, senhor — retorquiu Sharpe, impassível.

Como sargento, aprendera a tratar com os oficiais difíceis. Falar pouco, em tom neutro, repetindo sempre, se necessário.

— Ordenou-lhe o quê? — inquiriu Christopher, pacientemente.

— Ficar com o senhor, Coronel. Para ajudá-lo a encontrar *Miss Savage*. — O coronel Christopher suspirou. Era um homem moreno, nos seus quarenta anos, mas ainda jovem e de boa aparência, com um ligeiro toque grisalho nas têmporas que lhe dava um ar distinto. Calçava botas pretas, vestia calças de montar lisas, uma capa vermelha orlada de preto, na cabeça um tricórnio preto. A orla preta da capa levara Sharpe a perguntar, quando vira o coronel pela primeira vez, se ele pertencia ao *Dirty Half Hundred*, o 50º Regimento, mas o coronel considerara a pergunta uma impertinência.

— Tudo o que precisa saber, Tenente, é que eu pertencço ao estado-maior do general Cradock. Já ouviu falar no general, não ouviu?

Sharpe ficara calado depois da resposta de Christopher, mas Hogan, mais tarde, sugerira que o coronel era, muito provavelmente, um militar “político”, querendo com isso dizer que ele não era nenhum militar, antes um homem que achava mais conveniente para a sua vida vestindo um uniforme.

— Estou certo de que já foi um militar — dissera Hogan —, mas agora não. Acho que Cradock foi buscá-lo em *Whitehall*.

— *Whitehall*? Nos *Horse Guards*?

— Não, claro que não! — dissera Hogan. Os *Horse Guards* eram o quartel-general do exército e era óbvio que Hogan achava que Christopher provinha de outro local muito mais sinistro. — O mundo é muito confuso, Richard — explicara o capitão — e o *Foreign Office* acha que nós, militares, somos todos canhestros, por isso gostam de ter gente deles no terreno para consertar os nossos erros. E, claro, para descobrirem coisas. — Que era, precisamente, o que o tenente-coronel Christopher parecia estar fazendo: descobrindo coisas.

— Ele diz que está fazendo o mapa das mentes deles — dissera Hogan, com ar pensativo — e eu creio que isso significa que

ele anda tentando descobrir se vale a pena defender Portugal e se os portugueses estão dispostos a combater. E, quando souber, vai dizer ao *Foreign Office*, antes de dizer ao general Cradock.

— Claro que vale a pena defendermos Portugal — protestara Sharpe.

— Vale? Se olharmos bem, Richard, veremos que Portugal se encontra numa situação de colapso.

As palavras amargas de Hogan exprimiam uma triste realidade. A Família Real portuguesa fugira para o Brasil, deixando o país sem liderança e, logo após a sua partida, tinham rebentado tumultos em Lisboa, de tal modo que muitos dos aristocratas portugueses andavam mais preocupados em se protegerem da multidão do que em defenderem a pátria da invasão francesa. Inúmeros oficiais do exército haviam desertado, alistando-se na Legião Portuguesa que lutava pelo inimigo e os oficiais que restavam estavam mal treinados, comandando homens indisciplinados e armados com armas vetustas, quando as tinham. Em muitos lugares, como na própria cidade do Porto, a lei civil desaparecera e as ruas estavam à mercê dos caprichos das milícias que, na falta de armas apropriadas, patrulhavam as ruas com lanças, chuços, machados e picaretas. Antes da chegada dos franceses, as milícias haviam massacrado metade dos burgueses do Porto, forçando a outra metade a fugir ou a barricar-se em casa, embora não tivessem incomodado os residentes ingleses.

Portugal encontrava-se, numa situação de colapso, mas Sharpe tinha percebido como o homem comum odiava os franceses e tinha visto como os soldados abrandavam o passo ao passarem diante do portão da *House Beautiful*. O Porto podia estar caindo nas mãos do inimigo, mas havia ainda muita gente combatendo em Portugal, embora fosse difícil acreditar que ainda haveria soldados acompanhando a retirada do canhão de seis libras para o rio. O tenente-coronel Christopher relanceou o olhar pelos fugitivos e depois tornou a fixá-lo em Sharpe.

— Que droga o capitão Hogan estaria pensando? — perguntou ele, obviamente sem esperar resposta. — Que utilidade você tem para mim? A sua presença só irá me atrasar. Acho que Hogan estava sendo cavalheiresco — prosseguiu Christopher —, mas o homem, claramente, não tem mais senso do que uma batata. Você pode voltar, Sharpe, e diga-lhe que eu não preciso de ajuda para resgatar a porcaria de uma menina tonta.

O coronel tivera de elevar a voz, porque o troar dos canhões e o matraquear dos mosquetes se tornara, de repente, intenso.

— Ele deu-me uma ordem, Coronel — disse Sharpe, obstinadamente.

— E eu dou-lhe outra — disse Christopher, no tom indulgente que empregaria para se dirigir a uma criança.

O cepilho da sela dele era largo e plano, formando uma superfície de escrita, e ele estendia agora um bloco-notas nessa mesa improvisada, tirando um lápis do bolso, quando outra das árvores em flor no alto da colina foi atingida por uma bala de canhão, enchendo o ar de pétalas esvoaçantes.

— Os franceses estão em guerra com as cerejeiras — disse Christopher tolamente.

— Com Judas — disse Sharpe.

Christopher lançou-lhe um olhar admirado e enraivecido.

— O que é que está dizendo?

— É uma árvore-de-judas — disse Sharpe.

Christopher continuava com um ar enraivecido e foi, então, que o sargento interveio

— Não foi uma cerejeira, Coronel. Foi uma árvore-de-judas. Do mesmo tipo em que Iscariote se enforcou, depois de trair Nosso Senhor.

Christopher continuou de olhar fixo em Sharpe, depois pareceu compreender que não havia nenhuma intenção de ofendê-lo.

— Portanto, não é uma cerejeira, é isso? — disse ele, umedecendo, depois, a ponta do lápis. — Ordeno-lhe por este meio que — ia falando conforme escrevia — se dirija para o sul do rio, note bem, Sharpe, para o sul do rio, apresentando-se ao capitão Hogan dos *Royal Engineers*. Assinado, tenente-coronel James Christopher na tarde de quinta-feira, 19 de Março do ano da graça de Nosso Senhor de 1809. — Assinou a ordem com um floreado, arrancou a página do bloco-notas, dobrou-a ao meio e entregou-a a Sharpe. — Eu sempre pensei que trinta moedas de prata foi um preço manifestamente barato para a mais célebre traição da história. Possivelmente, enforcou-se envergonhado por isso. Agora parta — disse ele com um ar grandioso — e *stand not upon the order of your going*. — Vendo o espanto de Sharpe, explicou, esporeando o cavalo para o portão: — Macbeth, uma das peças de Shakespeare. E recomendo-lhe, realmente, que se apresse, Tenente — gritou para trás —, porque o inimigo vai chegar aqui a qualquer momento.

Quanto a isso, ao menos, tinha razão. Uma grande nuvem de poeira e de fumaça saía dos redutos das defesas a norte da cidade. Fora aí que os portugueses haviam concentrado o maior esforço de resistência, mas a artilharia francesa conseguira dismantelar os parapeitos e, agora, a sua infantaria assaltava os bastiões e a maioria dos defensores da cidade fugia. Sharpe viu Christopher e o criado cavalgarem por entre os fugitivos e se meterem por uma rua voltada a leste. Christopher não estava retirando-se para o sul, ia salvar a desaparecida Miss Savage, embora corresse um grande risco para sair da cidade antes de os franceses entrarem.

— Bem, meus amigos — gritou Sharpe — chegou a hora de escaparmos. Sargento! Em coluna de dois! Para a ponte!

— Já não era sem tempo — resmungou Williamson.

Sharpe fez de conta que não ouviu. Tendia a ignorar os comentários de Williamson, esperando que o homem se

emendasse, sabendo, porém, que quanto mais tardasse a fazer alguma coisa, mais violenta iria ser a solução.

— Coluna de dois! — gritou Harper. — Mantenham-se juntos!

Uma bala de canhão troou por cima deles quando se apressavam a sair do portão da frente e se metiam na calçada íngreme que conduzia ao Douro. A calçada estava repleta de refugiados, civis e militares, todos correndo para a segurança da margem sul do rio, embora Sharpe pensasse que os franceses também iam atravessar o rio dentro de um ou dois dias e, portanto, a segurança era, muito possivelmente, ilusória. O exército português estava recuando para Coimbra, ou talvez mesmo para Lisboa, onde Cradock dispunha de dezesseis mil homens que certos políticos, em Londres, queriam repatriar. Para que ia servir, diziam eles, uma tão força britânica, diminuta contra os poderosos exércitos franceses? O marechal Soult estava conquistando Portugal e mais dois exércitos franceses aguardavam junto à fronteira leste com a Espanha. Combater ou fugir? Ninguém sabia o que os ingleses iriam fazer, mas o rumor de que *Sir Arthur Wellesley* ia voltar para substituir Cradock, sugeria a Sharpe que os ingleses tencionavam bater-se e, por isso, bem desejava que o rumor fosse verdade. Combatera na Índia sob o comando de *Sir Arthur*, estivera com ele em Copenhaguen e, depois, em Roliça e em Vimeiro e, para Sharpe, não havia melhor general na Europa.

Sharpe estava agora no meio da encosta. O bornal, a mochila, o rifle, a cartucheira e a bainha da espada tudo balançava e lhe batia na correria. Poucos oficiais levavam consigo uma arma de cano comprido, mas Sharpe prestara em tempos serviço nas fileiras e sentia-se desajeitado sem o rifle ao ombro. Harper perdeu o equilíbrio, balançando vivamente, porque as cardas novas das botas escorregavam constantemente na calçada. O rio era visível por entre as casas. O Douro, deslizando para o mar próximo, era tão largo como o Tamisa em Londres, só que, ali, corria por entre grandes colinas. A cidade do Porto ficava na íngreme colina do

norte, enquanto Vila Nova de Gaia ficava na do sul e era em Vila Nova que a maioria dos ingleses tinha as suas casas.

Só as famílias muito antigas, como os Savages, é que viviam na margem norte e todo o vinho do Porto era feito na margem sul, nas caves dos Crofts, dos Savages, dos Taylors Fladgate, dos Burmesters, dos Smiths Woodhouse e dos Goulds, quase todas pertencentes a ingleses, as suas exportações muito contribuindo para os cofres da fazenda portuguesa. Agora, porém, os franceses estavam chegando e, no alto da colina de Vila Nova de Gaia, próxima ao rio, o exército português instalara uma dúzia de canhões, no terraço de um convento. Os artilheiros viram os franceses aparecerem na colina oposta e os canhões dispararam, os rodados abrindo sulcos nas lajes do terraço. Os tiros de canhão troavam por cima deles, com o som oco e ribombante do trovão. O fumaça da pólvora derivava lentamente para terra, obscurecendo o convento caiado de branco, à medida que as balas de canhão desfaziam as casas mais no alto. Harper perdeu de novo o equilíbrio, desta vez caindo.

— Para o inferno essas botas! — exclamou ele, apanhando o rifle.

Os outros fuzileiros tinham se atrasado com a turma de fugitivos.

— Meu Deus!

O atirador Pencileton, o mais jovem da companhia, foi o primeiro a ver o que estava acontecendo no rio e estava de olhos arregalados olhando para a multidão de homens, mulheres, crianças e gado apinhada na ponte estreita. Quando o capitão Hogan, ao nascer do Sol, trouxera Sharpe e os seus homens para a margem norte, havia apenas algumas pessoas seguindo no sentido contrário, agora, porém, a ponte estava cheia e a multidão tinha de caminhar ao ritmo dos mais lentos, com cada vez mais gente e animais tentando abrir caminho para a margem sul.

— Como é que vamos atravessar, senhor? — perguntou Pencileton. Sharpe não tinha resposta para aquela pergunta.

— Continue a avançar! — disse ele, conduzindo os seus homens por uma travessa que descia, como uma escada de pedra, para uma rua mais abaixo.

Um bode tinha os cascos à frente dele, arrastando uma corda presa no pescoço. Um soldado português jazia, bêbado, no final da travessa, o mosquete ao lado dele e uma borracha de vinho no peito, Sharpe, sabendo que os seus homens iriam parar para beber o vinho, empurrou a borracha para a calçada com o pé e calcou-a tanto que a borracha arrebentou. As ruas tornavam-se mais estreitas e mais atulhadas de gente, à medida que se aproximavam do rio, sendo as casas agora mais altas e intercaladas por oficinas e armazéns. Um ferreiro estava pregando tábuas na porta, uma precaução que só serviria para enraivecer os franceses, os quais iriam, decerto, castigá-lo, destruindo-lhe as ferramentas. Uma persiana recém-pintada batia sob o vento de oeste. Roupa secando, abandonada, pendia das fachadas das casas. Uma bala de canhão bateu em telhas, espalhando cavacos e cacos pela rua. Um cão coxeava rua abaixo, ganindo lamentosamente devido a um golpe produzido por uma telha. Uma mulher gritava por um filho perdido. Uma coluna de órfãos, todos com babadores soturnos, como os guarda-pós dos agricultores, choravam de terror, com duas freiras tentando abrir caminho para eles. Um padre saía correndo de uma igreja, com uma pesada cruz de prata no ombro e uma pilha de paramentos no outro. Faltavam quatro dias para a Páscoa, pensou Sharpe.

— Usem as coronhas dos rifles — gritou Harper, encorajando os fuzileiros a abrirem caminho pelo meio da multidão que bloqueava o estreito pórtico em arcada que dava acesso ao cais.

Uma carroça carregada de mobília virara-se no meio do caminho e Sharpe ordenou aos seus homens que a arrastarem para o lado, a fim de abrirem espaço. Uma espineta, ou talvez fosse um

cravo, estava sendo espezinhada, os delicados embutidos desfeitos em pedaços. Alguns dos homens de Sharpe estavam abrindo caminho para os órfãos, utilizando os rifles para manterem os adultos afastados. Uma pilha de cestos tombara e dúzias de enguias vivas deslizavam pelo calçamento. Os artilheiros franceses haviam arrastado as peças para a parte alta da cidade e, agora, desatrelavam-nas, para responder ao fogo da grande bateria portuguesa, instalada no terraço do convento, do outro lado do rio.

Hagman lançou um aviso, ao ver três soldados de capote azul aparecerem de uma viela e uma dúzia de atiradores rodou para enfrentar a ameaça, mas Sharpe gritou para os homens baixarem as armas.

— São portugueses! — exclamou ele, reconhecendo os altos quepes. — E desarmem os cães — ordenou ele, para evitar que algum dos rifles, acidentalmente, disparasse sobre a multidão de refugiados.

Uma mulher embriagada cambaleou da porta de uma taberna, tentando abraçar um dos soldados portugueses e Sharpe, ao olhar para trás perante os protestos do soldado, viu dois dos seus homens, Williamson e Tarrant, desaparecerem pela porta da taberna. Tinha de ser o Williamson, pensou Sharpe e, gritando a Harper que prosseguisse, seguiu os dois homens para dentro da taberna. Tarrant voltou-se para enfrentá-lo, mas foi muito lento e Sharpe socou-o no ventre, bateu as cabeças dos dois homens uma na outra, deu um murro no pescoço de Williamson, esbofeteou Tarrant e arrastou ambos para a rua. Não dissera uma palavra e continuou calado ao chutá-los na direção da arcada.

Uma vez fora da arcada, a pressão dos refugiados era ainda maior, já que as tripulações de cerca de trinta navios mercantes ingleses encurralados na cidade, em virtude de um obstinado vento oeste, tentavam, também, escapar. Os marinheiros tinham esperado até o último momento, na esperança de que o vento mudasse, mas, agora, desertavam. Os mais afortunados utilizavam

os escaleres dos seus navios para atravessarem o Douro, os desafortunados juntavam-se à turba caótica para alcançarem a ponte.

— Por aqui! — gritou Sharpe, conduzindo os seus homens pela fachada em arcada dos armazéns, pressionando a retaguarda da multidão, na esperança de chegar mais perto da ponte.

Os tiros de canhão ribombavam por cima deles, A bateria portuguesa estava envolta em fumaça e essa fumaça tornava-se cada vez mais espessa, à medida que cada peça disparava, produzindo um brilho vermelho repentino no interior da nuvem de fumaça, um jato de fumaça negra formando uma vaga por sobre a brecha do rio, o som trovejante dos tiros ribombando, enquanto a bala ou a granada cruzava o céu na direção dos franceses.

Uma pilha de caixas de peixe vazias proporcionou a Sharpe uma plataforma de onde podia ver a ponte e avaliar quanto tempo os homens levariam para atravessá-la em segurança. Ele sabia que não havia muito tempo. Cada vez mais soldados portugueses afluíam pelas íngremes vielas e os franceses não deviam estar muito longe, atrás deles. Ouvia o crepitar de mosquetes, tal contraponto ao troar dos canhões. Olhou por cima das cabeças da multidão e verificou que a carruagem de Mrs. Savage conseguira chegar à outra margem, mas que não utilizara a ponte, tendo atravessado o rio numa incômoda barcaça de vinho. Havia outras barcaças atravessando o rio, mas eram manobradas por homens armados que só embarcavam pessoas dispostas a pagar. Sharpe sabia que poderia forçar a passagem numa dessas barcaças, se conseguisse chegar à beira do cais, mas, para fazê-lo, teria de abrir caminho por entre uma multidão de mulheres e de crianças.

Reconheceu que a ponte podia ser um percurso de fuga mais fácil. A ponte consistia num pavimento de pranchas de madeira, colocadas sobre dezoito grandes barcaças, firmemente ancoradas contra a corrente do rio e contra as grandes marés do oceano próximo, mas esse pavimento estava agora repleto de refugiados

em pânico, cujo frenesi aumentara, quando as primeiras balas de canhão francesas começaram a mergulhar nas águas do rio. Sharpe, voltando-se para observar a colina, viu os uniformes verdes da cavalaria francesa aparecendo por baixo da fumaça das peças francesas, enquanto os uniformes azuis da infantaria francesa surgiam mais abaixo na colina.

— Deus salve a Irlanda! — exclamou Patrick Harper e Sharpe, sabendo que o sargento irlandês só soltava essa imprecação quando as coisas ficavam muito ruins, tornou a olhar para o rio, para ver o que tinha provocado aquelas palavras proferidas pelo sargento.

Olhou e ficou de olhos arregalados, pois percebeu que não iriam atravessar o rio. Mais ninguém iria, pois acontecera um desastre.

— Santo Deus! — exclamou Sharpe. — Santo Deus!

No meio do rio, no meio da ponte, os engenheiros portugueses tinham inserido uma ponte levadiça, de modo a que as barcaças do vinho e outras embarcações pequenas pudessem subir o rio. A ponte levadiça preenchia o maior vão entre as barcaças, fora construída com pesadas traves de carvalho, cobertas de pranchas e era erguida através de dois cabrestantes, que enrolavam cabos que passavam por roldanas montadas em dois grossos troncos de madeira, firmemente reforçados com escoras de ferro. O conjunto do mecanismo era extremamente pesado, o vão da ponte levadiça muito largo e os engenheiros, preocupados com o excesso de carga, haviam colocado painéis, a cada um dos extremos da ponte, indicando que, de cada vez, apenas uma carroça, ou uma carruagem, ou uma peça de artilharia, poderia passar pela ponte levadiça. Agora, porém, era tão grande o amontoado de refugiados em cima da ponte que as duas barcaças que suportavam a pesada ponte levadiça estavam afundando sob a enorme carga. As barcaças, como todos os barcos, faziam água e devia haver homens a bordo para bombearem a água dos porões. Esses homens, porém,

tinham fugido como os outros e o peso da multidão e a lenta infiltração da água começaram a baixar a ponte, até que as maciças barcaças centrais ficaram totalmente sob a água e a rápida corrente do rio começou a bater e a corroer o pavimento da ponte. As pessoas que ali se encontravam gritavam, algumas estacando, mas cada vez era maior a pressão da multidão, desde a margem norte, e, então, a parte central do pavimento mergulhou na água cinzenta, à medida que as pessoas de trás empurravam mais gente para a desaparecida ponte levadiça, a qual submergia cada vez mais.

— Oh, meu Deus! — exclamou Sharpe.

Ele viu as primeiras pessoas sendo engolidas pelas águas e ouviu-lhes os gritos.

— Deus salve a Irlanda! — repetia Harper, fazendo o sinal da cruz. Os trinta metros centrais da ponte estavam agora debaixo de água. Esses trinta metros estavam, agora, livres de gente, mas mais gente estava sendo impelida para o vão, o qual, de repente, espumou de branco, quando a ponte levadiça foi arrancada do resto da ponte pela pressão da corrente do rio. O pavimento empinou-se, voltou o fundo negro para cima e mergulhou a caminho do mar. Agora, já não havia ponte para atravessar o Douro, mas as pessoas na margem norte ainda não sabiam que a ponte estava partida ao meio e continuavam a fazer pressão e a lutar para abrir caminho para a ponte desfeita. Os que estavam à frente não conseguiam detê-las e eram inexoravelmente empurrados para a fenda, onde a água espumava contra as extremidades quebradas da ponte. Os gritos da multidão aumentavam e esses gritos provocavam mais pânico, de tal modo que cada vez mais gente se esforçava em direção ao local onde os refugiados estavam se afogando. A fumaça das peças, sob a ação de uma errante lufada de vento, mergulhou para o rio e revolteou sobre a parte desfeita da ponte, onde as pessoas se debatiam desesperadamente na água, ao serem arrastadas pela corrente. As gaivotas guinchavam, rodopiando. Algumas tropas portuguesa tentavam deter os franceses nas ruas da cidade, mas era um esforço inglório. O inimigo era muito

superior em número, detinha o terreno mais alto e, por isso, havia cada vez mais forças francesas descendo a colina. Os gritos dos fugitivos que se encontravam em cima da ponte mais parecia a lamúria dos proscritos no Dia do Juízo, com os tiros de canhão ribombando por cima, com as ruas da cidade tinindo com os tiros de mosquete, com os cascos de cavalos ecoando nas paredes das casas e com as chamas crepitando nos edifícios atingidos pelas balas dos canhões.

— Aquelas pobres crianças — disse Harper. — Deus as ajude!
— Os órfãos, nos seus uniformes sombrios, estavam sendo empurrados para o rio. — Devia haver uma barcaça ali!

Porém, os homens que manobravam as barcaças tinham remado para a margem sul, abandonando o seu dever e, por isso, não havia barcos para salvar os afogados, havia apenas horror num frio rio cinzento, uma fila de pequenas cabeças sendo arrastadas pela corrente revolta e Sharpe sem nada poder fazer. Não conseguia alcançar a ponte e, por mais que gritasse à multidão para desistir da travessia, ninguém entendia o seu inglês. Balas de mosquete fustigavam agora o rio e algumas atingiam os fugitivos na ponte quebrada.

— Mas o que podemos fazer? — perguntava Harper.

— Nada — respondeu Sharpe amargamente —, a não ser sair daqui. — Voltou as costas à multidão que se afogava e conduziu os seus homens para leste, ao longo do cais do rio. Muitas pessoas estavam fazendo o mesmo, na convicção de que os franceses não teriam conquistado ainda os arredores interiores da cidade. O soar dos mosquetes nas ruas era constante e as peças portuguesas do outro lado do rio disparavam agora para os franceses que se encontravam nas ruas mais abaixo da colina, de modo que o disparo das armas era pontuado pelo ruído de paredes ruído e de madeiramentos estalando.

Sharpe deteve-se no final do cais, para se certificar de que todos os homens estavam ali e, olhando para trás, para a ponte,

verificou que tanta gente havia sido empurrada para fora da ponte que os corpos se amontoavam na fenda, a água saltando por cima deles e cobrindo-lhes as cabeças com espuma. E viu um soldado português caminhar apoiando-se nas cabeças, para alcançar uma das barcaças sobre as quais se apoiava a ponte levadiça. Outros o seguiram, escorregando nas cabeças dos afogados e dos mortos. Sharpe estava muito longe para ouvir os gritos.

— O que aconteceu? — perguntou Dodd, habitualmente o mais pacato dos homens de Sharpe.

— Deus estava olhando para o outro lado — disse Sharpe, falando depois para Harper. — Todos estão aqui?

— Todos presentes, senhor. — O grande irlandês parecia ter chorado. — Aquelas pobres crianças — disse ele, sentidamente.

— Não podíamos fazer nada — disse Sharpe, conciso, e isso era verdade, embora ela não o fizesse sentir-se melhor. — Williamson e Tarrant estão de castigo — disse ele a Harper.

— Outra vez?

— Outra vez — disse Sharpe, pensando na estupidez dos dois homens, mais preocupados em beber um copo de vinho do que em escapar, mesmo se isso implicasse serem feitos prisioneiros. — E, agora, em frente!

Seguiu os fugitivos civis, os quais, ao chegarem ao local onde o cais ficava bloqueado pela antiga muralha da cidade, tinham se posto a subir por uma trilha. A velha muralha tinha sido construída nos tempos em que os homens combatiam de armadura e com arcos e flechas e as pedras cobertas de musgo não aguentariam dois minutos sob o fogo de um canhão moderno. Como que para frizar a sua inutilidade, a cidade tinha aberto grandes buracos nas antigas fortificações. Sharpe levou os homens por uma dessas brechas e atravessou o que havia sido um fosso, apressando-se

depois nas ruas mais largas da cidade nova que surgira atrás das muralhas.

— Sapos! — avisou Harper. — No alto da colina, Tenente! — Sharpe olhou para a esquerda e viu uma tropa de cavalaria francesa, preparada para cortar o caminho aos fugitivos. Eram dragões, cinquenta ou mais deles, nos seus uniformes de casaca-verde, todos armados de sabre e de curtas carabinas. Tinham capacetes de cobre, os quais, em tempo de guerra, eram cobertos com um pano, para que o metal polido não refletisse a luz do sol.

— Continuem correndo! — gritou Sharpe.

Os dragões não haviam visto os fuzileiros ou, se os viram, não procuravam um confronto, antes cavalgando para onde a estrada ladeava uma grande colina, no alto da qual se via um enorme edifício branco, de telhado plano. Talvez uma escola, ou um hospital. A estrada principal dirigia-se para norte da colina, mas havia outra para o sul, entre a colina e o rio. Os dragões encontravam-se na estrada principal, por isso Sharpe dirigiu-se para a sua direita, esperando escapar pela trilha estreita ao longo da margem do Douro. Os dragões, porém, por fim os viram e dirigiram as montarias pelo flanco da colina, para bloquearem a estrada menor junto ao rio. Sharpe olhou para trás e viu a infantaria francesa seguindo a cavalaria. Droga! Depois, viu que mais tropas francesas o perseguiam pela fenda da muralha. Podia, talvez, fugir da infantaria, mas os dragões encontravam-se à frente dele e os primeiros já estavam desmontando e erguendo uma barricada na estrada. Os civis que fugiam da cidade estavam dividindo-se, uns subindo a colina em direção ao grande edifício, outros, desesperados, regressando a suas casas. Os canhões continuavam a sua própria batalha por cima do rio, as peças francesas tentando enfrentar o bombardeamento da grande bateria portuguesa, a qual provocava dezenas de fogos na cidade conquistada, à medida que os impactos destruíam fornos, lareiras e forjas. O fumaça negra dos edifícios queimando misturava-se com a fumaça cinzenta das armas

pesadas e, sob a fumaça, no vale das crianças afogadas, Richard Sharpe encontrava-se encurralado.

O tenente-coronel James Christopher não era nem tenente, nem coronel, embora, em tempos, tivesse prestado serviço, como capitão, nos *Lincolnshire Fencibles* e ainda mantivesse esse posto. Fora batizado James Augustus Meredith Christopher e, durante todo o seu percurso acadêmico, fora conhecido por Jam. O pai havia sido médico na pequena cidade de Saxilby, uma profissão e um local que James Christopher gostava de ignorar, preferindo recordar que a mãe era prima em segundo grau do conde de Rochford, tendo sido a influência deste que levava Christopher da Universidade de Cambridge para o *Foreign Office*, onde o seu domínio de línguas, a sua serenidade natural e a sua inteligência pronta lhe haviam proporcionado rápida promoção. Havia sido atribuídas responsabilidades precoces e fora apresentado a homens importantes que lhe tinham confiado grandes segredos. Reconheciam-lhe grandes perspectivas e consideravam-no um jovem sensato, cuja opinião era habitualmente a ter em conta, o que queria dizer, na maioria das vezes, que ele meramente se limitava a concordar com os superiores, mas essa reputação conduziu-o à presente nomeação, a qual constituía uma missão tão solitária quanto secreta. A tarefa de James Christopher consistia em aconselhar o Governo se era ou não prudente manter as tropas britânicas em Portugal.

A decisão, é evidente, não cabia a James Christopher. Embora fosse um homem com futuro no *Foreign Office*, a decisão de permanecer ou de se retirar seria tomada pelo primeiro-ministro, por isso, o que interessava era a qualidade da informação prestada ao chefe do Governo. Os militares, obviamente, queriam ficar, pois a guerra proporcionava promoções e o *Foreign Secretary* queria que as tropas permanecessem porque detestava os franceses, mas

outros homens em Whitehall tinham uma visão diferente e haviam enviado James Christopher para ele tomar o pulso de Portugal. Os Whigs, inimigos da Administração, receavam uma derrota como a da Corunha. Por isso, era melhor, diziam, reconhecer a realidade e chegar a um acordo imediato com os franceses. E os Whigs dispunham no *Foreign Office* de influência bastante para colocarem James Christopher em Portugal. O exército, a quem não fora comunicada a verdadeira natureza da missão dele, não obstante, concordara em arvorá-lo em tenente-coronel, designando-o como ajudante-de-campo do general Cradock. Christopher utilizava os mensageiros do exército para enviar informações militares ao general e notas políticas para a embaixada em Lisboa, de onde, embora dirigidas ao embaixador, as mensagens eram remetidas para Londres sem serem abertas. O primeiro-ministro precisava de conselhos seguros e James Christopher devia informar dos fatos que fundamentavam os seus conselhos, embora, ultimamente, andasse muito ocupado provocando esses fatos. Além das confusas realidades da guerra, ele enxergava um futuro dourado. Em suma, James Christopher descobrira a luz.

Nada disto, porém, ocupava o pensamento dele ao afastar-se do Porto, cavalgando a menos de um tiro de canhão de distância das tropas francesas. Foram disparados alguns tiros de mosquete na direção dele, mas Christopher e o seu criado montavam soberbos cavalos irlandeses e rapidamente escaparam dos perseguidores pouco persistentes. Dirigiram-se para as colinas, galopando ao longo do terreno de uma vinha, subindo depois para um bosque de pinheiros e de carvalhos, onde pararam para os cavalos descansarem.

Christopher olhou para trás, para oeste. O sol havia secado as estradas, depois da grande chuvada noturna. Uma mancha de poeira no horizonte indicava onde o comboio da bagagem do exército francês avançava em direção da recém-capturada cidade do Porto. A cidade, pelo seu lado, oculta agora pelas colinas, era indiciada por uma pluma de fumaça negra, evoluindo-se das casas

queimando e das atarefadas baterias de canhões cujo som, embora amortecido pela distância, soava como um ininterrupto trovão. Não havia tropas francesas perseguindo Christopher. Uma dezena de trabalhadores alargava um fosso no meio do vale, ignorando os fugitivos que passavam na estrada próxima, como que sugerindo que a guerra era um problema da cidade não deles. Não havia fuzileiros ingleses entre os fugitivos, notou Christopher, mas ficaria surpreso se visse ali Sharpe e os seus homens, tão longe da cidade. Sem dúvida nenhuma, já deviam ter sido mortos ou capturados. Em que Hogan estaria pensando, ao ordenar a Sharpe que o acompanhasse? Suspeitaria o astuto irlandês de alguma coisa? Mas como é que Hogan podia saber de alguma coisa? Christopher preocupou-se com o problema por alguns momentos, logo o afastando da mente. Hogan nada podia saber, quisera apenas ajudar.

— Os franceses levaram a melhor hoje — comentou Christopher para o criado português, um jovem com o cabelo escasseando e uma cara magra e ingênua.

— No fim, eles vão ver o diabo pela frente, Coronel — respondeu o criado.

— Por vezes, os homens têm de fazer o trabalho do diabo — disse Christopher, tirando um pequeno óculo do bolso e apontando-o para as montanhas distantes. — Nos próximos dias — acrescentou ele, sempre olhando pelo óculo — você vai ver algumas coisas que vão surpreendê-lo.

— Se o senhor diz — retorquiu o criado.

— Mas “há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que as que a tua filosofia sonha”.

— Se o senhor diz — repetiu o criado, perguntando-se por que o oficial inglês o chamava de Horácio, quando o nome dele era Luís, mas pensou que era melhor não lhe perguntar.

Luís tinha sido barbeiro em Lisboa, onde, por vezes, cortava o cabelo de funcionários da embaixada inglesa. Haviam sido esses funcionários que o recomendaram a Christopher, garantindo que ele era de confiança. Christopher aceitara-o e pagava-lhe um bom salário em ouro de lei, ouro inglês, e, embora os ingleses fossem doidos e se enganassem nos nomes, eram eles que cunhavam as melhores moedas do mundo, o que significava que o coronel Christopher podia chamar Luís pelo nome que quisesse, desde que continuasse a pagar-lhe os grossos *guinéus* gravados com a figura de São Jorge matando o dragão.

Christopher tentava encontrar algum indício de perseguição por parte dos franceses, o óculo, porém, era pequeno, antiquado e tinha a lente riscada, de forma que pouco melhor via com ele do que sem ele. Tencionava comprar outro, mas nunca tivera a oportunidade de fazê-lo. Fechou o óculo, colocou-o na bolsa da sela e tirou de lá um novo palito que introduziu entre os dentes.

— Em frente — disse ele bruscamente, guiando o criado através do bosque, pelo alto da colina e descendo para uma fazenda com uma grande casa.

Era óbvio que Christopher conhecia bem o caminho, pois nunca hesitou, nem tão-pouco ficou apreensivo ao estacar a montaria diante do portão da fazenda.

— As cocheiras são ali — disse ele para Luís, apontando para uma arcada —, a cozinha é por aquela porta azul e estão à nossa espera. Vamos passar a noite aqui.

— Não vamos a Vila Real de Zedes? — perguntou Luís. — Eu ouvi o Coronel dizer que íamos à procura de *Miss Savage*.

— O seu inglês está ficando bom demais, se já lhe permite escutar as conversas dos outros — disse Christopher, irritado. — Amanhã, Luís, amanhã iremos em busca de *Miss Savage* — disse Christopher, deslizando da sela e atirando as rédeas para Luís. —

Refresque os cavalos, desarreie-os, arranje-me qualquer coisa para comer e leve-me ao quarto. As criadas dirão onde estou.

Luís pôs-se a passear os cavalos para refrescá-los, depois meteu-os na cocheira, lavou-os e deu-lhes de beber e de comer. Terminada a tarefa, dirigiu-se à cozinha, onde uma cozinheira e duas criadas não manifestaram surpresa alguma ao vê-lo aparecer. Luís já se acostumara a ser conduzido a aldeias ou casas remotas onde o patrão era conhecido, mas nunca estivera naquela casa. Sentiria-se mais feliz se Christopher tivesse se retirado atravessando o rio, mas a fazenda estava bem escondida nas montanhas e era possível que os franceses nunca chegassem ali. As criadas disseram a Luís que a casa e a fazenda pertenciam a um comerciante de Lisboa, o qual lhes havia dado ordens no sentido de satisfazerem todos os desejos do coronel Christopher.

— Quer dizer que ele costuma vir aqui com frequência? — perguntou Luís. A cozinheira pôs-se a rir.

— Ele costumava vir com a mulher.

Isso explicava porque ele, Luís, nunca ali estivera. Gostaria de saber quem seria essa mulher.

— Ele quer comer já — disse Luís. — Que mulher?

— A bela viúva — disse a cozinheira, depois suspirando. — Mas há um mês que não a vemos. É uma pena. Ele devia casar com ela.

A cozinheira tinha uma sopa de grãos no fogo, colocou um pouco numa tigela, cortou algumas fatias de perna de carneiro, colocou tudo num tabuleiro, com vinho tinto e um pequeno pão recém-cozido.

— Diga ao senhor Coronel que estamos preparando a refeição para o hóspede desta tarde.

— Um hóspede? — perguntou Luís, admirado.

— Tenho um hóspede para o jantar — ele nos disse. — Agora vá rápido. Não deixe a sopa esfriar. Subindo as escadas, é à direita.

Luís levou o tabuleiro para cima. Era uma bela casa. Bem construída e bonita, com quadros antigos nas paredes. Viu a porta do quarto do patrão aberta e Christopher devia ter ouvido os passos, pois gritou a Luís que podia entrar sem bater.

— Ponha a comida na mesa junto da janela.

Christopher tinha mudado de roupa e, agora, em vez das calças pretas, das botas pretas e da capa vermelha de oficial inglês, envergava calças azul-celeste, reforçadas com couro preto nos lugares em que tocariam na sela. As calças eram muito justas no corpo, por causa de um debrum, em ambos os lados, que subia dos calcanhares até a cintura. A casaca do coronel era do mesmo tom azul-celeste das calças, mas ornada de profusas guarnições de prata que subiam para o alto colarinho duro. Sobre o ombro esquerdo, tinha uma peliça, uma espécie de casaco forrado de pele, enquanto em cima de uma mesa se via um sabre de cavalaria e um chapéu alto, preto, com um penacho prateado, fixado por uma chapa esmaltada.

E a placa esmaltada ostentava o tricolor da França.

— Eu bem disse que você ia ficar surpreso — frisou o coronel para Luís, o qual, de fato, estava olhando boquiaberto para o patrão.

Luís, por fim, encontrou a voz:

— O senhor é... — mas faltou-lhe de novo a voz.

— Eu sou um oficial inglês, como você bem sabe, mas este é o uniforme de um hussardo francês. Ah, sopa de grãos! Gosto muito de sopa de grãos. É comida de camponês, mas é boa. — Dirigiu-se para a mesa, fazendo uma careta porque as calças estavam muito apertadas, e sentou-se. — Vamos ter um convidado para o jantar.

— Foi o que me disseram — disse Luís, friamente.

— Você vai servir à mesa e não vai se preocupar pelo fato do meu hóspede ser um oficial francês.

— Francês? — a aversão de Luís soava-lhe na voz.

— Francês, sim — confirmou Christopher —, e vem com uma escolta. Provavelmente com uma grande escolta e não nos interessa nada que essa escolta, ao reunir-se ao seu exército, se pusesse a dizer que o oficial deles tinha se encontrado com um oficial inglês, não é? Exatamente por isso é que eu vesti isto — disse ele, fazendo um gesto para o uniforme e sorrindo depois para Luís. — A guerra é como o xadrez — continuou Christopher — há dois lados e, para um ganhar, o outro tem de perder.

— A França não pode ganhar — disse Luís em tom áspero.

— Há peças brancas e peças pretas — prosseguiu Christopher, ignorando o protesto do criado — e ambas obedecem às mesmas regras. Mas quem é que estabelece essas regras, Luís? Aí é que reside o poder, Não nos jogadores, de modo nenhum nas peças, mas no homem que estabelece as regras.

— A França não pode ganhar — Luís disse de novo. — Qualquer bom português dirá isso!

Christopher suspirou, perante a estupidez do criado, e decidiu tornar as coisas mais simples para Luís compreender.

— Quer ver Portugal livre dos franceses?

— Sabe que sim!

— Então, sirva o jantar esta tarde. Seja cortês, esconda o seu rancor e confie em mim.

Porque Christopher vira a luz e, agora, ia ser ele a estabelecer as regras.

Sharpe tinha o olhar fixo no lugar onde os dragões tinham retirado quatro botes do rio, erguendo com eles uma barricada no meio da estrada. Não havia maneira de rodear a barricada, pois esta estendia-se entre duas casas. Ao lado da casa da direita ficava o rio, ao lado da casa da esquerda era a íngreme colina por onde a infantaria francesa se aproximava e, atrás de Sharpe, havia mais infantaria francesa, de modo que a única maneira de escapar da armadilha era ir diretamente contra a barricada.

— O que vamos fazer, senhor? — perguntou Harper. Sharpe pôs-se a praguejar.

— Isto está ruim, não é? — disse Harper, pegando o rifle que trazia a tiracolo. — Podíamos despachar alguns daqueles homens da barricada.

— Podíamos — concordou Sharpe, — mas isso apenas iria irritar os dragões, e não derrotá-los.

Ele era capaz de derrotar aqueles franceses, tinha certeza disso, porque os seus atiradores eram bons e a barricada muito baixa, mas Sharpe também tinha certeza de que ia perder metade dos seus homens na refrega e de que a outra metade tinha, ainda, de escapar da perseguição de cavaleiros vingativos. Podia lutar e podia vencer, mas podia não sobreviver à vitória.

Havia, na verdade, apenas uma única coisa a fazer, mas Sharpe tinha relutância em dizê-lo em voz alta. Ele nunca se rendera. Só pensar nisso era já horrível.

— Fixar baionetas — gritou ele.

Os homens pareceram surpresos, mas obedeceram. Retiraram as compridas espadas das bainhas e encaixaram-nas nos suportes dos rifles. Sharpe empunhou a sua própria espada, uma pesada lâmina de cavalaria, cerca de um metro de aço mortífero.

— Muito bem, rapazes. Quatro colunas!

— Senhor! — exclamou Harper, confundido.

— Ouviu o que eu disse, Sargento! Quatro colunas! E agora, força! — Harper gritou as ordens aos homens. A infantaria francesa que viera da cidade estava agora a uns cem metros atrás deles, muito longe para um tiro de mosquete preciso, embora um dos franceses tivesse tentado um tiro, a bala batendo na parede caiada de uma casa junto à estrada. O som do impacto pareceu irritar Sharpe.

— Duas colunas, agora! — lançou ele. — Avançar!

Correram pela estrada em direção à recém-erguida barricada, a qual se encontrava a uns cento e cinquenta metros à frente deles. O rio corria cinzento e revoltado à direita, enquanto à esquerda deles havia um campo salpicado com as medas de feno remanescentes da última colheita, as quais eram pequenas e pontiagudas, fazendo lembrar chapéus de bruxas encharcados. Uma vaca coxa com um corno quebrado observou-os quando passaram por ela. Alguns fugitivos, perdida a esperança de passarem pela estrada bloqueada, tinham acampado no campo, à espera da sua sorte.

— Senhor! — Harper conseguira alcançar Sharpe, que seguia uma dezena de passos à frente dos seus homens.

— O que é, Sargento?

Era sempre "Sargento", notou Harper, e não "Patrick" ou "Pat", quando as coisas corriam mal.

— O que estamos fazendo, Tenente?

— Estamos carregando contra aquela barricada, Sargento.

— Eles vão nos encher de chumbo, se me permite dizer, senhor. Os sacanas vão nos virar do avesso.

— Eu sei disso — disse Sharpe — e você sabe disso. Mas será que eles sabem? — Harper olhou para os dragões, que estavam erguendo as carabinas sobre as quilhas dos botes voltados ao contrário. A carabina, como o mosquete e ao contrário de um rifle, não tinha estrias e, por isso, era pouco precisa, o que queria dizer que os dragões iam esperar até ao último momento para disparar a descarga e essa descarga prometia ser violenta, pois cada vez mais inimigos de uniforme verde surgiam atrás da barricada apontando as armas.

— Eu acho que eles sabem, senhor — observou Harper.

Sharpe estava de acordo, embora não dissesse. Ordenara aos homens para fixarem baionetas porque, à vista, uma carga com baionetas era mais aterradora do que a ameaça dos rifles. Os dragões, porém, não pareciam muito perturbados com a ameaça das lâminas de aço. Estavam amontoando-se, para que todas as carabinas tomassem parte na descarga inicial e Sharpe sabia que teria de render-se, mas não queria fazê-lo sem um único tiro ter sido disparado. Acelerou o passo, na convicção de que algum dragão ia disparar nele muito cedo e esse tiro seria o sinal para Sharpe parar, largar a espada e salvar, assim, os seus homens. A decisão era dolorosa, mas era a única opção que tinha, a menos que Deus fizesse um milagre.

— Senhor! — Harper esforçava-se por acompanhar Sharpe. — Eles vão matá-lo!

— Vá para trás, Sargento — disse Sharpe. — Isto é uma ordem. Sharpe queria que os dragões disparassem nele, não sobre os homens.

— Eles vão matá-lo com certeza! — exclamou Harper.

— Talvez eles fujam — gritou Sharpe para trás.

— Deus salve a Irlanda — disse Harper —, e por que diabo eles iriam fugir?

— Porque Deus usa uma casaca-verde — rosnou Sharpe.
E, nesse momento, os franceses voltaram-se e fugiram.

CAPÍTULO II

Sharpe tivera sempre um pouco de sorte. Talvez não nas coisas mais importantes da vida, certamente não na natureza do seu nascimento do ventre de uma rameira de Cat Lane, a qual morrerá sem fazer ao seu único bebê uma única festa, como tão-pouco na maneira como fora criado, num orfanato de Londres que não ligava a mínima para as crianças que alojava no seu interior severo, mas nas pequenas coisas, naqueles momentos em que o êxito e o fracasso se encontram separados pelo comprimento de uma bala, nesses momentos tinha tido sorte. Fora a boa sorte que o conduzira ao túnel onde o sultão de Tipu ficara encurralado e fora ainda maior sorte a que decapitara o ordenança em Assan, de tal modo que Richard Sharpe se vira cavalgando atrás de Sir Arthur Wellesley, quando o cavalo do general fora abatido por uma lançada e Sir Arthur derrubado no meio do inimigo. Fora tudo sorte, por vezes uma sorte incrível, mas, mesmo assim, Sharpe não queria acreditar na sua boa sorte quando viu os dragões abandonarem a barricada. Estaria morto? Estaria sonhando? Estaria confuso e imaginando coisas? Entretanto, porém, ouviu os gritos de triunfo dos seus homens e compreendeu que não estava sonhando. O inimigo tinha, de fato, fugido, Sharpe estava vivo e os seus homens não iam marchar para França como prisioneiros.

Ouviu, então, os tiros, o crepitar gaguejante dos mosquetes e compreendeu que os dragões tinham sido atacados pela retaguarda. Havia fumaça espessa pairando entre as casas à beira da estrada e ainda mais a surgir de um pomar no meio da encosta de uma colina, onde se via a massa branca de um edifício e, entretanto, Sharpe estava junto da barricada, saltando por cima do primeiro bote, o pé ficando meio colado no alcatrão recentemente

espalhado na quilha. Os dragões estavam de costas voltadas para ele, a dispararem para as janelas das casas, mas, então, um homem de uniforme verde voltou-se, viu Sharpe e soltou um grito de alarme. Um oficial surgiu da porta da casa na beira do rio e Sharpe, saltando do bote para a estrada, espetou a comprida espada no ombro do oficial e empurrou-o violentamente contra a parede caiada, no momento em que o dragão que lançara o aviso disparou contra ele. A bala bateu na pesada mochila de Sharpe, quando este aplicava uma joelhada no escroto do oficial. Sharpe voltou-se, então, para o homem que disparara sobre ele. O homem recuava, balbuciando *non, non*, e Sharpe bateu com a espada de lado na cabeça do homem, fazendo surgir sangue, mas provocando maior dano com o enorme peso da lâmina, de tal modo que o estonteado dragão caiu e foi calcado pelos fuzileiros que saltavam sobre a barricada, atiradores que gritavam por massacre, surdos à ordem de Harper de fazerem uma descarga sobre os dragões.

Dispararam talvez uns três rifles, mas todos os outros homens prosseguiram na carga, com a intenção de espetarem as baionetas num inimigo que não podia aguentar um ataque frontal e pela retaguarda. Os dragões tinham sido atacados por tropas emboscadas num edifício a uns cinquenta metros da estrada, tropas que haviam se ocultado no edifício e no jardim por trás dele e os dragões franceses estavam, agora, sendo atacados por ambos os lados. O reduzido espaço entre as casas estava envolto em fumaça de pólvora, em alta gritaria e ecoava com os tiros, cheirando a sangue. Os homens de Sharpe combatiam com uma ferocidade que espantava e confundia os soldados franceses. Eram dragões, treinados para combaterem a cavalo com grandes sabres, não estavam preparados para aquela refrega sangrenta a pé, com atiradores endurecidos por anos de brigas em tabernas e de disputas em casernas. Os fuzileiros de casacas-verdes eram mortíferos em combate corpo-a-corpo e os dragões sobreviventes correram para um pequeno prado junto ao rio, onde haviam deixado os cavalos. Sharpe gritou para os homens, ordenando-lhes que prosseguissem para leste.

— Deixem-nos ir! — gritava ele. — Larga! Larga! — As últimas exclamações tinham mais a ver com a instrução de cães, era a voz de comando para eles largarem uma presa já morta. — Deixem-nos ir! Vamos embora!

Havia infantaria francesa muito perto atrás deles, havia mais cavalaria no Porto e a prioridade de Sharpe era, agora, afastar-se o máximo que pudesse da cidade.

— Sargento!

— Sim, senhor! — gritou Harper, um pouco mais adiante na estrada, puxando o atirador Tongue de cima de um francês.

— Eu estou matando o sacana, Sargento, estou acabando com ele!

— O sacana já está morto! Agora, em frente!

Uma rajada de tiros de carabina crepitou no meio das casas. Uma mulher berrava incessantemente numa das casas próximas. Um dragão tropeçou numa pilha de redes e de aparelhos de pesca e caiu de comprido no quintal de uma casa, onde outro soldado francês se encontrava estendido sobre uma pilha de roupa qque havia derrubado ao morrer. Os lençóis brancos estavam vermelhos do sangue dele. Gataker apontou para um oficial que conseguira montar a cavalo, mas Harper empurrou-o para diante.

— Ponha-se a correr! Ponha-se a correr!

Depois, houve uma chusma de uniformes azuis aparecendo à esquerda de Sharpe, que se voltou de espada erguida, mas viu que eram portugueses.

— São amigos! — gritou ele, para informação dos fuzileiros. — Cuidado que são portugueses!

Eram aqueles soldados portugueses que o tinham salvo de uma rendição vergonhosa e que, agora, depois de terem atacado os

soldados franceses, se juntavam aos homens de Sharpe na retirada para leste.

— Mexam-se! — berrava Harper.

Alguns dos homens estavam ofegantes e diminuíam o ritmo para passo de passeio, quando uma descarga de carabinas dos dragões sobreviventes os fez apressarem-se de novo. A maior parte dos tiros foram muito altos, mas um deles bateu na estrada junto de Sharpe, ricocheteando para um choupo, um outro atingindo Tarrant na coxa. O atirador foi ao chão, berrando, e Sharpe agarrou-o pelo colarinho e continuou a correr, arrastando Tarrant com ele. A estrada e o rio rumavam para a esquerda e, um pouco mais adiante, havia algumas árvores e arbustos à beira do rio. O pequeno bosque não ficava longe, estava perto demais da cidade para constituir uma segurança, mas iria proporcionar uma proteção, enquanto Sharpe organizava os seus homens.

— Para as árvores! — gritou Sharpe. — Vamos para as árvores! — Tarrant estava aflito, protestando aos gritos e deixando um rastro de sangue na estrada. Sharpe puxou-o para debaixo das árvores e largou-o no chão, depois foi à beira da estrada e ordenou aos homens para se postarem numa linha à beira do bosque.

— Conte-os, Sargento — gritou ele para Harper —, conte-os!

A infantaria portuguesa misturara-se com os fuzileiros ingleses e começara a recarregar os mosquetes. Sharpe agarrou o rifle que trazia a tiracolo e disparou em um cavaleiro que se encontrava à beira do rio, preparado para a perseguição. O cavalo recuou, jogando o cavaleiro ao chão. Havia outros dragões de espada desembainhada, na evidente intenção de uma perseguição vingativa, mas, entretanto, apareceu um oficial francês gritando à cavalaria para permanecer onde estava. Ele, pelo menos, compreendera que uma carga por entre as árvores, onde se encontrava infantaria de armas carregadas e prontas era puro suicídio. Era melhor esperar o ataque da sua infantaria.

Daniel Hagman sacou a tesoura com que cortara o cabelo de Sharpe e abriu as calças de Tarrant junto à ferida da coxa. O sangue escorria à medida que Hagman cortava o tecido.

— Acho que ele perdeu a rótula, Tenente — disse Hagman, com uma careta.

— E não pode andar?

— Nunca mais vai poder andar — disse Hagman.

Tarrant praguejou desalmadamente. Ele era um dos homens mais conflituosos de Sharpe, um resmungão de Hertfordshire que não perdia uma oportunidade de se embebedar e de arrumar problemas, mas, quando sóbrio, era um hábil atirador que nunca perdia a cabeça em combate.

— Você vai ficar bem, Ned — disse-lhe Hagman. — Vai viver.

— Leve-me com você — apelou Tarrant para o amigo, Williamson.

— Vamos deixá-lo aqui! — disse Sharpe. — Peguem o rifle, as munições e a espada.

— Não pode deixá-lo aqui — disse Williamson, interpondo-se entre Tarrant e Hagman, para que este não desapertasse a bolsa de munições do amigo. Sharpe agarrou Williamson pelo ombro e afastou-o.

— Eu disse que vamos deixá-lo aqui!

Não lhe agradava fazer isso, mas não podia diminuir a marcha com o peso de um homem ferido e os franceses podiam tratar de Tarrant muito melhor do que os seus homens. O atirador iria parar em um hospital francês, seria tratado por médicos franceses e, se não morresse de gangrena, seria, muito possivelmente, trocado por um prisioneiro francês. Tarrant regressaria à pátria aleijado e acabaria, provavelmente, num asilo.

Sharpe procurou Harper por entre as árvores. Balas de carabina batiam nos ramos, espalhando folhas em pedaços que caíam no chão, peneiradas pelos raios de sol.

— Falta alguém? — perguntou Sharpe a Harper.

— Não falta ninguém, Tenente. O que aconteceu a Tarrant?

— Uma bala no joelho — disse Sharpe. — Temos de deixá-lo aqui.

— Não vou sentir saudades dele — disse Harper.

Embora o irlandês, antes de Sharpe o ter feito sargento, fosse grande amigo dos desordeiros, de que Tarrant era chefe, Harper, agora, era o flagelo deles. Era estranho, refletia Sharpe, o que três divisas podiam fazer a um homem.

Sharpe recarregou o rifle, ajoelhou junto de um loureiro, armou o cão da arma e apontou-a aos franceses. A maior parte dos dragões já tinha montado, embora houvesse ainda alguns a pé, tentando a sorte com as carabinas, mas fora de alcance. Dentro de minutos, porém, pensou Sharpe, iam ter uma centena de soldados de infantaria, prontos a atacar. Era hora de escapar dali.

— Senhor... — um jovem oficial português surgiu ao lado da árvore e fez uma vénia para Sharpe.

— Agora não! — Sharpe não gostava de ser grosseiro, mas não era hora de cortesia. — Dan! — gritou ele para Hagman, passando pelo oficial português. — Temos o material de Tarrant?

— Está comigo, senhor.

Hagman tinha o rifle do ferido ao ombro e a cartucheira balançando-lhe do cinto. Sharpe não queria permitir que os franceses se apoderassem de um rifle Baker, já provocavam muitos danos sem possuírem a melhor arma ao dispor de um atirador.

— Por aqui! — ordenou Sharpe, tomando o sentido norte e afastando-se do rio.

Abandonou deliberadamente a estrada. Esta acompanhava o rio e as pastagens abertas da margem do Douro constituíam poucos obstáculos à cavalaria perseguidora. Uma pequena trilha, porém, serpenteava para norte, pelo meio das árvores, e foi por ali que Sharpe seguiu, utilizando o terreno arborizado para cobrir a retirada. À medida que o terreno subia, as árvores escasseavam, formando matas de sobreiros, cuja casca era a cortiça de que eram feitas as rolhas para as garrafas de vinho do Porto. Sharpe caminhava rapidamente e só parou depois de meia hora, quando chegaram ao sobreiral, próximo a um grande vale de vinhedos. Ainda se via na cidade a oeste, a fumaça dos inúmeros incêndios pairando por cima das árvores e dos vinhedos. Os homens puseram-se a descansar. Sharpe recebera uma perseguição, mas os franceses, obviamente, queriam saquear as casas do Porto e encontrar as mulheres mais bonitas, nada interessados em perseguir um punhado de soldados que fugiam para as montanhas.

Os soldados portugueses tinham acompanhado a marcha dos fuzileiros e o oficial português, que já antes tentara falar com Sharpe, aproximou-se dele de novo. Era muito jovem, muito alto e muito magro, envergando o que parecia ser um uniforme novinho em folha. A espada pendia-lhe de um talabarte a tiracolo, debruado a prata, e trazia à cintura uma pistola tão brilhante que Sharpe desconfiou que nunca fora disparada. Era bem-parecido, exceto pelo bigode muito fino, a sua atitude indiciando que se tratava de um cavalheiro e um cavalheiro honesto, dado que os inteligentes olhos pretos exprimiam certa mágoa, o que não era de surpreender, pois acabava de ver a cidade do Porto cair nas mãos dos invasores. O jovem oficial inclinou-se perante Sharpe.

— Senhor?

— Eu não falo português — disse Sharpe.

— Eu sou o tenente Vicente — disse o oficial em bom inglês.

O uniforme azul-escuro era orlado de branco e decorado com botões prateados, punhos vermelhos e colarinho alto também vermelho. Usava uma barretina, um quepe com uma frente falsa, a qual acrescentava uns centímetros à sua já considerável altura. Na placa de latão da barretina estava gravado o número 18. Estava ofegante, o suor escorrendo-lhe pelo rosto, mas conservava as suas boas maneiras.

— Quero cumprimentá-lo, caro senhor.

— Cumprimentar-me?

Sharpe não compreendia.

— Eu estava observando-o, na estrada junto ao seminário, e achei que ia se render, mas, em vez disso, atacou valentemente a barricada. — Isso foi... — Vicente fez uma pausa, franzindo a testa em busca da palavra adequada — foi de uma grande coragem — prosseguiu ele, depois embaraçando Sharpe, ao tirar a barretina e ao inclinar-se outra vez. — E eu convenci os meus homens a atacarem os franceses, porque a sua coragem bem o merecia.

— Eu não estava sendo corajoso — disse Sharpe —, apenas estúpido.

— Não, o senhor foi corajoso — insistiu Vicente — e nós queremos saudá-lo por isso.

Por um momento, pareceu ter a intenção de recuar com elegância, de desembainhar a espada e de erguer a lâmina numa saudação formal, mas Sharpe conseguiu adiantar-se ao floreado com uma pergunta a respeito dos homens de Vicente.

— São trinta e sete — respondeu o jovem oficial em tom sério — e pertencemos ao décimo oitavo regimento, o segundo do Porto.

O regimento, disse ele, tinha defendido as paliçadas improvisadas, nos limítrofes ao norte da cidade, e retirara para a ponte, onde se dissolvera no pânico. Vicente dirigira-se para leste,

acompanhado por aqueles trinta e sete homens, dos quais apenas dez pertenciam à sua companhia.

— Éramos mais, muitos mais — confessou ele —, mas a maioria fugiu. Um dos meus sargentos me disse que eu era um louco por querer salvá-lo e tive de lhe dar um tiro, para evitar que fugisse... como é que se diz? Desesperança? Não, desespero e, depois, conduzi estes voluntários em seu auxílio.

Por momentos, Sharpe ficou apenas de olhos fixos no tenente português.

— O que é que você fez? — perguntou, por fim, Sharpe.

— Comandei estes homens para lhe prestar ajuda. Eu sou o único oficial que resta da minha companhia, por isso, quem mais é que podia tomar a decisão? O capitão Rocha foi morto por uma bala de canhão e não sei o que lhes aconteceu aos outros.

— Não — disse Sharpe —, antes disso. Você disse que deu um tiro no sargento?

Vicente fez que sim com a cabeça.

— Vou ter de ir a julgamento, é claro. Vou declarar que foi por absoluta necessidade. — Tinha lágrimas nos olhos. — Mas o sargento disse que vocês eram todos homens mortos e que nós éramos os vencidos. Estava convencendo os homens a esconderem os uniformes e a desertarem.

— Você fez o que devia fazer — disse Sharpe, espantado.

— O senhor me lisonjeia — disse Vicente com nova vênia.

— E pare de me tratar por senhor — disse Sharpe. — Eu sou um tenente, como você.

Vicente recuou meio passo, incapaz de esconder a sua surpresa.

— É um... — começou ele a perguntar, logo percebendo que a pergunta era descortês.

Sharpe era mais velho do que ele, talvez uns dez anos, e se Sharpe era ainda tenente, então, presumivelmente, não era bom militar, pois um bom militar, aos trinta anos, já devia ter alcançado um posto mais elevado.

— Mas tenho certeza, senhor — prosseguiu Vicente —, que é mais antigo do que eu.

— Talvez não seja — disse Sharpe.

— Eu sou tenente há quinze dias — disse Vicente. Foi a vez de Sharpe ficar surpreso.

— Há quinze dias?

— Tive alguma instrução antes disso, claro — disse Vicente —, e durante os meus estudos, li as proezas dos grandes generais.

— Durante os estudos?

— Sim, sou advogado.

— Advogado!

Sharpe não conseguiu esconder o desprezo instintivo. Nascera nos esgotos da Inglaterra e, como todas as pessoas nascidas e criadas nesses esgotos, sabia que muita da perseguição e da opressão que sofriam era infligida pelos advogados. Os advogados eram os lacaios do diabo que enviavam homens e mulheres para as prisões, eram os vermes que davam ordens aos beleguins, montavam ciladas com as leis, ficavam ricos à custa das vítimas e, quando já eram bastante ricos, tornavam-se políticos, para poderem arquitetar novas leis que os tornassem ainda mais ricos.

— Eu detesto advogados — rosnou Sharpe com genuína violência, pois recordava-se de *Lady Grace* e do que acontecera depois de ela morrer, como os advogados o tinham espoliado de

tudo o que juntara, e a recordação de Grace e do bebê que ela perdera trouxe-lhe à memória toda a antiga desgraça que fizera por esquecer. — Eu odeio advogados! — exclamou Sharpe.

Vicente ficou tão confuso com a hostilidade de Sharpe que pareceu, muito simplesmente, ignorá-la.

— Eu era advogado — disse ele — antes de pegar a espada para defender meu país. Trabalhava para a Real Companhia Velha, que se encarrega da regulação do comércio do vinho do Porto.

— Se eu tivesse um filho que quisesse ser advogado — disse Sharpe — estrangulava-o com as minhas próprias mãos e mijava-lhe na sepultura.

— Quer dizer que é casado? — perguntou Vicente, polidamente.

— Não, não sou casado.

— Então, compreendi mal — disse Vicente, apontando, depois, para a sua tropa. — Portanto, aqui estamos, senhor, e eu pensei que podíamos juntar as nossas forças.

— Talvez — resmungou Sharpe — mas que uma coisa fique clara: se detém o seu posto há quinze dias, eu sou o mais antigo e sou eu que comando. E que nenhum advogado se ponha a questionar isso.

— Sem dúvida, senhor — disse Vicente, franzindo o sobrolho, como que ofendido por Sharpe afirmar o que era óbvio.

Uma porcaria de advogado, pensou Sharpe, droga de sorte. Sabia que tinha sido mal-educado, especialmente porque aquele advogado cortês tinha tido a coragem de matar um sargento e de se pôr à frente dos seus homens para lhe salvar a pele. Sabia que lhe devia desculpas, mas, em vez disso, pôs-se a olhar para sudoeste, tentando entender a região, em busca de indícios de perseguição e perguntando-se onde estaria. Pegou o seu belo

óculo, que fora um presente de Sir Arthur Wellesley, e apontou-o na direção de onde tinham vindo, observando por cima das árvores, e por fim, viu o que esperava ver. Pó. Uma mancha de pó, levantado por cascos, botas ou rodas. Podiam ser fugitivos correndo para leste, na estrada que ladeava o rio, ou podiam ser os franceses. Sharpe não podia dizer.

— Quer passar para o sul do Douro? — perguntou Vicente.

— Sim, é isso que quero. Mas não há pontes nesta parte do rio, não é?

— Não, aqui não. Só em Amarante — disse Vicente — que fica no rio Tâmega. É um rio... como e que se diz? Um rio secundário? É isso, um afluente do Douro, mas, passado o rio Tâmega, há uma ponte sobre o Douro, no Peso da Régua.

— E os Sapos não estarão do lado de lá do Tâmega?

Vicente balançou a cabeça.

— Fomos informados de que o general Silveira se encontra lá.

Ser informado de que um general português aguardava do outro lado de um rio não era o mesmo que saber isso, pensou Sharpe.

— E não há uma barcaça para atravessar o Douro, perto daqui — perguntou Sharpe.

— Há, sim, em Barca de Avintes — disse Vicente.

— A que distância?

Vicente pensou um curto momento.

— A cerca de meia hora, talvez menos.

— Tão perto? — Se a barcaça ficava tão perto do Porto, então os franceses já podiam estar lá. — E a que distância fica Amarante?

— Podemos chegar lá amanhã.

— Amanhã! — repetiu Sharpe, recolhendo o óculo.

Tornou a olhar para o sul. Seria aquele pó provocado pelos franceses? Estariam eles a caminho de Barca de Avintes? Queria utilizar a barcaça, já que estava tão perto, mas era, também, muito maior o risco. Os franceses não estariam prevendo que os fugitivos quisessem utilizar a barcaça? Ou talvez os invasores não soubessem da sua existência. Só havia uma maneira de saber isso.

— Como é que se vai para Barca de Avintes? — perguntou ele a Vicente, apontando para a trilha que passava pelo meio dos sobreiros. — É por onde viemos?

— Há um caminho mais rápido — disse Vicente.

— Então leve-nos até lá.

Alguns dos homens estavam dormindo, mas Harper acordou-os aos pontapés e todos seguiram Vicente encosta abaixo, para um vale de vinhedos rigorosamente arrumados em filas. Desse vale subiram outra montanha, caminhando por campos salpicados com as pequenas medas da última colheita. O chão estava coberto de flores, as quais cobriam, também, os “chapéus de bruxas” das medas e as cercas. Não havia nenhuma trilha, mas Vicente conduzia os homens confiantemente.

— Sabe para onde vamos? — perguntou Sharpe, desconfiado.

— Eu conheço muito bem esta região — afirmou Vicente.

— Nasceu aqui?

Vicente balançou a cabeça.

— Não, eu nasci em Coimbra, muito mais a sul, mas conheço esta região porque pertença... — fez uma pausa e corrigiu-se — pertencia a uma associação que visitava essa região.

— Uma associação que visitava o campo? — perguntou Sharpe, admirado.

Vicente ficou ruborizado.

— Nós somos filósofos e poetas.

Sharpe estava muito surpreso para responder de imediato, mas, por fim, conseguiu perguntar:

— São o quê?

— Filósofos e poetas.

— Santo Deus! — exclamou Sharpe.

— Acreditamos, caro senhor — prosseguiu Vicente —, que a paisagem campestre nos inspira. O campo, veja bem, é natural. Enquanto que as cidades são feitas pelos homens e, por isso, albergam toda a maldade humana. Se queremos encontrar a nossa bondade natural, temos de procurá-la no campo. — Vicente tinha dificuldade em encontrar os termos corretos em inglês para exprimir o que queria dizer. — Existe, acho eu — insistiu ele —, uma bondade natural no mundo e é isso que nós procuramos.

— Por isso, vinham para cá em busca de inspiração?

— Exatamente — disse Vicente, aquiescendo vivamente com a cabeça. Proporcionar inspiração a um advogado, pensou Sharpe amargamente, era o mesmo que dar uma boa aguardente a um rato.

— E deixe-me ver se adivinho — disse ele, mal disfarçando o sarcasmo. — Posso jurar que essa associação de filósofos rimadores é toda constituída por homens. Nem uma única mulher, não é?

— Como é que sabe? — perguntou Vicente, admirado.

— Já lhe disse, adivinhei.

Vicente aquiesceu.

— Não é que não gostemos de mulheres. Não pense que não desejamos a companhia delas, só que as mulheres são muito relutantes em se juntarem a nós. Seriam muito bem-vindas, mas... — a voz dele desvaneceu-se.

— As mulheres são assim mesmo — disse Sharpe.

As mulheres, achava ele, preferiam a companhia dos aldrabões ao prazer da conversa com jovens sérios e honestos, como o tenente Vicente, que tinha idéias românticas acerca do mundo e que deixara crescer o bigode obviamente numa tentativa de aparentar mais idade e parecer mais sofisticado, com o único resultado de parecer ainda mais novo do que era.

— Diga-me uma coisa, Tenente... — começou Sharpe.

— Jorge — interrompeu-o Vicente —, o meu nome é Jorge. Como o santo.

— Diga-me, então, uma coisa, Jorge. Disse-me que teve alguma instrução como soldado. Que tipo de instrução foi essa?

— Tive lições no Porto.

— Lições?

— Sim, aulas de história das guerras. Acerca de Aníbal, de Alexandre e de Júlio César.

— Instrução? — perguntou Sharpe, não disfarçando o menosprezo.

— Instrução — disse Vicente abertamente — é uma coisa natural para um advogado e, mais ainda, para um advogado que lhe salvou a vida, caro Tenente.

Sharpe engoliu em seco, reconhecendo que merecia aquela reprimenda.

— O que é que aconteceu lá atrás, quando me salvou? — perguntou ele. — Já sei que deu um tiro num dos seus sargentos,

mas porque os dragões franceses não o ouviram?

— Ah! — Vicente franziu a testa, pensando. — Vou ser honesto, caro Tenente, e digo-lhe que não foi tudo mérito meu. Eu já tinha dado o tiro no sargento quando vi o senhor. Ele estava dizendo aos homens para despirem as fardas e fugirem. Alguns fizeram-no e os outros não me davam ouvidos e, então, eu dei-lhe um tiro. Foi muito triste. E a maior parte dos homens estava na taberna, junto ao rio, muito perto do local onde os franceses ergueram a barricada. — Sharpe não vira nenhuma taberna, estivera muito concentrado em tentar salvar os homens dos dragões para vê-la. — Foi, então, que eu o vi avançando para a barricada. O sargento Macedo — Vicente apontou para um homem baixo e entroncado, de tez escura, meio embaraçado, atrás dele — queria ficar escondido na taberna, mas eu disse aos homens que era hora de combater por Portugal. Muitos pareciam não me ouvir, por isso, puxei da pistola e corri para a estrada. Pensava que ia morrer, mas pensava, também, que tinha de dar o exemplo.

— E os seus homens o seguiram?

— Felizmente — disse Vicente, caloroso — e o sargento Macedo bateu-se muito corajosamente.

— Acho que — disse Sharpe — além de ser uma droga de advogado, você é um soldado notável.

— Acha mesmo?

O jovem português parecia admirado, mas Sharpe sabia que era necessário ter qualidades naturais de liderança para fazer os homens saírem de uma taberna, para irem combater um grande grupo de dragões.

— Todos os seus companheiros filósofos e poetas se alistaram? — perguntou Sharpe.

Vicente ficou embaraçado.

— Infelizmente, alguns juntaram-se aos franceses.

— Aos franceses!

O tenente encolheu os ombros.

— Há quem acredite, caro senhor, que o futuro da humanidade é apontado pelo pensamento francês. Pelas idéias francesas. Em Portugal, acho eu, estamos muito voltados para o passado e, reagindo a isso, muita gente é influenciada pelos filósofos franceses, os quais rejeitam a Igreja e os velhos costumes. Eles detestam a monarquia e são contra os privilégios. As idéias deles são fascinantes. Já os leu?

— Não — disse Sharpe.

— Eu, porém, amo mais a minha pátria do que amo *Monsieur* Rosseau — disse Vicente tristemente. — Por isso optei por ser um soldado em vez de um poeta.

— Fez muito bem — disse Sharpe —, é sempre melhor fazer alguma coisa útil na vida.

Ultrapassaram uma pequena elevação do terreno e Sharpe viu o rio à sua frente, uma pequena aldeia à beira dele.

— Aquilo é Barca de Avintes? — perguntou ele a Vicente.

— É, sim — disse Vicente.

— Droga! — exclamou Sharpe amargamente, pois os franceses já estavam lá.

O rio encoracolava mansamente no sopé de umas montanhas com laivos azuis. Entre Sharpe e o rio havia prados, vinhas, a pequena aldeia e um riacho fluindo para o rio e para o lado dos franceses. Mais dragões. Os cavaleiros de uniforme verde tinham desmontado e passeavam-se pela aldeia com ar despreocupado. Sharpe, deitando-se no chão por trás de uns tojos, ordenou aos homens que se abaixassem.

— Sargento! Ordem de combate ao longo da crista!

Deixou Harper entregue à tarefa de colocar os fuzileiros em posição e, puxando do óculo, pôs-se a observar o inimigo.

— O que é que vai fazer? — perguntou Vicente.

— Por ora, vou esperar — disse Sharpe.

Focou o óculo, maravilhado com a nitidez da imagem aumentada. Conseguia ver os furos nas correias das cilhas dos cavalos dos dragões, os quais estavam reunidos numa pequena cerca, a oeste da aldeia. Contou os cavalos. Quarenta e seis. Talvez mesmo quarenta e oito. Era difícil contá-los, porque alguns dos animais estavam presos juntos. Digamos cinquenta homens. Dirigiu o óculo para a esquerda e viu fumaça subindo por trás da aldeia, talvez da margem do rio. Uma pequena ponte de pedra atravessava o riacho que corria do norte. Não via aldeãos. Teriam fugido? Olhou para oeste, para a estrada que vinha do Porto e não enxergou mais franceses, o que sugeria que os dragões constituíam uma patrulha para acostrar fugitivos.

— Pat!

— Senhor?

Harper aproximou-se e agachou-se junto de Sharpe.

— Vamos pegar aqueles sacanas.

Harper pegou o óculo que Sharpe lhe estendia e apontou-o para o sul, por um bom minuto.

— São uns quarenta? Uns cinquenta?

— Por volta disso. Certifique-se de que os homens estão bem municados. — Sharpe deixou o óculo nas mãos de Harper e rastejou, recuando, em busca de Vicente.

— Reúna aqui os seus homens. Quero falar com eles. Você vai traduzir. — Sharpe esperou até todos os vinte e sete homens

estarem presentes. Muitos pareciam incomodados, provavelmente por se verem comandados por um estrangeiro.

— Eu me chamo Sharpe — disse ele aos soldados de uniforme azul. — Sou tenente Sharpe e sou militar há dezesseis anos.

Esperou que Vicente traduzisse, depois apontou para o soldado português que lhe pareceu mais jovem, um garoto que nem dezessete anos devia ter e que podia, até, ser uns três anos mais novo.

— Eu peguei um mosquete antes de vocês terem nascido. E peguei um mosquete para valer. Era um soldado como você.

Vicente traduziu, lançando um olhar surpreendido a Sharpe, que o ignorou.

— Combati em Flandres — continuou ele —, combati na Índia, combati na Espanha, combati em Portugal e nunca perdi um combate. Nunca.

Os portugueses tinham acabado de ser escoraçados do grande reduto norte, na frente do Porto, uma derrota ainda amarga, e estava ali aquele homem dizendo-lhes que era invencível. Alguns olharam para a cicatriz que Sharpe tinha no rosto, para a dureza do olhar e acreditaram nele.

— Agora, eu e vocês vamos combater juntos — continuou Sharpe — e isso quer dizer que vamos vencer. Vamos correr com os malditos franceses para fora de Portugal! — Alguns deles sorriram. — Não se preocupem com o que aconteceu hoje. A culpa não foi sua. Vocês estavam sendo comandados por um bispo! De que serve um bispo? É o mesmo que combater com um advogado.

Vicente, antes de traduzir, lançou um olhar rápido e reprovador a Sharpe, mas devia ter traduzido corretamente, pois os homens fizeram cara fechada a Sharpe.

— Vamos expulsá-los para a França — prosseguiu Sharpe — e, por cada português ou inglês que eles matem, vamos matar uma dúzia deles. — Alguns dos soldados portugueses bateram com as coronhas dos mosquetes no chão, exprimindo a sua aprovação.

— Antes de combatermos, porém — continuou Sharpe —, é preciso que saibam que eu tenho três regras e é conveniente que se habituem a elas desde já. Porque, se algum de vocês quebrar essas regras, então eu, Deus me perdoe, vou parti-lo ao meio.

Vicente parecia nervoso, ao traduzir a última frase. Sharpe esperou e, depois, ergueu um dedo.

— Não vão se embriagar sem a minha autorização. — Segundo dedo. — Não roubam nada de ninguém, a não ser para comer, se estiverem muito famintos. Mas não considero roubo tirar coisas do inimigo. — Houve sorrisos. Sharpe ergueu, então, o terceiro dedo. — E vocês vão lutar como se o próprio diabo os perseguisse. É isto! Não se embriagam, não roubam e lutam como demônios. Compreenderam?

Depois da tradução, os homens inclinaram a cabeça, dizendo que sim.

— E, agora — prosseguiu Sharpe —, vamos mesmo começar o combate. Vocês vão formar três filas e vão disparar uma descarga sobre a cavalaria francesa.

Ele preferiria duas filas, mas só os ingleses combatiam em duas filas, todos os outros exércitos utilizavam três e por isso, no momento, ele também ia utilizá-las, embora trinta e sete homens em três filas constituíssem uma frente muito pequena.

— E não puxem o gatilho enquanto o tenente Vicente não der ordem de abrir fogo. Podem confiar nele! O seu tenente é um bom soldado! — Vicente corou e, modestamente, fez algumas alterações na tradução, mas os sorrisos nas caras dos homens indicavam que o advogado transmitira o essencial das palavras de Sharpe.

— Certifiquem-se de os mosquetes estão carregados — disse Sharpe — mas não armem o cão. Não quero que o inimigo saiba que estamos aqui, só porque um tolo dispara um mosquete com o cão armado. Agora, divirtam-se matando aqueles sacanas.

Com este apontamento sangüinário, Sharpe afastou-se e dirigiu-se para a crista, ajoelhando ao lado de Harper.

— O que é que eles estão fazendo? — perguntou, apontando os dragões com a cabeça.

— Estão se embebedando — disse Harper. — Esteve lendo a cartilha para eles, não foi?

— Qual cartilha?

— Não bebam, não roubem e lutem como demônios. O sermão de *Mister Sharpe*.

Sharpe sorriu e, pegando o óculo das mãos do sargento, apontou-o para a aldeia, onde um grupo de dragões, de uniforme desabotoado, entornavam borrachas de vinho garganta abaixo. Outros faziam buscas nas casas. Uma mulher, de vestido preto rasgado, saiu de uma das casas correndo, sendo agarrada por um dragão e arrastada para dentro,

— Pensei que os habitantes tinham fugido — disse Sharpe.

— Eu já vi várias mulheres — disse Harper — e há, decerto, muitas outras escondidas. — Harper passou a mão enorme sobre o fecho da arma. — E, agora, o que é que vamos fazer?

— Agora, vamos mijar em cima deles — disse Sharpe — até decidirem nos enfrentar e, então, vamos matá-los.

Recolheu o óculo e disse a Harper como planejava derrotar os dragões.

Os vinhedos proporcionavam a oportunidade a Sharpe. As vides cresciam em filas espessas e apertadas, a partir do riacho à

esquerda deles, até um terreno arborizado, para oeste. As filas estavam separadas por uma passagem que permitia o acesso dos trabalhadores às plantas, as quais ofereciam uma densa cobertura aos homens de Sharpe, ao arrastarem-se na direção de Barca de Avintes. Duas sentinelas francesas estavam postadas à entrada da aldeia, mas nenhuma enxergava nada ameaçador na primaveril paisagem campestre, uma delas tendo, até, largado a carabina para encher o cachimbo de tabaco. Sharpe colocou os homens de Vicente próximo da passagem no meio da vinha e mandou os seus atiradores para oeste, de forma a ficarem mais próximos do local onde se encontravam presos os cavalos. Depois, armou o rifle, estendeu-se no chão, de modo que o cano apontava por entre as vides retorcidas e visou a sentinela mais próxima.

Disparou, a coronha bateu-lhe no ombro e o som do tiro ainda ecoava nas paredes das casas quando os fuzileiros começaram a disparar sobre os cavalos. A primeira descarga abateu seis ou sete dos animais, feriu outros tantos e provocou o pânico nos outros. Dois conseguiram arrancar as peias do chão e saltaram a cerca, na tentativa de escaparem, mas, depois, voltaram para junto dos companheiros, à medida que os rifles iam sendo recarregados e de novo disparados. Mais cavalos relinchavam e caíam. Uma meia-dúzia de atiradores vigiava a aldeia e começaram a disparar quando os dragões correram para os cavalos.

A infantaria de Vicente continuava escondida no meio da vinha. Sharpe viu que a sentinela que tinha atingido se arrastava pela rua da aldeia, deixando um rastro de sangue atrás de si e, quando a fumaça do primeiro tiro se dissipou, disparou de novo, desta vez em um oficial que corria para os cavalos. Cada vez mais dragões, temendo perderem as preciosas montarias, corriam para soltar os animais e os fuzileiros começaram a abater homens, tanto como cavalos. Uma égua ferida relinchava lamentosamente. O comandante dos dragões compreendeu que não podia salvar os cavalos enquanto não neutralizasse os homens que os estavam

massacrando e, por isso, gritou para os dragões que avançassem para a vinha e escorraçassem os atacantes.

— Continuem a atirar nos cavalos! — gritava Sharpe.

Não era tarefa agradável. Os relinchos dos animais feridos atormentava a alma dos homens e a visão de um castrado tentando arrastar-se nas patas dianteiras era de partir o coração. Sharpe, porém, manteve os homens disparando. Os dragões, entretanto poupados do fogo dos rifles, correram para a vinha, na convicção de que tinham pela frente um mero bando de guerrilheiros. Os dragões eram considerados uma infantaria montada, sendo-lhes distribuídas carabinas, ou seja, mosquetes de cano curto, com as quais podiam combater a pé. Alguns levavam as suas carabinas, mas outros preferiam combater com as compridas espadas, todos, porém, correram instintivamente para a passagem que subia a colina por entre a vinha. Sharpe adivinhara que eles iriam seguir pela passagem, em vez de saltarem por cima das emaranhadas videiras, e fora por isso que colocara Vicente com os seus homens próximo dela. Os dragões estavam correndo para a vinha e Sharpe sentiu o impulso de correr para comandar os portugueses, mas nesse preciso momento Vicente deu ordem aos seus homens para se erguerem.

Como que por magia, os soldados portugueses surgiram em frente dos desorganizados dragões. Sharpe observava, com ar de aprovação, vendo que Vicente aguardara que os homens tomassem posição, para então dar a ordem de abrir fogo. Os franceses tentaram refrear a carga desesperada, desviando para os lados, mas as videiras obstruíam-nos, de modo que a descarga de Vicente atingiu o grosso dos dragões, amontoados na estreita passagem. Harper, mais afastado no flanco direito, ordenou aos fuzileiros para abrirem fogo também, de modo que os dragões se viam atacados de ambos os lados. O fumaça da pólvora pairava por sobre a vinha.

— Fixar baionetas! — gritou Sharpe.

Uma dezena de dragões foi abatida e os que se encontravam por trás desses já estavam fugindo. Tinham pensado que se batiam contra um grupo de camponeses indisciplinados e, em vez disso, enfrentavam um número superior de verdadeiros soldados, o centro da sua improvisada frente tinha sido destruído, metade dos cavalos tinham sido abatidos e, agora, a infantaria surgia do meio da fumaça de baioneta calada. Os portugueses saltavam por cima dos mortos e dos dragões feridos. Um francês, ferido na coxa, virou-se com uma pistola na mão e Vicente desarmou-o com uma espadeirada, chutando depois a pistola para o riacho. Os dragões ilesos corriam para os cavalos e Sharpe ordenou aos fuzileiros para os afastarem a tiro, e não a baioneta.

— Façam-nos correr! — gritava ele. — Façam-nos entrar em pânico! Tenente! — chamou, procurando Vicente. — Leve seus homens para a aldeia! Cooper! Tongue! Slattery! Tornem esses sacanas inofensivos!

Sabia que tinha de manter os dragões fugindo, mas não podia deixar feridos atrás de si e, por isso, ordenara aos três homens para desarmarem os dragões feridos pela descarga de Vicente. Os portugueses já estavam na aldeia, abrindo as portas das casas e convergindo para a igreja, a qual ficava junto à ponte que atravessava o riacho.

Sharpe correu para a cerca onde estavam os cavalos, alguns mortos, outros morrendo e o restante assustados. Alguns dragões tinham conseguido soltar as montarias, mas o fogo dos fuzileiros tinham-nos feito fugir. Portanto, Sharpe tinha agora à disposição um certo número de cavalos.

— Dan! — chamou ele por Hagman. — Acabe com os cavalos feridos. Pendleton! Harris! Cresacre! Lá! — apontou aos três homens o muro da cerca, do lado oeste.

Os dragões haviam fugido por aquele lado e Sharpe pensava que eles tinham se refugiado num maciço de árvores a uns cem metros da cerca. O reduzido piquete não bastava para enfrentar

sequer um pequeno contra-ataque por parte dos franceses e Sharpe sabia que tinha de reforçá-lo bem depressa, mas, primeiro, queria certificar-se de que não havia dragões escondidos covardemente nas casas, nos jardins e nos pomares.

Barca de Avintes era uma pequena povoação, uma série de casas desgarradas, erguidas à beira da estrada que conduzia ao rio, onde se via um pequeno molhe que devia servir de ancoradouro à barça, mas alguma da fumaça que Sharpe enxergara antes provinha de um barco grande, com uma proa larga e uma dúzia de entalhes para remos. Fumegava na água, a parte superior queimada quase até à linha d'água, o fundo esburacado e alagado. Sharpe olhou para o barco inútil, olhou para o rio, que tinha ali mais de cem metros de largura, e depois praguejou.

Harper apareceu junto a ele, o rifle na mão.

— Meu Deus! — exclamou ele, o olhar fixo na barça. — Isto não serve para nada, nem para ninguém. E agora?

— Algum dos homens está ferido?

— Nenhum, Tenente, nem um arranhão. O mesmo com os portugueses, estão todos vivos. Portaram-se bem, não foi? — disse ele, tornando a olhar para o barco queimado. — Santo Deus, isto era a barça?

— Era a droga da barca de Noé — lançou Sharpe. — Que pensou que era?

Estava danado porque esperava utilizar a barça para atravessar o Douro com os seus homens e agora via-se ali enalhado. Afastou-se dali, mas depois virou-se, a tempo de ver que Harper lhe fazia uma careta.

— Já descobriu as tabernas? — perguntou ele, ignorando a careta de Harper.

— Ainda não, Tenente — respondeu Harper.

— Descubra-as e ponha-lhes guardas à porta, e mande uma dúzia de homens para o lado de lá da cerca.

— Sim, senhor.

Os franceses tinham colocado fogo em alguns casebres junto ao rio e Sharpe, agora, esquivava-se das nuvens de fumaça e abria as portas meio queimadas. Havia uma pilha de redes fumegando num dos casebres, mas em outro havia um bote pintado de preto, com uma elegante proa pontiaguda, curva como um anzol.

Tinham ateaado fogo ao casebre, mas as chamas não tinham atingido o bote e Sharpe já conseguira arrastá-lo meio para fora da porta, antes do tenente Vicente aparecer e ajudá-lo a puxar o barco para longe do fogo. Os outros casebres estavam todos em chamas, mas ao menos aquele bote estava salvo e Sharpe verificou que poderia levar uma meia-dúzia de homens, o que significava que iam levar o resto do dia para atravessar o rio. Sharpe ia pedir a Vicente para ver se encontrava remos, quando viu que o rosto do jovem estava pálido e tremendo, como se o tenente estivesse quase chorando.

— O que acontceu? — perguntou Sharpe.

Vicente não respondeu, apontando simplesmente para a aldeia.

— Os franceses andaram brincando com as senhoras, é isso? — perguntou Sharpe, dirigindo-se para as casas.

— Eu não chamaria de brincar — disse Vicente amargamente —, e temos, também, um prisioneiro.

— Só um?

— Há mais dois — disse Vicente, franzindo a testa —, mas este é um tenente. Estava sem as calças, foi isso que o impediu de fugir.

Sharpe não perguntou porque é que o dragão capturado estava sem calças. Ele sabia porquê

— O que você lhe fez?

— Ele tem de ser julgado — disse Vicente. Sharpe parou e olhou para o tenente.

— Ele tem de ser o quê? — perguntou, espantado. — Julgado?

— Claro.

— No meu país — disse Sharpe —, os violadores são enforcados.

— Sem um julgamento, não — protestou Vicente e Sharpe podia jurar que os soldados portugueses teriam querido matar o prisioneiro de imediato, mas que Vicente os tinha impedido, com a idéia ingênua de que era necessário um julgamento.

— Que merda— exclamou Sharpe —, você agora é um soldado, não a porcaria de um advogado. Esses casos não são julgados, apenas arrancamos-lhes os corações.

A maior parte dos habitantes de Barca de Avintes fugira dos dragões, mas alguns tinham ficado e estavam agora reunidos junto de uma das casas, guardados por meia-dúzia dos homens de Vicente. Um dragão morto, sem a camisa, a casaca, as botas e as calças, estava estendido de barriga no chão, em frente da igreja. Devia estar encostado à igreja quando fora atingido, pois deixara uma mancha de sangue nas pedras caiadas abaixo. Agora, um cão farejava-lhe os pés.

Os soldados e os aldeãos abriram caminho para deixarem Sharpe e Vicente entrar na casa onde o jovem oficial dragão, de cabelo louro, magro e de ar sombrio estava sob a guarda do sargento Macedo e de outro soldado português. O tenente conseguira vestir as calças, mas não tivera tempo de abotoá-las e

estava segurando-as pela cintura. Mal viu Sharpe, começou a falar em francês.

— Sabe falar francês? — perguntou Sharpe a Vicente.

— Claro que sei — disse Vicente.

Vicente, porém, refletiu Sharpe, queria conceder àquele francês louro um julgamento e Sharpe desconfiava que, se fosse Vicente a interrogar o prisioneiro, não ia obter dele a verdade, mas ouvir meras desculpas, por isso, foi até a porta e chamou por Harper, esperando até o sargento aparecer.

— Traga-me Tongue ou Harris — ordenou ele.

— Eu falo com o homem — protestou Vicente.

— Eu preciso de você para falar com outra pessoa — disse Sharpe. Dirigiu-se para o quarto dos fundos da casa, onde uma garota, que não teria mais de catorze anos, estava chorando. Tinha a cara toda vermelha, os olhos inchados e respirava aos soluços, entrecortados por gemidos roucos e lamentos de desespero. Estava envolta num lençol e tinha um hematoma na face esquerda. Uma mulher mais velha, toda vestida de preto, tentava consolar a menina, que começou a berrar mais alto quando viu Sharpe, fazendo-o sair do quarto, embaraçado.

— Tente saber dela o que aconteceu — disse ele a Vicente, voltando-se quando Harris chegou.

Harris e Tongue eram os dois homens cultos de Sharpe. Tongue vira-se condenado à tropa pela bebida, enquanto o alegre e ruivo Harris afirmava ser um voluntário em busca de aventura. Tinha encontrado bastante agora, pensou Sharpe.

— Este pedaço de merda — disse Sharpe a Harris, inclinando a cabeça para o francês — foi apanhado com as calças em volta dos tornozelos e com uma garotinha debaixo dele. Veja se descobre qual é a desculpa dele, antes de matarmos o sacana.

Saiu para a rua e bebeu uma grande golada do cantil. A água era morna e tinha gosto de mofo. Harper estava junto de um bebedouro de equinos, no meio da rua e Sharpe foi para junto dele.

— Tudo bem?

— Temos mais dois sapos ali — disse Harper, apontando com o polegar para a igreja atrás dele. — Vivos, quero dizer.

A porta da igreja estava guardada por quatro homens de Vicente.

— O que eles estão fazendo ali? — perguntou Sharpe. — Rezando?

O alto irlandês encolheu os ombros.

— Em busca de mulheres, eu acho.

— Não podemos levar esses sacanas conosco — disse Sharpe —, portanto, porque simplesmente não os liquidamos?

— Porque o tenente Vicente diz que não devemos fazer isso — disse Harper. — O tenente é muito esquisito a respeito dos prisioneiros. Ele é advogado, não é?

— É, sim, mas, para advogado, é um sujeito decente — admitiu Sharpe, contra vontade.

— Os melhores advogados estão abaixo de cães, é o que eles são — disse Harper —, e este não me deixa matar aqueles dois sacanas. Diz que estão apenas bêbados, o que é verdade. Estão mesmo bêbados. Com uma tosga de todo o tamanho.

— Não podemos fazer prisioneiros — disse Sharpe. Limpou o suor da testa e depois puxou de novo o quepi para a frente. A pala estava soltando-se, mas nada podia fazer quanto a isso. — Chame o Tongue — sugeriu — e veja se ele descobre alguma coisa a respeito desses dois. Se apenas se embebedaram com o vinho da

missa, leve-os para oeste, tirem-lhes tudo o que tiverem de valor e deixem-nos ir para onde vieram. Mas, se violaram alguém...

— Eu sei o que tenho que fazer, senhor — disse Harper, com ar severo.

— Então, faça!

Sharpe afastou-se de Harper e caminhou para o local onde o riacho se juntava ao rio. A pequena ponte de pedra conduzia à estrada que seguia para leste, através de uma vinha, passando pelo muro de um cemitério e, depois, rodeando um prado à beira do Douro. Era tudo terreno aberto e, se aparecessem mais franceses e tivesse de se retirar da aldeia, nesse caso não ousaria utilizar aquela estrada e esperava que Deus lhe desse tempo de fazer os homens atravessarem o Douro no bote. E este pensamento o fez voltar para trás, à procura de remos. Ou talvez conseguisse encontrar uma corda? Se conseguisse encontrar uma corda suficientemente comprida, poderia estendê-la sobre o rio e impelir o bote de uma margem à outra, o que tornaria a manobra mais rápida do que remando.

Estava pensando que talvez houvesse cordas de sino na pequena igreja que, amarradas, dessem para isso, quando Harris saiu da casa e se pôs a dizer que o nome do prisioneiro era tenente Olivier, do 18º de Dragões, e que o tenente, apesar de ter sido apanhado com as calças nos calcanhares, negava ter violado a garota.

— Ele diz que os oficiais franceses não fazem isso — disse Harris —, mas o tenente Vicente diz que a garota jura que ele o fez.

— Portanto, fez ou não fez? — perguntou Sharpe, irritado.

— Claro que fez, Tenente. Ele confessou, quando eu o surrei — disse Harris, com ar satisfeito —, mas insiste que ela também quis. Diz que a garota queria ser consolada, depois de um sargento a ter violado.

— Ser consolada! — disse Sharpe, sarcástico. — Ele foi o segundo, é isso?

— O quinto — disse Harris em tom neutro —, segundo diz a garota.

— Diabo sacana! — exclamou Sharpe. — Tenho vontade de dar-lhe uma grande carga de porrada e, depois, pendurá-lo pelo pescoço.

Sharpe voltou à casa onde os civis estavam invectivando o francês, o qual os observava com um ar de desdém que seria admirável num campo de batalha. Vicente estava protegendo o dragão e apelou a Sharpe para ajudá-lo a escoltar o tenente Olivier.

— Ele tem de ser submetido a julgamento — insistiu Vicente.

— Ele acabou de ser julgado — disse Sharpe — e foi considerado culpado. Portanto, eu agora vou dar-lhe uma surra e, depois, enforcá-lo.

Vicente parecia nervoso, mas não desistiu.

— Não podemos descer ao nível da barbárie deles — declarou ele.

— Eu não a violei — disse Sharpe —, não me coloque, ao nível deles.

— Nós lutamos por um mundo melhor — afirmou Vicente.

Por um momento, Sharpe apenas ficou de olhar fixo no jovem oficial português, não querendo acreditar no que ouvira.

— E se o deixássemos aqui?

— Não podemos fazer isso — disse Vicente, sabendo bem que os aldeãos iriam exercer uma vingança muito mais terrível do que o que Sharpe propunha.

— E eu não posso levar prisioneiros — insistiu Sharpe.

— Não podemos matar — Vicente estava todo ruborizado de indignação, enfrentar Sharpe, mas não desistia — nem podemos deixá-lo aqui. Isso é um assassinato.

— Oh, meu Deus! — exclamou Sharpe, exasperado.

O tenente Olivier não sabia inglês, mas parecia compreender que era a sua sorte que estava em causa e fixava os olhos ora em Sharpe ora em Vicente, como um falcão.

— E quem é que vai ser o juiz e formar o júri? — perguntou Sharpe, mas Vicente não chegou a responder, porque, naquele momento, ouviu-se um tiro de rifle, do lado oeste da aldeia, logo seguido por outro e, depois, por uma rajada de tiros.

Os franceses estavam de volta.

O tenente-coronel Christopher gostava de se ver com o uniforme dos Hussardos. Achava que lhe ficava bem e passou muito tempo admirando-se no espelho de pé, no amplo quarto da casa da fazenda, vírando-se de um lado e do outro e deliciando-se com a sensação de poder que o uniforme lhe causava. Chegou à conclusão de que isso provinha das botas com embutidos e do alto colarinho duro da casaca, o qual o forçava a manter-se ereto e com a cabeça para trás. E, também, do corte da casaca, tão justa que Christopher, magro e em forma como estava, ainda assim tinha de encolher a barriga, para apertar os colchetes ao longo da frente da casaca orlada a prata. O uniforme fazia-o sentir-se investido de autoridade, a elegância do conjunto acrescida pela peliça orlada a pele que lhe caía do ombro esquerdo e pela bainha do sabre, presa por uma corrente de prata, a qual tinha ao descer as escadas e ao passear no terraço, enquanto esperava pelo seu hóspede. Meteu uma apara de madeira na boca, obsessivamente remexendo entre os dentes, enquanto olhava para a distante coluna de fumaça que indicava

onde os edifícios estavam queimando, na cidade capturada. Muitos fugitivos tinham passado pela fazenda, pedindo comida. Luís conversara com eles e, depois, contara a Christopher que centenas, senão milhares de pessoas tinham morrido afogadas na ponte das barcas. Os refugiados afirmavam que os franceses tinham destruído a ponte à canhonada e Luís, o ódio ao inimigo inflamado pelo falso boato, mirava o patrão com uma expressão tão carrancuda que Christopher, por fim, perdeu a paciência.

— É apenas um uniforme, Luís! Não quer dizer que eu tenha mudado de lado!

— Mas é um uniforme francês — queixou-se Luís.

— Quer se ver livre dos franceses, não quer — atirou Christopher. Então, porte-se com respeito e esqueça este uniforme.

Christopher continuou a percorrer o terraço, palitando os dentes e observando constantemente a estrada que rodeava a montanha. O relógio da elegante sala da fazenda bateu as três horas e, mal o som da última badalada se desvaneceu, surgiu uma coluna de cavalaria ao longe. Eram dragões e vinham em força, para garantir que nem guerrilheiros nem tropas portuguesas fugitivas iriam causar problemas ao oficial que cavalgava ao encontro de Christopher.

Os dragões, todos do 18º Regimento, espalharam-se pelos campos junto da fazenda, onde um riacho proporcionava água para os cavalos. As jaquetas verde-rosadas dos cavaleiros estavam brancas da poeira. Alguns, ao verem Christopher no seu uniforme de hussardo francês, fizeram-lhe uma rápida continência, mas a maior parte ignorou-o, conduzindo os cavalos para o riacho, no momento em que o inglês se voltava para saudar o visitante.

O nome dele era Argenton, era capitão, pertencia ao estado-maior do 18º Regimento de Dragões e, pelo sorriso, era óbvio que conhecia e se dava bem com o coronel Christopher.

— O uniforme lhe cai bem — disse Argenton.

— Arranjei-o no Porto. Pertencia a um pobre prisioneiro que morreu de febre. Um alfaiate ajustou-o para mim.

— E fez isso muito bem — disse Argenton, aprovador. — Agora, só lhe faltam as *cadnettes*.

— As *cadnettes*?

— Sim, as patilhas — explicou Argenton, levando as mãos às têmporas, onde os hussardos deixavam crescer o cabelo, para se distinguirem como cavaleiros de elite. — Alguns homens ficam carecas e mandam pregar *cadnettes* falsas aos quepes.

— Não sei se vou deixar crescer as patilhas — disse Christopher, bem-humorado —, mas talvez encontre uma moça bonita, de cabelo preto, e que me deixe cortar um par de patilhas, quem sabe?

— Boa idéia disse Argenton.

Observou, com agrado, que a sua escolta postava sentinelas e, depois, agradeceu com um sorriso ao carrancudo Luís, que lhe servira, bem como a Christopher, um copo de vinho verde, um vinho branco dourado do vale do Douro. Argenton provou o vinho cautelosamente e ficou surpreso por ele ser delicioso. Era um homem delgado, com uma cara aberta e franca, o cabelo ruivo úmido do suor e vincado onde o capacete assentara. Sorria com facilidade, reflexo da sua natureza franca. Christopher menosprezava o francês, mas sabia que Argenton lhe seria útil.

Argenton bebeu todo o vinho do copo.

— Já ouviu falar dos afogados no Porto? — perguntou ele.

— O meu criado diz que vocês destruíram a ponte.

— Tinham de inventar isso, claro — disse Argenton, em tom amargo. — A ponte partiu-se sob o peso dos refugiados. Foi um

acidente. Um triste acidente, mas, se as pessoas tivessem permanecido em suas casas e recebido decentemente as nossas tropas, não se teria estabelecido aquele pânico na ponte e estariam todos vivos. Agora nos culpam, mas nós não tivemos nada a ver com aquilo. A ponte não era suficientemente forte e, vamos saber, quem é que a construiu? Foram os portugueses.

— Foi um triste acidente, como disse — disse Christopher —, mas, de qualquer modo, tenho de congratulá-lo pela tomada do Porto. Foi um notável feito de armas.

— Teria sido ainda mais notável — observou Argenton — se a resistência tivesse contado com soldados melhores.

— Creio que as suas baixas forão diminutas?

— Pouca coisa — disse Argenton, com ar indiferente —, mas um esquadrão do nosso regimento foi enviado para leste e perdeu alguns homens numa emboscada, junto ao rio. Uma emboscada — acrescentou ele, olhando acusadoramente para Christopher — em que alguns atiradores ingleses tomaram parte. Eu julgava que não havia tropas inglesas no Porto.

— E nem devia haver — disse Christopher —, pois ordenei-lhes que seguissem para o sul do rio.

— Então, desobedeceram-lhe — disse Argenton.

— Morreu algum dos fuzileiros? — perguntou Christopher, com a débil esperança de que Argenton lhe anunciasse a morte de Sharpe.

— Eu não estive lá. Estou sediado no Porto, para tratar dos alojamentos, das rações, das comunicações.

— Tarefas que, tenho certeza, desempenha à perfeição — disse Christopher, lisonjeiro.

Depois conduziu o hóspede para dentro de casa, onde Argenton admirou os azulejos em redor da lareira da sala de jantar

e o desprezioso candelabro de ferro forjado suspenso sobre a mesa. A refeição era muito simples, compondo-se de galinha com ervilhas, pão, queijo e um bom vinho caseiro, mas o capitão Argenton apreciou-a bastante.

— Temos comido rações reduzidas — explicou ele —, mas isso, agora, vai mudar. Encontramos muita comida no Porto e um armazém cheio até ao teto de boa pólvora inglesa e de projéteis.

— Também estavam com falta disso? — Perguntou Christopher.

— Não, temos bastante — disse Argenton —, mas a pólvora inglesa é melhor do que a nossa. Nós não dispomos de nenhuma fonte de salitre, a não ser o que raspamos das paredes das fossas.

Christopher fez uma careta, perante aquela declaração. O melhor salitre, um ingrediente essencial da pólvora, provinha da Índia e ele nunca havia imaginado que pudesse escassear na França.

— Presumo — disse ele — que tenha sido um presente dos ingleses aos portugueses.

— Que, agora, nos ofereceram — disse Argenton — para grande regozijo do marechal Sault.

— Está na hora — disse Christopher — de tornarmos o marechal infeliz.

— Na verdade — disse Argenton —, na verdade... — depois calando-se, porque tinham chegado ao objetivo do encontro.

Era um objetivo estranho, mas excitante. Os dois homens planejavam um motim. Ou uma rebelião. Ou um golpe contra o exército do marechal Sault. Fosse qual fosse a maneira de o designar, tratava-se de um conluio que podia pôr fim à guerra.

No seio do exército de Sault havia, explicava agora Argenton, muito descontentamento. Christopher já ouvira o seu hóspede

dizer-lhe isso, mas não interrompeu Argenton, enquanto ele repetia os argumentos que justificavam a sua deslealdade. Explicou que muitos oficiais, católicos devotos, se sentiam extremamente indignados com o comportamento do exército na Espanha e em Portugal. As igrejas tinham sido profanadas, as freiras violadas.

— Até os santos sacramentos foram maculados — disse Argenton, num tom horrorizado.

— É difícil de acreditar — disse Christopher.

Outros oficiais, poucos, opunham-se simplesmente a Bonaparte. Argenton era um monárquico católico, mas estava disposto a fazer causa comum com os homens que ainda simpatizavam com os jacobinos e que achavam que Bonaparte traíra a revolução.

— Não podemos confiar neles, claro — disse Argenton —, a longo prazo não, mas se juntarão a nós, na oposição à tirania de Bonaparte.

— Espero que sim — disse Christopher.

O Governo britânico sabia há muito tempo que existia uma corrente de oficiais franceses que se opunha a Bonaparte, os quais apelidavam a si mesmos de Filadélfios e Londres tinha, em tempos, enviado agentes seus em busca de contato com a sua suposta organização, mas chegara à conclusão de que os seus membros eram poucos, que os seus ideais eram vagos e que os seus aliados se encontravam muito divididos ideologicamente para serem bem-sucedidos.

Sem embargo, ali, no remoto Norte de Portugal, os vários opositores de Bonaparte haviam encontrado uma causa comum. Christopher ouvira falar pela primeira vez nessa causa ao conversar com um oficial francês, aprisionado na fronteira norte de Portugal. Estava em Braga, onde, sob a sua palavra de honra, gozava de uma certa liberdade, com a única restrição de não sair do

aquartelamento, para sua própria proteção. Christopher bebera com o infeliz oficial e ouvira-o contar a história de uma inquietação que se espalhava, a respeito da absurda ambição de um determinado homem.

Nicolas Jean de Dieu Soult, duque da Dalmácia, marechal de França e comandante-em-chefe do exército que, então, invadira Portugal, vira outros homens que serviam o imperador tornarem-se príncipes, e até reis, e achava que o seu ducado era fraca recompensa para uma carreira que suplantava quase todos os outros marechais do imperador. Soult era, então, militar havia vinte e quatro anos, general havia quinze e marechal havia cinco anos. Em Austerlitz, a maior vitória do imperador até então, Soult tinha se coberto, de glória, suplantando em muito o marechal Bernadotte, o qual, no entanto, era agora príncipe de Pontecorvo. Jérôme Bonaparte, o irmão mais novo do imperador, era um preguiçoso e extravagante valdevinos, contudo, era rei da Vestefália, enquanto o marechal Murat, um brigão e um fanfarrão, era rei de Nápoles. Luís Napoleão, outro dos irmãos do imperador, era rei da Holanda. Todos esses homens eram nulidades, enquanto ele, Soult, que tinha consciência do seu valor, não passava de um mero duque, e isso não era justo.

Agora, porém, o velho trono de Portugal estava sem monarca. A família real, receando a invasão francesa, fugira para o Brasil e Soult queria ocupar o lugar vago.

A princípio, o coronel Christopher não acreditara na história, mas o prisioneiro jurara que era verdadeira e, posteriormente, Christopher falara com outros prisioneiros capturados em escaramuças na fronteira norte e todos afirmavam ter ouvido essa mesma história. Não era segredo nenhum, diziam, que Soult tinha pretensões reais, mas o prisioneiro, sob palavra, dissera também a Christopher que as ambições do marechal irritavam muitos dos seus oficiais, aos quais não agradava a idéia de lutarem tão longe da pátria para colocar Nicolas Soult num trono vazio. Falava-se em motim e Christopher pensava na maneira de descobrir se a

conversa de motim era verdadeira, quando lhe aparecera o capitão Argenton.

Argenton, com muita ousadia, percorria o Norte de Portugal, vestido como civil, declarando ser um mercador de vinhos canadense. Se fosse apanhado, seria fuzilado como espião, pois Argenton não estava explorando o terreno à frente das tropas francesas, mas tentando descobrir se havia aristocratas portugueses dispostos a encorajar as ambições de Soult. Isto porque, para o marechal se declarar rei de Portugal ou, mais modestamente, rei da Lusitânia do Norte, tinha de estar convencido de que havia homens influentes em Portugal dispostos a apoiar a usurpação do trono vago. Argenton falara com esses homens e Christopher, para sua surpresa, veio a saber que havia muitos aristocratas, clérigos e professores no Norte de Portugal que detestavam a sua monarquia e que acreditavam que um rei estrangeiro, vindo da iluminada França, seria vantajoso para o País. Circulavam, pois, documentos, reunindo assinaturas para encorajar Soult a declarar-se rei.

E, quando isso acontecesse, prometia Argenton a Christopher, o exército se amotinaria. A guerra tinha de parar, dizia Argenton, senão tal incêndio consumiria a Europa inteira. Era uma loucura, dizia ele, uma loucura do imperador, o qual parecia determinado a conquistar o mundo inteiro.

— Ele julga-se Alexandre, o Grande — disse o francês, melancolicamente — e, se não pára, vai destruir a França. Contra quem vamos lutar? Contra todos os povos? Contra a Áustria, a Prússia, a Inglaterra, a Espanha, Portugal, a Rússia?

— A Rússia nunca — disse Christopher —, nem mesmo Bonaparte é assim tão louco!

— Ele é louco, — insistiu Argenton —, e a França tem de se livrar dele. — E o início do processo seria, acreditava ele, o motim que decerto rebentaria quando Soult se declarasse rei.

— O exército está descontente — acedeu Christopher —, mas o seguirão num motim?

— Não serei eu a chefiá-lo — disse Argenton —, mas há homens que o farão. E esses homens querem fazer o exército regressar a França e isso, garanto-lhe, é o que a maior parte dos soldados deseja. Eles apoiarão o motim.

— Quem são esses chefes? — perguntou Christopher de imediato. Argenton hesitou. Um motim era um empreendimento perigoso e, se a identidade dos chefes se tornasse conhecida, haveria uma orgia de fuzilamentos.

Christopher viu a hesitação dele.

— Se queremos convencer as autoridades inglesas de que os seus planos merecem crédito — disse ele —, então, temos de lhes dar nomes. Temos mesmo. E você, meu amigo, tem de confiar em mim — disse Christopher, colocando uma mão no coração. — juro-lhe, pela minha honra, que nunca atraíçoarei esses nomes. Nunca!

Argenton, confiante, indicou o nome dos homens que estariam à cabeça da rebelião contra Soult. Era o coronel Lafitte, comandante do seu próprio regimento, e o irmão do coronel, os quais contavam com o apoio do coronel Donadieu, comandante do 47º Regimento de Infantaria.

— Eles são muito respeitados — disse Argenton, convictamente — e os homens vão segui-los.

Deu mais nomes que Christopher anotou no seu bloco, notando, porém, que nenhum deles era acima da patente de coronel.

— É uma lista impressionante — mentiu Christopher, sorrindo depois. — Agora dê-me outro nome. Diga-me quem, no seu exército, é o mais perigoso opositor.

— O nosso mais perigoso opositor...? — Argenton ficara confuso com a pergunta.

— Além do marechal Soult, claro — continuou Christopher. — Eu quero saber quem nós devemos vigiar, ou talvez, como devo dizer, neutralizar.

— Ah! — Argenton, agora, compreendera e pensou durante uns momentos. — Possivelmente, o brigadeiro Vuillard — disse ele.

— Nunca ouvi falar dele.

— É um bonapartista por dentro e por fora — disse Argenton, com uma expressão de desagrado.

— Soletre-me o nome dele, por favor — pediu Christopher, anotando-o depois: Brigadeiro Henri Vuillard. — Presumo que não sabe nada dos seus planos, não é?

— Claro que não! — disse Argenton. — Mas os nossos planos, coronel, só podem funcionar com o apoio britânico. O general Cradock é receptivo, não é?

— Cradock é muito receptivo — disse Christopher confiante. Tinha relatado as conversas anteriores ao general, o qual vira no anunciado motim uma alternativa para combater os franceses, encorajando, por isso, Christopher a prosseguir.

— Porém — acrescentou Christopher —, correm rumores de que vai em breve ser substituído.

— E quem vai substituí-lo? — inquiriu Argenton.

— Wellesley — disse Christopher, em tom neutro. — *Sir* Arthur Wellesley.

— E é um bom general?

Christopher encolheu os ombros.

— É um homem bem relacionado. É o filho mais novo de um conde. Estudou em Eton, é claro. Não o consideraram suficientemente inteligente para mais nada a não ser a carreira militar, mas muita gente acha que ele se portou muito bem o ano passado, em Lisboa.

— Contra Laborde e Junot! — disse Argenton, cáustico.

— E somou alguns êxitos na Índia, antes disso — acrescentou Christopher, como aviso.

— Oh, na Índia! — disse Argenton, sorrindo. — As reputações granjeadas na Índia raramente aguentam uma rajada na Europa. Mas esse Wellesley desejará bater-se com Soult?

Christopher considerou a pergunta.

— Eu acho — disse por fim — que ele prefere não ser derrotado. Penso — continuou ele — que, se tiver conhecimento da intensidade dos seus sentimentos, irá cooperar.

Christopher não estava nada seguro do que afirmava. Na verdade, tinha ouvido dizer que o general Wellesley era um homem frio, nada receptivo a um tipo de empreendimento que, para ser bem-sucedido, dependia de tantos pressupostos. Christopher, porém, tinha outras coisas em vista em toda aquela trama. Duvidava que o motim viesse a acontecer e nada lhe importava o que Cradock ou Wellesley pensassem a esse respeito. Sabia que podia tirar grandes vantagens do fato de ter conhecimento de tudo aquilo e, no momento, convinha-lhe que Argenton o encarasse como um aliado.

— Diga-me — disse ele para o francês —, o que desejam exatamente de nós?

— A sua influência — disse Argenton. — Queremos que os ingleses convençam os portugueses a aceitarem Soult como rei.

— Eu acreditava que já dispunham de apoio suficiente — disse Christopher.

— Eu encontrei muito apoio — confirmou Argenton —, mas muitos não o declaram, com medo da vingança do povo. Porém, se os ingleses os encorajassem eles encontrariam coragem. Eles nem sequer têm de declarar o seu apoio publicamente, basta que escrevam cartas a Soult. Depois, temos os intelectuais — o olhar cáustico de Argenton ao pronunciar a última palavra azedaria o leite —, a maior parte dos quais apoiará qualquer Governo que não o deles, mas eles também precisam ser encorajados, para terem a ousadia de expressar o seu apoio a Soult.

— Tenho certeza que teremos muito prazer em proporcionar esse encorajamento.

Ele não tinha, de modo nenhum, essa certeza.

— Nós precisamos ter a garantia — disse Argenton, em tom firme — de que, se chefiarmos uma rebelião, os ingleses não se aproveitem da situação, atacando-nos. Preciso da palavra do seu general acerca disso.

Christopher concordou, inclinando a cabeça.

— Sim, e eu acho que ele não se escusará a isso. Porém, antes de se comprometer com essa promessa, vai querer ajuizar ele próprio a sua possibilidade de êxito e, isso, caro amigo, significa que ele vai querer ouvi-lo, diretamente. — Christopher pegou uma garrafa de vinho, fazendo uma pausa, antes de encher os copos. — E acho que você precisa ouvir a garantia pessoal dele diretamente. Acho que deve seguir para o sul, ao encontro dele.

Argenton pareceu ficar surpreso com a sugestão, mas, depois de refletir alguns momentos, aquiesceu com a cabeça.

— Arranje-me um salvo-conduto que me permita atravessar as linhas inglesas em segurança?

— Farei melhor do que isso, meu amigo. Irei com você, desde que me arranje um salvo-conduto para atravessar as linhas francesas.

— Então, iremos os dois! — disse Argenton, todo satisfeito. — O meu Coronel vai dar-me autorização, pois sabe o que estamos fazendo. Mas quando? Tem de ser em breve, não acha? Amanhã?

— Depois de amanhã — disse Christopher em tom firme. — Tenho um compromisso amanhã, a que não posso me esquivar, mas, se nos encontrarmos amanhã à tarde em Vila Real de Zedes, podemos iniciar a viagem no dia seguinte. Está de acordo?

Argenton fez que sim.

— Tem de me explicar como se chega a Vila Real de Zedes.

— Eu dou-lhe todas as indicações — disse Christopher, erguendo depois o copo —, mas, agora, bebamos ao êxito do nosso empreendimento.

— Ámem a isso — disse Argenton, erguendo o copo para o brinde. O coronel Christopher sorriu, pois estava estabelecendo as regras.

CAPÍTULO III

Sharpe correu pelo campo onde jaziam os cavalos mortos as moscas rastejando pelas narinas e pelas órbitas. Tropeçou num dos grampos metálicos e, ao tombar para a frente, uma bala de carabina passou perto dele, o som sugerindo que se tratava de uma bala perdida, mas mesmo uma bala perdida podia matar um homem. Os seus atiradores estavam disparando no fundo do campo, o fumaça dos rifles Baker adensando-se junto ao muro. Sharpe atirou-se ao chão, ao lado de Hagman

— O que aconteceu, Dan?

— Os dragões estão de volta, senhor — disse Hagman, lacônico e há também alguma infantaria.

— Tem certeza?

— Já matei um deles — disse Hagman — e dois casacas-verdes, até agora.

Sharpe limpou o suor do rosto e arrastou-se ao longo do muro, para um lugar onde a fumaça era menos espessa. Os dragões tinham desmontado e estavam disparando da beira de um bosque, a cerca de uns oitenta metros de distância. Era muito longe para o alcance das carabinas deles, pensou Sharpe, mas, depois, viu alguns uniformes azuis na estrada que se metia por entre as árvores e verificou que a infantaria se preparava para um ataque. Houve um estalido estranho perto dele que não conseguiu situar, mas parecia não constituir uma ameaça e Sharpe ignorou-o.

— Pendleton!

— Senhor?

— Vai chamar o tenente Vicente. Ele está na aldeia. Diga-lhe para tirar os homens da passagem e seguir para o norte. — Sharpe apontou para o caminho no meio das videiras, por onde tinham entrado em Barca de Avintes e onde ainda se encontravam os dragões mortos no primeiro embate. — E diga-lhe que se mexa. Mas seja bem-educado.

Pendleton, um ratoneiro de Bristol e o mais jovem dos homens de Sharpe, ficou surpreso.

— Bem-educado, Tenente?

— Sim, trate-o por senhor e faça-lhe continência, mas seja rápido!

Droga, pensou Sharpe. Não ia poder atravessar o Douro naquele dia, puxando o barco para a frente e para trás, não podia ir reunir-se ao capitão Hogan e ao exército. Em vez disso, tinham de tentar escapar para o norte e tinham de fazer isso depressa.

— Sargento! — Olhava para a esquerda e para a direita, através das manchas nebulosas do fumaça dos rifles, ao longo do muro. — Harper!

— Estou aqui, tenente! — Harper apareceu correndo por trás dele.

— Estive tratando daqueles dois sapos, na igreja.

— Logo que os portugueses estejam todos na vinha, vamos sair daqui. Temos homens na aldeia?

— O Harris, tenente, e Pendleton, é claro.

— Mande alguém dizer-lhes para saírem dali. — Sharpe ergueu o rifle por cima do muro e disparou um tiro para a infantaria que estava se reunindo na estrada, junto às árvores. — E, Pat, o que é que fez com os dois sapos?

— Eles tinham roubado a caixinha das esmolas — disse Harper — de modo que despachei-os.

Harper afagou a bainha da espada. Sharpe sorriu.

— E, se tiver chance, faça o mesmo com o sacana daquele oficial francês.

— Com muito prazer, senhor — disse Harper, correndo depois através do cercado.

Sharpe recarregou a arma. Os franceses, pensou ele, estavam sendo muito cautelosos. Já deviam ter atacado, mas deviam pensar que havia em Barca de Avintes uma força muito maior do que as duas meias companhias encahadas, além de que o fogo dos rifles devia ser desconcertante para os dragões, já que não estavam habituados a semelhante precisão. Havia corpos estendidos na erva à beira do bosque, sinal de que os dragões franceses tinham tomado conhecimento do que era um rifle Baker da pior maneira. Os franceses não usavam rifles. Sabiam que as estrias no interior do cano da arma imprimiam maior precisão ao tiro, mas que, em contrapartida, tornavam o recarregamento mais lento e, por isso, os franceses, como muitos batalhões ingleses, preferiam os mosquetes, mais rápidos de carregar, mas muito menos precisos. Um homem podia estar a cinquenta metros de um mosquete e tinha grande possibilidade de escapar, mas estar a oitenta metros de um rifle Baker, nas mãos de um bom atirador, era uma sentença de morte. Por isso, os dragões tinham se retirado para o interior do bosque.

Havia também infantaria no bosque, mas o que os sacanas estariam fazendo? Sharpe encostou o rifle recarregado e sacou do óculo, o belo instrumento produzido por Matthew Berge, de Londres, e que fora uma oferta de *Sir* Arthur Wellesley, quando Sharpe salvara a vida do general, no Assan. Apoiou o óculo no alto musgoso do muro e apontou-o à companhia de infantaria francesa, bem metida no meio das árvores, mas Sharpe conseguiu ver que tinha formado em três filas. Procurou distinguir algum indício de que

estivessem prestes a avançar, mas os homens estavam à vontade, coronhas dos mosquetes no chão, e nem sequer tinham fixado baionetas. Limpou muito bem o óculo, de repente receando que os franceses lhe cortassem a retirada, infiltrando-se nos vinhedos, mas não viu nada de preocupante. Tornou a olhar para as árvores e avistou um raio de luz, um círculo branco bem distinto, e percebeu que havia um oficial ajoelhado na sombra das árvores observando a aldeia por um óculo. O homem tentava, sem dúvida, avaliar quantos inimigos se encontravam em Barca de Avintes e como atacá-los. Sharpe guardou o seu óculo, pegou o rifle e apoiou-o no alto do muro. Atenção agora, pensou ele, muita atenção. Mate aquele oficial e atrase o ataque, porque aquele oficial é o homem que decide. Sharpe, então, armou o cão, inclinou a cabeça de modo a que o olho direito enxergasse o alvo, encontrou a mancha de sombra que o uniforme azul do francês constituía e ergueu a mira, uma lâmina de metal que levava o cano a cobrir o alvo, permitindo, assim, que a bala o atingisse. Havia pouco vento, não iria desviar a bala. Soou o estalejar de outros rifles. Uma gota de suor tremeu no olho esquerdo de Sharpe, quando ele puxou o gatilho e a coronha do rifle lhe empurrou o ombro. O bafo de fumaça ardente da caçoleta fez-lhe doer o olho direito e os salpicos de pólvora queimada picaram-lhe a cara, a nuvem de fumaça que saía do cano pairando em frente do muro e escondendo-lhe o alvo. Sharpe voltou-se de lado e viu os soldados do tenente Vicente metendo-se na vinha, acompanhados por uma trintena de civis. Harper voltava através do terreno cercado. O estalido estranho era agora mais intenso e Sharpe percebeu— que era o som de balas de carabina batendo no outro lado do muro de pedra.

— Já não temos ninguém na aldeia, senhor — disse Harper.

— Então, vamos embora — disse Sharpe, admirado pelo inimigo ser tão lento, dando-lhe tempo para retirar sua força.

Mandou Harper juntar-se a Vicente, com a maior parte dos fuzileiros, os quais levaram com eles uma dúzia de cavalos franceses, pois cada cavalo valeria uma fortuna, se conseguissem

reagrupar-se ao exército. Sharpe ficou com Hagman e mais seis homens, espalhados ao longo do muro, disparando tão rápido quanto recarregavam os rifles. Isso significava que não embrulhavam as balas nos pedaços de couro que as apertavam no cano, simplesmente as enfiando pelo cano abaixo, porque a Sharpe agora não interessava a precisão, ele queria que os franceses vissem um espesso fluir de fumaça e ouvissem os tiros, para que não percebessem que o inimigo se retirava.

Sharpe apertou o gatilho e a pederneira desfez-se em pedaços, por isso, pôs o rifle a tiracolo e saiu do meio da fumaça. Vendo que Vicente e Harper já estavam na vinha, gritou para os homens recuarem através da cerca. Hagman parou, para um último disparo, e depois pôs-se a correr, com Sharpe atrás, o último homem a partir. Sharpe nem queria acreditar como tinha sido fácil escapar, como os franceses tinham sido tão estúpidos e, nesse preciso momento, Hagman foi ao chão.

A princípio, Sharpe pensou que Hagman tinha tropeçado num dos grampos de ferro a que os dragões prendiam os cavalos, mas, depois, viu que havia sangue na erva e que Hagman largara o rifle, fechando e abrindo lentamente a mão direita.

— Dan! — exclamou Sharpe, ajoelhando-se junto dele e vendo uma pequena ferida no alto da omoplata esquerda de Hagman. Uma infeliz bala de carabina que furara através da fumaça e encontrara o alvo.

— Vá embora, senhor — disse Hagman com voz rouca. — Eu estou feito.

— Não está feito — disse Sharpe.

Sharpe voltou Hagman para cima e verificou que não havia nenhuma ferida na parte da frente, portanto a bala estava em algum lugar lá dentro. Hagman, então, tossiu e cuspiu uma espuma de sangue. Sharpe ouviu Harper gritando-lhe.

— Os malditos vêm aí, tenente!

Apenas um minuto antes, pensou Sharpe, estava congratulando-se por ter sido tão fácil escapar e, agora, tudo ruía. Pegou o rifle de Hagman, colocou-o ao lado do seu e ergueu do chão o velho caçador, que soltou um ofego, um gemido e se pôs a abanar a cabeça.

— Largue-me, tenente.

— Não vou deixá-lo, Dan.

— Isto dói, senhor, isto dói — gemia Hagman.

Tinha um esgar de morte no rosto, uma gota de sangue saía-lhe da boca e, de repente, Harper surgiu ao lado de Sharpe e tirou-lhe Hagman dos braços.

— Deixem-me aqui — disse Hagman mansamente.

— Leve-o, Pat! — disse Sharpe.

E, então, soaram tiros de rifles vindos da vinha, os mosquetes estrepitavam atrás dele e o ar assobiava com as balas, com Sharpe empurrando Harper para frente. Sharpe seguia caminhando de costas, observando os uniformes azuis dos franceses surgindo do nevoeiro de fumaça provocado pelas suas desordenadas descargas.

— Venha, tenente — gritou Harper, informando a Sharpe que já tinha Hagman no frágil abrigo da vinha.

— Leve-o para o norte — disse-lhe Sharpe, quando chegou à vinha.

— Ele está sofrendo muito, senhor.

— Leve-o! Leve-o daqui!

Sharpe observou os franceses. Três companhias de infantaria tinham atacado o prado, mas nada faziam para perseguir Sharpe. Deviam ter visto a coluna de soldados portugueses e ingleses

introduzindo-se na vinha, acompanhados pelos cavalos capturados e por uma turma de aldeãos receosos, mas não os perseguiram. Parecia que lhes interessava mais Barca de Avintes do que matar os homens de Sharpe. Mesmo quando Sharpe se instalou em um outeiro a cerca de um quilômetro a norte da aldeia e se pôs a observar os franceses com o óculo, nem mesmo então se aproximaram dele para escorraçá-lo. Podiam fazer isso facilmente com os dragões, mas, em vez disso, partiram à machadada o bote que Sharpe havia recuperado e atearam-lhe fogo.

— Eles estão fechando o rio — disse Sharpe para Vicente.

— Fechando o rio? — Vicente não compreendera.

— Estão fazendo com que só eles disponham de barcos. Eles querem evitar que tropas britânicas ou portuguesas atravessem o rio, para atacá-los pela retaguarda. O que quer dizer que vai ser muito difícil passar para o outro lado. — Sharpe voltou-se quando Harper se aproximou e viu que as mãos do irlandês estavam cheias de sangue. — Como ele está?

Harper abanou a cabeça.

— Ele está muito mau, senhor — disse ele, sombrio. — Acho que a bala está alojada num pulmão. Está tossindo sangue, quando consegue tossir. Pobre Dan.

— Eu não vou deixá-lo aqui — disse Sharpe obstinadamente.

Sabia que já deixara Tarrant para trás e que homens como Williamson, amigos de Tarrant, iam se ressentir por Sharpe não fazer o mesmo com Hagman, mas Tarrant era um bêbado e um encrenqueiro, enquanto Dan Hagman era valioso. Era o homem mais velho entre os fuzileiros de Sharpe e detinha uma soma de bom senso que o tornavam um conselheiro seguro. Além disso, Sharpe gostava do velho caçador.

— Façam uma padiola, Pat — disse ele —, e carreguem-no. — Fizeram uma padiola com as casacas, enfiando as mangas em dois

ramos de freixo e, enquanto a faziam, Sharpe e Vicente observavam os franceses, discutindo a maneira de escaparem deles.

— O melhor que temos a fazer — dizia o tenente português — é caminhar para leste, para Amarante. — Alisou a terra do chão com o pé e desenhou um mapa tosco com um pau. — Isto é o rio Douro — disse ele — e aqui é o Porto. Nós estamos aqui — apontou com o pau um ponto do rio muito perto do Porto — e a ponte mais próxima fica em Amarante — acrescentou, fazendo no chão uma cruz nitidamente para leste. — Podemos chegar lá amanhã ou depois de amanhã.

— E eles também — disse Sharpe sombriamente, apontando para a aldeia. Acabava, justamente, de aparecer uma peça de artilharia no meio das árvores onde os franceses tinham esperado tanto tempo para atacarem os homens de Sharpe. O canhão era puxado por seis cavalos, três deles montados por artilheiros nos seus uniformes azuis. A peça em si, de doze libras, estava montada no armão, o qual consistia num rodado de duas rodas que servia de câmara e de eixo para a cauda do canhão. Por trás da peça, via-se outra equipagem de quatro cavalos, estes puxando um armão de quatro rodas, transportando as munições, meia-dúzia de artilheiros e um caixotão com um rodado sobressalente. Mesmo a cerca de um quilômetro de distância, Sharpe conseguia ouvir o tinir das correntes e o som cavo dos rodados. Observava tudo aquilo em silêncio, quando viu surgir um obus, depois mais outra peça de doze libras e, depois disso, uma tropa de hussardos.

— Acha que eles vêm para cá? — perguntou Vicente, alarmado.

— Não — disse Sharpe. — Eles não estão interessados em fugitivos. Eles vão para Amarante.

— Aquela não é a melhor estrada para Amarante. De fato, aquela não vai para lugar nenhum. Eles têm de desviar para norte, para a estrada principal.

— Eles ainda não sabem isso — considerou Sharpe — e tomam a primeira estrada que segue para leste.

No meio das árvores surgia, agora, a infantaria e, depois, outra bateria de artilharia. Sharpe estava vendo um pequeno exército dirigindo-se para leste e só podia haver uma razão para mandar tantos homens e tantas peças para leste: capturar Amarante e, assim, proteger o flanco esquerdo francês.

— Amarante — disse Sharpe —, é para lá que os sacanas vão.

— Então, nós não podemos ir para lá — disse Vicente, riscando no chão outra estrada a norte deles. — Esta é a estrada principal — disse Vicente —, mas os franceses também já devem estar lá. Tem mesmo de ir a Amarante?

— Eu tenho de atravessar o rio — disse Sharpe — e lá há uma ponte, lá há tropas portuguesas e, lá porque os malditos Sapos vão para lá, não quer dizer que capturem a ponte. — E se o fizerem, pensou ele, então seguiriam mais para norte, até encontrarem um ponto de travessia, seguindo depois, pela margem do outro lado do Tâmega, para o sul, até encontrarem uma região do Douro desguarnecida de franceses. — Portanto, como é que chegamos a Amarante, se não formos pela estrada? Não podemos ir cortando mato?

Vicente fez que sim com a cabeça.

— Seguimos para o norte até uma aldeia que fica aqui — disse ele, apontando para um espaço vazio no seu mapa — e, depois, viramos para leste. A aldeia fica no sopé das montanhas, no começo do... como é que vocês dizem? Do descampado. Nós costumávamos ir lá.

— Nós quem? — perguntou Sharpe. — Os poetas e os filósofos?

— Sim — disse Vicente. — Costumávamos passear por ali, passávamos a noite na taberna e regressávamos no dia seguinte.

Duvido que os franceses estejam lá. Não fica na estrada de Amarante. É uma aldeia muito isolada.

— Então, vamos para essa aldeia à beira do descampado — disse Sharpe. — Como ela se chama?

— Vila Real de Zedes — disse Vicente. — Chama-se assim porque, em tempos, as vinhas de lá pertenciam ao rei, mas isso foi há muito tempo. Agora pertencem à...

— Vila Real de quê? — perguntou Sharpe.

— De Zedes — disse Vicente, admirado com o tom de Sharpe e ainda mais admirado ficou com o sorriso no rosto dele. — Conhece o lugar?

— Não, não conheço — respondeu Sharpe —, mas há uma garota que eu quero encontrar lá.

— Uma garota! — havia um tom de censura na expressão de Vicente.

— Uma garota de dezenove anos — disse Sharpe — e, acredite ou não, é uma missão. — Voltou-se para ver se a padiola estava terminada e, de repente, ficou com um ar danado. — Que diabo ele está fazendo aqui — perguntou, o olhar fixo no tenente francês, o qual observava Harper estender cuidadosamente Hagman na padiola.

— Ele vai ser julgado — disse Vicente teimosamente —, por isso está aqui sob prisão e sob a minha proteção pessoal.

— Merda! — explodiu Sharpe.

— É uma questão de princípios — insistiu Vicente.

— Princípios! — exclamou Sharpe. — É uma questão de grande estupidez, de grande estupidez de advogado! Estamos metidos numa droga de uma guerra, não num tribunal de uma cidade da Inglaterra. — Sharpe viu a confusão de Vicente. — Está

bem, que se dane — rosnou ele. — Quanto tempo levaremos para chegar a Vila Real de Zedes?

— Devemos chegar amanhã de manhã — disse Vicente, frio, olhando, depois, para Hagman —, desde que ele não nos atrase demais.

— Estaremos lá amanhã de manhã — afirmou Sharpe.

E, depois, pensou ele, resgataria Miss Savage, ficaria sabendo porque havia fugido e, depois disso, que Deus o perdoasse, mataria o sacana do tenente francês, com ou sem advogado.

A casa de campo dos Savage, a que chamavam de Quinta de Zedes, não ficava propriamente em Vila Real de Zedes, mas no alto de uma montanha, ao sul da aldeia. Era uma bela casa, com as paredes caiadas orladas com alvenaria, salientando as linhas elegantes de um pequeno solar, à frente do qual se estendiam os, em tempos, vinhedos reais. As persianas eram azuis e as altas janelas do térreo estavam decoradas com vitrais, representando o brasão da família a que, outrora, pertencera a Quinta de Zedes. Mister Savage havia comprado o solar juntamente com a vinha e, como a casa tinha um grande pé-direito, um grosso telhado e estava rodeada de árvores de onde pendiam glicínias, era agradavelmente fresca no Verão, daí que a família Savage para ali se mudasse no mês de junho, só regressando em Outubro à *House Beautiful*, no alto da colina do Porto. Depois, Mister Savage morrera de uma congestão e a casa ficara desabitada desde então, salvo a permanência de meia-dúzia de criados, que viviam nos fundos e cultivavam uma pequena horta, todos os domingos percorrendo o sinuoso caminho para a aldeia, para assistirem à missa. Havia uma capela na Quinta de Zedes e, nos velhos tempos, quando os detentores do brasão viviam nos amplos quartos frios, os criados podiam assistir à missa na capela da família, mas *Mister Savage* era

um protestante ferrenho e mandara retirar o altar, remover os santos e cair as paredes da capela, a qual passou a servir de despensa.

Os criados haviam ficado surpresos quando *Miss* Kate aparecera sozinha, mas receberam-na com todo o respeito e entregaram-se à tarefa de tornar confortáveis os amplos compartimentos. Retiraram da mobília os lençóis que a protegiam do pó, os morcegos foram escorraçados das traves e abriram as persianas pintadas de azul-pálido para deixarem entrar o sol primaveril. Acenderam as lareiras para secar a resistente umidade do Inverno, embora no fim de tarde do dia da sua chegada Kate não tivesse se instalado junto de uma lareira, antes permanecendo na varanda por cima do pórtico da entrada, olhando para o caminho ladeado pelas glicínias que pendiam dos cedros. As sombras da tarde estendiam-se, mas não surgiu ninguém.

Nessa noite, Kate teve muita dificuldade em adormecer, mas, na manhã seguinte, recuperara toda a energia, pondo-se a varrer, perante os vivos protestos da criadagem, o átrio de entrada, um espaço glorioso de mármore branco e preto, em xadrez, com uma escada de mármore curva para o andar de cima. Depois, insistiu em limpar o pó da lareira da grande sala de visitas, a qual era decorada com azulejos representando a Batalha de Aljubarrota, em que D. João I humilhara os castelhanos. Mandou arejar um segundo quarto, a cama feita e a lareira acesa e, depois, voltou a instalar-se na varanda por cima do pórtico olhando para o caminho, até que, ao soar o meio-dia no sino de Vila Real de Zedes, viu surgir por entre os cedros dois cavaleiros, o coração estalando de alegria. O cavaleiro da frente era um homem alto, de costas eretas, extremamente elegante, mas, ao mesmo tempo, envolto num ar de tragédia, pois a sua mulher tinha morrido ao dar à luz um bebê, o qual também morrera, e, ao pensar na dor que aquele belo homem devia ter sentido, as lágrimas assomaram aos olhos de Kate. Porém, o homem, então, ergueu-se nos estribos e acenou-lhe e

Kate sentiu a felicidade voltar-lhe, correndo escadas abaixo para saudar o seu amor à entrada da casa.

Christopher desmontou. Luís, o criado, montava o segundo cavalo, transportando a mala cheia da roupa de Kate que Christopher retirara da *House Beautiful*, quando a mãe dela partira. Christopher atirou as rédeas a Luís, correu para a casa, galgou os degraus da entrada e tomou Kate nos braços. Beijou-a, passou-lhe a mão pela nuca e pelo pescoço e sentiu-a estremecer.

— Não consegui vir ontem à noite, meu amor — disse ele. — O dever não me permitiu.

— Eu sabia que era uma questão de dever — disse Kate, o rosto radiante ao olhar para ele.

— Nada mais poderia me afastar de você, nada no mundo — disse Christopher, inclinando-se para lhe beijar a testa, recuando depois um passo para olhar para seu rosto, sempre segurando-lhe as mãos. Ela era, pensou ele, a mais bela moça da criação e encantadoramente modesta, pois ficara ruborizada e pusera-se a rir de embaraço, quando ele a fixara. — Kate, Kate — disse ele, em tom de lamúria —, vou passar o resto da minha vida olhando para você.

Kate tinha cabelo preto e usava-o puxado para trás a partir da testa, mas com dois grandes caracóis caindo onde os hussardos franceses usavam as suas *cadnettes*. Tinha uma boca cheia, o nariz pequeno e olhos que eram comovedoramente sérios num momento e brilhantes e divertidos no momento seguinte. Tinha dezenove anos, pernas finas, elegantes, era cheia de vida, de confiança e, então, cheia de amor pelo seu belo homem, o qual envergava um casaco preto liso, calças de montar brancas e tricórnio, de onde pendiam duas borlas douradas.

— Falou com a minha mãe? — perguntou ela.

— Deixei-a com a promessa de que viria procurá-la.

Kate estava com ar de culpa.

— Eu devia ter-lhe dito...

— A sua mãe quereria vê-la casada com um homem de posses, em segurança, na Inglaterra — disse Christopher —, e não com um aventureiro como eu. Contudo, a verdadeira razão que levaria a mãe de Kate a opor-se ao casamento da filha com Christopher era que ela própria esperava se casar com ele. Entretanto, porém, o coronel tomara conhecimento das disposições testamentárias de *Mister Savage* e desviara as atenções para a filha.

— Não serviria de nada pedir a bênção dela — continuou ele — e se lhe tivesse contado o que planejámos ela certamente teria se oposto a nós.

— Talvez não — sugeriu Kate timidamente.

— Mas, assim — disse Christopher —, é-nos indiferente a desaprovação da sua mãe e, quando ela vier a saber que nos casamos, estou convencido que me aceitará.

— Casarmos?

— Claro — disse Christopher. — Acha que eu não me preocupo com a sua honra? — exclamou ele, rindo perante a expressão tímida no rosto dela. — Há um padre na aldeia — continuou ele — que, estou certo, se disporá a nos casar.

— Mas eu não estou... — começou Kate, depois passando a mão pelo cabelo e pelo vestido e ficando ainda mais ruborizada.

— Você está muito bem — disse Christopher, prevendo o protesto dela — está encantadoramente linda.

Kate corou ainda mais e passou a mão pela gola do vestido que escolhera cuidadosamente, entre a roupa de Verão guardada na Quinta. Era um vestido inglês de linho, bordado com jacintos

entrelaçados com folhas de acanto, e que ela sabia que lhe ficava bem.

— Acha que a minha mãe vai me perdoar? — perguntou ela.

Christopher duvidava muito.

— Claro que sim — prometeu ele. — já assisti a situações semelhantes. A sua querida mãe só deseja o seu bem e, quando me conhecer melhor, vai reconhecer que eu vou cuidar de você como nenhum outro.

— Tenho certeza que sim, que ela vai reconhecer isso — disse Kate, convicta.

Nunca entendera bem porque o coronel Christopher tinha tanta certeza de que a mãe não o aceitaria de bom grado. Ele dizia que era por ele ser vinte e um anos mais velho do que Kate, mas parecia muito menos e ela tinha certeza de que ele a amava. Homens casados com mulheres muito mais jovens era coisa comum, por isso Kate achava que a mãe não iria se opor por uma questão de idades, mas Christopher dizia, também, que era um homem relativamente pobre e que isso, dizia ele, iria, decerto, indignar a mãe dela, o que, pensava Kate, era mais que provável. A pobreza de Christopher, porém, não a ofendia, pelo contrário, tornava o amor deles mais romântico e, agora, ia casar com ele.

Ele conduziu-a, ao descerem os degraus da entrada.

— Há alguma carruagem aqui?

— Há uma velha charrete, na cocheira.

— Então, vamos a pé até à aldeia e Luís vai levar a charrete, para voltarmos.

— Agora?

— Ontem — disse Christopher solenemente — teria sido tarde para mim, meu amor.

Mandou Luís engatar a charrete e pôs-se a rir.

— Eu quase estive chegando mal acompanhado!

— Mal acompanhado?

— O idiota de um engenheiro, desculpe o meu vocabulário militar, queria mandar um pobre tenente salvá-la! Ele e o seu pelotão de vagabundos. Tive de mandá-lo embora. “Vá embora e não hesite em cumprir a ordem que lhe dou”, disse-lhe eu. Pobre rapaz.

— Porquê pobre rapaz?

— Minha querida! Trinta e cinco anos de idade e ainda é tenente? Sem dinheiro, sem futuro e com um peso nos ombros do tamanho do rochedo de Gibraltar. — Colocou o braço dela no dele e levou-a pela avenida das glicínias. — O que é estranho é que eu conheço esse tenente por ouvir falar dele. Nunca ouviu falar de *Lady Grace Hale*? Ou de *Lorde William Hale*?

— Nunca ouvi falar em nenhum deles — disse Kate.

— Que vida pacata você levava no Porto! — disse Christopher em tom alegre. — *Lorde William* era um homem muito honesto. Eu trabalhei muito perto dele no *Foreign Office*, durante algum tempo, mas, depois, ele foi para a Índia a serviço oficial e teve a pouca sorte de regressar num navio de guerra que participou na Batalha de Trafalgar. Deve ter sido de uma bravura pouco comum, pois morreu na batalha, mas, depois, houve um grande escândalo, porque a viúva foi viver com um oficial de fuzileiros e esse oficial era o tenente de que lhe falo.

— Ele não é um cavalheiro?

— Não nasceu, decerto, como tal — disse Christopher. — Hoje em dia, sabe-se lá onde o exército vai buscar os seus oficiais, mas este deve ter sido tirado debaixo de uma rocha. E *Lady Grace* passou a viver com ele! Coisa extraordinária. Não há dúvida que

algumas senhoras bem-nascidas gostam de pescar em águas turvas e acho que ela era uma delas — disse ele, abanando a cabeça, desaprovador. — E o pior — continuou ele — é que ela ficou grávida e morreu ao dar à luz.

— Pobre senhora! — exclamou Kate, admirada por o seu amante ser capaz de contar a história tão calmamente, pois ela devia fazer recordar-lhe a morte da própria mulher. — E que aconteceu ao bebê?

— Acho que a criança também morreu, mas talvez tenha sido melhor assim. Pôs fim ao escândalo. E que futuro podia ter semelhante criança? De qualquer modo, o pai da criança era precisamente o patife que a devia levar para o outro lado do rio. Eu mandei-o passear. — Christopher riu, ao recordar-se do episódio. — Ele ficou irritado, gritou que tinha recebido ordens, mas eu não o aturei e disse-lhe para desaparecer. Era o que faltava, ver um canalha daqueles assistindo o meu casamento!

— Tem toda a razão — concordou Kate.

— Claro que não lhe disse que sabia da reputação dele. Não havia razão para embará-lo.

— Fez muito bem — disse Kate, apertando o braço do amante.

Luís apareceu atrás deles, guiando uma velha charrete cheia de pó, à qual engatara o seu cavalo.

Christopher parou no meio do caminho para a aldeia e apanhou alguns dos delicados narcisos silvestres que cresciam na beira da estrada e insistiu em entrelaçar as flores amarelas no cabelo preto de Kate. Depois tornou a beijá-la, disse-lhe que ela era linda e Kate achou que aquele ia ser o dia mais feliz da sua vida. O sol brilhava, a brisa agitava as flores luzidias dos prados e tinha o seu homem ao lado.

O padre José, que Christopher, a caminho da quinta, avisara, estava à espera na igreja, mas, antes de iniciar qualquer cerimônia,

puxou Christopher à parte.

— Eu estou muito preocupado — disse o padre —, pois acho que o que pretende não é correto.

— Não é correto porquê, padre?

— O senhor é protestante? — perguntou o padre e, quando Christopher aquiesceu com a cabeça, suspirou, — A Igreja diz que só podemos casar os que aceitam os nossos sacramentos.

— A sua Igreja tem razão — disse Christopher, em tom emoliente. Olhou para Kate, de pé, sozinha, na capela-mor, e achou que ela, com as flores amarelas metidas no cabelo, parecia um anjo. — Diga-me uma coisa, padre — prosseguiu ele —, cuida dos pobres da sua paróquia?

— É um dever cristão — retorquiu o padre José.

Christopher tirou alguns *guinéus* de ouro do bolso. Não eram dele, mas dos fundos do *Foreign Office* para lhe facilitar a missão. Meteu as moedas na mão do padre, dizendo:

— Permita-me esta contribuição para a sua missão de caridade e que lhe peça que nos dê a sua bênção. É só isso o que lhe peço, padre. Uma bênção em latim, padre, que invoque a proteção divina sobre nós, nestes tempos revoltos. E, mais tarde, quando a guerra acabar, eu vou convencer Kate a ser instruída por si, e eu também, claro.

O padre José, que era filho de um camponês, olhou para as moedas, pensou que nunca tinha visto tanto dinheiro ao mesmo tempo e como aquele dinheiro podia resolver tantas dificuldades.

— Não posso rezar uma missa — insistiu ele.

— Eu não quero missa nenhuma — disse Christopher —, eu não mereço uma missa. Só quero uma bênção em latim.

Ele queria que Kate acreditasse que estava casada e, no que dizia respeito a ele, Christopher, era indiferente o que o padre pronunciasse, mesmo que fossem as palavras rituais de um funeral.

— Só quero a sua bênção, padre, e é tudo. Uma bênção sua, de Deus e dos santinhos.

Tirou mais algumas moedas do bolso e entregou-as ao padre, o qual se pôs a pensar que uma oração de bênção não fazia mal a ninguém.

— Mas, depois, irão se converter? — perguntou o padre José.

— Há anos que sinto o chamado de Deus para a sua Igreja — disse Christopher — e acho que devo seguir esse apelo. E então, padre, poderá nos casar adequadamente.

O padre, então, beijou o escapulário, colocou-o sobre os ombros, dirigiu-se ao altar, onde ajoelhou, fazendo o sinal da cruz, erguendo-se depois e virando-se a sorrir para Kate e para o homem alto e elegante ao lado dela. O padre não conhecia Kate muito bem, já que a família Savage não se dava muito com os aldeãos e de modo nenhum frequentava a igreja, mas os criados da Quinta, falavam muito bem dela e o padre José, embora celibatário por opção, sabia ver que aquela garota era uma beleza rara e, por isso, foi com uma voz cálida que invocou a bondade de Deus e dos santos para aquelas duas almas. Sentia-se culpado pelo casal poder comportar-se como casados, embora não fossem, mas essas coisas eram muito comuns e, em tempo de guerra, um padre tinha de fechar os olhos a muita coisa.

Kate ouviu o latim de que não compreendia uma palavra e, ao olhar para o altar atrás do padre, onde uma cruz de prata brilhava ligeiramente, tapada por um véu negro, porque era a Quaresma, sentiu o coração bater, sentiu a mão do amante firmemente entrelaçada na sua e sentiu vontade de chorar de felicidade. O futuro parecia-lhe dourado, espalhando a luz do sol, calor e flores à frente dela. Não era propriamente o casamento com que sonhara.

Sempre pensara que regressaria a Inglaterra, que ela e a mãe consideravam a pátria, para ali percorrer a coxia de uma igreja de aldeia, cheia de parentes rubicundos, recebendo uma chuva de pétalas e de grãos de arroz, para depois seguir numa carruagem para uma taberna com arcadas, para um jantar de bife, cerveja e vinho tinto. Mesmo assim, não podia sentir-se mais feliz, ou talvez pudesse, se a mãe estivesse ali na igreja. Consolou-se, porém, porque iriam reconciliar-se, tinha certeza disso e, de repente, Christopher apertou-lhe a mão com tanta força que doeu.

— Diga que sim minha querida, — ordenou ele.

Kate corou.

— Sim, sim — disse ela —, sem dúvida que sim.

O padre José sorriu. O sol espreitava pelas estreitas janelas da igreja, ela tinha flores no cabelo e o padre José ergueu a mão para abençoar James e Katherine com o sinal da cruz e, nesse preciso momento, a porta da igreja abriu-se de par em par, deixando entrar uma inundação de sol e a mancha de um monte de esterco lá fora.

Kate voltou-se e viu soldados à porta. Os homens estavam recortados pela luz do Sol, por isso não os distinguiu muito bem, mas via-lhes as armas aos ombros e, supondo que eram franceses, ofegou de medo, mas o coronel Christopher não parecia nada preocupado, voltando-lhe o rosto para a dele e beijando-a nos lábios.

— Estamos casados, minha querida — disse ele meigamente.

— James! — exclamou ela.

— Minha querida, minha muito querida Kate — respondeu o coronel com um sorriso —, minha querida, minha muito querida esposa.

Depois voltou-se, ao ouvir passos ásperos na pequena nave. Eram passos lentos, pesados, as botas soando inadequadamente

alto nas pedras antigas. Um oficial dirigia-se ao altar. Tinha deixado os homens à porta da igreja e avançava sozinho, a comprida espada tilintando na bainha de metal à medida que ele se aproximava. Depois parou e fixou o olhar no rosto pálido de Kate que estremeceu, porque o oficial tinha uma cicatriz no rosto e era um soldado com um uniforme verde todo esfarrapado, de rosto duro, curtido pelo sol e com um olhar que só podia ser descrito como impudente.

— Chama-se Kate Savage? — perguntou ele, para surpresa dela, pois ele falara em inglês e ela pensara que ele era francês.

Kate ficou calada. O marido estava ao lado dela e ia protegê-la daquele homem horrível, assustador e insolente.

— É mesmo você, Sharpe? — questionou o coronel Christopher. — Por Deus, é ele mesmo! — estava estranhamente nervoso e a voz saiu-lhe demasiado aguda, tendo de esforçar-se para dominá-la. — Que diabos faz aqui? Eu o mandei seguir para o sul do rio, desgraçado.

— Fiquei com o caminho cortado, Coronel — disse Sharpe, sem olhar para Christopher, mas mantendo o olhar fixo no rosto de Kate, emoldurada pelos narcisos no cabelo. — Os Sapos cortaram a retirada, Coronel, uma quantidade deles, por isso corri com eles e vim à procura de *Miss Savage*.

— Que não existe mais — disse Christopher friamente —, mas deixe-me apresentar-lhe a minha mulher, Sharpe, Mrs. James Christopher.

E Kate, ao ouvir o seu novo nome, pareceu-lhe que o coração lhe ia rebentar de felicidade. Porque ela julgava que estava casada.

Os recentemente unidos coronel e Mrs. Christopher regressaram à Quinta na poeirenta charrete, deixando Luís e os soldados seguindo-os a pé. Hagman, ainda vivo, seguia agora num carro de mão, embora o sacolejar do veículo sem molas parecesse

causar-lhe mais dores do que a padiola. O tenente Vicente também parecia doente. Na verdade, estava tão pálido que Sharpe receou que o antigo advogado tivesse apanhado alguma moléstia nos últimos dias.

— Tem de ser visto pelo médico, quando ele vier ver Hagman — disse Sharpe. Havia um médico na aldeia que já havia examinado Hagman, tendo afirmado que ele estava moribundo, mas que prometera ir à Quinta nessa tarde, para ver o paciente de novo. — Você está com o ar de quem sente dores na barriga.

— Isto não é nenhuma doença — disse Vicente —, não é nada que o médico possa curar.

— Então o que é?

— É *Miss* Katherine — disse Vicente, desolado.

— Kate? — exclamou Sharpe. — Você a conhece?

Vicente fez que sim com a cabeça.

— Todos os jovens do Porto conhecem Kate Savage. Quando ela partiu para ir estudar na Inglaterra, ansiamos por ela e, quando ela voltou, foi como se o Sol aparecesse.

— Ela é muito bonita — concedeu Sharpe, olhando depois de novo para Vicente, ao compreender o que as palavras dele significavam. — Oh, droga! — disse ele.

— O quê? — perguntou Vicente, ofendido.

— Só me faltava você estar apaixonado — disse Sharpe.

— Mas eu não estou apaixonado — disse Vicente, ainda ofendido, mas não havia dúvida de que tinha um fraco por Kate.

Nos dois últimos anos, tinha passado o tempo olhando de longe para ela, pensando nela ao escrever os seus poemas, recordando-a quando estudava sua filosofia, tecendo fantasias a respeito dela ao folhear os velhos livros de direito. Ela era a Beatriz

do Dante que ele era, a inatingível garota inglesa da grande casa da colina e, agora, casara com o coronel Christopher.

E isso, pensou Sharpe, explicava o tolo desaparecimento da menina tonta. Escapara da mãe. Porém, o que Sharpe não compreendia era porque ela havia de esconder aquele amor da mãe, a qual decerto aprovaria. Christopher, pelo que Sharpe sabia, era bem-nascido, rico, bem-educado e um cavalheiro: coisas que Sharpe não era.

Christopher estava muito irritado e, quando Sharpe chegou à Quinta, o coronel enfrentou-o nos degraus da entrada da casa e tornou a exigir uma explicação para a presença do tenente em Vila Real de Zedes.

— Já lhe disse — afirmou Sharpe —, cortaram-nos o caminho. Não conseguimos atravessar o rio.

— Coronel — lançou Christopher, ficando depois à espera que Sharpe repetisse as palavras, mas Sharpe nada disse, limitando-se a olhar para o átrio da casa, por trás do coronel, onde via Kate retirando roupa da grande mala de couro.

— Você recebeu as minhas ordens — disse Christopher.

— Nós não pudemos atravessar o rio — disse Sharpe — porque não havia ponte. A ponte partiu-se. Por isso fomos para a barcaça, mas os Sapos a queimaram. Agora estamos a caminho de Amarante, mas não podemos utilizar as estradas principais, porque estão cheias de Sapos. E eu não posso andar depressa porque tenho um homem ferido. Não haverá aí um quarto onde ele possa passar a noite?

Christopher ficou calado alguns momentos. Continuava à espera que Sharpe dissesse “Coronel”, mas o tenente permaneceu teimosamente em silêncio. Christopher suspirou e olhou para o vale, onde um milhafre desenhava círculos no ar.

— Está pensando em ficar aqui esta noite? — perguntou Christopher com ar distante.

— Estamos marchando desde as três da manhã — disse Sharpe.

Não tinha bem certeza se partira às três da manhã, pois não tinha relógio, mas achava que devia ter sido por volta dessa hora.

— Agora, precisamos descansar — concluiu ele — e depois nos pomos a marchar de novo amanhã, antes da alvorada.

— Os franceses — disse Christopher — vão estar em Amarante.

— Claro que estarão — disse Sharpe —, mas o que posso fazer?

Christopher retraiu-se, perante o ar carrancudo de Sharpe, depois estremeceu ao ouvir Hagman gemer.

— Há cocheiras atrás da casa — disse ele em tom frio —, coloquem o ferido lá. E quem diabos é aquele ali? — perguntou, ao ver o prisioneiro de Vicente, o tenente Olivier.

Sharpe voltou-se para ver para onde olhava o coronel.

— É um sapo — respondeu Sharpe — a quem vou cortar o pescoço.

Christopher olhou horrorizado para Sharpe.

— Um sapo a quem... — começou ele, mas nesse momento Kate veio do interior da casa e colocou-se ao lado dele.

Christopher colocou um braço em volta dos ombros de Kate e, com um olhar irritado a Sharpe, elevou a voz para chamar o tenente Olivier.

— *Monsieur! Venez ici, s'il vous plai.*^{2}

— Ele é um prisioneiro — disse Sharpe.

— Ele não é um oficial? — perguntou Christopher, enquanto Olivier abria caminho por entre os silenciosos homens de Sharpe.

— É um tenente — disse Sharpe — do 18º Regimento de Dragões.

Christopher lançou a Sharpe um olhar chocado.

— É costume — disse ele friamente — aceitar a palavra de honra dos oficiais. Onde está a espada do tenente?

— Ele não é meu prisioneiro — disse Sharpe — mas do tenente Vicente. O tenente é advogado e, calcule, tem a estranha idéia de que o homem deve ser julgado, mas eu pretendia enforcá-lo.

Kate soltou um gritinho de horror.

— É melhor ir para dentro, minha querida — sugeriu Christopher, mas ela não se mexeu e ele não insistiu. — Porque ia enforcá-lo?

— Porque ele é um violador — disse Sharpe ríspido, de imediato Kate soltou novo gritinho. Christopher desta vez empurrou-a para dentro de casa.

— Segure a língua — disse Christopher em tom gelado — quando a minha mulher estiver presente,

— Havia uma senhora presente, quando este sacana violou uma garotinha — disse Sharpe. — Nós o apanhamos com as calças nos tornozelos e o equipamento de fora. Que queria que eu fizesse? Que lhe oferecesse um copo e o convidasse para jogar cartas?

— Ele é um oficial e um cavalheiro — disse Christopher, mais preocupado por Olivier pertencer ao 18º Regimento de Dragões, o que significava que prestava serviço no mesmo regimento que o capitão Argenton. — Onde está a espada dele?

Foi-lhe apresentado o tenente Vicente, o qual estava na posse da espada de Olivier e Christopher insistiu que a espada fosse devolvida ao francês. Vicente tentou explicar que Olivier era acusado de um crime e que devia ser julgado por isso, mas o coronel Christopher, falando o seu impecável português, rebateu a idéia.

— As convenções de guerra, tenente — disse ele —, não permitem o julgamento dos oficiais militares como se fossem civis. Devia saber isso se, como Sharpe diz, é advogado. O julgamento civil de um prisioneiro de guerra abriria a possibilidade da reciprocidade. Julgue esse homem e execute-o e os franceses vão fazer o mesmo a todo o oficial português que capturarem. Está compreendendo?

Vicente via o peso do argumento, mas não desistia.

— Ele é um violador — insistiu.

— É um prisioneiro de guerra — contradisse Christopher — e vai deixá-lo sob a minha custódia.

Vicente tentou ainda resistir. Christopher, no fim de contas, estava à paisana.

— Ele é prisioneiro do meu exército — disse Vicente, obstinado.

— E eu — disse Christopher desdenhosamente — sou um tenente-coronel do exército de Sua Majestade britânica e isso significa, acho eu, que sou seu superior, tenente, e que, portanto, tem de obedecer às minhas ordens, sob pena de enfrentar consequências militares.

Vicente, ultrapassado e vencido, recuou e Christopher, com uma ligeira inclinação da cabeça, entregou a espada a Olivier.

— Quer dar-me a honra de esperar dentro de casa? — sugeriu ele ao francês. Quando o muito mais aliviado Olivier entrou,

Christoper foi à beira dos degraus de entrada e olhou, por cima da cabeça de Sharpe, para uma nuvem de pó que estava se formando em um caminho que vinha da distante estrada principal. Um grande corpo de cavalaria aproximava-se da aldeia e Christopher compreendeu que devia ser o capitão Argenton e a sua escolta. Um ar de alarme perpassou pelo rosto dele, o olhar pousando em Sharpe, logo de novo se fixando na cavalaria que se aproximava.

— Sharpe — disse ele —, você está de novo sob as minhas ordens.

— Se o Coronel diz — disse Sharpe, com ar relutante.

— Então, vai ficar aqui de guarda à minha mulher — disse Christopher. — Esses cavalos são seus? — perguntou, apontando para a dúzia de cavalos capturados em Barca de Avintes, alguns dos quais ainda arreados. — Preciso de dois deles. — Correu para o átrio de entrada e fez sinal a Olivier: — *Monsieur!* O senhor vem comigo e vamos partir já. Minha querida! — continuou, pegando na mão de Kate. — Vai ficar aqui até eu voltar. Não me demoro. Uma hora, no máximo.

Inclinou-se para beijar-lhe as mãos, depois apressou-se a sair, montou o cavalo mais próximo, aguardou que Olivier montasse e os dois homens cavalgaram pelo caminho.

— Você fica aqui, Sharpe! — gritou Christopher ao partir. — Não saia daqui! É uma ordem!

Vicente ficou olhando para Christopher e para o tenente dos dragões afastarem-se.

— Por que ele levou o francês com ele?

— Só Deus sabe! — disse Sharpe.

Enquanto Dodd e três outros fuzileiros levavam Hagman para as cocheiras, Sharpe subiu para o último degrau da entrada e sacou do magnífico óculo, apoiando-o num belo vaso de pedra que

decorava o terraço. Orientou a lente para a cavalaria que se aproximava e viu que eram dragões franceses. Uma centena deles, ou talvez mais. Sharpe conseguia ver as casacas-verdes, os rostos corados, as espadas retas e as coberturas de tecido castanho que cobriam os capacetes, observando que os cavaleiros travavam as suas montarias ao verem surgir Christopher e Olivier de Vila Real de Zedes. Sharpe passou o óculo a Harper.

— Porque aquele grande desgraçado está falando com os Sapos?

— Só Deus sabe, senhor — disse Harper.

— Observe-os, Pat, observe-os — disse Sharpe —, e, se eles se aproximarem, avise-me.

Dirigiu-se, então, para a porta da casa, dando-lhe uma pancada sonora. O tenente Vicente já se encontrava no átrio de entrada, os olhos fitos com devoção canina em Kate Savage, agora Kate Christopher. Sharpe tirou o quepe e passou a mão pelo cabelo recentemente cortado.

— O seu marido foi falar com os franceses — disse ele, observando a expressão de desaprovação no rosto de Kate, sem saber se era por Christopher estar falando com os franceses, ou por ele, Sharpe, estar lhe dirigindo a palavra. — Porquê? — perguntou ele.

— Tem de perguntar a ele, tenente — disse ela.

— O meu nome é Sharpe.

— Eu sei o seu nome — retorquiu Kate friamente.

— Richard para os amigos.

— Ainda bem que tem amigos, *Mister* Sharpe — disse Kate.

Kate encarava-o abertamente e Sharpe pensou como ela era uma beleza. Tinha o tipo de rosto que os pintores imortalizavam em

quadros e não admirava que Vicente e o seu bando de poetas e de filósofos ingênuos a adorassem de longe.

— Mas, então, minha senhora, porque o coronel Christopher está falando com os Sapos?

Kate pestanejou, surpresa, não pelo marido estar falando com inimigo, mas porque, pela primeira vez, a tratavam por minha senhora.

— Já lhe disse, tenente — disse ela com certa aspereza —, tem de perguntar a ele.

Sharpe passeou em redor do átrio. Admirou a escada curva de mármore, olhou para a tapeçaria que representava caçadores perseguindo um veado, fixando depois o olhar em dois bustos colocados em nichos opostos. Os bustos tinham sido, obviamente, importados da Inglaterra pelo falecido Mister Savage, pois um representava John Milton e o outro tinha a indicação de se tratar de John Bunyan.

— Eu fui enviado para buscá-la — disse ele para Kate, continuando a olhar para John Bunyan.

— Para me buscar, *Mister Sharpe*?

— Um certo capitão Hogan mandou-me a sua procura — disse-lhe ele — com ordens para levá-la à sua mãe. Ela estava muito preocupada com a senhora.

Kate ficou ruborizada.

— Não há razão nenhuma para a minha mãe se preocupar. Eu, agora, tenho um marido.

— Agora? Casaram esta manhã? Foi o que nós vimos na igreja?

— Isso não lhe diz respeito — disse Kate firmemente.

Vicente estava com um ar abatido, pensando que Sharpe estava aborrecendo a mulher que ele adorava em silêncio.

— Se está casada, minha senhora, de fato não me diz respeito — disse Sharpe, — pois eu não posso separar uma mulher casada do seu marido, não é verdade?

— Não, não pode — disse Kate —, e nós casamos de fato esta manhã.

— As minhas felicitações, minha senhora — disse Sharpe, parando, depois, para admirar um velho relógio. Tinha um mostrador decorado com luas sorridentes e uma etiqueta de metal, onde se lia *Thomas Topion, London*. Abriu o armário de madeira polida e puxou os pesos para baixo, de modo que o mecanismo começou a trabalhar. — Acho que a sua mãe vai ficar muito contente, minha senhora.

— Isso tão pouco lhe diz respeito — disse Kate, refreando-o.

— É uma pena que ela não tenha podido estar aqui, não é? A sua mãe estava desfeita em lágrimas, quando a vi partir. — Sharpe voltou-se para ela. — Ele é realmente coronel?

A pergunta apanhou Kate completamente de surpresa, especialmente depois da desconcertante notícia de que a mãe tinha chorado. Corou, depois adotou um ar digno e ofendido.

— Claro que é coronel — disse ela, indignada — e o senhor é um impudente, *Mister Sharpe*.

Sharpe pôs-se a rir. O rosto dele era duro em repouso, em virtude da cicatriz na face, mas quando sorria ou ria, a dureza desaparecia e Kate, para seu espanto, sentiu o coração falhar uma batida. Recordara-se da história que Christopher lhe contara, como *Lady Grace* destruía a sua reputação para viver com aquele homem. O que é que Christopher dissera? Ah, pescar em águas turvas. De súbito, porém, Kate invejou *Lady Grace* e, depois, lembrando-se que tinha casado havia menos de uma hora, sentiu

uma grande vergonha de si mesma. Não obstante, pensou, aquele canalha era extremamente atraente quando sorria e estava ali, agora, sorrindo para ela.

— Tem razão — disse Sharpe —, eu sou impudente. Sempre fui e, provavelmente, sempre serei, por isso lhe peço desculpas, minha senhora. — E, olhando de novo em redor do átrio, perguntou: — Esta casa é da sua mãe?

— Esta casa é minha — disse Kate — desde que o meu pai morreu. E, agora, acho eu, pertence ao meu marido.

— Eu trago um homem ferido e o seu marido me disse para deixá-lo na cocheira, mas eu não gosto de colocar feridos nas cocheiras, quando há quartos disponíveis.

Kate corou, embora Sharpe não soubesse porquê, apontando depois para uma porta no fundo do átrio.

— Os criados estão instalados junto da cozinha — disse ela — e acho que há um quarto bastante cômodo ali. — Afastou-se de lado e apontou de novo para a porta. — Porque que não vai lá ver?

— Sim, eu vou, minha senhora — disse Sharpe, mas, em vez de ir explorar os fundos da casa, continuou ali, olhando para ela.

— O que quer mais? — perguntou Kate, incomodada com os olhos negros dele.

— Eu queria simplesmente felicitá-la, minha senhora, pelo seu casamento — disse Sharpe.

— Muito obrigada, tenente — disse Kate.

— Casar depressa — disse Sharpe, fazendo uma pausa e, ao ver a irritação aflorar aos olhos dela, sorrindo de novo — é uma coisa que muita gente faz em tempo de guerra. Vou dar a volta por fora da casa, minha senhora.

Deixou-a entregue à admiração de Vicente e juntou-se a Harper no terraço.

— O sacana ainda está falando com eles? — perguntou ele.

— O coronel ainda está falando com os Sapos, senhor — disse Harper, olhando pelo óculo —, e eles não se aproximam. O coronel é cheio de surpresas, não acha?

— Repleto delas — disse Sharpe — como um pudim.

— E o que faremos, senhor?

— Vamos levar Dan para um dos quartos dos criados, perto da cozinha. Esperamos que o médico venha vê-lo. Se o médico disser que ele pode viajar, seguiremos para Amarante.

— Levamos a garota?

— Se está casada, não. Nada poderemos fazer com ela, se estiver casada. Nesse caso pertence ao marido, de pessoa e de bens. — Sharpe coçou o pescoço, onde um inseto o mordera. — Bela menina!

— Acha mesmo? Não notei.

— Irlandês sacana — disse Sharpe.

Harper sorriu.

— Bom, ela é agradável à vista, senhor, agradável como poucas, mas é uma mulher casada.

— Fora de alcance, é isso?

— Mulher de um coronel? Nem pensar — disse Harper. — Eu, se fosse o senhor, não pensaria nisso.

— Eu não penso nisso, Patrick — disse Sharpe —, só penso em como sair daqui. E em como vamos regressar.

— Regressar ao exército? — perguntou Harper. — Ou regressar a Inglaterra?

— Sabe Deus. O que é que preferia?

Eles deviam estar na Inglaterra. Pertenciam ao segundo batalhão do 95º Regimento de Fuzileiros e esse batalhão estava aquartelado em Shomcliffe. Sharpe e os seus homens, porém, haviam se separado dos outros casacas-verdes durante a confusa retirada para Vigo e, por variadas razões, nunca haviam conseguido reagrupar-se. O capitão Hogan tinha muito a ver com isso. Hogan precisava de homens que o protegessem, enquanto elaborava o mapa da inóspita fronteira entre a Espanha e Portugal, e um pelotão de atiradores de primeira era uma dádiva do céu. Matreiramente, forjara cartas e documentos, obtivera soldos dos provisores e conseguira manter Sharpe e os seus homens perto da guerra.

— A Inglaterra nada me diz — disse Harper. — Estou melhor aqui.

— E os homens?

— A maior parte gosta daqui — disse o irlandês —, mas alguns querem regressar para casa. Cresacre, Sinis, os de costume. John Williamson é o pior de todos. Passa a vida dizendo aos outros que o tenente só está aqui porque quer ser promovido e que vai sacrificar todos nós por uma promoção.

— Ele disse isso?

— E pior, senhor.

— Parece-me uma boa idéia — disse Sharpe, em tom jocoso.

— Mas acho que ninguém acredita nisso, a não ser os sacanas de costume. A maior parte sabe que estamos aqui por acidente. — Harper olhou para os distantes dragões franceses, abanando depois

a cabeça. — Mais cedo ou mais tarde, tenho de dar uma surra nesse Williamson.

— Você ou eu — concordou Sharpe.

Harper olhou de novo pelo óculo.

— O sacana está de volta — disse Harper — e deixou o outro sacana com eles.

Harper passou o óculo a Sharpe.

— Olivier?

— O desgraçado deixou-o lá! — disse Harper, indignado.

Através do óculo, Sharpe viu Christopher cavalgando de volta a Vila Real de Zedes, acompanhado por um único homem, um civil, a julgar pela roupa, e que não era, de modo nenhum, o tenente Olivier, o qual, era evidente, seguia agora com os dragões para o norte.

— Aqueles Sapos devem ter nos visto — disse Sharpe.

— É claro como água — concordou Harper.

— E o tenente Olivier deve ter dito que estamos aqui — disse Sharpe —, por isso, por que diabos eles vão eles embora e nos deixam sossegados?

— Porque o nosso homem estabeleceu um acordo qualquer com os sacanas — disse Harper, apontando para o distante Christopher com a cabeça. Sharpe perguntava-se o que levaria um oficial inglês a estabelecer acordos com o inimigo.

— Devíamos dar uma carga de porrada naquele sacana — disse ele.

— Não se pode fazer isso a um coronel, senhor.

— Então, devíamos dar-lhe duas cargas de porrada — disse Sharpe, brutalmente — assim descobriríamos logo a droga da verdade.

Os dois homens calaram-se, observando Christopher subir o caminho para casa. O homem que o acompanhava era jovem, de cabelo ruivo e em roupa civil comum, mas o cavalo que montava tinha uma marca francesa na garupa e a sela era do tipo militar. Christopher olhou para o óculo nas mãos de Sharpe.

— Você deve estar curioso, Sharpe — disse ele, com cordialidade forçada.

— Estou curioso — disse Sharpe — por saber porque nosso prisioneiro foi libertado.

— Porque eu decidi libertá-lo — disse Christopher, desmontando — e porque ele prometeu não lutar contra nós até os franceses libertarem um prisioneiro inglês da mesma patente. Tudo perfeitamente normal, Sharpe, e sem motivo para indignação. Este senhor é *Monsieur* Argenton que vai comigo encontrar-se com o general Cradock, em Lisboa.

O francês, ao ouvir pronunciar o seu nome, fez a Sharpe uma nervosa inclinação da cabeça.

— Nós vamos com você — disse Sharpe, ignorando o francês.

Christopher abanou a cabeça.

— Não me creio, Sharpe. *Monsieur* vai arranjar maneira de passarmos pela ponte do Porto, se estiver reparada e, se não estiver, ele vai arranjar passagem numa barcaça e é difícil imaginar os nossos amigos franceses permitindo que meia companhia de fuzileiros atravessem o rio debaixo do nariz deles, não acha?

— Se falar com eles, talvez — disse Sharpe. — O senhor parece ter boas relações de amizade com eles.

Christopher atirou as rédeas a Luís, fazendo depois sinal a Argenton para desmontar e acompanhá-lo para dentro de casa.

— “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que as que a tua filosofia sonha” — disse Christopher, passando por Sharpe e depois virando-se:

— Eu tenho planos para você.

— Tem planos para mim? — questionou Sharpe com ar truculento.

— Acho, Sharpe, que um tenente-coronel é, no exército de Sua Majestade britânica, uma patente superior à de tenente — disse Christopher com ar sarcástico. — Sempre foi assim, o que significa, não é verdade, que você está sob o meu comando. Portanto, vai apresentar-se aqui dentro de meia hora e eu darei as minhas novas instruções. Entre, *monsieur*.

Baixou a cabeça a Argenton, olhou friamente para Sharpe e subiu os degraus da entrada.

Na manhã seguinte chovia. E estava mais frio. Cinzentas cortinas de chuva surgiam do oeste, varridas do Atlântico por um vento frio que fazia esvoaçar as glicínias das árvores esgalhadas e batia nas persianas da casa, infiltrando-se em correntes de ar gelado que percorriam as salas. Sharpe, Vicente e os homens tinham dormido nas cocheiras, guardados por sentinelas que tremiam de frio enquanto espreitarem a escuridão da noite úmida. Sharpe, ao fazer uma ronda no meio da noite, viu, através das persianas açoitadas, uma janela iluminada pelo brilho da luz tremeluzente de velas e pareceu ouvir um grito, como o de um animal aflito, vindo daquele andar. Por um fugaz momento, pareceu-lhe que era a voz de Kate, mas logo pensou que era imaginação sua ou, somente, o vento chiando na chaminé. Foi ver

Hagman de madrugada e encontrou o velho caçador todo suado, mas vivo. Estava dormindo e, uma ou duas vezes, pronunciou um nome em voz alta. “Amy”, dizia ele, “Amy”. O médico vira-o na véspera à tarde. Cheirara a ferida, encolhera os ombros, dissera que Hagman ia morrer, lavara a ferida, aplicara-lhe o penso e recusara qualquer pagamento.

— Mantenham-lhe a ligadura umedecida — dissera para Vicente, que traduzia para Sharpe — e abram-lhe uma cova.

O tenente português não traduzira a última frase.

Sharpe foi chamado ao coronel Christopher pouco depois do nascer do Sol e foi encontrar o coronel sentado na sala, envolto em toalhas quentes, com Luís a barbeá-lo.

— Ele era barbeiro — disse o coronel. — Não é isso, Luís?

— E um bom barbeiro — disse Luís.

— Você parece que também precisa de um barbeiro, Sharpe — disse Christopher. — Você mesmo cortou seu cabelo, não foi?

— Não, Coronel.

— Mas é o que parece. Parece ter sido roído por ratos.

A navalha fez um ligeiro ruído de arranhar ao deslizar no queixo. Luís limpou a navalha em uma flanela e tornou a escanhoar.

— A minha mulher tem de permanecer aqui — disse Christopher. — O que não me agrada nada.

— Compreendo, Coronel.

— Mas ela não ficará em segurança em mais nenhum lugar, não é? Não pode ir para o Porto. O Porto está cheio de franceses que violam tudo o que esteja vivo e até, talvez, o que esteja morto e ainda fresco. Eles não terão a cidade sob controle senão dentro de dias, por isso ela tem de ficar aqui e eu ficarei muito mais tranquilo, Sharpe, se ela ficar protegida. Por isso, você ficará aqui

guardando a minha mulher, vai deixar o ferido se recuperar, vai descansar, pensando nas inefáveis vias do Senhor e, dentro de uma semana, eu estarei de volta e você poderá partir.

Sharpe pôs-se a olhar, pela janela, lá para fora, onde um jardineiro estava aparando a relva, provavelmente pela primeira vez naquele ano. A segadeira deslizava por entre as pálidas flores amarelas das glicínias.

— *Mistress* Christopher podia acompanhá-lo para o sul, senhor — sugeriu Sharpe.

— Não, de modo nenhum — retorquiu Christopher. — Eu já expliquei a ela que é muito perigoso. O capitão Argenton e eu temos de atravessar as linhas de combate, Sharpe, e tudo se tornaria muito mais difícil se levássemos uma mulher conosco.

A verdadeira razão, saltava à vista, ele não queria que Kate encontrasse a mãe e lhe falasse do casamento na igrejinha de Vila Real de Zedes.

— Portanto, Kate tem de ficar aqui — continuou Christopher —, e você, Sharpe, vai tratá-la com todo o respeito.

Sharpe não disse nada, ficou apenas olhando para o coronel, o qual teve o mérito de emendar prontamente.

— Claro que fará isso — disse Christopher. — Quando partir, vou ter uma conversa com o padre da aldeia, para garantir que os aldeãos vão fornecer mantimentos. Pão, feijão e carne de vaca deve bastar para uma semana, não é? E, pelo amor de Deus, sejam discretos, não quero os franceses saqueando esta casa. Há algumas pipas de bom vinho do Porto na adega e eu não quero os seus soldados servindo-se dele.

— Não o farei, senhor — disse Sharpe.

Na noite anterior, quando Christopher dissera a Sharpe, pela primeira vez, que ele e os seus homens tinham de ficar na Quinta, o

coronel apresentara uma carta do general Cradock. A carta andara por tantas mãos que estava se desfazendo, principalmente nas dobras, com a tinta desaparecendo, mas estabelecia claramente, em inglês e em português, que o tenente-coronel James Christopher estava encarregado de uma missão de suma importância, solicitando-se a todos os oficiais ingleses e portugueses que acatassem as ordens do coronel e lhe prestassem todo o auxílio que lhes fosse requerido. A carta, cuja veracidade Sharpe não tinha qualquer razão para pôr em causa, tornava bem claro que Christopher se encontrava em posição de dar ordens a Sharpe e, por isso, ele comportava-se, agora, com muito mais respeito do que na tarde anterior.

— Eles não tocarão no vinho do Porto, senhor — reiterou Sharpe.

— Muito bem. Muito bem. É tudo, Sharpe, pode ir.

— O Coronel vai para o sul, não é?

— Sim. Já lhe disse que vamos falar com o general Cradock.

— Então, talvez pudesse levar uma carta para o capitão Hogan, Coronel?

— Escreva-a depressa, Sharpe, escreva-a depressa. Eu tenho de partir. — Sharpe escreveu a carta depressa. Não gostava nada de escrever, pois nunca aprendera as letras adequadamente, nunca frequentara a escola adequadamente e sabia que as suas expressões eram canhestras, como a sua escrita o era, mas escreveu a Hogan dizendo-lhe que estava bloqueado a norte do rio, que recebera ordens para permanecer na Quinta de Zedes e que, logo que se visse dispensado dessas ordens, regressaria à sua missão. Previa que Christopher iria ler a carta e, por isso, não fez nenhuma menção ao coronel, nem expôs qualquer crítica às suas ordens. Entregou a carta a Christopher que, vestido à paisana e acompanhado pelo francês, também à paisana, partiu no meio da manhã. Luís seguiu atrás deles.

Kate também escrevera uma carta, essa para a mãe dela. Tinha aparecido pálida e chorosa de manhã, o que Sharpe atribuíra à iminente separação do marido, mas, na verdade, Kate estava irritada pelo marido não a deixar acompanhá-lo, uma idéia que o coronel se havia recusado abruptamente a considerar.

— Onde nós vamos — insistira ele — é tudo muito perigoso. Atravessar as linhas de combate, minha querida, é extremamente perigoso e eu não posso expô-la a semelhante risco. — Ele vira como Kate ficara infeliz e tomara-lhe as mãos nas suas. — Acha que desejo afastar-me de você assim tão rápido? Não compreende que só uma questão de dever, de um dever da maior importância me pode afastar de você? Tem de confiar em mim, Kate. A confiança é fundamental no casamento, não acha?

E Kate, esforçando-se por não chorar, concordara que sim.

— Aqui, você fica em segurança — dissera-lhe Christopher. — Sharpe e os seus homens ficam para protegê-la. Eu sei que ele parece rude, mas é um oficial inglês e isso quer dizer que é quase um cavalheiro. E você tem muitos criados para te protegerem. Está preocupada por Sharpe ficar aqui? — perguntara ele, franzindo o cenho.

— Não — dissera Kate. — Eu vou permanecer longe dele.

— Ele vai ficar contente com isso. *Lady* Grace deve tê-lo domesticado um pouco, decerto, mas ele continua se sentindo pouco à vontade no meio de gente civilizada. Tenho certeza de que você fica em segurança até eu voltar. Se está preocupada, posso deixar uma pistola.

— Não é preciso — dissera Kate, pois sabia que havia uma pistola na velha sala de armas do pai e, de qualquer modo, achava que não necessitaria de uma pistola para deter Sharpe. — Quantos dias vai demorar? — perguntara ela.

— Uma semana. Dez dias no máximo. Nunca se sabe ao certo, com estas coisas, mas garanto, minha querida, que voltarei o mais depressa possível.

Kate entregara-lhe, então, a carta para a mãe. A carta, escrita à luz da vela antes da alvorada, dizia a Mrs. Savage que a filha a amava, que lamentava tê-la enganado, mas que, contudo, tinha se casado com um homem maravilhoso, um homem que Mrs. Savage ia, com toda a certeza, amar como se fosse um filho e que a sua filha Kate lhe prometia regressar para junto dela logo que lhe fosse possível. Entretanto, encomendava-se ela própria, a mãe e o marido à proteção divina.

O coronel James Christopher leu a carta da mulher enquanto cavalgava a caminho do Porto. Depois, leu a carta de Sharpe.

— Alguma coisa importante? — perguntou o capitão Argenton.

— Trivialidades, meu caro Capitão, meras trivialidades — disse Christopher, lendo depois segunda vez a carta de Sharpe. — Meu Deus — exclamou ele —, os ignorantes que hoje em dia eles admitem ao serviço do rei.

E, com estas palavras, rasgou ambas as cartas em pedacinhos e lançou-os esvoaçando no frio vento carregado de chuva, de tal modo que, por momentos, os pedacinhos brancos pareciam flocos de neve atrás do cavalo dele.

— Presumo — perguntou ele a Argenton — que vamos precisar de uma autorização para atravessar o rio?

— Eu arranjo essa autorização no quartel-general — disse Argenton.

— Muito bem — disse Christopher —, muito bem.

Exprimia-se assim porque, na bolsa da sela, coisa que Argenton ignorava, tinha uma terceira carta, uma carta escrita por ele próprio, em educado e perfeito francês e dirigida, ao cuidado do

quartel-general do marechal Soult, ao brigadeiro Henri Vuillard, o mais temido por Argenton e pelos seus companheiros conspiradores. Christopher sorria, recordando os prazeres da noite e antevendo os prazeres vindouros. Era um homem feliz.

CAPÍTULO IV

Teias de aranha e musgo — sussurrou Hagman. — Isso basta, senhor.

— Teias de aranha e musgo? — perguntou Sharpe.

— Uma cataplasma, senhor, de teias de aranha, musgo e um pouco de vinagre. Embrulhada em papel pardo e bem apertada.

— Dan, o médico disse para mantermos a ligadura umedecida e mais nada.

— Nós sabemos mais do que os médicos, senhor. — A voz de Hagman mal se ouvia. — A minha mãe sempre confiou na cataplasma de vinagre, musgo e teias de aranha. — Ficou em silêncio, apenas se ouvindo o silvo da respiração dele. — E papel pardo — disse ele passado um pouco. — E o meu pai, quando foi atingido por um guarda, em Dunham, no Hili, foi salvo com uma cataplasma de vinagre, musgo e teias de aranha. Era uma mulher maravilhosa, a minha mãe.

Sharpe, sentado ao lado da cama, pôs-se a pensar se teria sido diferente, se tivesse conhecido a mãe, se tivesse sido criado por uma mãe. Pensava em *Lady Grace*, falecida havia três anos, e que lhe dizia que ele era um homem cheio de raiva. Pensou se o que as mães faziam era afastar a raiva e, depois, fugiu da recordação de Grace, como sempre fazia. Era muito doloroso recordá-la. Sharpe forçou um sorriso.

— Falou de uma Amy, Dan, enquanto dormia É sua mulher?

— Amy! — Hagman pestanejou, surpreso. — Amy? Há anos que não penso em Amy. Ela era a filha do prior, senhor. Era a filha

do prior e fazia coisas que nenhuma filha de prior devia sequer saber.

Hagman riu e isso devia provocar-lhe dores, pois o sorriso desvaneceu-se e ele gemeu. Sharpe, porém, achava que Hagman podia safar-se. Tinha estado febril nos dois primeiros dias, mas a febre cedera e não suava mais.

— Quanto tempo vamos ficar aqui, senhor?

— O tempo que for necessário, Dan, mas ao certo não sei. O coronel ordenou-me que ficasse aqui, por isso vamos ficar aqui até ele me dar novas ordens.

Sharpe ficara confiante com a carta do general Cradock e, ainda mais, ao saber que Christopher ia falar com o general. O coronel estava metido até o pescoço em manobras estranhas, mas Sharpe, agora, perguntava-se se não teria interpretado mal as palavras do capitão Hogan, a respeito de ter Christopher debaixo de olho. Talvez o capitão Hogan quisesse dizer que queria que ele protegesse Christopher, porque a missão dele era muito importante. De qualquer modo, Sharpe tinha agora as suas ordens e estava satisfeito pelo coronel dispor de autoridade para dá-las, embora, apesar disso, sentisse uma certa culpa por ele e os seus homens estarem descansando na Quinta de Zedes, enquanto uma guerra continuava, em algum lugar ao sul, e outra para o leste.

Ele assumia que os combates continuavam, embora não tivesse notícias nos dias que se seguiram. Por fim, apareceu na Quinta um vendedor ambulante, vendendo botões, agulhas e medalhas da Virgem Maria, que informou que os portugueses ainda detinham a ponte de Amarante, onde se opunham a um grande exército francês. Também declarou que os franceses seguiam a caminho de Lisboa e, depois, se referiu a um rumor de que o marechal Soult ainda se encontrava no Porto. Um frade que passou pela Quinta pedindo comida trouxe a mesma notícia.

— É uma boa notícia — disse Sharpe para Harper.

— Porquê, senhor?

— Porque Soult não ficar no Porto se houvesse a possibilidade de Lisboa cair, não é verdade? Não, se Soult permanece no Porto, então é tudo os Sapos conseguiram avançar.

— Mas eles já estão ao sul do rio?

— Talvez alguma cavalaria — disse Sharpe depreciativamente.

Era porém frustrante não saber o que se estava a acontecer e Sharpe, para seu espanto, pôs-se a desejar que o coronel Christopher voltasse, para saber como progredia a guerra.

Kate, era óbvio, desejava que o marido voltasse ainda mais que Sharpe. Nos primeiros dias depois da partida do coronel, ela tinha evitado Sharpe, mas começaram a encontrar-se cada vez mais no quarto onde se encontrava Hagman. Kate levava comida ao ferido, depois sentava-se e falava com ele e, quando se convenceu de que Sharpe não era o vil tratante que ela pensava, começou a convidá-lo para o terraço da entrada da casa, onde ela preparava chá, num bule decorado com rosas chinesas embutidas. O tenente Vicente era por vezes convidado, mas ele quase não falava, mantendo-se sentado na beira de uma cadeira olhando para Kate em triste adoração. Se ela lhe dirigia a palavra, ele corava e gaguejava e Kate olhava para outro lado, igualmente embaraçada, embora parecesse simpatizar com o tenente português. Sharpe sentia que ela era uma mulher solitária e que sempre fora. Uma noite, quando Vicente fazia a ronda das sentinelas, ela contou-lhe como crescera sozinha no Porto e como fora para Inglaterra para ser educada.

— Éramos três meninas, na casa de um pároco — disse-lhe ela. Era uma noite fria e ela estava sentada junto do fogo aceso na lareira de azulejos da sala. — A mulher dele nos ensinava a cozinhar, a limpar a casa e a costurar — continuou Kate — e o clérigo nos ensinava as escrituras, algum francês, um pouco de matemática e Shakespeare.

— Muito mais do que alguma vez me ensinaram — disse Sharpe.

— Você não é a filha de um rico mercador de vinho do Porto — disse Kate com um sorriso. Atrás dela, a cozinheira tricotava. Kate, quando estava com Sharpe ou com Vicente, tinha sempre uma das criadas com ela, presumivelmente para que o marido não tivesse motivos de suspeitas. — O meu pai estava determinado a ver-me bem educada — prosseguiu Kate, parecendo refletir. — Era um homem estranho, o meu pai. Fazia vinho, mas não o bebia. Dizia que Deus o proibia. A adega, aqui, está cheia de bom vinho e ele todos os anos a aumentava, mas nunca abriu uma garrafa. — Kate estremeceu e inclinou-se para o fogo. — Lembro-me que fazia sempre frio na Inglaterra. Eu detestava o frio, mas os meus pais não queriam que eu estudasse em Portugal.

— Porquê?

— Receavam que eu fosse infectada pelo catolicismo — disse ela, remexendo nas bordas da orla do xale. — Meu pai era um ferrenho opositor do catolicismo — continuou ela, sincera — e por isso é que, no testamento, ele insistiu que eu devia casar com um seguidor da Igreja de Inglaterra, caso contrário...

— Caso contrário?

— Eu não receberia a minha herança — disse ela.

— Agora já está segura — disse Sharpe.

— Sim — disse ela, olhando para cima, para ele, a luz do fogo da lareira refletindo-se nos olhos —, sim, agora sim.

— É uma herança que valha a pena? — perguntou Sharpe, suspeitando que a pergunta era indelicada, mas movido pela curiosidade.

— Esta casa, a vinha — disse Kate, sem parecer ofendida —, a cave onde se faz o vinho do Porto. Ficaré tudo para mim, embora a

minha mãe, como é óbvio, detenha o usufruto.

— Porque é que ela não voltou para Inglaterra?

— Ela vive aqui há mais de vinte anos — disse Kate —, por isso tem aqui as suas amizades. Mas agora? — Kate encolheu os ombros. — Talvez ela volte para a Inglaterra. Ela dizia que iria voltar para encontrar um segundo marido — concluiu Kate, sorrindo.

— Podia casar-se aqui, ou não? — perguntou Sharpe, lembrando-se da bela mulher subindo para a carruagem junto da *House Beautiful*.

— Aqui são todos católicos, *Mister Sharpe* — disse Kate, com jocosa reprovação. — Embora eu tenha a impressão de ela ter encontrado alguém, não há muito tempo. Começou a preocupar-se mais com ela própria. Com a roupa, com o cabelo, mas talvez seja imaginação minha.

Kate ficou silenciosa um longo momento. As agulhas da cozinheira tiniam e um cepo desfez-se com uma chuva de faíscas. Uma saltou por cima do resguardo de arame da lareira e foi queimar um tapete. Sharpe inclinou-se para a frente e deu-lhe um safanão com os dedos, apagando-a, o relógio Tompion do átrio bateu as nove.

— O meu pai — prosseguiu Kate — considerava que as mulheres, na família dele, tinham uma tendência para se afastarem do reto caminho, por isso desejou sempre um filho, para tomar conta da cave. Como isso não aconteceu, atou-nos as mãos no testamento.

— Tinha de casar com um inglês protestante?

— Sim, com um anglicano, pelo menos — disse Kate —, que se dispusesse a mudar o nome para Savage.

— Portanto, o coronel, agora, é o coronel Savage, é isso?

— Vai passar a ser — disse Kate. — Ele me disse que vai assinar um documento, perante um notário do Porto, e que, depois, vai enviá-lo ao testamenteiro, em Londres. Eu não sei como se enviam agora cartas para a Inglaterra, mas James há-de encontrar uma maneira. Ele é um homem cheio de recursos.

— Isso é verdade — disse Sharpe friamente. — Mas ele se dispõe a ficar em Portugal, a fazer vinho do Porto?

— Sim, sim! — disse Kate.

— E a senhora?

— Claro que sim. Eu gosto de Portugal e sei que James deseja ficar aqui. Ele próprio disse, pouco depois de ter chegado a nossa casa, no Porto. — Kate explicou que Christopher tinha estado na casa dela no Ano Novo e que, depois, se alojara lá durante algum tempo, embora passasse a maior parte do tempo viajando pelo Norte. O que ele fazia, ela não sabia. — Isso não me dizia respeito — concluiu ela.

— E o que ele foi fazer no sul, agora, também não lhe diz respeito?

— Não, não me diz respeito, a menos que ele queira me contar — disse ela, na defensiva, franzindo depois a testa. — Você não gosta dele, não é?

Sharpe ficou embaraçado, sem saber o que dizer.

— Ele tem uns belos dentes — disse ele.

A expressão de má vontade magoou Kate.

— O relógio tocou, não foi? — perguntou ela.

Sharpe compreendeu.

— É hora de ir ver as sentinelas — disse ele.

Ao encaminhar-se para a porta, olhou para trás, para Kate, notando, não pela primeira vez, como tinha uma figura delicada e como a pele branca parecia brilhar à luz do fogo da lareira. Depois tentou esquecê-la, ao iniciar a ronda das sentinelas.

Sharpe mantinha os fuzileiros arduamente ocupados, patrulhando os limites da Quinta, limpando os caminhos, fazendo-os trabalhar longas horas de tal forma que a pouca energia que lhes restava gastavam resmungando. Sharpe, porém, sabia que a situação era muito precária. Christopher dera-lhe aereamente a ordem de permanecer ali, e guardar Kate, mas a Quinta não tinha defesa possível, nem sequer contra uma pequena força francesa. Estava situada na encosta arborizada de uma montanha, mas a montanha erguia-se muito mais alto por trás dela e, no terreno mais elevado, havia matas espessas, que podiam esconder um corpo inteiro de infantaria que, com facilidade, atacaria o solar a partir de terreno mais elevado e com a vantagem adicional de dispor da proteção das árvores. Mais para cima, porém, não havia árvores, sendo a montanha encimada por um cume rochoso, onde uma velha torre de vigia se desfazia ao vento e onde Sharpe passava horas observando os campos em volta.

Via tropas francesas todos os dias. Havia um vale, a norte de Vila Real de Zedes, com uma estrada orientada a leste, na direção de Amarante, onde a artilharia, a infantaria e os carroções de aprovisionamento do inimigo passavam todo o santo dia e, para maior segurança, com esquadrões de dragões patrulhando o vale. Por vezes, havia disparos esporádicos, distantes, desvanecidos, que mal se ouviam e Sharpe, acreditando que eram os camponeses emboscando os invasores, perscrutava pelo óculo, tentando descobrir onde as ações se desenrolavam. Porém, nunca vira nenhuma emboscada, nunca lhe apareceram guerrilheiros, como tão-pouco os franceses, embora tivesse certeza de que eles sabiam que um pelotão de fuzileiros ingleses se encontrava em Vila Real de Zedes. Uma vez, viu alguns dragões trotando a cerca de dois quilômetros da Quinta, com dois oficiais observando a casa

elegante pelos óculos, sem a atacarem. Teria Christopher cuidado disso?

Nove dias após a partida de Christopher, o líder da aldeia levou a Vicente um jornal do Porto. Era uma folha mal impressa e Vicente ficou surpreso com ela.

— Eu nunca ouvi falar num Diário do Porto — disse ele a Sharpe. — Isto é um absurdo.

— Um absurdo?

— Diz aqui que Sout se proclamou rei da Lusitânia do Norte! E diz que há muitos portugueses que apoiam a idéia. Quem? E por que razão? Nós temos um rei!

— Os franceses devem estar subsidiando o jornal — sugeriu Sharpe, embora fosse para ele um mistério o que os franceses andavam fazendo, deixando-o à vontade.

O médico que ia ver Hagman achava que Sout reunia as suas forças para atacar o Sul e não queria dispersar os homens em pequenas escaramuças nas montanhas do Norte do país.

— Quando tiver conquistado Portugal — dizia o médico —, então irá atacá-los.

Torceu o nariz ao retirar a fedorenta compressa do peito de Hagman, abanando depois a cabeça de espanto, pois a ferida estava limpa. A respiração de Hagman era mais regular, ele já se sentava na cama e comia melhor.

Vicente partiu no dia seguinte. O médico trouxera a notícia de que o exército do general Silveira se encontrava em Amarante e se batia valentemente para defender a ponte sobre o Tâmega e Vicente decidiu que era seu dever ir ajudar nessa defesa. Voltou, porém, três dias depois, porque havia muitos dragões patrulhando os campos entre Vila Real de Zedes e Amarante. O fracasso o desanimou.

— Estou perdendo meu tempo — disse ele a Sharpe.

— Os seus homens são bons? — perguntou Sharpe. A pergunta surpreendeu Vicente.

— Se são bons? São tão bons como quaisquer outros, acho eu.

— Serão mesmo?

Nessa mesma tarde, Sharpe reuniu todos os homens, ingleses e portugueses, e fê-los disparar cada um três vezes num minuto, com os mosquetes portugueses. Fez isso em frente da casa e mediu os tempos pelo relógio grande.

Sharpe não teve dificuldade nenhuma em disparar os três tiros num minuto. Era o que tinha feito em metade da sua vida e o mosquete era de origem britânica e era-lhe familiar. Mordeu o cartucho para provar o salitre, empurrou com a vareta a bucha e a bala, comprimiu a cápsula, armou o cão, puxou o gatilho, sentiu o coice da arma no ombro e, depois, baixou a coronha e introduziu novo cartucho, recomeçando o processo. Os seus atiradores sorriam, pois sabiam que ele era bom naquilo.

O sargento Macedo foi o único homem, além de Sharpe, que disparou os três tiros em quarenta e cinco segundos. Quinze dos fuzileiros e doze dos portugueses conseguiram disparar um tiro a cada vinte segundos, mas os outros foram muito lentos e, por isso, Sharpe e Vicente ficaram treinando-os. Williamson, um dos fuzileiros mais lentos, pôs-se a resmungar que era uma estupidez ensiná-los a disparar um mosquete, quando a arma dele era um rifle. Queixou-se suficientemente alto para Sharpe ouvir e na convicção de que ele ia ignorá-lo, ficando aflito quando Sharpe o puxou da formação.

— Tem alguma queixa a apresentar? — desafiou-o, Sharpe.

— Não, senhor — respondeu Williamson, o olhar carrancudo olhando para além de Sharpe,

— Olhe para mim — disse Sharpe, e Williamson obedeceu com ar sombrio. — A razão por que está aprendendo a disparar um mosquete como um bom soldado é que eu não quero que os portugueses pensem que estamos gozando com eles. — Williamson continuava com o seu ar sombrio. — E, além disso — continuou Sharpe —, nós estamos bloqueados quilômetros atrás das linhas inimigas, portanto, o que você faria se o seu rifle arrebetasse? E há ainda outra razão além destas.

— Qual é, senhor? — perguntou Williamson.

— É que, se não o fizer — disse Sharpe —, eu arranjo outro trabalho para você, e mais outro, e depois mais outro, até estar tão farto das tarefas de castigo que terá de me dar um tiro para se ver livre delas.

Williamson olhou para Sharpe com uma expressão que dava a entender que era o que gostaria de fazer, mas Sharpe manteve o olhar fixo no dele e Williamson afastou o olhar.

— Vamos ficar sem munições — disse ele rudemente.

Quanto a isso tinha alguma razão. Kate Savage, porém, abriu a sala de armas do pai, onde se encontrava um barril de pólvora e um molde de balas, de modo que Sharpe pôs os homens a fazerem cartuchos, utilizando as páginas dos livros de sermões da biblioteca para embrulhar a pólvora. As balas eram pequenas, mas eram boas para praticar e, durante três dias, os homens dispararam à vontade os mosquetes e os rifles no meio da Quinta. Os franceses deviam ouvir a fuzilaria ecoando surdamente nas montanhas e deviam enxergar a fumaça da pólvora por cima de Vila Real de Zedes, mas não apareceram. Nem o coronel Christopher apareceu.

— Mas os franceses vão acabar por aparecer — disse Sharpe a Harper, uma tarde em que subiam juntos ao alto da montanha por trás da Quinta.

— Ou talvez não — disse o irlandês. — Quer dizer, eles sabem que nós nos encontramos aqui.

— E vão acabar conosco quando vierem — disse Sharpe.

Harper encolheu os ombros, perante a frase pessimista, depois franziu o sobrolho.

— Até onde vamos?

— Até o cume — disse Sharpe.

Guiara Harper por entre as árvores e, agora, encontravam-se na encosta rochosa que conduzia à torre de vigia no alo da montanha.

— Nunca esteve aqui? — perguntou Sharpe.

— Eu nasci em Donegal — disse Harper — e há uma coisa que se aprende em Donegal, é nunca ir ao alto das montanhas.

— Porquê?

— Porque tudo o que tinha algum valor há muito tempo que despencou de lá, senhor, e tudo o que um homem faz é perder o fôlego ao subir até lá para ver que não há nada lá. Meu Deus! Mas daqui de cima vê-se meio mundo!

A trilha seguia por uma lomba rochosa que levava ao cume, mas de ambos os lados o declive era tão pronunciado que só uma cabra conseguiria abrir caminho pelo entulho traiçoeiro. A passagem, contudo, era bastante segura, torcendo em direção ao coto da antiga torre.

— Nós vamos fazer um forte aqui em cima — disse Sharpe, em tom entusiástico.

— Deus nos salve — disse Harper.

— Estamos ficando preguiçosos, Pat. Moles. Ociosos. E isso não é nada bom.

— Mas para quê fazer um forte? — perguntou Harper. — Isto já é uma fortaleza! Nem o próprio diabo conseguia tomar este cume, se ele fosse defendido.

— Há duas maneiras de chegar aqui em cima — disse Sharpe, ignorando a pergunta. — Esta passagem e uma outra do lado sul. Eu quero muros em cada uma das passagens. Muros de pedra, Pat, suficientemente altos para um homem ficar de pé atrás deles e poder disparar por cima deles. E há bastante pedra aqui.

Sharpe guiou Harper, pelo meio das arcadas derrubadas da torre, e mostrou-lhe como a velha construção tinha sido erguida junto de um poço natural, no cume da montanha, e como a torre enchera o poço de pedras. Harper espreitou para o poço.

— Quer que retiremos todos aqueles pedregulhos e que construamos muros com eles?

Harper parecia chocado.

— Eu falei a Kate Savage deste lugar — disse Sharpe. — Esta velha torre foi construída há centenas de anos, Pat, quando os mouros andavam por aqui. Eles matavam cristãos e, então, o rei mandou construir esta torre para poder ver ao longe quando um ataque mourisco se aproximava.

— Era uma coisa inteligente a fazer — disse Harper.

— E Kate me disse que o povo dos vales enviava para cá os seus valores. Moedas, jóias, ouro. Tudo aqui para cima, Pat, para que os sacanas dos gentios não os roubassem, E, depois, houve um terramoto, a torre caiu e os habitantes locais acham que há um tesouro debaixo dessas pedras. Harper parecia cético.

— E porque é que eles não o escavam, tenente? O pessoal da aldeia não me pareceu ser gente estúpida. Quer dizer, se eu soubesse que havia um raio de um poço com ouro aqui em cima, eu não perderia o meu tempo com uma charrua ou com uma enxada.

— É verdade, mas há uma razão para isso — disse Sharpe. Ele estava inventando a história enquanto caminhava e procurou desesperadamente uma resposta à objeção inteiramente justa de Harper. — É que houve uma criança, compreende, que ficou enterrada com o ouro e a lenda diz que a criança irá assombrar a casa de quem lhe desenterrar os ossos. Mas só as casas dos habitantes locais — apressou-se a acrescentar.

Harper torceu o nariz ao adorno da história e olhou pela passagem abaixo.

— Portanto, quer um forte aqui?

— E temos de trazer barris de água para cá — disse Sharpe.

Era o ponto fraco do cume, não havia água. Se os franceses aparecessem e tivessem de se retirar para o alto da montanha, Sharpe não queria se ver obrigado a render-se por causa da sede.

— *Miss Savage* — ainda não pensava nela como Mrs. Christopher — vai nos arranjar os barris.

— Aqui em cima? Com este sol? A água vai ficar choca — avisou Harper.

— Bastam umas gotas de aguardente em cada um — disse Sharpe, lembrando-se das viagens da Índia e de como a água tinha sempre um ligeiro saber de rum, tanto na ida, como na volta. — Eu arranjo a aguardente.

— E tenente espera realmente que eu acredite que há ouro debaixo daquelas pedras?

— Não — admitiu Sharpe —, mas quero que os homens fiquem na dúvida. Vai ser um trabalho duro erguer muros aqui em cima, Pat, e sonhar com tesouros não faz mal a ninguém.

Construíram, então, o forte e não encontraram ouro nenhum, mas, sob o sol primaveril, transformaram o cume da montanha num reduto onde uma pequena força de infantaria podia aguentar um

cerco prolongado. Os construtores originais tinham escolhido bem, pois não só tinham escolhido o pico mais alto em muitos quilômetros em redor para erguerem a torre de vigia, como haviam escolhido um local de fácil defesa.

Os atacantes só podiam surgir pelo lado norte ou pelo lado sul e, em ambos os casos, tinham de abrir caminho por passagens estreitas.

Um dia, Sharpe, ao explorar a passagem do lado sul, encontrou a ponta de uma seta debaixo de um pedregulho e, pegando-a, levou-a para o cume, mostrando-a a Kate. Kate ergueu-a aos olhos, por baixo do enorme chapéu de palha, virando-a de um lado e do outro.

— Acho que não deve ser muito antiga — disse ela.

— Eu pensei que talvez tivesse ferido um mouro.

— As pessoas, aqui, ainda caçavam com arco e flecha no tempo do meu avô — disse ela.

— A sua família já estava aqui então?

— Os Savages vieram para Portugal em 1711 — disse ela. Kate estivera olhando para sudoeste, na direção do Porto, e Sharpe sabia que ela observava a estrada na esperança de ver surgir um cavaleiro, mas os dias iam passando sem sinais do marido, nem sequer uma carta.

Os franceses também não apareciam, embora Sharpe tivesse certeza de que eles viam os homens atarefando-se no alto da montanha, empilhando pedra para fechar as duas passagens e escalando a encosta com barris de água que eram colocados no poço desobstruído do cume. Os homens resmungavam por estarem trabalhando como animais de carga, mas Sharpe sabia que eles se sentiam melhor cansados do que ociosos. Alguns, encorajados por Williamson, queixavam-se de que estavam perdendo tempo, que deviam abandonar aquela maldita montanha e a sua torre

derrocada e arranjar uma maneira de seguirem para o sul, para se juntarem ao exército. Sharpe reconhecia que tinham alguma razão, mal ele recebera ordens e, por isso, tinha de permanecer ali.

— Sabem de uma coisa? — dizia Williamson. — Isto é tudo por causa da madame. Nós carregando pedras e ele apalpando a mulher do coronel.

E, se Sharpe o ouvisse, talvez concordasse, pois, embora não andasse apalpano Kate, gostava muito de estar junto dela e persuadira-se de que, com ordens ou sem elas, tinha de protegê-la dos franceses.

Os franceses, porém, não apareciam, como tão-pouco aparecia o coronel Christopher. Quem apareceu foi Manuel Lopes.

Apareceu num cavalo preto, galopando pelo caminho acima, parando depois tão bruscamente o garanhão que este se empinou. Lopes, em vez de ser cuspidado como noventa e nove em cem outros cavaleiros teriam sido, manteve-se sereno, dominando o cavalo. Acalmou o animal e sorriu para Sharpe.

— Você é inglês — disse ele em inglês — e eu odeio os ingleses, mas não tanto como odeio os espanhóis. E odeio os espanhóis menos do que odeio os franceses. — Desmontou e estendeu a mão a Sharpe. — Eu me chamo Manuel Lopes.

— Sharpe — disse Sharpe.

Lopes olhou para o solar com o ar de quem avalia o valor de uma pilhagem. Era ligeiramente mais baixo do que o metro e oitenta de Sharpe, mas parecia mais alto. Era um homem grande, não propriamente gordo, apenas grande, com um rosto firme, olhos vivos e sorriso pronto.

— Se eu fosse espanhol, o que todas as noites agradeço ao Senhor não ser, mas se fosse espanhol, aplicaria a mim próprio um cognome dramático, como o Sanguinário, ou o Carniceiro, ou o Príncipe da Morte — ele referia-se aos chefes guerrilheiros que

massacravam os franceses —, mas eu sou um simples cidadão de Portugal, de forma que a minha alcunha é o Professor

— O Professor? — repetiu Sharpe.

— Porque era isso que eu era — retorquiu Lopes vivamente. — Tinha uma escola em Bragança, onde ensinava, a sacaninhas ingratos, Inglês, Latim, Grego, Álgebra, Retórica e a montarem a cavalo. Também os ensinava a amarem a Deus, a respeitarem o rei e a cagarem nos espanhóis. Agora, em vez de perder o fôlego com tontos, mato franceses. — Fez a Sharpe uma vênia pronunciada. — E sou famoso por isso.

— Nunca ouvi falar de você — disse Sharpe.

Lopes limitou-se a sorrir perante a provocação.

— Mas os franceses já ouviram falar muito de mim — disse ele — e eu ouvi falar de você. Quem é esse inglês que anda a norte do Douro? Porque é que os franceses o deixam em paz? Quem é o oficial português que anda com ele? Porque eles estão ali? Porque eles estão fazendo um forte, no cume da torre de vigia? Porque razão eles não estão combatendo?

— Boas perguntas — disse Sharpe friamente —, todas elas.

Lopes tornou a olhar para o solar.

— Em toda a parte em Portugal, por onde os franceses têm deixado o seu esterco, eles destroem lugares como este. Roubam os quadros, quebram a mobília, deixam as adegas secas. Sem dúvida, a guerra não chegou a esta casa. — Voltou-se, olhando para o caminho, onde apareciam uns vinte ou trinta homens. — Os meus alunos — explicou. — Eles precisam descansar.

Os “alunos” eram os seus homens, um bando de esfarrapados, com os quais Lopes emboscava as colunas francesas de transporte de munições para a artilharia que fustigava as tropas portuguesas que defendiam a ponte de Amarante.

O Professor perdera muitos homens e reconhecia que os êxitos iniciais o haviam tornado muito confiante, até que, dois dias antes, dragões franceses o haviam apanhado em terreno aberto.

— Eu detesto aqueles sacanas verdes — rosnou Lopes. — Detesto-os, mais as suas espadas compridas. — Perdera cerca de metade dos homens e o resto tivera sorte em escapar. — Por isso trouxe-os para cá — disse Lopes — para se recuperarem, pois a Quinta de Zedes parece ser um santuário.

Kate empertigou-se, quando ouviu Lopes dizer que desejava que os homens descansassem no solar.

— Diga-lhe para levar os homens para a aldeia — disse ela a Sharpe e este transmitiu a sugestão ao Professor.

Lopes riu quando ouviu a mensagem.

— O pai dela também era um bom filho da mãe. E todo pomposo — disse ele.

— Você o conhecia?

— Ouvi falar dele. Fazia vinho do Porto mas não o bebia, por causa de crenças estúpidas, e não tirava o chapéu quando passava o Santo Sacramento. Que raio de homem era ele? Até um espanhol tira o chapéu aos Santos Sacramentos. — Lopes encolheu os ombros. — Os meus homens ficarão bem na aldeia — disse ele, puxando de um charuto mal-cheiroso. — Nós vamos ficar só o tempo necessário para curar as feridas. Depois, voltamos à luta.

— Nós também — disse Sharpe.

— Vocês? — disse o Professor com ar jocoso. — Mas porque é que, não lutam?

— O coronel Christopher ordenou que ficássemos aqui.

— O coronel Christopher?

— Sim, esta casa pertence à mulher dele — disse Sharpe.

— Não sabia que ele era casado — retorquiu Lopes.

— Você o conhece?

— Ele falou comigo em Bragança. Eu ainda possuía a escola e tinha a reputação de ser um homem de influência. Por isso, o coronel foi me ver. Ele queria saber se a opinião em Bragança era lutar contra os franceses e eu disse-lhe que a opinião em Bragança era a de afogar os franceses na sua própria merda, mas que, se isso não fosse possível, então, haveria de lutar contra eles, e é o que fazemos. — Lopes fez uma pausa. — Também ouvi dizer que o coronel tinha dinheiro para distribuir por quem quisesse lutar contra os franceses, mas nós nunca vimos a cor dele. — Depois voltou-se e olhou para a casa. — E a mulher dele é a dona da Quinta? E os franceses não tocam nisto?

— O coronel Christopher — disse Sharpe — fala com os franceses e, precisamente agora, encontra-se a sul do Douro, para onde se dirigiu com um oficial francês, para falar com o nosso general.

Lopes ficou, por momentos, olhando boquiaberto para Sharpe.

— Para que iria um oficial francês falar com os ingleses? — perguntou, esperando pela resposta de Sharpe, mas logo depois respondeu ele próprio, ao ver que Sharpe se calava. — Apenas por uma razão — sugeriu Lopes —, para negociar a paz. A Inglaterra vai se retirar, vai nos deixar sofrendo sozinhos.

— Não sei de nada — disse Sharpe.

— Nós vamos acabar com eles, com vocês ou sozinhos — disse Lopes, irritado, dirigindo-se para o caminho, gritando para os homens lhe trazerem o cavalo, agarrarem as trouxas e seguirem-no para a aldeia.

O encontro com Lopes exacerbou o sentimento de culpa de Sharpe. Todos lutavam e ele estava ali sem fazer nada. Nessa noite, depois do jantar, pediu para falar com Kate. Já era tarde e

Kate mandara as criadas para os alojamentos da cozinha, por isso Sharpe pensava que ela ia chamar uma de volta, para acompanhá-la, mas foi ela própria que o conduziu à sala. A sala estava às escuras, pois não havia nenhuma vela acesa. Kate foi a uma das janelas e abriu as cortinas, revelando uma noite palidamente iluminada pelo luar. A glicínia parecia brilhar sob a luz de prata. As botas de uma sentinela rangiam no caminho.

— Eu sei o que vai me dizer — disse Kate. — Vai dizer que está na hora de partir.

— Sim — disse Sharpe —, e acho que deve vir conosco.

— Eu tenho de esperar por James — disse Kate, dirigindo-se a um aparador e, ao luar, enchendo um cálice de vinho do Porto. — Para você — disse ela.

— Quanto tempo o coronel disse que ia demorar? — perguntou Sharpe.

— Uma semana, ou talvez dez dias.

— Já passaram mais de duas semanas — disse Sharpe —, faz quase três.

— Ele ordenou que o esperasse aqui — disse Kate.

— Mas não para sempre — retorquiou Sharpe, dirigindo-se ao aparador e pegando o cálice de Porto, que era um dos melhores Savages.

— Não pode me deixar aqui sozinha — disse Kate.

— Nem tenciono fazê-lo — disse Sharpe. A lua sombreava uma das faces de Kate, brilhando-lhe nos olhos, e ele sentiu uma pontada de ciúme do coronel Christopher. — Acho que devia vir conosco.

— Não — disse Kate com uma certa petulância, para logo encarar Sharpe com ar suplicante. — Não pode me deixar aqui

sozinha!

— Eu sou um soldado — disse Sharpe — e já esperei bastante tempo. Há uma guerra à nossa volta e eu estou aqui sentado como um indolente.

Kate tinha lágrimas nos olhos.

— O que lhe terá acontecido?

— Pode ter recebido novas ordens em Lisboa — sugeriu Sharpe.

— Então, porque é que não me escreve?

— Porque nós estamos em território do inimigo, minha senhora — disse Sharpe abruptamente —, e ele não consegue nos enviar nenhuma mensagem. — O que era pouco provável, pensou Sharpe, já que Christopher parecia dispor de muitos amigos entre os franceses. Talvez o coronel tivesse sido preso em Lisboa. Ou morto pelos guerrilheiros. — Possivelmente está à sua espera no Sul — disse ele, ocultando os pensamentos pessimistas.

— Ele teria, então, enviado uma mensagem — protestou Kate. — Tenho certeza que ele voltará.

— Acha mesmo? — perguntou Sharpe.

Kate sentou-se numa cadeira dourada, pondo-se a olhar pela janela.

— Ele tem de voltar — disse ela mansamente e Sharpe percebeu, pelo tom de voz que ela tinha, virtualmente, perdido a esperança.

— Se acha que ele voltará — disse ele —, então deve ficar esperando por ele. Eu, porém, vou levar os meus homens para o sul.

Partiria na noite seguinte, decidiu. Marcharia de noite, para o sul, encontraria o rio e procuraria um barco na margem do rio, um

barco qualquer. Até um tronco de árvore serviria, qualquer coisa que lhes permitisse atravessar o rio.

— Sabe porque casei com ele? — Perguntou ela de repente. Sharpe ficou tão surpreso com a pergunta que não disse nada. Limitou-se a olhar para ela.

— Eu casei com ele — disse Kate — porque a vida no Porto é muito enfadonha. Eu e a minha mãe vivemos na enorme casa na colina, os procuradores nos dizem o que acontece nas vinhas e na cave, as senhoras amigas vêm tomar chá conosco, nós vamos à igreja inglesa aos domingos e isto é tudo o que acontece.

Sharpe continuou calado. Estava muito embaraçado.

— Você acha que ele casou comigo pelo dinheiro, não é? — perguntou Kate.

— E você não acha? — retorquiu Sharpe.

Kate olhou para Sharpe em silêncio e este esperou que Kate se irritasse, mas ela limitou-se a balançar a cabeça e a suspirar.

— Eu não quero acreditar nisso — disse ela —, embora ache que o casamento é uma aposta, nós nunca sabemos o que vai sair, podemos apenas ter uma esperança. Não é verdade?

— Eu nunca fui casado — disse Sharpe, fugindo à pergunta.

— E alguma vez desejou casar-se? — perguntou Kate.

— Sim — disse Sharpe, pensando em Grace.

— O que é que aconteceu?

— Ela era viúva — disse Sharpe — e os advogados estavam complicando tudo com o testamento do marido e nós pensamos que, se nos casássemos, ficaria tudo ainda mais complicado. Era o que os advogados diziam. Eu detesto advogados.

Sharpe calou-se, como sempre ferido pela recordação. Bebeu um gole de Porto, para esconder o que sentia, caminhando depois para a janela e olhando para o caminho iluminado pelo luar, onde o fumaça das casas da aldeia manchava as estrelas por sobre as montanhas.

— Por fim, ela morreu — concluiu ele abruptamente.

— Lamento muito — disse Kate num fio de voz.

— E eu desejo que tudo corra bem para você — disse Sharpe.

— Ah, sim?

— Claro — disse ele, voltando-se depois para ela e ficando tão perto dela que Kate teve de inclinar a cabeça para trás para vê-lo.

— O que eu realmente desejo — disse Sharpe — é isto.

Sharpe inclinou-se e beijou-a ternamente nos lábios. No primeiro momento, ela retesou-se, para depois o deixar beijá-la e, quando ele se endireitou, baixou a cabeça e ele sabia que ela estava chorando.

— Espero que tenha sorte — disse-lhe ele.

Kate não ergueu a cabeça.

— Eu tenho de trancar a casa — disse ela e Sharpe soube que estava sendo dispensado.

Concedeu o dia seguinte aos homens para se prepararem para a partida. Tinham que consertar botas, bolsas e mochilas para encher de mantimentos, cantis para encher de água. Sharpe certificou-se de que as armas estavam limpas, que as pederneiras eram novas e que as cartucheiras estavam cheias. Harper abateu a tiro dois dos cavalos dos dragões e esquartejou-os em pedaços que podiam ser transportados, depois colocou Hagman num dos outros cavalos, para se certificar de que ele conseguia montar sem muitas dores. Sharpe disse a Kate que ela devia seguir num outro cavalo,

mas ela protestou, dizendo que não podia viajar sem uma dama de companhia e ele disse-lhe que fizesse o que quisesse.

— Fique, ou venha conosco, mas nós partimos esta noite.

— Você não pode me deixar aqui! — disse Kate, zangada, como se Sharpe não a tivesse beijado e ela não lhe tivesse permitido o beijo.

— Eu sou um soldado, minha senhora — disse Sharpe —, e vou embora.

E afinal não foi, porque nesse fim de tarde, ao crepúsculo, o coronel Christopher voltou.

O coronel vinha montado no seu cavalo preto e todo vestido de preto. Estavam, então, de guarda à entrada da Quinta, Dodd e Pendleton e, quando eles lhe fizeram continência, Christopher limitou-se a levar o cabo de marfim do pingalin a um dos bicos com borlas do chapéu. Luís, o criado, seguia-o e o pó levantado pelos cascos dos cavalos espalhava-se pelos montes de pétalas de glicínia que ladeavam o caminho.

— Parece lavanda, não parece? — comentou Christopher para Sharpe. — Eles deviam plantar lavanda aqui — prosseguiu ele ao desmontar. — Ficaria bem aqui, não acha? — Não esperou pela resposta, antes subiu correndo os degraus de entrada da casa, as mãos estendidas para Kate. — Minha querida!

Sharpe olhou para Luís. O criado ergueu um sobrolho, exasperado, e depois conduziu os cavalos para os fundos da casa. Sharpe lançou o olhar através dos campos obscurecidos. Agora que o Sol desaparecera, levantava-se uma brisa que mordida, um resto de Inverno atrasando-se na Primavera.

— Sharpe! — chamou a voz do coronel de dentro da casa. — Sharpe!

— Senhor! — disse Sharpe, empurrando a porta entreaberta. Christopher estava de pé, em frente da lareira do átrio, as abas do casaco erguidas para o fogo.

— Kate me disse que se portou bem. Obrigado por isso. — Ele viu o trovão na cara de Sharpe. — É uma brincadeira, homem, apenas uma brincadeira. Não tem senso de humor? Kate, minha querida, um cálice de um bom Porto seria do que bem-vindo. Estou ressequido, perfeitamente ressequido. Portanto, Sharpe, nenhuma atividade francesa?

— Eles aproximaram-se — disse Sharpe, conciso —, mas não muito.

— Não muito? Tiveram sorte, então. Kate diz-me que você tencionava partir.

— Esta noite, senhor.

— Não vai partir. — Christopher pegou o cálice de Porto que Kate lhe estendia e bebeu-o de um trago. — Delicioso — disse ele, olhando para o copo vazio. — É um dos nossos?

— O nosso melhor — disse Kate.

— Não demasiado doce. É o sinal de um bom Porto, não concorda, Sharpe? E devo dizer que fiquei espantado com o Porto branco. Mais do que bebível! Pensei sempre que fosse uma coisa execrável, uma bebida de senhoras, quando muito, mas o Savage branco é muito bom. Temos de fazer mais Porto branco, nos dias de paz, não acha, minha querida?

— Se você acha — disse Kate, sorrindo para o marido.

— Esta foi boa mesmo, Sharpe, não achou? Pipas de Porto. Dias de paz. Um bom trocadilho, diria eu. — Christopher aguardou pelo comentário de Sharpe e, como ele não surgiu, franziu o cenho. — Você vai ficar aqui, tenente.

— Porquê, senhor? — perguntou Sharpe.

A pergunta surpreendeu Christopher. Esperava uma réplica mais rude e não uma pergunta colocada mansamente. Franziu a testa, pensando em como compor a resposta.

— Estou aguardando desenvolvimentos, Sharpe — disse ele, passados alguns momentos.

— Desenvolvimentos, senhor?

— Nada garante — continuou Christopher — que a guerra se prolongue. Podemos estar, na verdade, à beira da paz.

— Isso é bom, senhor — disse Sharpe em tom neutro. — E é por isso que temos de ficar aqui?

— É por isso que vocês tem de ficar aqui. — Havia, agora, uma certa aspereza na voz de Christopher, ao perceber que o tom neutro de Sharpe não passava de insolência. — E isso aplica-se também a você, tenente. — Dirigia-se a Vicente, que acabava de entrar, com uma pequena vênua para Kate.

— A situação é ainda precária — prosseguiu o coronel. — Se os franceses descobrem tropas inglesas vagueando a norte do Douro, vão pensar que estamos faltando à nossa palavra.

— As minhas tropas não são inglesas — observou Vicente mansamente.

— O princípio é o mesmo! — lançou Christopher. — Não podemos afundar o barco. Não devem sabotar semanas de negociações. Se a situação pode se resolver sem mais derramamento de sangue, então, devemos fazer tudo o que pudermos para assegurar que ela se resolva, e a sua contribuição para o processo é ficarem aqui quietos. E quem raio são aqueles vagabundos que estão na aldeia?

— Vagabundos? — perguntou Sharpe.

— Uma quantidade de homens, armados até aos dentes, olhando para mim quando passei por lá. Quem são eles?

— São guerrilheiros — disse Sharpe — e costumamos chamá-los de nossos aliados.

Christopher não gostou da piada.

— São uma cambada de idiotas — rosnou ele — capazes de colocar tudo a perder.

— E são chefiados por um homem que o conhece — acrescentou Sharpe — um tal Manuel Lopes.

— Lopes? Lopes? — Christopher franzia a testa, tentando recordar-se. — Ah, sim! Um tipo que tinha uma escola para os filhos da escassa fidalguia de Bragança. Um fanfarrão. Pois bem, vou ter uma conversa com ele amanhã de manhã. Vou dizer-lhe para não complicar as coisas, e o mesmo se aplica a vocês dois. E isto — disse ele olhando de Sharpe para Vicente — é uma ordem.

Sharpe não redarguiu, antes inquirindo:

— Trouxe-me alguma resposta do capitão Hogan?

— Eu não vi Hogan. Deixei a carta no quartel-general de Cradock.

— E o general Wellesley não está aqui? — perguntou Sharpe.

— Não, não está — disse Christopher —, mas o general Cradock está, é ele quem comanda e concorda com a minha decisão de permanecerem aqui. — O coronel viu o cenho franzido de Sharpe e abriu uma bolsa que tinha ao cinto, dela retirando um pedaço de papel que estendeu a Sharpe. — Aí tem, tenente — disse ele suavemente —, se acaso está preocupado.

Sharpe desdobrou o papel, que se revelou ser uma ordem assinada pelo general Cradock e dirigida ao tenente Sharpe, colocando-o sob o comando do coronel Christopher. Christopher obtivera a ordem de Cradock convencendo-o de que precisava de proteção, embora, na verdade, simplesmente o divertisse ver

Sharpe colocado sob as suas ordens. A ordem terminava com as palavras "*pro tempore*", que Sharpe não compreendeu.

— *Pro tempore*, senhor? — perguntou ele.

— Não estudou Latim, Sharpe?

— Não, senhor.

— Santo Deus, em que escola estudou? Isso significa "por ora". Na realidade, até eu me faltar de você, mas concorda que, por ora, está sob as minhas ordens?

— Claro, senhor.

— Fique com esse documento — disse Christopher irritado, quando Sharpe lhe quis devolver a ordem do general Cradock —, está dirigido a você, no fim das contas, e se olhar para ele de vez em quando vai lembrar-se do seu dever. Que é obedecer às minhas ordens e ficar aqui. Se houver uma possibilidade de trégua, a nossa posição sai reforçada se pudermos afirmar que temos tropas a norte do Douro, por isso, vai fincar os pés aqui e ficar muito quieto. Agora, meus senhores, vão me desculpar, mas gostaria de ter algum tempo para minha mulher.

Vicente fez de novo uma vênica e saiu, mas Sharpe não se mexeu.

— O Coronel vai ficar aqui conosco?

— Não. — Christopher pareceu incomodado com a pergunta, mas forçou um sorriso. — Você e eu, minha querida — disse ele virando-se para Kate —, vamos voltar a *House Beautiful*.

— Vão para o Porto! — exclamou Sharpe, espantado.

— Já lhe disse, Sharpe, que as coisas estão mudando. "Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que as que a tua filosofia sonha". Portanto, boa noite, tenente.

Sharpe saiu para o terreno em frente da casa, onde Vicente se encontrava, junto do murete próximo ao vale. O tenente português

estava olhando para o céu meio escurecido, ponteadado pelas primeiras estrelas. Ofereceu a Sharpe um charuto grosseiro e estendeu o dele para ele o acender.

— Estive falando com o Luís — disse Vicente,

— E então? — Sharpe raramente fumava e quase sufocou com o fumaça áspera.

— Há cinco dias que Christopher se encontra a norte do Douro. Esteve no Porto, falando com os franceses.

— Mas esteve no Sul?

Vicente fez que sim, inclinando a cabeça.

— Eles foram a Coimbra, encontraram-se com Cradock e depois regressaram. O capitão Argenton regressou com ele ao Porto.

— Então, que merda está acontecendo?

Vicente soprou a fumaça para a Lua.

— Talvez estejam negociando a paz. Luís, porém, não sabe do que eles falaram.

Portanto talvez a paz estivesse próxima. Tinha havido um acordo depois das batalhas da Roliça e do Vimeiro e os franceses, derrotados, haviam regressado a França transportados por navios ingleses. Estaria um novo acordo sendo negociado? Sharpe sabia, pelo menos, que Christopher tinha falado com Cradock e, agora, tinha ordens definitivas que afastavam muitas das suas dúvidas.

O coronel partiu pouco depois da alvorada. Ao nascer do Sol, tinha havido um estalejar de mosquetes, em algum lugar a norte e Christopher juntara-se a Sharpe no caminho, olhando para o nevoeiro no vale. Sharpe não conseguia ver nada com o óculo, mas Christopher ficou impressionado com o objeto.

— Quem é AW? — perguntou ele, ao ler a inscrição.

— É um amigo meu, senhor.

— Não será Arthur Wellesley? — insistiu Christopher, em tom jocoso.

— É apenas um amigo meu — repetiu Sharpe, obstinado.

— O homem deve gostar muito de você — disse Christopher —, pois isto é um presente muito generoso. Importa-se que eu o leve até o telhado? De lá vê-se melhor, mas o meu óculo é uma lástima.

Sharpe não gostava de ceder o óculo, mas Christopher nem lhe deu a possibilidade de recusar, logo se afastando. Obviamente, nada viu que o preocupasse, pois mandou engatar a charrete e disse a Luís para reunir os outros cavalos que Sharpe havia capturado em Barca de Avintes.

— Você não pode estar se preocupando com cavalos, Sharpe — disse ele — por isso vou levá-los. Diga-me, o que os homens fazem durante o dia?

— Não há muita coisa para fazer — disse Sharpe. — Temos treinado os homens do tenente Vicente.

— Que bem precisam, não é?

— Podiam ser mais rápidos com os mosquetes, Coronel.

Christopher trouxera uma xícara de café nas mãos e soprava-lhe agora, para esfriar o líquido.

— Se houver paz — disse ele —, eles podem voltar a ser calceteiros, ou a fazer o que faziam antes de se, porem-se a bambolear naqueles uniformes mal desenhados. E já que falamos nisso, Sharpe, acho que é tempo de você arranjar um novo.

— Vou falar disso ao meu alfaiate — disse Sharpe e logo, antes que Christopher reagisse à insolência, pôs-lhe uma questão séria. — Acha que vai haver paz, senhor?

— Há muitos sapos que acham que Bonaparte quer abocanhar mais do que pode engolir — disse Christopher, em tom displicente — e a Espanha é, provavelmente, indigerível.

— E Portugal não é?

— Portugal é uma confusão — disse Christopher, depreciativo —, mas a França não pode conquistar Portugal, se não conquistar a Espanha. — Voltou-se para observar Luís trazendo a charrete da cocheira. — Acho que existe uma real possibilidade de uma mudança radical — disse ele. — E você, Sharpe, não pode sabotá-la. Fique aqui quieto uma semana ou um pouco mais e eu mando lhe dizer quando poderá levar seus homens para o sul. Com um pouco de sorte, estará em casa em junho.

— Quer dizer, com o exército?

— Eu quero dizer em casa, na Inglaterra, é óbvio — disse Christopher. — Boa cerveja, Sharpe, telhados de colmo, críquete na Parada da Artilharia, sinos de igrejas, ovelhas gordas, párocos rotundos, mulheres predispostas, boa carne, Inglaterra, enfim. Algo de que tem saudades, não é, Sharpe?

— Sem dúvida, senhor — respondeu Sharpe, perguntando-se porque seria que desconfiava tanto mais de Christopher, quanto mais ele tentava ter graça.

— Aliás, não ganharia nada se tentasse sair daqui — disse Christopher — pois os franceses queimaram todos os barcos que havia na margem direita do Douro. Portanto, mantenha os seus homens sossegados e, dentro de uma semana ou duas, eu estarei de volta — Christopher jogou fora o resto do café e estendeu a mão para Sharpe — e, se eu não voltar, envio-lhe uma mensagem. A propósito, deixei o seu óculo na mesa do átrio. Você tem uma chave da casa, não é verdade? Não deixe os homens entrarem lá. Um bom dia para você, Sharpe.

— E para você também, senhor — disse Sharpe que, depois de apertar a mão do coronel, limpou a sua nas calças.

Luís fechou a casa, Kate sorriu timidamente a Sharpe e o coronel agarrou as rédeas da charrete. Luís reuniu os cavalos dos dragões e seguiu atrás da charrete, caminho abaixo, para Vila Real de Zedes.

Harper aproximou-se de Sharpe.

— Vamos ficar aqui até eles fazerem a paz?

O irlandês tinha, era evidente, estado à escuta.

— Foi o que o homem disse.

— E é o que o tenente pensa?

Sharpe olhou para leste, para o lado de Espanha. O céu ali estava branco, não de nuvens, mas de calor, e havia um ribombar à distância, algumas batidas irregulares, tão longínquas que mal se ouviam. Era fogo de canhão, prova de que portugueses e franceses ainda se batiam pela ponte de Amarante.

— A mim não parece paz, Pat.

— O povo, aqui, odeia os franceses. E os senhores também.

— O que não quer dizer que os políticos não estabeleçam a paz — disse Sharpe.

— Esses sacanas asquerosos fazem tudo o que lhes renda dinheiro — concordou Harper.

— O capitão Hogan nunca acreditou na paz...

— E não há muitos como ele, senhor.

— Mas nós recebemos ordens diretamente do general Cradock — disse Sharpe.

Harper fez uma careta.

— E o tenente gosta de obedecer ordens, isso é verdade.

— E o general quer que fiquemos aqui. Vá saber porquê. Há algo estranho no ar, Pat. Talvez seja a paz. Só Deus sabe o que iremos fazer então, você e eu.

Encolheu os ombros e dirigiu-se à casa, para ir buscar o óculo, mas o óculo não estava lá. Em cima da mesa do átrio havia apenas um porta-cartas de prata.

Christopher roubara-lhe o óculo. O canalha, pensou Sharpe, o grandessíssimo e alternadíssimo canalha. Porque o óculo desaparecera.

— Eu nunca gostei do nome — disse o coronel Christopher. — Nem sequer é uma casa bonita.

— Foi o meu pai que escolheu esse nome — disse Kate. — Foi retirado de *The Pilgrim's Progress*.

— Uma leitura entediante. Meu Deus, quão entediante!

Tinham regressado ao Porto, onde Christopher abrira a negligenciada adega da *House Beautiful*, para descobrir, todas cobertas de pó, garrafas de velho vinho do Porto e, também, de vinho verde, um vinho branco de uma cor quase dourada. Era desse vinho que ele agora bebia, vagueando pelo jardim. As flores desabrochavam, a relva havia sido aparada recentemente e a única coisa que manchava o dia era o cheiro das casas queimando. Havia quase um mês que a cidade caíra e o fumaça continuava a pairar sobre as ruínas da parte baixa, onde o fedor era muito pior, devido aos corpos no meio das cinzas. Dizia-se que todos os dias as marés depositavam corpos de afogados nas margens do rio.

Christopher sentou-se sob um cedro e ficou olhando para Kate. Ela era linda, pensou ele, era mesmo uma beleza. Naquela manhã,

ele mandara vir um alfaiate francês, o alfaiate do próprio marechal Soult e, para grande embaraço de Kate, fê-lo tirar-lhe medidas para um uniforme de hussardo francês.

— Para que iria eu vestir semelhante coisa? — perguntara Kate.

E Christopher não lhe dissera que tinha visto uma francesa com esse uniforme, com as calças muito justas ao corpo e a casaca muito curta, de forma a realçar-lhe o traseiro perfeito. As pernas de Kate eram mais compridas e mais bem feitas e Christopher, que se sentia rico com os fundos postos à sua disposição pelo general Cradock para encorajar os conspiradores de Argenton, pagara ao alfaiate uma importância exorbitante para o uniforme ficar pronto rapidamente.

— Porquê usar esse uniforme? — respondera ele à pergunta dela. — Porque você vai ver que é mais fácil montar a cavalo com calças, porque o uniforme te fica bem, porque isso garante aos nossos amigos franceses que você não é uma inimiga e, acima de tudo, minha mais que querida, porque isso me dará prazer.

E esta última razão, claro, fora a que a convencera.

— Gostas, de fato, do nome *House Beautiful* — perguntou ele.

— Estou acostumada a ele.

— Não propriamente afeiçoada, não é? Não se trata, para você, de uma questão de fé?

— De fé? — Kate, de vestido branco de linho, franziu a testa. — Eu me considero cristã.

— Uma cristã protestante — emendou-a o marido — como eu. Mas não acha o nome da casa de certo modo ostensivo, num meio católico?

— Duvido muito — disse Kate, com inesperado azedume — que alguém aqui tenha lido Bunyan.

— Alguns devem ter lido — disse Christopher — e esses saberão que estão sendo insultados. — E, com um sorriso, prosseguiu: — Eu sou um diplomata, não se esqueça. A minha missão é endireitar o que está torto e aplanar as dificuldades.

— É isso o que está fazendo aqui? — perguntou Kate, com um gesto indicando a cidade abaixo deles, onde os franceses governavam gente amargurada, com as casas saqueadas.

— Oh, Kate — disse Christopher tristemente —, isto é progresso!

— Progresso?

Christopher ergueu-se e pôs-se a passear de um lado para o outro, em cima da relva, ficando cada vez mais animado, à medida que lhe explicava como o mundo estava se transformando rapidamente ao redor deles.

— “Há mais coisas no céu e na terra” — disse ele — “do que as que a tua filosofia sonha” — e Kate, que já ouvira a frase mais do que uma vez no seu curto casamento, afastou a irritação e pôs-se a escutar como o marido descrevia que as antigas superstições estavam perdendo crédito. — Os reis têm sido destronados, Kate, muitos países, agora, são governados sem eles. Coisa em tempos impensável! Isso teria sido considerado uma provocação ao plano de Deus para o mundo, mas nós estamos assistindo a uma nova revelação. É uma nova ordem para o mundo. O que a gente comum vê aqui? Guerra! Apenas guerra, mas guerra entre quem? Entre a França e a Inglaterra? Entre a França e Portugal? Não! Esta é uma guerra entre a velha maneira de fazer as coisas e uma nova maneira. As superstições estão sendo postas em causa. Eu não estou defendendo Bonaparte. Por Deus, de modo algum! Ele é um fanfarrão, um aventureiro, mas é, também, um instrumento. Lança fogo ao que está mal nos antigos regimes e abre um espaço por onde as novas idéias penetram. A razão, Kate, é o que anima os novos regimes. A razão, Kate!

— Eu pensava que era a liberdade — sugeriu Kate.

— A liberdade! O homem não tem liberdade nenhuma, a não ser a liberdade de obedecer a regras, mas quem é que estabelece as regras? Com um pouco de sorte, Kate, serão os homens de razão que irão estabelecer regras razoáveis. Homens inteligentes. Homens perspicazes. Em suma, Kate, será um círculo de homens sofisticados que estabelecerá as regras, mas terão de fazê-lo de acordo com os ditames da razão e há alguns de nós na Inglaterra, alguns poucos de nós, que compreendemos que vamos ter de aceitar essa idéia. E temos, também, de contribuir para moldá-la. Se nos opusermos, então o mundo transforma-se sem nós e vamos ser derrotados pela razão. Temos, por isso, que aliar-nos a ela.

— Com Bonaparte? — perguntou Kate, a aversão na voz.

— Com todas as nações da Europa — disse Christopher, entusiasmado. — Com Portugal e com a Espanha, com a Prússia e com a Áustria, com a Holanda e, claro, com a França. Temos mais coisas em comum do que o que nos divide e, contudo, guerreamos! Que sentido isso faz? Não pode haver progresso sem paz, Kate, nenhum mesmo! Você quer a paz, não quer, meu amor?

— Fervorosamente — disse Kate.

— Então, confie em mim — disse Christopher. — Confie que eu sei o que estou fazendo.

E ela confiava nele. Confiava nele porque era jovem e ele era muito mais velho do que ela, confiava nele porque ele advogava idéias muito mais sofisticadas do que os instintos dela. Não obstante, na noite seguinte a confiança dela foi posta à prova, ao surgirem na *House Beautiful*, para jantar, quatro oficiais franceses com as suas amantes, um grupo chefiado pelo brigadeiro-general Henri Vuillard, um homem alto, bonito e elegante, o qual foi encantador para Kate, beijando-lhe a mão e felicitando-a pela casa e pelo jardim. O ordenança de Vuillard trouxe como presente uma caixa de vinho, embora não com muito tato, dado que o vinho era

um dos melhores Savages, apreendido num dos barcos ingleses bloqueados no cais do Porto pelos ventos contrários, quando os franceses haviam tomado a cidade.

Depois do jantar, os oficiais mais jovens ficaram na sala fazendo companhia às senhoras, enquanto Christopher e Vuillard passeavam no jardim, os charutos deixando um rastro de fumaça sob os cedros.

— Soutl anda preocupado — confessou Vuillard.

— Com Cradock?

— Não, Cradock é uma velha histórica — disse Vuillard, mordaz. — Não é verdade que quis retirar-se o ano passado? Mas Wellesley, como é ele?

— É mais duro — admitiu Christopher —, mas nada garante que venha para cá. Ele tem inimigos em Londres.

— Inimigos políticos, presumo eu? — perguntou Vuillard.

— Sim.

— Os piores inimigos de um militar — disse Vuillard. Ele era da mesma idade que Christopher e um dos favoritos do marechal Soutl. — Não, Soutl anda preocupado — continuou ele — porque estamos dispersando tropas para proteger as nossas linhas de abastecimento. No raio deste país, matam-se dois camponeses armados de mosquetes antiquados e surgem mais vinte do meio dos rochedos, e esses vinte já não têm mosquetes antiquados, mas bons mosquetes ingleses fornecidos pelo, seu país.

— Tomem Lisboa — disse Christopher — e todos os outros portos e o fornecimento de armas acaba.

— É isso que faremos — prometeu Vuillard — a seu tempo. Mas nos ajudariam mais uns quinze mil homens.

Christopher parou na extremidade do jardim e olhou por momentos para além do Douro. Tinha a cidade a seus pés, a fumaça de um milhar de cozinhas manchando no ar da noite.

— Soult vai declarar-se rei?

— Sabe qual é a alcunha dele agora? — perguntou Vuillard, divertido. — Rei Nicolau! Não, ele não fará essa declaração, se tiver bom senso e ele tem bastante bom senso. A população local não o apoiaria, o exército não suportaria isso e o imperador lhe puxaria as orelhas.

Christopher sorriu.

— Mas ele tem essa tentação?

— Sim, ele tem essa tentação, mas Soult detém-se sempre antes de ir muito longe. Geralmente.

Vuillard estava sendo cauteloso porque Soult, na véspera, enviara uma carta a todos os generais do seu exército, sugerindo que eles encorajassem os portugueses a declararem o seu apoio para ele se tornar rei. Era, na opinião de Vuillard, uma loucura, mas Soult andava obcecado com a idéia de ser monarca.

— Eu lhe disse que, se o fizesse, isso iria provocar um motim.

— Isso provoca — disse Christopher — e devo dizer-lhe que Argenton foi a Coimbra e falou com Cradock.

— Argenton é um idiota — lançou Vuillard.

— É um idiota útil — observou Christopher. — Deixe-o continuar falando com os ingleses e eles ficarão quietos. Para quê empenharem-se se o exército francês se prepara para desfazer a si próprio?

— Acha isso? — perguntou Vuillard. — Com quantos oficiais conta Argenton?

— Vários — disse Christopher — e eu sei o nome deles.

Vuillard riu.

— Eu podia mandar prendê-lo e entregá-lo a uma dupla de sargentos dos dragões que lhe arrancariam esses nomes em dois minutos.

— Eu lhes dou os nomes — disse Christopher — a seu tempo. Por ora, caro brigadeiro, dou-lhe isto.

Christopher estendeu um envelope a Vuillard.

— O que é isto?

Estava demasiado escuro no jardim para se poder ler.

— É a ordem de batalha de Cradock — disse Christopher. — Ele tem algumas tropas em Coimbra, mas o grosso do exército está em Lisboa. No total, ele dispõe de dezesseis mil baionetas inglesas e de sete mil portuguesas. Está aí tudo pormenorizado. Notará, particularmente, a escassez de artilharia.

— Escassez até que ponto?

— Ele dispõe apenas de três baterias de seis libras — disse Christopher — e mais uma de três. Fala-se que estão chegando armas mais pesadas, mas são apenas rumores, rumores que, no passado, se revelaram sempre falsos.

— Canhões de três libras! — riu Vuillard. — Seria melhornos atirar pedras. — O brigadeiro bateu com o envelope. — E o que quer de nós?

Christopher deu umas passadas em silêncio, depois encolheu os ombros.

— Segundo me parece, general, a Europa vai ser governada por Paris, e não por Londres. E os senhores vão pôr aqui o seu próprio rei.

— Sem dúvida — disse Vuillard —, e até poderá ser o rei Nicolau, se ele capturar Lisboa rapidamente, mas o imperador tem

vários irmãos. E Portugal vai, provavelmente, tocar um deles.

— Seja ele quem for — disse Christopher — eu posso ser-lhe útil.

— Por nos dar isto — Vuillard abanou o envelope — e alguns nomes que eu posso arrancar de Argenton quando eu quiser.

— Como todos os militares — disse Christopher mansamente — o senhor não é um homem perspicaz. Conquistado Portugal, meu General, vão ter de pacificá-lo. Eu sei em quem se pode confiar aqui, quem vai colaborar e quem são os seus inimigos. Sei quem são os homens que dizem uma coisa e fazem outra. Eu detenho toda a informação do *Foreign Office*. Sei quem espia para a Inglaterra, sei quem lhes paga. Conheço os códigos que utilizam e os percursos por onde as mensagens seguem. Sei quem colaborará e quem se oporá. Sei quem mentirá e quem dirá a verdade. Em suma, general, posso poupar-lhes milhares de mortos, a não ser que prefiram mandar as tropas contra os camponeses que se escondem nas montanhas?

— E se nós não conquistarmos Portugal? O que lhe acontece, se nós nos retirarmos?

— Nesse caso, eu fico com os vinhos Savage — disse Christopher calmamente — e os meus chefes na Inglaterra pensarão, muito simplesmente, que eu falhei na tentativa de encorajar um motim nas suas fileiras. Mas duvido que sejam derrotados. Até hoje, o que travou o imperador?

— *La Manche* — disse Vuillard secamente, referindo-se ao canal da Mancha. Ergueu, então, o charuto. — Você veio me encontrar — disse ele — com notícias de motim, mas nunca me disse o que quer em troca. Vai, portanto, dizer-me agora.

— Eu quero o comércio do vinho do Porto — disse Christopher. — Apenas o comércio do vinho do Porto.

A simplicidade da resposta fez Vuillard parar.

— O comércio do vinho do Porto?

— Todo o comércio. O do Croft, o do Taylor Flacigate, o do Burmester, o do Smith Woodhouse, o do Dow, o do Savage, o do Gould, o do Kopke, o do Sandeman, o de todas as caves. Eu não quero ser o dono delas, já tenho, ou vou ter, a do Savage, quero é ser o único exportador.

Vuillard levou alguns segundos para compreender o objetivo do pedido.

— Você ia controlar metade do comércio de exportação de Portugal! — disse ele. — Você ficaria mais rico do que o próprio imperador!

— Talvez não — disse Christopher —, porque o imperador vai me cobrar impostos e eu não posso cobrá-los dele. O homem que fica mais impressionantemente rico, General, é o homem que recebe os impostos, não aquele que os paga.

— Mesmo assim, você ficará muito rico.

— E isso, meu General, é precisamente o que eu pretendo.

Vuillard olhou para o chão, para a relva escura. Alguém tocava cravo na *House Beautiful* e ouviam-se risos de mulheres. A paz, pensou ele, acabaria por vir e aquele inglês bem-educado talvez pudesse ajudar a estabelecê-la.

— Você não me diz os nomes que eu quero — disse ele — e me dá uma lista das forças inglesas, mas como posso eu saber se não está me enganando?

— Não pode.

— Eu quero mais do que listas — disse Vuillard asperamente. — Eu preciso saber que você está disposto a oferecer-me algo mais tangível, para provar que está do nosso lado.

— Deseja sangue? — perguntou Christopher brandamente, já esperando a exigência.

— O sangue serve, mas não sangue português. Sangue inglês.

Christopher sorriu.

— Há uma aldeia em Vila Real de Zedes — disse ele —, onde os Savages têm algumas vinhas. Curiosamente, a invasão não a tem perturbado.

Isso era verdade, mas apenas porque Christopher o tinha obtido do coronel de Argenton e dos seus camaradas conspiradores, cujos dragões estavam encarregados de patrulhar aquela parcela do país.

— Mas se enviar uma pequena força — prosseguiu Christopher —, vai encontrar a oferta de uma pequena unidade de fuzileiros ingleses. São apenas alguns, mas estão lá, também, algumas tropas portuguesas e alguns rebeldes. Talvez uns cem homens, no total. São seus, mas, em troca, peço uma coisa.

— Que coisa?

— Que poupem a Quinta, a qual pertence à família da minha mulher.

Um rosar de trovão soou do lado norte e os cedros foram recortados por um fecho de luz.

— Vila Real de Zedes? — repetiu Vuillard.

— Sim. É uma aldeia perto da estrada de Amarante — disse Christopher — e eu desejaria oferecer-lhe algo mais, mas dou-lhe o que posso, como penhor da minha sinceridade. As tropas que estão lá não vão dar muito trabalho. São comandadas por um tenente inglês que não me parece particularmente preparado. O sujeito tem uns trinta anos e ainda é tenente, portanto não pode ser grande coisa.

Outro estalar de trovão fez Vuillard olhar ansiosamente para o céu.

— Temos de regressar ao quartel antes que comece a chover — disse ele, fazendo, depois, uma pausa. — Não o incomoda o fato de atraiçoar seu país?

— Eu não atraíço coisa nenhuma — disse Christopher, falando, agora, sinceramente. — Se as conquistas da França, meu General, forem dirigidas apenas por franceses, a Europa vai encará-los como aventureiros e como exploradores. Se partilharem o poder, se cada nação da Europa contribuir para governar cada uma das outras nações, então teremos entrado no prometido mundo da razão e da paz. Não é isso o que o seu imperador deseja? Um sistema europeu, são as palavras dele, um sistema europeu quer dizer um código de leis europeu, um tribunal europeu, e uma única nação na Europa. Como posso eu atraíçoar o meu continente?

Vuillard sorriu.

— O nosso imperador fala muito, caro inglês. Ele é um corso e tem sonhos ferozes. É isso que você é? Um sonhador?

— Eu sou um realista — disse Christopher.

Tinha utilizado o conhecimento do motim para cair nas boas graças dos franceses e, agora, reforçava a confiança deles entregando-lhes como sacrifício um punhado de soldados ingleses.

Sharpe e os seus homens tinham de morrer, para que o futuro glorioso da Europa surgisse.

CAPÍTULO V

Sharpe ficou magoado com a perda do óculo. Disse para si mesmo que era apenas uma bugiganga, um simples brinquedo, mas continuava a doer. Marcava uma proeza, não apenas o salvamento de Sir Arthur Wellesley, mas a promoção a oficial. Por vezes, quando mal ousava acreditar que era um oficial de Sua Majestade, punha-se a olhar pelo óculo e pensava quão longe se encontrava do orfanato de *Brewhouse Lane*, enquanto outras vezes, embora não quisesse admitir a si mesmo, regozijava-se ao se recusar a explicar a inscrição no tubo do óculo. Tinha, porém, consciência de que outros homens sabiam. Homens que olhavam para ele com admiração, porque sabiam que ele tinha lutado como um demônio sob o sol da Índia.

E, agora, o maldito do Christopher roubara-lhe o óculo,

— O tenente vai reavê-lo — disse Harper, tentando consolá-lo.

— Ah, com certeza que vou. Ouvi dizer que Williamson andou brigando na aldeia, ontem à noite?

— Não chegou a haver pancadaria, tenente. Eu os apartei.

— Com quem era isso?

— Com um dos homens de Lopes, tenente. Um encrenqueiro como Williamson.

— Devo castigá-lo?

— De modo algum, tenente. Eu já cuidei disso.

Não obstante, Sharpe declarou a proibição de irem à aldeia, O que, sabia, não ia agradar os homens. Harper pediu por eles, salientando que havia garotas bem bonitas em Vila Real de Zedes.

— Há então uma moça, tenente — disse ele —, tão bonita que faz vir lágrimas aos olhos. E os rapazes só querem passear por lá, à tardinha, e dizer “olá”.

— E deixar por aqui algumas criancinhas.

— Isso também — concordou Harper.

— E as garotas não podem vir aqui? — perguntou Sharpe. — Tenho ouvido dizer que algumas tem vindo.

— Sim, algumas viram, senhor, é o que ouço dizer.

— Incluindo uma moça de cabelo ruivo que faz vir lágrimas aos olhos?

Harper pôs-se a olhar para um milhafre que rondava as encostas, cobertas de giestas da montanha onde estava sendo erguido o forte.

— Alguns de nós costumamos ir à igreja da aldeia, tenente — disse ele, deliberadamente evitando falar da garota de cabelo ruivo, que se chamava Maria.

Sharpe sorriu.

— Quantos católicos nós temos?

— Sou eu, senhor, o Donnelly, o Carter e o McNeil. Ah, e o Slattery, claro. Os outros vão para o inferno.

— Slattery! — disse Sharpe. — Fergus não é cristão.

— Eu não disse que ele era cristão, senhor, mas ele vai à missa.

Sharpe não conseguiu evitar uma gargalhada.

— Bem, então eu autorizo os católicos a irem à missa.

Harper sorriu.

— Isso significa que, no próximo domingo, eles são todos católicos.

— Estamos no exército — disse Sharpe —, portanto, qualquer um que pretenda converter-se vai precisar da minha autorização. Mas você pode levar os outros quatro à missa e vai trazê-los de volta ao meio-dia. E, se eu vier a saber que algum dos outros foi à aldeia, você será o responsável.

— Eu?

— Sim, você é um sargento, não é?

— Mas os rapazes vêem os homens do tenente Vicente irem à aldeia, senhor, e não vão entender porque a eles não é permitido.

— O tenente Vicente é português. Os homens dele conhecem os costumes locais e nós não. E, mais cedo ou mais tarde, vai haver uma briga por causa das garotas, uma briga que poderia lhe trazer lágrimas aos olhos, Pat, e nós não precisamos nada disso.

O problema não era tanto as garotas, embora Sharpe soubesse que elas podiam ser um problema, se um dos seus atiradores se embebedasse, pois esse era o verdadeiro problema. Havia duas tabernas na aldeia, as quais serviam um vinho de barato, e uma boa metade dos seus homens era capaz de se embebedar a ponto de ficarem paralisados, se lhes dessem a oportunidade para isso. E havia uma tentação para esquecer as regras, dada a situação estranha em que os homens se encontravam. Haviam perdido o contato com o exército, não sabiam o que estava acontecendo, não havia quase nada para fazer e, por isso, Sharpe estava sempre inventando qualquer coisa para mantê-los ocupados. No forte já se erguiam novos redutos e Sharpe, tendo descoberto alfaias no celeiro da Quinta, pôs os homens a limparem a trilha do bosque e a carregarem lenha para a torre de vigia e, completado isso, conduziu prolongadas patrulhas pelas redondezas. O objetivo das patrulhas não era procurar o inimigo, mas sim cansar os homens, de forma a estafá-los ao pôr do

Sol e fazê-los dormir até de manhã. E, todas as manhãs, Sharpe formava os homens em parada, castigando com tarefas árduas todo aquele em que encontrasse um botão descosido ou com uma mancha de ferrugem no rifle. Eles resmungavam pelas suas costas, mas não havia problemas com os aldeãos.

O vinho das tabernas não constituíam o único perigo. A adega da casa estava cheia de pipas de vinho do Porto e de prateleiras de garrafas de vinho branco e Williamson conseguiu lançar mão à chave da adega, que se encontrava escondida num cântaro, na cozinha. E, então, ele, Sims e Gataker embebedaram-se tremendamente com os melhores Savages, uma piela que terminou muito depois da meia-noite, com os três homens atirando pedras às persianas da casa.

Estavam os três designadamente de guarda, sob as ordens de Dodd, um homem de confiança, e Sharpe admoestou primeiro a ele.

— Porque não participou com eles?

— Eu não sabia onde eles estavam, senhor — respondeu Dodd, os olhos pregados na parede por trás de Sharpe.

Estava mentindo, claro, mas somente porque os homens se protegiam sempre uns aos outros. Fora o que Sharpe fizera, quando integrara as fileiras e não esperava outra coisa da parte de Matthew Dodd, como este não esperava senão ser castigado.

Sharpe olhou para Harper.

— Arranje-lhe o que fazer, Sargento.

— O cozinheiro queixa-se de que os cobres da cozinha precisam ser convenientemente areados.

— Faça-o suar — disse Sharpe — e nada de ração de vinho durante uma semana.

Segundo o regulamento, os homens tinham direito a cerca de três decilitros de rum por dia e, na ausência do álcool áspero,

Sharpe distribuía-lhes vinho tinto, de um pipo que requisitara da adega da Quinta.

Sharpe puniu Sirris e Gataker fazendo-os marchar para baixo e para cima no caminho, de uniforme completo, incluindo capote, e com a mochila às costas, cheia de pedras. Fizeram-no sob a supervisão entusiástica de Harper que, quando eles vomitavam de exaustão e dos efeitos da ressaca, os fazia ajoelhar, limpar o vómito do chão com as mãos e, logo depois, continuar a marchar.

Vicente arranjou na aldeia um pedreiro que murou a entrada da adega e, enquanto se fazia isto e Dodd esfregava os cobres com areia e vinagre, Sharpe levou Williamson para a mata. Sentia vontade de chicotear o homem, pois andava próximo de odiá-lo, mas Sharpe fora chicoteado e tinha relutância em aplicar esse castigo. Em vez disso, encontrando um espaço aberto entre alguns loureiros, utilizou a espada para traçar duas linhas no chão. As linhas tinham um metro de comprimento e um metro de largura entre si.

— Você não gosta de mim, não é, Williamson?

Williamson ficou calado, os olhos postos nas linhas. Ele sabia para que serviam.

— Quais são as minhas três regras, Williamson?

Williamson olhou para cima, o olhar sombrio. Era um homem grande, de cara dura, com patilhas compridas, um nariz quebrado e marcas de varíola. Era de Leicester, onde fora condenado por roubar dois candelabros da igreja de São Nicolau, tendo-lhe sido colocada a opção de se alistar, em vez de ser enforcado.

— Não roubar — disse ele em voz baixa —, não se embriagar e lutar bem.

— Você é um ladrão?

— Não sou, senhor.

— É sim, Williamson, é um ladrão. Foi por isso que veio parar o exército. E se embebedou sem autorização para isso. E sabe lutar?

— O tenente sabe que sim.

Sharpe soltou o talabarte e deixou-o cair no chão, com a espada. Depois, tirou o quepe e a casaca-verde e atirou tudo ao chão.

— Diga-me porque não gosta de mim? — pediu Sharpe. Williamson olhou para os loureiros.

— Vamos lá! — disse Sharpe. — Diga tudo o que tem vontade. Não será castigado por responder uma pergunta.

Williamson tornou a olhar para ele.

— Nós não devíamos estar aqui — ele deixou escapar.

— Tem toda a razão.

Williamson pestanejou, mas prosseguiu.

— Desde que o capitão Murray morreu, senhor, temos andado entregues a nossa própria sorte. Devíamos ter regressado com o batalhão. Era lá que devíamos estar. O tenente nunca foi o nosso oficial, Nunca!

— Mas agora sou.

— Mas não está certo.

— Portanto, quer regressar para a Inglaterra?

— Quero, é lá que está o nosso batalhão.

— Mas estamos numa guerra, Williamson. Numa droga de guerra. E estamos metidos bem no meio dela. Não pedimos para estar aqui, nem sequer queríamos estar aqui, mas estamos. E vamos ficar. — Williamson olhou ressentido para Sharpe, mas não

disse nada. — Mas você pode voltar, Williamson — disse Sharpe e o rosto duro olhou para cima, interessado.

— Há três maneiras de voltar. Primeira: nós recebermos ordens da Inglaterra. Segunda: você fica muito ferido e eles o levam de volta. E, terceira: ponha os pés no meio das linhas e lute comigo. Ganhe ou perca, Williamson, prometo mandá-lo para casa no primeiro navio que encontrarmos. Basta que lute comigo.

Sharpe postou-se numa das linhas, os calcanhares sobre a ela. Era assim que os pugilistas se batiam. Alinhavam-se às linhas e trocavam murros, de mãos nuas, até um dos homens cair ensanguentado e exausto.

— Ataque-me como deve ser — disse Sharpe — e nada de desistir no primeiro murro. Tem de me tirar sangue, para provar que está tentando para valer. Acerte-me no nariz, é que basta.

Sharpe ficou à espera. Williamson umedecia os lábios.

— Vamos! — lançou Sharpe. — Ataque-me!

— O senhor é um oficial — disse Williamson.

— Não, agora não sou. E ninguém está vendo. Somos só nós dois, Williamson, você não gosta de mim e eu estou dando a oportunidade de me esmurrar. Faça isso como deve ser e eu prometo que passará o Verão em casa.

Não sabia como é que ia cumprir a promessa, mas tão-pouco pensava que tivesse de cumpri-la, pois Williamson, estava se lembrando da luta épica entre Harper e Sharpe, uma luta que deixara os dois homens cambaleando, mas que Sharpe vencera. Os fuzileiros tinham assistido a isso e, nesse dia, tinham descoberto algo a respeito de Sharpe.

E Williamson não queria aprender a lição novamente.

— Eu não luto com um oficial — disse ele, com assumida dignidade. Sharpe virou-se e apanhou a casaca do chão.

— Então, vai ver o sargento Harper — disse ele — e lhe dirá que tem de fazer o mesmo que Sims e Gataker estão fazendo. Passo dobrado!

Williamson correu encosta abaixo. A vergonha de ter se recusado a lutar podia torná-lo mais perigoso, mas ia diminuir a influência dele sobre os outros homens, os quais, mesmo sem saberem o que acontecera na mata, perceberiam que Williamson tinha sido humilhado.

Sharpe apertou o talabarte e regressou caminhando devagar. Estava preocupado com os homens, receava perder a lealdade deles, receava não ser um bom oficial, recordou-se de Blas Vivar e desejou ter a capacidade do oficial espanhol, o qual induzia à obediência com a simples presença. Talvez aquela autoridade natural fosse produto da experiência. Pelo menos, nenhum dos seus homens tinha desertado. Estavam todos presentes, a não ser Tarrant e os poucos que estavam no hospital, em Coimbra, se recuperando da febre.

Havia um mês que o Porto caíra. O forte no alto da montanha estava quase concluído e, para surpresa de Sharpe, os homens apreciavam o trabalho árduo. Daniel Hagman já andava de novo, embora devagar, mas estava suficientemente curado para trabalhar e Sharpe mandou colocar uma mesa de cozinha ao sol, onde, um por um, Hagman desmanchava, limpava e oleava os rifles. Os refugiados que haviam fugido do Porto tinham regressado à cidade, ou encontrado refúgio em outro lugar qualquer, mas os franceses estavam fazendo surgir novos refugiados. Quando eram emboscados pelos guerrilheiros, saqueavam depois as povoações mais próximas e, mesmo sem a provocação das emboscadas, pilhavam implacavelmente as fazendas, em busca de mantimentos. Cada vez mais gente aparecia em Vila Real de Zedes, na convicção, que se espalhava, de que os franceses tinham concordado em poupar a aldeia. Ninguém sabia por que razão o faziam, embora os habitantes mais velhos afirmassem que era porque todo aquele vale estava sob a proteção de São José, cuja estátua de tamanho

natural se encontrava na igreja. E o pároco da aldeia, o padre José, encorajava essa crença. Fizera mesmo o santo sair da igreja em procissão, coberto de narcisos e com uma coroa de louros, passeando-o pelas redondezas da aldeia, para mostrar ao santo a extensão precisa das terras que precisavam da sua proteção. Vila Real de Zedes, acreditavam os habitantes, era um santuário onde a guerra não entrava, por disposição de Deus.

Maio chegou com chuva e com vento. As últimas flores foram varridas das árvores, para formarem montículos de pétalas cor-de-rosa e brancas espalhados pela erva. Os franceses continuavam a não aparecer e Manuel Lopes assumia que eles andavam muito ocupados para se preocuparem com Vila Real de Zedes.

— Eles estão com problemas — dizia ele, todo feliz. — O general Silveira está lhes causando uma grande dor de cabeça, em Amarante, e a estrada para Vigo foi cortada pelos guerrilheiros. Estão isolados! Os caminhos de volta estão cortados! Não vão nos incomodar aqui.

Lopes ia com frequência às vilas mais próximas, disfarçado de vendedor ambulante, vendendo bugigangas religiosas, e trazia notícias das tropas francesas.

— Eles patrulham as estradas — disse ele um dia —, embebedam-se à noite e queriam era estar em casa.

— E procuram comida — disse Sharpe.

— Sim, também fazem isso — concordou Lopes.

— E um dias destes — disse Sharpe —, quando tiverem fome, aparecerão aqui.

— O coronel Christopher não os deixa fazer isso — disse Lopes. Manuel Lopes passeava com Sharpe ao longo do caminho da Quinta, com Harris e Cooper observando-os. Harris e Cooper estavam de guarda no portão da Quinta, o local mais próximo da aldeia autorizado por Sharpe aos seus fuzileiros protestantes. A

chuva ameaçava. Cortinas cinzentas cobriam as montanhas do lado norte e Sharpe ouvira dois estrondos, os quais poderiam ser disparos de canhões em Amarante, mas que pareciam muito fortes.

— Eu vou partir em breve — anunciou Lopes.

— Vai voltar para Bragança?

— Não. Vou para Amarante. Os meus homens estão recuperados, está na hora de voltar à luta.

— Você podia fazer uma coisa, antes de partir — disse Sharpe, ignorando a crítica implícita na última frase de Lopes. — Dizer aos refugiados para irem embora da aldeia. Diga-lhes que regressem para casa. Diga-lhes que São José está cansado de trabalhar e não vai poder protegê-los, se os franceses aparecerem.

Lopes balançou a cabeça.

— Os franceses não vão aparecer — insistiu ele.

— E quando eles aparecerem — continuou Sharpe, com idêntica insistência —, eu não poderei defender a aldeia. Não disponho de homens suficientes para isso.

Lopes tinha um ar desaprovador.

— Vai defender apenas a Quinta — sugeriu ele — porque pertence a uma família inglesa.

— Eu quero que a Quinta se dane — disse Sharpe, irritado. — Eu vou estar lá no alto da montanha, tentando salvar a minha pele. Pelo amor de Deus, somos menos de sessenta homens! E os franceses vão mandar uns mil e quinhentos.

— Eles não vêm para cá — disse Lopes, estendendo a mão para apanhar uns enrugados rebentos de uma vide. — Eu desconfiei sempre do Porto Savage e tinha razão — disse ele.

— Desconfia do quê?

— Uma vide velha — disse Lopes, mostrando as pétalas a Sharpe. — Os maus produtores de vinho do Porto misturam mosto de vides velhas ao vinho para o enriquecer em álcool.

Lopes jogou fora as flores e Sharpe, de repente, recordou-se do dia, no Porto, em que os refugiados morreram afogados, quando os franceses tomaram a cidade. Mas recordou-se, principalmente, como Christopher se preparava para escrever a ordem para ele, Sharpe, atravessar o Douro, quando uma bala de canhão acertou uma árvore, provocando uma chuva de pétalas cor-de-rosa e o coronel pensou que eram de uma cerejeira. E Sharpe lembrou-se da expressão na cara de Christopher ao ouvir a palavra “Judas”.

— Grande merda! — exclamou Sharpe.

— O que foi? — Lopes ficara espantado pela força da imprecisão.

— Ele é um sacana de um traidor — disse Sharpe.

— Quem?

— O coronel Christopher — disse Sharpe.

Era apenas o instinto que o levava, tão subitamente, a convencer-se de que Christopher estava traindo a pátria, um instinto fundamentado na recordação do ar ultrajado do coronel, quando ele, Sharpe, dissera que as flores eram de uma árvore-de-judas. Desde então, o espírito de Sharpe balançava entre uma vaga suspeita de traição por parte de Christopher e uma vaga crença de que o coronel talvez estivesse envolvido numa misteriosa missão diplomática, mas a recordação daquela expressão no rosto de Christopher a consciência de que era uma expressão de medo, tanto quanto de ultraje, convencera Sharpe. Christopher era não só um ladrão, como também um traidor.

— Você tem razão — disse ele para um Lopes atônito. — Harris! — gritou ele, voltando-se para o portão.

— Tenente?

— Procure o sargento Harper. E o tenente Vicente.

Vicente foi o primeiro a aparecer e Sharpe não conseguiu explicar bem porque estava tão seguro de que Christopher era um traidor, mas Vicente não estava inclinado a debater o assunto. Detestava Christopher por ele ter casado com Kate e estava tão farto como Sharpe da vida ociosa que levavam na Quinta.

— Arranje comida — pediu-lhe Sharpe. — Vá à aldeia e peça-lhes para cozerem quanto pão puderem e compre toda a carne salgada que se disponham a dispensar. Ao cair da noite, quero cada homem aprovisionado com rações para cinco dias.

Harper mostrou-se mais contido.

— Pensei que o tenente tinha ordens...

— E tenho, Pat, tenho ordens do general Cradock.

— Santo Deus, senhor, ninguém desobedece às ordens de um general.

— E quem é que obteve essas ordens? — disse Sharpe. — Foi Christopher. Quer dizer que mentiu ao general, como mente para todos.

Não tinha certeza que fosse assim, nem podia ter, mas tão-pouco fazia sentido continuar ali parado naquela quinta. Iria para o sul e esperava que o capitão Hogan o protegesse da ira do general Cradock.

— Vamos partir logo que seja noite — disse ele a Harper. — Quero que verifique se os homens estão equipados e bem municiados.

Harper cheirou o ar.

— Vamos ter chuva, senhor, chuva pesada.

— Por isso é que Deus nos deu peles à prova de chuva — disse Sharpe.

— Eu acho que era melhor esperarmos pela meia-noite, senhor. Dávamos tempo para a chuva diminuir.

Sharpe balançou a cabeça.

— Eu quero sair daqui depressa, Pat. De repente, sinto-me mal aqui. Vamos todos para o sul, para o rio.

— Eu achava que os Sapos tinham queimado todos os barcos?

— Eu não quero ir para leste — disse Sharpe, inclinando a cabeça para o lado de Amarante, onde, diziam, a batalha prosseguia —, e, para oeste, há Sapos por todo o lado.

A norte era só montanhas, rochas e fome, mas para o sul ficava o rio e ele sabia que em algum lugar, do outro lado do Douro, havia forças inglesas. Além disso, pensava que os franceses não poderiam ter destruído todos os barcos ao longo das margens rochosas do rio.

— Havemos de encontrar um barco — prometeu ele a Harper.

— Vai ser uma noite muito escura, senhor. Teremos muita sorte se não nos perdermos.

— Pelo amor de Deus — exclamou Sharpe, irritado com o pessimismo de Harper —, há um mês que estamos patrulhando esta região! Temos obrigação de conhecer o caminho para o sul.

Ao fim da tarde, tinham duas sacas de pão, carne de cabra defumada, dura como pedra, dois queijos e uma saca de feijão. Sharpe distribuiu os mantimentos pelos homens, teve uma inspiração e foi à cozinha da casa, onde se apossou de duas xícaras de chá, considerando que era hora de Kate fazer alguma coisa pela pátria e que não havia nada mais elegante do que doar aos fuzileiros duas belas xícaras de porcelana. Entregou uma a Harper e guardou a outra na mochila. Começara a chover, as bâtegas soando

no telhado da cocheira e caindo em cascata das telhas para o pátio de pedra. Daniel Hagman, à porta da cocheira, observava a chuva cair.

— Eu me sinto bem, senhor — assegurou ele a Sharpe.

— Nós podemos fazer uma maca, Dan, se não se sente bem.

— De modo nenhum, senhor. Eu estou bem.

Ninguém queria partir debaixo daquela chuva, mas Sharpe estava determinado a aproveitar todas as horas de escuridão para abrir caminho até o Douro. Havia a possibilidade, pensava ele, de atingir o rio pelo meio-dia do dia seguinte e, então, faria os homens descansar, enquanto ele perscrutaria a margem do rio, em busca de meios para atravessá-lo.

— Carga aos ombros! — ordenou. — Prontos!

Observou Williamson, mas não percebeu relutância, o homem pôs-se a marchar como os outros. Vicente distribuíra rolhas de cortiça que os homens enfiaram na boca dos canos dos rifles e dos mosquetes: As armas não iam carregadas, porque, com a chuva, a escorva desfazia-se. Houve um certo resmungo quando saíram da cocheira, mas inclinaram os ombros e seguiram-no para o pátio e encosta acima, para a mata, onde os carvalhos e os salgueiros prateados estavam sendo despojados de folhas pelo assalto da chuva e do vento. Não tinham andado nem quinhentos metros, Sharpe já se sentia todo encharcado, mas consolava-se pensando que, com aquele tempo, ninguém se atrevia ali fora. A luz do crepúsculo desaparecera rapidamente, oculta pelas nuvens escuras e espessas que se esfregavam na saliência dentada da arruinada torre de vigia. Sharpe estava seguindo por uma passagem que rodeava o lado oeste da montanha da torre de vigia e olhou para a velha construção quando emergiram das árvores, pensando, pesaroso, em todo o trabalho ali aplicado.

Ordenou uma parada, para permitir a reunião da retaguarda da fila. Daniel Hagman parecia estar aguentando bem. Harper, com duas pernas de cabra pendentes do cinturão, subiu até junto de Sharpe, o qual, de um lugar um pouco mais elevado do que a cota da passagem, observava os homens chegarem.

— Raio de chuva — disse Harper.

— Ela vi parar.

— Acha? — perguntou Harper ingenuamente.

Foi então que Sharpe enxergou um raio de luz no meio da vinha. Não era uma luz, era baça demais, muito pequena e muito próximo do chão, mas ele sabia que não a tinha imaginado e amaldiçoou Christopher por lhe ter roubado o óculo. Fixou o olhar no lugar onde a luz aparecera tão brevemente, mas não viu mais nada.

— O que foi? — perguntou Vicente, que subira para junto dele.

— Pensei ter visto um raio de luz — disse Sharpe.

— Deve ser a chuva — disse Harper, sem dar importância.

— Talvez fosse algum espelho quebrado — sugeriu Vicente. — Eu, uma vez, encontrei um pedaço de um espelho romano, próximo de Entre-os-Rios. Havia, também, dois vasos quebrados e algumas moedas de Séptimus Severus. Sharpe não estava ouvindo, continuava a perscrutar a vinha.

— Entreguei as moedas no seminário do Porto — continuou Vicente, erguendo a voz para se fazer ouvir sobre o ruído da chuva — porque os padres têm ali um pequeno museu.

— O sol não se reflete nos espelhos quando está chovendo — disse Sharpe. Mas algo se refletira lá em baixo, fora mais uma nódoa de luz, um brilho úmido. Fixou os olhos na passagem entre as videiras e, de súbito, tornou a ver o mesmo. E praguejou.

— Que foi isso? — perguntou Vicente.

— Dragões — disse Sharpe —, dezenas deles. Desmontados e nos observando.

O brilho havia sido a luz fosca refletindo-se num dos capacetes. Devia haver um rasgo na cobertura de tecido do capacete e o homem, ao correr ao longo da beira, funcionara como um farol, mas, agora que Sharpe distinguira o primeiro uniforme verde no meio das vides verdes, via dezenas deles.

— Os sacanas iam no emboscar — disse ele.

Sharpe, a contragosto, sentiu admiração por um inimigo que sabia utilizar semelhante mau tempo, mas, depois, pensou que os dragões deviam ter se aproximado de Vila Real de Zedes durante o dia, sem que ele percebesse. E não teriam deixado de entender o significado do trabalho que eles haviam empreendido no alto da montanha e deviam saber que o cume escarpado era o refúgio deles.

— Sargento! — lançou ele para Harper. — Para o alto da montanha, já! Depressa!

E pediu a Deus que não fosse muito tarde.

O coronel Christopher bem podia alterar as regras, contudo, as peças do xadrez continuavam a movimentar-se do mesmo modo, embora o conhecimento que detinha desses movimentos lhe permitisse antever o futuro e, pensava ele, sabia-o fazer com muito mais perspicácia do que qualquer outro homem.

Havia dois desfechos possíveis para a invasão francesa de Portugal. Ou venciam os franceses, ou, o que era muito menos provável, os portugueses, com os seus aliados, os ingleses, escorraçavam as forças de Sault.

Se os franceses ganhassem, Christopher, então, seria dono das caves Savage, seria um aliado de confiança dos novos senhores do País e se tornaria imensamente rico.

Se os portugueses e os seus aliados ingleses vencessem, então teria de lançar mão da patética conspiração de Argenton para explicar porque permanecera no território do inimigo, utilizando o colapso do proposto motim como desculpa para o malogro do seu esquema. E, nesse caso, teria de mover alguns peões para se manter dono do Savage, o que bastaria para fazer dele um homem rico, embora não imensamente rico.

Portanto, em qualquer dos casos ele nunca perderia, desde que os peões fizessem o que tinham a fazer, e um desses peões era o major Henri Dulong, segundo-comandante do 31º Regimento de Infantaria Ligeira, uma das unidades em Portugal da reputada infantaria ligeira francesa. O 31º sabia que era bom, mas nenhum dos seus soldados se comparava a Dulong, o qual era famoso em todo o exército. Era duro, ousado e impiedoso e, naquele princípio de noite de Maio, chuvosa e de nuvens baixas, a sua missão era comandar os seus *voltigeurs*, levando-os a subir pela passagem sul que conduzia à torre de vigia no cume da montanha próxima à Quinta. Tomada aquela montanha, explicara-lhe o brigadeiro Vuillard, as forças isoladas em Vila Real de Zedes não teriam onde se refugiar. Por isso, enquanto os dragões armavam o laço na aldeia e na Quinta, Dulong apossava-se da montanha.

A idéia de atacar ao crepúsculo fora do próprio brigadeiro. Os soldados esperam sempre um ataque ao amanhecer, mas Vuillard tinha a noção de que os homens afrouxavam a vigilância ao final do dia.

— Nessa hora já estão pensando numa botija de vinho, numa mulher e numa refeição — dissera ele a Christopher.

Marcara, pois, o assalto para um quarto para as oito da noite. O Sol punha-se um pouco antes, mas o crepúsculo estendia-se para além das oito e meia, embora as nuvens se apresentassem tão espessas que Vuillard duvidasse que chegasse a haver crepúsculo.

Nem isso interessava. Dulong tinha com ele um bom relógio Breguet e prometera que os seus homens estariam no pico da torre de vigia a um quarto para as oito, justamente quando os dragões convergissem para a aldeia e para a Quinta. As outras companhias do 31º subiriam primeiro a encosta arborizada, descendo depois para a Quinta do lado sul.

— Duvido que Dulong encontre alguma resistência — disse Vuillard a Christopher — e vai ficar infeliz por isso. Ele é um sacana sanguinário.

— Mas lhe deu a tarefa mais perigosa?

— Só se o inimigo se encontrar no cume da montanha — explicou o brigadeiro. — Mas espero apanhá-los desprevenidos, coronel. — E Christopher pôde verificar que as esperanças de Vuillard eram fundamentadas, pois, ao um quarto para as oito os dragões atacaram Vila Real de Zedes, sem encontrarem quase nenhuma resistência. Um ribombo de trovão acompanhou o ataque e uma língua de relâmpagos cruzou o céu, refletindo-se nos espelhos de prata das espadas dos dragões. Uma mancha de homens resistiram, foram disparados alguns mosquetes de uma taberna perto da igreja e Vuillard mais tarde descobriu, ao interrogarem os sobreviventes, que tinha sido capturado um bando de guerrilheiros. Um punhado deles fugiram, oito foram mortos e muitos mais capturados, incluindo o chefe, o qual apelidava a si próprio de Professor. Dois dos dragões de Vuillard ficaram feridos.

Uma centena de dragões dirigira-se para a Quinta. Eram comandados por um capitão, iam encontrar-se com a infantaria que descia pela encosta abaixo e o capitão prometera que a propriedade não seria saqueada.

— Não quer ir com eles? — perguntara Vuillard a Christopher.

— Não — respondera Christopher, observando as garotas da aldeia sendo levadas para a maior das tabernas.

— Não me admira que não queira ir — dissera Vuillard, ao ver as mulheres. — O espectáculo vai ser aqui.

E o espectáculo de Vuillard começou.

Os aldeãos odiavam os franceses e os franceses odiavam os aldeãos. Os dragões tinham descoberto os guerrilheiros e sabiam como tratar com semelhante peçonha. Manuel Lopes e os seus homens foram levados para a igreja e ali forçados a destruírem os altares, as cadeiras e as imagens, juntando tudo, depois, no meio da igreja. O padre José começou a protestar contra o vandalismo e os dragões despiram-no, rasgaram-lhe a sotaina em tiras e utilizaram as tiras para atarem o pároco ao grande crucifixo suspenso por cima, do altar-mor.

— Os padres são os piores — explicou Vuillard a Christopher —, pois incitam sua gente a lutar contra nós. Acho que teremos de matar todos os padres em Portugal, para acabarmos com isso.

Chegavam mais prisioneiros à igreja. Qualquer aldeão que tivesse uma arma em casa ou que enfrentasse um dragão era levado para lá. Um homem que tentara proteger a filha de treze anos foi levado para a igreja e, uma vez lá dentro, um sargento de dragões, armado com um malho retirado da oficina do ferreiro, quebrou os braços e as pernas do homem.

— É mais fácil do que prendê-los — explicou Vuillard. Christopher encolheu-se, ao ouvir os ossos partirem-se. Alguns homens gemiam, alguns poucos berravam, mas a maioria permanecia obstinadamente silenciosa. O padre José foi rezando a oração dos mortos, até que um dragão acabou com ele, quebrando-lhe a queixada com uma espadeirada.

Era noite cerrada, agora. A chuva continuava a soar no teto da igreja, mas menos violentamente. Os relâmpagos iluminavam as janelas do lado de fora. Vuillard dirigiu-se aos cacos de um altar lateral e apanhou uma vela que ardia no chão. Levou-a para a pilha de madeira partida, no meio da igreja, sobre a qual havia sido

espalhada pólvora das munições dos dragões, e colocou a vela bem encaixada na pilha, logo recuando. Por um momento, a chama tremeu débil, insignificante, depois houve um silvo e uma chama brilhante elevou-se do meio da pilha. Os homens feridos puseram-se a gritar, à medida que a fumaça subia em espiral para as vigas do teto, enquanto Vuillard e os dragões se retiravam para a porta.

— Arrastam-se como peixes.

O brigadeiro referia-se aos homens que tentavam aproximar-se do fogo na esperança de apagá-lo. Vuillard riu.

— A chuva vai retardar isto — disse ele para Christopher —, mas não muito. — O fogo já crepitava, soltando fumaça espessa.

— Eles só morrem quando o fogo chegar ao teto — disse Vuillard — e isso vai levar bastante tempo. É melhor sairmos daqui.

Os dragões trancaram a porta da igreja e foram embora. Uma dezena deles ficou por ali, na chuva, para se certificar de que o fogo não se alastrava para fora ou de que, coisa improvável, ninguém escapava das chamas. Entretanto, Vuillard levou Christopher e uma dúzia de oficiais para a maior taberna da aldeia, iluminada por grande quantidade de velas e de lamparinas.

— A infantaria vem apresentar-se aqui — explicou Vuillard —, por isso temos de arranjar alguma coisa para passar o tempo, não é?

— É claro — disse Christopher, tirando o chapéu de bicos ao entrar na taberna.

— Vamos comer qualquer coisa e beber o que chamam de vinho neste país — disse o brigadeiro Vuillard, parando na sala principal, onde as garotas tinham sido alinhadas e encostadas a uma parede. — O que acha? — perguntou ele a Christopher.

— Tentadoras — respondeu Christopher.

— De fato são.

Vuillard ainda não confiava inteiramente em Christopher. O inglês parecia muito distante, mas agora, pensou Vuillard, ia pô-lo à prova.

— Escolha à vontade — disse-lhe, apontando para as garotas. Os homens de guarda sorriram. As moças choravam baixinho.

Christopher deu um passo em direção às cativas. Se o inglês vacilar, pensava Vuillard, isso indicaria escrúpulos ou, pior ainda, simpatia pelos portugueses. Havia mesmo alguns no exército francês que exprimiam essa simpatia, certos oficiais que argumentavam que, ao maltratar os portugueses, o exército apenas criava mais problemas, mas Vuillard, como a maioria dos franceses, achava que os portugueses deviam ser punidos com toda a severidade, para que nenhum, nunca mais, ousasse levantar um dedo contra os franceses. Violação, roubo e devassidão destrutiva eram, para Vuillard, uma tática defensiva e, agora, queria ver Christopher juntar-se a eles num ato de guerra. Queria ver o distante inglês portar-se como os franceses no momento do triunfo.

— Rápido — disse Vuillard —, eu prometi aos meus homens que podiam ficar com as que não quiséssemos.

— Escolho a pequenina — disse Christopher ferozmente —, a ruiva.

A garota berrou, mas havia muitos gritos nessa noite em Vila Real de Zedes.

E, ao sul, para os lados da montanha, também.

Sharpe corria. Gritara aos homens para correrem tão rápido quanto pudessem, pusera-se a galgar a encosta e percorrera uns cem metros antes de se acalmar e compreender que estavam fazendo tudo errado.

— Atiradores! — gritou ele. — Largar mochilas!

Aguardou que os homens se desenvencilhassem da carga, até ficarem apenas com as armas, os bornais e as cartucheiras. Os homens do tenente Vicente fizeram o mesmo. Seis portugueses e igual número de atiradores ficaram ali, guardando as mochilas, as sacolas, os capotes e as peças de carne defumada, enquanto os outros seguiram Sharpe e Vicente encosta acima. Seguiam, agora, muito mais depressa.

— Já viu os sacanas lá em cima? — perguntou Harper, ofegando.

— Não — disse Sharpe.

Sabia que os franceses iriam querer tomar o forte, porque era o ponto mais elevado em quilômetros ao redor, e isso significava que deviam ter enviado uma companhia, ou mais, para fecharem o cerco pelo sul e escalarem a montanha. Era, portanto, uma corrida. Sharpe não tinha prova nenhuma de que os franceses já estivessem na corrida, mas não os subestimava. Eles acabariam por aparecer e tudo o que pedia era que ainda não estivessem lá.

A chuva caía mais forte. Com aquele tempo nenhuma arma disparava. Ia ser uma luta de aço molhado, punhos e coronhas de rifles. As botas de Sharpe deslizavam no musgo encharcado e escorregavam nos pedregulhos. Estava ficando sem fôlego, mas, pelo menos, tinha subido a encosta e encontrava-se agora na passagem que conduzia ao espinhaço norte da montanha e os seus homens tinham alargado e beneficiado a passagem, cortando degraus na rocha, nos lugares mais íngremes, e espetando cunhas de madeira de salgueiro como apoios de mão. Tinha sido trabalho inventado para mantê-los ocupados, mas que valera a pena, pois, agora, acelerava-lhes o passo. Sharpe continuava à frente, com uma dúzia de atiradores logo atrás dele. Decidiu que não cerraria fileiras enquanto não chegassem ao cume. Aquilo era uma confusão em que o diabo ia sempre levar a melhor, por isso o importante era alcançar o topo. Olhou lá para cima, por entre o remoinho de chuva

e de nuvens, e enxergou apenas rocha molhada e o súbito reflexo de um relâmpago percorrendo a face lisa de um pedregulho. Pensou na aldeia, sabendo que estava condenada. Desejaria ter feito alguma coisa por ela, mas não dispunha de homens suficientes para defendê-la e tentar avisá-los.

A chuva escorria pelo seu rosto, cegando-o. Resvalava, ao correr. Sentia uma pontada de lado, as pernas pareciam fogo e a respiração raspava na garganta. O rifle pendia do ombro, balançando, a coronha batendo-lhe na nádega quando quis puxar a espada, mas, então, teve de largar o punho da espada para se agarrar a uma rocha, pois as botas estavam escorregando terrivelmente. Harper estava uns quinze metros atrás, ofegando. Vicente estava ganhando terreno sobre Sharpe que, arrancando a espada da bainha, se afastou do rochedo e se forçou a andar de novo. Faiscaram relâmpagos para leste, recortando montanhas e um céu oblíquo à chuva. O trovão estrondeou pelos céus, enchendo-os de um troar zangado, e Sharpe sentiu-se como se estivesse escalando para o coração do temporal, escalando para se reunir aos deuses da guerra. A ventania dilacerava-o. O quepe há muito que se fora. O vento rangia, gemia, era abafado pelos trovões e carregado de chuva e Sharpe pensou que não ia conseguir chegar ao topo. E, de repente, encontrou-se junto ao muro, o lugar onde a passagem ziguezagueava entre dois dos pequenos redutos que seus homens haviam erguido. Um relâmpago desfechou uma facada para o vazio úmido e escuro à direita dele. Por um rápido segundo pensou que o cume estava vazio, mas, depois, viu o brilho de uma espada a refletindo o fogo branco do temporal e soube que os franceses já estavam ali.

Os *voltigeurs* de Dulong tinham chegado uns segundos antes, mas ainda não tinham tido tempo para ocuparem os redutos do lado norte, onde os homens de Sharpe agora apareciam.

— Acabem com eles! — rugiu Dulong aos seus homens.

— Matem os sacanas! — gritou Sharpe aos seus.

A espada de Sharpe deslizou por uma baioneta, chiou contra o bocal do mosquete, atirou-se para a frente, empurrando o homem para trás e martelando-lhe o nariz com a testa, os fuzileiros passando por ele, as lâminas tinindo na escuridão. Sharpe desfechou o punho da espada na cara do homem que derrubara, arrancou-lhe o mosquete e atirou-o para o vazio, dirigindo-se, depois, para um grupo de franceses que se preparavam para defender o cume. Eles apontaram-lhe os mosquetes e Sharpe apelou à divina providência que estivesse pensando corretamente, que as pederneiras não pegassem fogo naquela fúria de tempo. Dois homens lutavam à sua esquerda e Sharpe espetou a espada num uniforme azul, cortando-o em tiras. O francês atirou-se para o lado para escapar à lâmina e Sharpe viu Harper martelar a cabeça do homem com a coronha do rifle.

— Deus salve a Irlanda! — exclamou Harper, de olhos abertos fixando os franceses que guarneciam a torre de vigia.

— Vamos acabar com aqueles sacanas! — gritava Sharpe para os fuzileiros que vinham chegando.

— Deus salve a Irlanda!

— Fogo! — gritou um oficial francês e uma dúzia de pederneiras bateram no aço, fazendo saltar faíscas que se extinguiram na chuva.

— Agora, matem-nos — rugiu Sharpe. — Matem todos! — Porque os franceses estavam no cume dele, no território dele, e ele sentia uma raiva comparável à fúria do céu prenhe do temporal. Correu montanha acima e os mosquetes franceses baixaram, as compridas baionetas na ponta. Sharpe recordou-se do combate na escarpada brecha de Gawilghur e fez o que então havia feito. Rastejou por baixo das baionetas, agarrou um homem pelos tornozelos e puxou-o. O francês berrou ao ser lançado montanha abaixo, até cair sobre três baionetas que o trespassaram. Entretanto, os portugueses do tenente Vicente, compreendendo que não podiam disparar, puseram-se a lançar pedras nos soldados

franceses e os pedregulhos provocavam sangue e os faziam vacilar. Sharpe berrava aos seus fuzileiros para se chegarem ao inimigo e, volteando a espada, afastou uma baioneta e puxou outro mosquete com a mão esquerda, de tal modo que o homem foi lançado para baixo, para a baioneta de Harper. Harris brandia o machado que tinham utilizado para limpar a passagem pelo meio dos salgueiros, loureiros e carvalhos, os franceses retraíam-se perante a arma terrível, as pedras continuavam a chover e os homens de Sharpe, rosnando e ofegando, iam abrindo caminho para cima. Um francês deu um pontapé na cara de Sharpe, Cooper agarrou a bota do homem e enfiou-lhe a baioneta na perna. Harper usava o rifle como um cacete, derrubando os homens ao chão com a sua força de gigante. Um atirador caiu para trás, o sangue jorrando-lhe da garganta e diluindo-se quase instantaneamente na chuva. Um soldado português tomou o lugar dele, abrindo caminho com a baioneta e berrando insultos. Sharpe empurrava a espada com as duas mãos contra a massa de corpos, espetava, torcia, puxava, espetava de novo. Um outro português estava ao lado dele, enfiando a baioneta na virilha de um francês, enquanto o sargento Macedo, os lábios encolhidos num rosnar, lutava com uma faca. A lâmina dardejava à chuva, ficava vermelha, era lavada e limpa, ficava de novo vermelha. Os franceses estavam recuando, retirando-se para o pedaço de plataforma lajeada, em frente das ruínas da torre de vigia e um oficial pôs-se a berrar furiosamente para eles. Depois, o oficial avançou, sabre em riste, e Sharpe foi ao encontro dele. As lâminas entrechocaram-se e Sharpe tornou a desferir uma cabeçada e, à luz de um relâmpago, viu o espanto estampado na cara do francês. O oficial, porém, provinha decerto da mesma escola que Sharpe, pois tentou atingi-lo com uma joelhada nas virilhas e meter-lhe os dedos nos olhos. Sharpe desviou-se para o lado, voltando à carga para bater com o punho da espada no queixo do homem, mas o oficial puramente desapareceu, puxado para trás por dois dos seus homens.

Um sargento francês enorme enfrentou, então, Sharpe, brandindo o mosquete, mas o homem tropeçou e Vicente apareceu

com a comprida espada em riste, atingindo com a ponta a traquéia do sargento, o qual urrou como um fole perfurado, caindo no chão, num charco de chuva cor-de-rosa. Vicente recuou, chocado, mas os seus homens ultrapassaram-no, espalhando-se pelo reduto sul, entusiasticamente espetando as baionetas nos soldados franceses metidos nos buracos.

O sargento Macedo deixara a faca espetada no peito de um francês e, em vez dela, brandia agora um mosquete francês como um cacete. Um *voltigeur* tentou tirar-lhe a arma e ficou espantado quando o sargento a deixou ir, dando depois um pontapé na barriga do francês e fazendo-o cair da beira da escarpa. O francês berrou ao cair, o berro ouvindo-se durante um certo tempo. Depois houve um baque seco nas rochas lá embaixo, o mosquete tiniu, mas o som foi engolido pelo ribombar de um trovão.

As nuvens eram fendidas pelos relâmpagos e Sharpe, a espada escorrendo sangue diluído em chuva, gritou para os homens verificarem todas as trincheiras.

— E procurem na torre!

Outro faiscar de relâmpagos revelou a presença de um grande grupo de franceses a meio caminho da passagem sul. Sharpe percebeu que um pequeno grupo de homens mais capazes tinha vindo à frente e fora com esses homens que ele se confrontara. O grosso do grupo, que teria facilmente defendido o cume contra a investida desesperada de Sharpe e de Vicente, atrasara-se.

Vicente distribuía já os seus homens pelas trincheiras mais avançadas. Um atirador jazia morto, junto da torre de vigia.

— Shean Donnelly — disse Harper.

— É pena — disse Sharpe. — Era um dos bons.

— Ele era o diabo de um sacaninha de Derry — disse Harper — que ficou me devendo quatro *xelins*.

— Era um bom atirador.

— Quando não estava bêbado — concedeu Harper.

Pendleton, o mais jovem dos fuzileiros apresentou o quepe a Sharpe.

— Encontrei-o na encosta, senhor.

— O que estava fazendo na encosta quando devia estar combatendo? — perguntou Harper.

Pendleton ficou com um ar preocupado.

— Eu apenas o encontrei, Sargento.

— Matou algum francês? — Harper quis saber.

— Não, Sargento.

— Então, hoje não tem direito ao raio do teu *xelim*, não acha? Pendleton! Williamson! Dodd! Sims!

Harper organizou um grupo para ir buscar as mochilas e os mantimentos. Sharpe mandou outros dois homens recolherem as armas e as munições dos mortos e feridos.

Vicente guarnecera já o lado sul do forte e a presença dos seus homens foi quanto bastou para dissuadir os franceses de tentarem um segundo assalto. O tenente português dirigia-se agora ao encontro de Sharpe, junto da torre de vigia, onde o vento chiava nas pedras partidas. A chuva diminuía, mas as rajadas de vento continuavam fazendo grossos pingos de chuva bater nas pedras ruídas.

— Que vamos fazer quanto à aldeia? — Vicente quis saber.

— Não podemos fazer nada.

— Há mulheres e crianças lá!

— E sei.

— Não podemos abandoná-los assim.

— Que quer que façamos? — perguntou Sharpe. — Que vamos salvá-las? E, enquanto formos, o que acontece aqui? Esses sacanas se apossam da montanha. — Sharpe apontou para os voltigeurs que continuavam a meio caminho da encosta, indecisos entre continuar a subir ou desistir da tentativa. — E, quando chegar lá embaixo — prosseguiu Sharpe — o que vai encontrar? Dragões. Centenas dos malditos dragões. E, quando o último dos seus homens cair morto, você terá, então, a satisfação de saber que tentou salvar a aldeia. — Sharpe notou a obstinação no rosto de Vicente. — Não há, de fato, nada a fazer.

— Temos de tentar — insistiu Vicente.

— Quer ir com alguns homens em patrulha? Então vá, mas o resto fica aqui em cima. Este lugar é a nossa única chance de permanecermos vivos.

Vicente tiritava.

— Você não vai seguir para o sul?

— Se sairmos desta montanha — disse Sharpe — vamos ter os dragões atrás de nós cortando nossas cabeças com as malditas espadas. Nós estamos encurralados, tenente. Estamos encurralados!

— Deixe-me, então, ir com uma patrulha à aldeia?

— Três homens — disse Sharpe.

Estava relutante em deixar ir mesmo que apenas três homens com Vicente, mas percebia que o tenente português estava ansioso por saber o que tinha acontecido aos compatriotas.

— Mas mantenha-se escondido, tenente — avisou-o Sharpe. — Vá pelas árvores. Vá com todo o cuidado!

Vicente estava de volta três horas depois. Havia muitos dragões e uniformes azuis de infantaria em redor de Vila Real de Zedes e ele não tinha conseguido aproximar-se da aldeia.

— Mas ouvi gritos — disse ele.

— Claro — disse Sharpe —, você tinha mesmo que ir lá ouvi-los.

À frente dele, além da Quinta, os restos da igreja da aldeia ardiavam na noite escura e úmida. Era a única luz que conseguia ver. Não havia estrelas, nem velas, nem lamparinas, apenas o triste brilho avermelhado da igreja queimando.

E, na manhã seguinte, sabia Sharpe, os franceses iriam em busca dele outra vez.

De manhã, os oficiais tomaram o café da manhã em frente da taberna. A aldeia revelara-se cheia de comida e havia pão recentemente cozido, presunto, ovos e café. A chuva passara, deixando um laivo úmido no vento, mas havia sombras nos campos e a promessa de um dia quente no ar. A fumaça das cinzas da igreja rumava para norte, levando com ele o fedor de carne queimada.

Maria, a garota ruiva, servia o café ao coronel Christopher. O coronel palitava os dentes com um palito de marfim, mas tirou-o da boca para lhe agradecer.

— Obrigado, Maria — disse-lhe em tom prazeirozo.

Maria encolheu os ombros, inclinando ligeiramente a cabeça, ao retirar-se.

— Ela substituiu o seu criado? — perguntou o brigadeiro Vuillard.

— O maldito desapareceu — disse Christopher. — Fugiu. Desertou.

— Uma troca feliz — disse Vuillard, observando Maria. — Ela é muito mais bonita.

— Ela era bonita — concedeu Christopher. A cara de Maria apresentava contusões que, tendo inchado, a desfiguravam. — E vai tornar a ser bonita.

— Você bateu muito fortemente — disse Vuillard, com um laivo de desaprovação.

Christopher bebeu um gole de café.

— Nós, ingleses, temos um dito, senhor. Um cão, uma mulher e uma aveleira, quanto mais lhes batemos, melhores ficam.

— Uma aveleira?

— Diz-se que, se o tronco for bem açoitado, aumenta a produção de avelãs. Não sei se é verdade, mas sei que uma mulher tem de ser quebrada, como um cão ou um cavalo.

— Quebrda! — repetiu Vuillard, admirado com o sangue-frio de Christopher.

— A estúpida resistiu — disse Christopher —, lutou, por isso tive de lhe mostrar quem é que mandava. Temos que ensinar isso a todas as mulheres.

— Mesmo à nossa mulher?

— Especialmente à nossa mulher — disse Christopher —, embora o processo possa ser mais lento. Não se dobra uma boa égua rapidamente, leva tempo. Mas aquela — continuou ele, apontando para Maria com a cabeça —, aquela levou logo umas chicotadas. Não me interessa se está ressentida comigo, mas um homem não quer ver a própria mulher amarga e ressentida.

Maria não era a única pessoa ferida na cara. O major Dulong tinha uma marca negra na cana do nariz e uma carranca tão carregada como a de Maria. Tinha chegado à torre de vigia antes dos ingleses e dos portugueses, mas apenas com um pequeno grupo de homens, e fora surpreendido pela ferocidade com que o inimigo o atacara.

— Deixe-me voltar, meu General — impetrou ele a Vuillard.

— Claro que sim, Dulong, claro que sim.

Vuillard não culpava o oficial *voltigeur* pelo único insucesso da noite. Segundo parecia, as tropas inglesas e portuguesas, que todos esperavam encontrar nos estábulos da Quinta, tinham decidido dirigir-se para o sul, encontrando-se, assim, a meio caminho da torre de vigia quando o ataque começara. O major Dulong, porém, não estava habituado a derrotas e o fato de ter sido repellido do cume da montanha feria-lhe o orgulho.

— Claro que vai voltar — assegurou-lhe o brigadeiro —, mas não agora. Acho que, primeiro, vamos deixar *les belles filles* tratar deles à sua boa maneira.

— *Les belles filles?* — perguntou Christopher, ansioso por saber por que raio Vuillard ia mandar mulheres para a torre de vigia.

— É como o imperador chama os seus canhões — explicou Vuillard. — Temos uma bateria em Valongo e eles devem ter um reforço de obuses. Tenho certeza de que os artilheiros não se importarão de nos emprestar alguns dos seus brinquedos, não acha. Um dia praticando tiro e aqueles idiotas no alto da montanha ficarão tão quebrados como a sua ruiva. — O brigadeiro pôs-se a olhar para as garotas que traziam a comida. — Eu vou observar o nosso alvo quando acabarmos de comer. Talvez me dê a honra de me emprestar o seu óculo?

— Certamente — disse Christopher, empurrando o óculo através da mesa —, mas tenha cuidado com ele, meu caro Wiliard, ele é minha preciosidade.

Vuillard examinou o tubo de cobre e sabia o inglês suficiente para decifrar a inscrição.

— Quem é este AW?

— *Sir Arthur Wellesley*, como é óbvio.

— E porque é que ele lhe ficou agradecido?

— Meu caro Vuiliard, você não pode esperar que um cavalheiro lhe responda a semelhante pergunta. Estaria me vangloriando, se o fizesse. Basta que lhe diga que não limpei meramente as botas dele.

Christopher sorriu modestamente, servindo-se, depois, de ovos e de pão. Duzentos dragões fizeram a curta jornada de volta a Valongo. Escoltavam um oficial que levava um pedido de um par de obuses. O oficial e os dragões regressaram nessa mesma manhã. Apenas com um único obus, mas, em relação a isso, Vuillard estava seguro de que era quanto bastava.

CAPÍTULO VI

O que de fato queria — disse o tenente Pelletieu — era um morteiro.

— Um morteiro? — exclamou o brigadeiro-general Vuillard, admirado com a autoconfiança do tenente. — Está me dizendo o que eu quero?

— O que o meu General quer — disse o tenente, todo cheio de si — é um morteiro. É uma questão de ângulo, senhor.

— É uma questão, tenente — disse Vuillard, com uma certa ênfase na patente inferior de Pelletieu —, de despejar morte, merda, horror, danação, sobre aqueles impudentes sacanas que estão no raio do cume da montanha. — E apontou para a torre de vigia. Estava na extremidade da mata, onde sugerira a Pelletieu que instalasse o obus e iniciasse a matança. — Não me fale de ângulos! Fale-me de mortes.

— Matar é a nossa missão, senhor — disse o tenente, nada impressionado com a irritação do brigadeiro —, mas eu tenho de me aproximar mais dos impudentes sacanas.

Pelletieu era muito jovem, tão jovem que a Vuillard parecia que ainda não fazia a barba. E era magro como um chicote, tão magro que as calças brancas, o colete branco e a casaca azul-escura, de abas, lhe pendiam do corpo como a roupa velha num espantalho. Um comprido e esquelético pescoço sobressaía-lhe do duro colarinho azul e o nariz, enorme, suportava um par de óculos de lentes grossas que lhe davam a infeliz aparência de um peixe esfomeado, mas foi um peixe vincadamente senhor de si que se voltou para o sargento artilheiro.

— Duas libras a doze graus, não acha? Mas só se pudermos avançar até às trezentas e cinquenta toesas.

— Toesas? — O brigadeiro sabia que os artilheiros utilizavam a antiga medida de comprimento, mas que, a ele, não lhe dizia nada. — Ó homem, porque não fala francês?

— Trezentas e cinquenta toesas, quer dizer... — Pelletieu fez uma pausa, enquanto fazia a conta.

— Seiscentos e oitenta metros — avançou o sargento artilheiro, tão magro, tão pálido e tão jovem como Pelletieu.

— Seiscentos e oitenta e dois — disse Pelletieu, precioso.

— Trezentas e cinquenta toesas — ruminou o sargento em voz alta. — Carga de duas libras? Doze graus? Acho que está bem, senhor.

— É o máximo possível — disse Pelletieu, voltando-se depois para o brigadeiro. — O alvo está muito alto, meu General — explicou ele.

— Eu sei que está muito alto — disse Vuillard num tom perigoso —, é o que chamamos uma montanha.

— Todos pensam que os obuses podem fazer milagres em alvos elevados — prosseguiu Pelletieu, ignorando o sarcasmo de Vuillard —, mas os obuses não foram concebidos para ângulos superiores a doze graus em relação ao horizonte. Enquanto um morteiro, esse sim, pode disparar num ângulo muito maior, mas desconfio que o morteiro mais próximo se encontra no Porto.

— Tudo o que quero é matar os sacanas! — rosou Vuillard, depois acrescentando, ao vir-lhe algo à memória: — E porque não uma carga de três libras? A artilharia, em Austerlitz, utilizou cargas de três libras.

Esteve para acrescentar “antes de vocês terem nascido”, mas dominou-se.

— Três libras! — Pelletieu inspirou audivelmente, enquanto o sargento revirava os olhos, perante o patentear de ignorância do brigadeiro. — Trata-se de um cano de Nantes, General — prosseguiu Pelletieu, como explicação, batendo com a mão no obus. — Fabricado na época da escuridão, senhor, antes da revolução, e foi mal fundido. O par dele explodiu há três semanas, meu General, e matou dois elementos da serventia. Havia uma bolha de ar no metal, uma fundição horrorosa. Não é seguro além das duas libras, senhor, nada seguro.

Os obuses eram, geralmente, utilizados aos pares, mas a explosão de três semanas atrás tornara o obus de Pelletieu o único da bateria. O obus era uma arma de aspecto estranho, mais parecendo um brinquedo, empoleirado numa carreta de tamanho normal. O cano, de setenta centímetros apenas, estava montado entre duas rodas da altura de um homem, mas o pequeno canhão era capaz de fazer o que outras armas de campo não conseguiam fazer: conseguia disparar num arco elevado. As armas de campo raramente se elevavam a mais de um grau ou dois e as suas balas voavam numa trajetória plana. O obus, porém, expelia as suas granadas para cima, de modo que mergulhavam sobre o inimigo. Eram armas concebidas para dispararem por cima de muralhas defensivas, ou por cima das cabeças da infantaria amiga, mas, como um projétil lançado ao alto trava de imediato ao aterrar, os obuses não disparavam balas sólidas. Com um canhão comum, o projétil salta e continua a saltar e, mesmo depois da quarta ou quinta arranhadela, como os artilheiros chamam os saltos, pode ainda mutilar ou matar, mas, com um tiro disparado para o ar, muito provavelmente o projétil acaba por enterrar-se na erva, sem causar dano. Por isso, os obuses disparavam granadas preparadas para explodirem quando o projétil caía no solo.

— Duas vezes quarenta e nove, meu General, considerando que trouxemos também o caixotão do outro obus — disse Pelletieu, quando Vuillard lhe perguntou de quantas granadas dispunha. —

Noventa e oito granadas e vinte e duas caixas de metralha, meu General. O dobro da munição habitual.

— Esqueça a metralha — ordenou Vuillard.

A metralha, que saía do cano de uma arma espalhando-se, como o chumbo do tiro aos pombos, utilizava-se contra tropas em campo aberto, não com infantaria escondida no meio de rochedos.

— Lance as granadas para cima dos sacanas e, se for necessário, mandamos buscar mais munições. Mas não vai ser necessário — acrescentou ele malevolamente —, porque você vai matar os sacanas, não vai?

— É para isso que estamos aqui — disse Pelletieu com um ar feliz — e, com todo respeito, senhor, não faremos viúvas, se ficarmos conversando. Sargento! Pás!

— Pás? — perguntou Vuillard.

— Temos de aplanar o terreno, senhor — disse Pelletieu —, porque Deus não pensou nos artilheiros, quando fez o mundo. Muitas protuberâncias e poucos lugares lisos. Mas nós somos muito bons em melhorar a obra de Deus, General.

O coronel Christopher tinha estado a inspecionar o obus, mas ao ver Pelletieu afastar-se, apontou-o a Vuillard.

— Agora mandam crianças da escola para a guerra?

— Ele parece saber do ofício — disse Vuillard, contra vontade. — E o seu criado, já apareceu?

— Não, o raio do homem desapareceu. Hoje eu mesmo tive de fazer a minha barba!

— Teve de fazer a barba? — observou Vuillard, divertido. — A vida é dura, Coronel, às vezes a vida é muito dura.

E, em breve, ia ser mortífera, para os fugitivos abrigados na montanha.

Ao amanhecer, um amanhecer úmido, com as nuvens fugindo para sudeste e o vento fustigando ainda o cume escabroso, Dodd enxergara os fugitivos a meio caminho, na encosta norte da montanha. Estavam de cócoras no meio das rochas, claramente a esconderem-se das sentinelas francesas que se alinhavam ao longo da orla da mata. Eram sete, todos homens. Seis eram sobreviventes do bando de Manuel Lopes e o sétimo era Luís, o criado de Christopher.

— Foi o coronel — dissera ele a Sharpe.

— O que ele fez?

— Foi o coronel Christopher. Está lá em baixo. Foi ele que os trouxe aqui e disse-lhes que vocês estavam aqui.

Sharpe olhara para baixo, para a aldeia, onde uma mancha negra indicava o local onde se erguera a igreja.

— Ele é um grande sacana! — dissera calmamente.

Mas não estava surpreso. Não agora. Só culpava a si mesmo por ter levado tanto tempo para perceber que Christopher era um traidor. Interrogou Luís e o criado contou-lhe a viagem ao Sul para falar com o general Cradock, falou-lhe no jantar no Porto, em que o hóspede de honra fora um general francês, disse-lhe como Christopher às vezes envergava um uniforme francês. Porém, honestamente, confessou que não sabia as teias que o coronel tecia. Sabia que Christopher se pavoneava com o belo óculo de Sharpe e, entretanto, conseguira roubar o velho óculo do coronel, o qual estendeu a Sharpe com ar triunfante.

— Tenho pena que não seja o seu, mas o coronel guarda-o no bolso traseiro. E eu agora quero combater ao seu lado — disse Luís, todo orgulhoso.

— Já combateu alguma vez? — perguntou Sharpe.

— Uma pessoa aprende — disse Luís —, e não há ninguém melhor que um barbeiro para cortar gargantas. Eu costumava pensar nisso quando fazia a barba dos clientes, como era fácil cortar-lhes a garganta. Mas nunca o fiz, é claro — acrescentou ele pressurosamente, para Sharpe não pensar que ele era um assassino.

— Acho que vou continuar a fazer eu mesmo a minha barba — disse Sharpe, com um sorriso nos lábios.

Vicente entregou, a Luís um dos mosquetes e uma cartucheira capturados dos soldados franceses e o barbeiro juntou-se aos homens nos redutos que barricavam o topo da montanha. Os homens de Manuel Lopes prestaram juramento como leais soldados portugueses e, um deles disse que preferia fugir para se juntar aos grupos de guerrilheiros que atuavam a norte, o sargento Macedo espetou-lhe um soco no queixo para obrigá-lo a jurar.

— Aquele sargento é um grande sujeito — comentou Harper, com aprovação.

O nevoeiro levantara. Os flancos encharcados da montanha Cobriam-se de vapor ao sol matinal, mas a névoa desaparecia à medida que a manhã aquecia. Havia agora dragões em todas as vertentes da montanha. Patrulhavam o vale em todos os sentidos, tinham um forte piquete do lado sul e homens desmontados de sentinela na orla da mata. Sharpe, ao ver que os dragões apertavam o laço, percebeu que, se ele e os seus homens tentassem escapar, seriam presa fácil aos cavaleiros.

Harper, o rosto largo brilhando de suor, olhou lá para baixo, para a cavalaria.

— Tenho notado uma coisa, senhor — disse ele —, desde que me juntei ao senhor na Espanha.

— O que notou?

— Notei que somos sempre em menor número e que ficamos sempre cercados.

Sharpe prestava atenção, não a Harper, mas aos ruídos do dia.

— Notou alguma coisa? — perguntou ele.

— Notei sim, tenente notei que estamos cercados e em menor número.

— Não, não é nada disso. — Sharpe calou-se, pôs-se à escuta e franziu o sobrolho. — O vento está de leste, não está?

— Mais ou menos.

— E não se ouvem armas de fogo, Pat!

Harper pôs-se à escuta.

— Santo Deus, tenente, tem razão.

Vicente notara o mesmo e veio ter à torre de vigia, onde Sharpe instalara o posto de comando.

— Não se ouve nada do lado de Amarante — disse o tenente português, com ar abatido.

— Quer dizer que o combate acabou — comentou Harper.

Vicente fez o sinal da cruz, o que dizia da sua convicção de que o exército português que defendia a ponte sobre o Tâmega tinha sido derrotado.

— Não sabemos o que aconteceu — disse Sharpe, numa tentativa de animar Vicente.

Contudo, reconhecer que não sabiam o que estava acontecendo era quase tão deprimente como pensar que Amarante tinha caído. Enquanto o ribombar das armas soara a leste, eles sabiam que havia forças que se batiam contra os franceses, sabiam que a guerra continuava e alimentavam a esperança de um dia se

reunirem a forças amigas. O silêncio matinal, porém, era abominável. E, se os portugueses tinham perdido Amarante, o que ia acontecer aos ingleses que estavam em Coimbra e em Lisboa? Iriam embarcar, no largo estuário do Tejo, em navios prontos a zarparem para Inglaterra? O exército de *Sir* John Moore tinha sido expulso de Espanha e, agora, era a pequena força inglesa que ia ser escorraçada de Lisboa? Sharpe sentiu um súbito e horrível arrepio de medo, ao pensar que podia ser o último oficial inglês no Norte de Portugal e o último osso a ser roído pelo inimigo insaciável.

— Isso não quer dizer nada — mentiu ele, vendo o mesmo receio espelhado nas faces dos companheiros. — *Sir* Arthur Wellesley está chegando.

— Esperemos — disse Harper.

— Ele é um bom general? — perguntou Vicente.

— É o melhor de todos — disse Sharpe fervorosamente e, depois, vendo que as suas palavras não incutiam muita esperança, pôs Harper a trabalhar.

Os mantimentos que tinham sido levados para a torre de vigia haviam sido colocados todos em um dos cantos da ruína, de forma a Sharpe os sempre à vista. Os homens, porém, nada tinham comido ainda, por isso encarregou Harper de fazer a distribuição da refeição.

— Dê-lhes rações reduzidas, Sargento — disse-lhe Sharpe —, pois só Deus sabe quanto tempo vamos aqui ficar.

Vicente acompanhou Sharpe até à pequena plataforma em frente da entrada da torre de vigia, de onde se puseram a observar os dragões distantes. Vicente parecia distraído e começou a mexer num fio branco que lhe ornava o uniforme azul-escuro e, quanto mais ele puxava, mais fio era arrancado da casaca.

— Ontem... — disse ele de repente. — Ontem foi a primeira vez que eu matei um homem com uma espada. — Vicente franziu o cenho, puxando mais uns centímetros da borda da casaca. — Foi uma coisa horrível!

— Especialmente com uma espada dessas — disse Sharpe, apontando a espada de Vicente.

A espada do oficial português era estreita, reta e não particularmente robusta. Era uma espada de parada, para se ver, não para combate debaixo de chuva.

— Com uma destas — prosseguiu Sharpe, dando uma palmada na pesada espada de cavalaria que lhe pendia do cinto — derrubasse os sacanas ao chão. Eu não os furo, bato neles. Você consegue matar um touro com esta espada. Arranje uma espada de cavalaria, Jorge, são espadas feitas para matar. As espadas dos oficiais de infantaria só servem para os bailes.

— O que eu quis dizer é que foi horrível olhar para os olhos do homem — explicou Vicente — e, mesmo assim, usar a espada.

— Eu sei o que isso é — disse Sharpe —, mas é o melhor que há a fazer. Uma pessoa tem a tendência é de olhar para a espada ou para a baioneta, não é? Mas se você fitar os olhos deles vai saber o que eles vão fazer a seguir, ao ver para onde eles olham. Por isso, nunca olhe para o lugar onde vai atingi-los. Continue olhando-os nos olhos e desfira o golpe.

Vicente percebeu que estava desfazendo o pesponto da casaca e enrolou a linha arrancada em volta de um botão.

— Quando dei um tiro no Sargento — disse ele —, pareceu-me irreal. Parecia teatro. E ele não ia me matar. Mas aquele homem ontem à noite! Foi arrepiante.

— Claro que tinha de ser arrepiante — frisou Sharpe. — Um combate como aquele? Na chuva e na escuridão? Num combate assim tudo pode acontecer. Um homem tem de atacar depressa e

de usar todos os meios, Jorge. Tem de mutilar e de continuar a fazê-lo.

— Você tem combatido demais! — disse Vicente tristemente, como se tivesse pena de Sharpe.

— Sou militar há muito tempo — disse Sharpe — e o nosso exército combate muito. Na Índia, em Flandres, aqui, na Dinamarca.

— Na Dinamarca! Porque combateram na Dinamarca?

— Só Deus sabe — disse Sharpe. — Tinha a ver com a armada deles. Nós a queríamos, eles não queriam dá-la e nós fomos lá tomá-la.

Sharpe estava olhando para baixo, pela encosta do lado norte, para um grupo de uma dúzia de franceses, de tronco nu, que estavam cavando uma zona de fetos, a uns cem metros da orla da mata. Pegou o óculo substituto que Luís lhe trouxera. Era pouco mais do que um brinquedo, com a lente de fora solta, o que toldava a visão, e tinha muito menos alcance do que o dele, mas, mesmo assim, achou que era melhor do que nada. Focou o óculo, segurou a lente com a ponta de um dedo e apontou ao grupo de franceses.

— Merda! — exclamou ele.

— O que foi?

— Os sacanas arranjaram um canhão — disse Sharpe. — Só espero que não seja um morteiro.

Vicente, espantado, tentava, em vão, enxergar um canhão.

— E o que acontece se for um morteiro?

— Morremos — disse Sharpe, imaginando a arma em forma de pote lançando granadas para o céu, para caírem quase na vertical sobre a posição deles. — Morremos todos — repetiu ele — ou tentamos fugir e somos capturados.

Vicente fez de novo o sinal da cruz. Não fizera aquele gesto nas primeiras semanas depois de se encontrar com Sharpe, mas, quanto mais se afastava da vida de advogado, voltavam-lhe os antigos hábitos. A vida, ele estava aprendendo, não era ditada pela lei, nem pela razão, mas pela sorte, pela selvageria e pela fé cega.

— Eu não vejo nenhum canhão — confessou ele por fim.

Sharpe apontou para o grupo de franceses trabalhando.

— Aqueles pederastas estão aplanando o terreno, para poderem apontar adequadamente — explicou ele. — Não se dispara um canhão numa encosta, se pretende acertar alguma coisa.

Sharpe desceu uns passos na encosta.

— Dan!

— Senhor?

— Veja onde os sacanas vão colocar o canhão, a que distância.

Hagman, abrigado por uma rocha, espreitou lá para baixo.

— A pouco mais de seiscentos metros, senhor. Muito longe.

— Podíamos tentar?

Hagman encolheu os ombros.

— Eu posso tentar, senhor, mas talvez seja melhor mais tarde. — Sharpe concordou. Era melhor só revelar o alcance dos rifles aos franceses quando a situação se tornasse desesperada.

Vicente, uma vez mais, parecia espantado, por isso Sharpe explicou-lhe as coisas.

— Uma bala de rifle pode alcançá-los, mas é preciso um gênio para acertar a esta distância. E Dan é quase um gênio.

Sharpe refletia em como podia mandar um pequeno grupo de atiradores encosta abaixo e sabia que entre trezentos e quatrocentos metros eles podiam causar grande dano aos artilheiros. Estes, porém, a essa distância responderiam com metralha e, embora encosta abaixo houvesse muitos pedregulhos, poucos tinham tamanho suficiente para abrigar um homem da metralha. Sharpe perderia, então, os soldados. Faria isso, decidiu, se a arma fosse um morteiro, pois os morteiros não disparam metralha, mas os franceses poderiam responder à sua incursão com um forte dispositivo de infantaria. Golpe e contragolpe. Era frustrante. Tudo o que podia fazer era esperar que a arma não fosse um morteiro.

E não era um morteiro. Uma hora depois do grupo ter começado a fazer uma plataforma nivelada, apareceu o canhão e Sharpe verificou que era um obus. Era mau sinal, mas os homens tinham alguma chance de escapar, pois as granadas dos obuses tinham uma trajetória oblíqua e os homens poderiam abrigar-se por trás dos grandes rochedos do topo da montanha. Vicente pediu o pequeno óculo e observou os artilheiros franceses instalando a peça e preparando a munição. Um caixotão, com a tampa almofadada, para os serventes poderem sentar nela nos deslocamentos, estava sendo aberto e os sacos de pólvora e os invólucros de granadas empilhados na plataforma nivelada.

— Parece-me uma peça muito pequena — disse Vicente.

— Não precisa de um cano muito comprido — explicou Sharpe —, porque não é uma arma de precisão, apenas faz chover granadas em cima de nós. Vai fazer muito barulho, mas vamos sobreviver — acrescentou ele para tranquilizar Vicente, mas não estava tão confiante como parecia.

Duas ou três granadas certas podiam dizimá-los, mas a chegada do obus tinha, pelo menos, a virtude de retirar outro tipo de preocupações da cabeça dos homens, os quais, agora, observavam atentamente a movimentação dos artilheiros. Uma

pequena bandeira fora colocada uns quarenta metros à frente do obus, presumivelmente para o oficial que comandava a peça poder avaliar o vento, que tenderia a desviar as granadas para oeste. Sharpe viu-os inclinarem a cauda do obus para compensar e, depois, observou pelo óculo enquanto introduziam cunhas sob o cano rodeado de restolho. As armas de campo eram elevadas, geralmente, através de um parafuso, mas os obuses utilizavam as velhas cunhas de madeira. Sharpe percebeu que o oficial esquelético que supervisionava a peça estava utilizando as maiores cunhas de que dispunha, tentando obter a máxima elevação possível, de modo a que as granadas caíssem sobre as rochas do cume da montanha. Os primeiros sacos de pólvora estavam sendo colocados junto da peça e Sharpe viu o reflexo de um raio de sol em aço, sinal de que o oficial devia estar ajustando o detonador da granada.

— Todos abrigados, Sargento! — gritou Sharpe.

Cada homem tinham um lugar para onde ir, um lugar bem protegido pelos grandes rochedos. A maior parte dos homens estavam nas trincheiras, muradas com as pedras, mas uma dúzia deles, incluindo Sharpe e Harper, estavam no interior da antiga torre de vigia, onde existia uma escada que, em tempos, conduzia às muralhas. Restavam apenas quatro degraus, os quais subiam apenas até uma cavidade esburacada na parede de pedra, do lado norte, onde Sharpe se colocou, para observar o que os franceses faziam.

O obus desapareceu numa nuvem de fumaça, logo seguida pelo estrondo da explosão da pólvora. Sharpe tentou enxergar o projétil no céu e viu, então, o fino e ondeante rastro de fumaça deixado pelo rastilho. Depois surgiu o som da granada, um trovão rolando lá em cima e o rastro de fumaça passou a uns centímetros por cima da torre de vigia arruinada. Todos estiveram prendendo a respiração, mas, agora, soltavam-na, pois a granada foi explodir na encosta sul.

— Rastilho muito comprido — disse Harper.

— Mas na próxima decerto que não — disse Tongue.

Daniel Hagman, pálido, estava sentado, encostado à antiga muralha, de olhos fechados. Vicente e os seus homens estavam um pouco mais abaixo, na encosta, protegidos por um rochedo do tamanho de uma casa. Nada podia atingi-los diretamente, mas, se uma granada batesse na frente da torre de vigia, provavelmente cairia em cima deles. Sharpe tentava não pensar nisso. Tinha feito tudo o que podia e sabia que não podia proporcionar uma proteção perfeita a cada um dos homens.

Aguardaram.

— Vamos com isso! — exclamou Harris.

Harper benzeu-se. Sharpe olhou pelo buraco e viu um artilheiro levando o bota-fogo ao cano do obus. Não disse nada aos homens, porque o estrondo da arma era suficiente para avisá-los. Além disso, ele não estava olhando lá para baixo para ver quando disparavam o obus, mas para ver quando é que os franceses iam atacar com a infantaria. Era o que seria óbvio eles fazerem. Disparavam o obus para as cabeças dos ingleses e dos portugueses baixarem e, depois, enviavam a infantaria em assalto. Sharpe, porém, não viu sinal de ataque. Os dragões mantinham-se à distância, a infantaria não se encontrava à vista e os artilheiros continuavam trabalhando.

Granada após granada caía no cume da montanha. Depois do primeiro tiro, os rastilhos foram ajustados e as granadas batiam nas rochas, caíam e explodiam. Monótona, persistentemente, tiro após tiro, cada explosão enviava pedaços de ferro vermelho estalando e assobiando pelo amontoado de rochedos. Os franceses, porém, pareciam não se perceber a boa proteção que os rochedos proporcionavam. O cume tresandava a pólvora, a fumaça metia-se por entre os rochedos, como nevoeiro, e colava-se aos pedregulhos cobertos de líquens da torre de vigia. Milagrosamente, contudo,

ninguém fora ferido com gravidade. Um dos homens de Vicente fora atingido por uma lasca de ferro num braço, mas fora o único dano. Mesmo assim, os homens estavam fartos daquela tortura. Permaneciam sentados, todos encolhidos, contando os tiros, que eram disparados a intervalos regulares, um por minuto, e os segundos pareciam alongar-se entre cada um. Ninguém falava e cada tiro era um estrondo que vinha lá de baixo, um estrépito ou uma pancada seca quando a granada batia, a rasgada explosão da carga de pólvora e a fragmentação do seu invólucro. Uma das granadas não explodiu e todos eles ficaram de respiração suspensa à espera da explosão, até se convencerem de que o detonador não funcionara.

— Quantas granadas terão? — perguntou Harper, passado um quarto de hora.

Ninguém respondeu. Sharpe tinha uma vaga idéia de que uma peça de seis libras inglesa levava como munição mais de uma centena de projéteis, na carreta, no caixotão e nas caixas laterais, mas não tinha certeza disso e a prática francesa, muito provavelmente, era diferente, por isso não disse nada. Entretanto, percorreu o cimo da montanha, indo, da torre de vigia, até junto dos homens nas trincheiras e, depois, observando ansiosamente ambos os flancos da montanha, continuando a não ver sinais de que os franceses preparassem um ataque.

Voltou à torre de vigia. Hagman fizera uma flauta de madeira, talhada à faca, enquanto estivera de convalescença e, agora, tocava trechos de velhas melodias. Os pedacinhos de música soavam como chilreio de pássaros, depois o cume da montanha ressoava com a próxima explosão, os estilhaços da granada batiam na torre e, quando o brutal ruído se extinguía, ressurgia o som da flauta.

— Gostaria de saber tocar flauta — disse Sharpe, para ninguém em particular.

— Rabecão — disse Harris —, eu gostaria era de tocar rabecão.

— Isso é duro — disse Harper —, porque é muito pesado.

Os homens riram e Harper sorriu, contente.

Sharpe contava mentalmente os segundos, imaginando o obus sendo puxado para a posição correta, imaginando a esponja a ser-lhe retirada, o polegar do artilheiro no ouvido da arma, para evitar que o ar comprimido pela nova esponja ateasse fogo nos restos de pólvora na culatra. Extintos os restos de fogo no interior do cano, metiam-lhe os sacos de pólvora, depois a granada de seis polegadas, com o rastilho adequadamente cortado saindo da cápsula de madeira, o artilheiro metendo então um espigão no ouvido da arma para abrir um buraco num dos sacos de lona da pólvora, introduzindo depois nesse buraco um canudo cheio de pólvora. Os serventes afastavam-se, cobrindo os ouvidos com as mãos, o artilheiro chegava o morrão ao canudo e foi, então, que Sharpe ouviu o estrondo e, quase instantaneamente, houve um enorme estampido de colisão no interior da torre. Sharpe percebeu que a granada entrara exatamente pelo buraco que havia no topo da escada truncada, indo cair, com o rastilho fumegando numa espiral diabólica, no meio dos sacos com os mantimentos. Sharpe olhou para aquilo, viu o fiozinho de fumaça subir, soube que iam todos morrer ou ficar terrivelmente mutilados quando aquilo explodisse e não pensou, atirou-se somente. Roçou pelo rastilho do detonador, sabendo que era tarde demais para arrancá-lo e caiu sobre a granada, comprimindo-a com a barriga, a mente gritando, porque não queria morrer. Vai ser rápido, pensou ele, vai ser rápido e, ao menos, paro de tomar decisões, ninguém mais fica ferido, pôs-se a amaldiçoar a granada porque não explodia e viu-se a olhar para Daniel Hagman, que estava de olhos arregalados, a flauta esquecida a alguns centímetros da boca.

— Fique aí mais tempo — disse Harper, sem conseguir ocultar a tensão que sentia — e ainda acaba chocando o raio da granada.

Hagman começou a rir, depois Harris e Cooper e Harper juntaram-se a ele. Sharpe ergueu-se de cima da granada e verificou que a cápsula de madeira que segurava o rastilho estava negra, queimada, mas, por qualquer razão, o rastilho soltara-se. Agarrou o raio do projétil e atirou-o pelo buraco afora, ficando a ouvi-lo retumbar encosta abaixo.

— Santo Deus! — disse Sharpe

Estava suando e tremendo. Encostou-se à parede, desamparado, e olhou para os homens, os quais se desfaziam em gargalhadas.

— Santo Deus! — repetiu ele.

— Se aquilo explodisse, senhor, você ficaria com uma grande dor de barriga — disse Hagman, e todos rebentaram de novo às gargalhadas. Sharpe sentiu-se sedento.

— Se não têm mais nada que fazer, seus sacanas — disse ele —, então vão buscar os cantis e bebam uma gole.

Ele tinha racionado a água, assim como a comida, mas o dia estava quente e sabia que todos estavam com sede. Sharpe seguiu os homens para fora. Vicente, que não fazia idéia nenhuma do que tinha acontecido, sabendo apenas que uma segunda granada não explodira, tinha um ar ansioso.

— O que aconteceu?

— Um rastilho caiu — disse Sharpe. — Foi só isso.

Foi até à trincheira mais avançada do reduto norte e ficou olhando para o obus. Quantas malditas granadas eles teriam ainda? A frequência dos disparos diminuíra um pouco, mas isso parecia dever-se mais ao cansaço dos artilheiros do que à escassez de granadas. Observou-os preparando novo disparo, sem se preocupar em abrigar-se e a granada explodiu por trás da torre de vigia. O obus recuara dois ou três metros, muito menos do que uma peça de

campo e ele observou os artilheiros empurrando as rodas com os ombros, para o recolocarem em posição. O ar entre Sharpe e o obus ondeava, dado o calor do dia, aumentado por um pequeno fogo de restolho, provocado pelos disparos do obus. Os disparos sucediam-se há muito tempo e a chama que saía da boca do obus deixara uma mancha em forma de leque de erva e fetos queimados, à frente do cano. E, então, Sharpe viu mais qualquer coisa, qualquer coisa que o intrigou. Abriu o pequeno óculo de Christopher, amaldiçoando a perda do seu, apoiou o óculo numa rocha, olhou intensamente e viu um oficial agachado ao lado de uma das rodas da peça, com uma mão alçada. Fora aquela estranha posição que o intrigara. Por que razão um homem ia agachar em frente do rodado de uma peça? E Sharpe viu mais alguma coisa. Sombras. O terreno tinha sido limpo naquele lugar, mas o sol, agora, estava mais baixo, produzindo alongadas sombras, e Sharpe pôde perceber que o terreno limpo tinha sido marcado com duas pedras meio enterradas, cada uma do tamanho de uma bala de canhão de doze libras, e que o oficial estava orientando as rodas para junto das pedras. Quando as rodas tocaram as pedras, o oficial baixou a mão e os seus homens voltaram à tarefa de recarregar o obus.

Sharpe franziu a testa, refletindo. Por que diabos, num belo dia de sol, o oficial de artilharia francês precisaria marcar o lugar do rodado da sua peça? O próprio rodado, guarnecido de ferro, abria sulcos no chão que bastavam para recolocar a arma em posição, após cada tiro. Não obstante, tinham se dado ao trabalho de colocar também aquelas pedras. Abrigou-se atrás do muro, quando uma erupção de fumaça anunciou uma granada. Esta explodiu muito perto e os estilhaços de ferro matraquearam contra os muros que os homens de Sharpe haviam erguido. Pendleton espreitou por cima do reduto.

— Porque é que eles não utilizam balas sólidas, senhor? — perguntou ele.

— Os obuses não empregam balas sólidas — disse Sharpe — e é difícil disparar um canhão numa montanha.

Foi brusco, pois continuava a pensar naquelas pedras. Para quê colocá-las ali? Teria imaginado isso? Mas, quando olhou outra vez pelo óculo, tornou a vê-las.

Depois viu os artilheiros afastarem-se do obus, aparecendo um grupo de soldados de infantaria, mas eram uma mera guarda, para o obus não ficar ali abandonado.

— Os sujeitos foram jantar — sugeriu Harper.

Harper trouxera água para os homens das posições mais avançadas e, agora, tinha se sentado junto de Sharpe. Por um momento ficou com um ar embaraçado, depois sorriu.

— O que fez foi muito corajoso, senhor.

— Você teria feito o mesmo.

— Tenho certeza que não — disse Harper em tom veemente. — Eu teria fugido dali tal gato escaldado, se o raio das minhas pernas funcionassem. — Harper olhou para o obus solitário. — Portanto, por hoje acabou?

— Não acabou — disse Sharpe, pois, de repente, compreendera porque é que as pedras ali estavam.

E soube o que tinha a fazer.

O brigadeiro Vuillard, abrigado na casa da Quinta, serviu-se de um cálice do melhor Savage. Tinha a casaca do uniforme azul desabotoada e desapertara um botão das calças, para arranjar espaço para a bela perna de carneiro que partilhara com Christopher, uma dezena de oficiais e três senhoras. As mulheres eram francesas, mas não eram, decerto, esposas, e uma delas, cujo cabelo dourado brilhava à luz das velas, sentara-se ao lado do tenente Pelletieu, o qual fora incapaz de tirar os olhos, com seus

óculos, do profundo, macio e sombreado rego do peito dela, listado onde o suor formara regatos através do pó-de-arroz que lhe cobria a pele. A simples presença da mulher tornara Pelletieu quase mudo, de tal forma que toda a autoconfiança que patenteara no primeiro encontro com Vuillard desaparecera.

O brigadeiro, divertido com o efeito que a mulher produzia no oficial de artilharia, inclinou-se para a frente, para acender o charuto na vela que o major Dulong lhe estendia. Era uma noite quente, as janelas estavam abertas e uma grande traça pálida esvoaçava em redor do candelabro colocado no centro da mesa.

— É verdade — perguntou Vuillard a Christopher, por entre a fumaça necessária para acender adequadamente o charuto — que, na Inglaterra, as senhoras devem levantar-se da mesa antes de se acenderem os charutos?

— Sim, as senhoras respeitáveis devem fazê-lo.

Christopher retirara o palito da boca, para responder.

— Mesmo as senhoras respeitáveis, diria eu, são uma atraente companhia, quando se fuma um charuto e se saboreia um cálice de Porto. — Vuillard, com um ar satisfeito porque o charuto ardia bem, recostou-se e olhou ao longo da mesa.

— Tenho certeza — disse ele vivamente — de quem vai responder com precisão à minha próxima pergunta. A que horas haverá luz amanhã?

Houve uma pausa, durante a qual os oficiais olharam uns para os outros, e, depois, Pelletieu ficou todo corado.

— O nascer do Sol, amanhã, meu General — disse ele —, vai ser às quatro e vinte, mas haverá luz suficiente para se ver aos dez para as quatro.

— Tão inteligente — segredou-lhe ao ouvido a loura, que se chamava Annette.

— E qual é a situação da Lua? — perguntou Vuillard. Pelletieu corou ainda mais.

— Não haverá Lua propriamente dita, General. A última lua cheia foi a treze de Abril e a próxima será...

A voz dele desvaneceu-se, à medida que foi percebendo que os outros ao redor da mesa estavam se divertindo com a erudição dele.

— Continue, por favor, tenente — disse Vuillard.

— No dia vinte e nove deste mês, General. Portanto, por ora temos uma lua no quarto crescente, General, muito fininha e que não ilumina nada.

— Eu gosto de uma noite escura — segredou-lhe Annette.

— Você é uma verdadeira enciclopédia andante, tenente — disse Vuillard. — Diga-me, pois, que estragos causaram as suas granadas hoje?

— Receio que poucos, senhor. — Pelletieu, confundido com o perfume de Annette, parecia prestes a desmaiar. — Aquele cume esta prodigiosamente protegido por enormes rochedos, senhor, por isso eles devem ter sobrevivido quase intactos, embora pense que tenhamos matado um ou dois.

— Só um ou dois?

Pelletieu parecia desolado.

— Nós precisávamos de um morteiro, senhor.

Vuillard sorriu.

— Quando faltam instrumentos a um homem, lança mão de outros. Não é assim, Annette? — Tornou a sorrir e, depois, tirou do bolso do colete um relógio e fez soltar-lhe a tampa. — Quantas granadas lhe restam?

— Trinta e oito, senhor.

— Não as lance todas agora — disse Vuillard erguendo depois o sobrolho, em fingida surpresa. — Não tem um trabalho para acabar, tenente?

O trabalho era ir disparando o obus durante a noite, para evitar que as atormentadas forças no alto da montanha conseguissem dormir. Depois, uma hora antes da alvorada, o fogo cessaria e Vuillard calculava que o inimigo estaria dormindo quando a infantaria atacasse.

Pelletieu arrastou a cadeira para trás.

— Claro que tenho, senhor, e muito obrigado.

— Muito obrigado?

— Pelo jantar, senhor.

Vuillard fez um gracioso gesto de cortesia.

— Só tenho pena, tenente, que não possa ficar para o resto do serão. Estou certo de que Mademoiselle Annette gostaria de ouvir falar dos seus carregamentos, dos seus espigões e das suas esponjas,

— Acha que sim, General? — perguntou Pelletieu, surpreso.

— Vá embora, tenente — disse Vuillard —, vá embora.

O tenente escapou, perseguido pelo som das gargalhadas. O brigadeiro abanou a cabeça.

— Sabe Deus onde vamos descobrir essas peças — disse ele. — Devemos estar tirando-os dos berços, limpamos o leite da mãe dos lábios e os mandamos para a guerra. Contudo, o jovem Pelletieu sabe do seu ofício. — Balançou o relógio na corrente por um momento, depois meteu-o no bolso. — A primeira luz será as dez para as quatro, Major — disse ele para Dulong.

— Estaremos prontos — disse Dulong.

Estava carrancudo, o fracasso da véspera ainda a amargurá-lo. O hematoma na face estava negro.

— Prontos e descansados, espero? — disse Vuillard.

— Estaremos prontos — repetiu Dulong.

Vuillard inclinou a cabeça, mas manteve o olhar fixo no major.

— Tomamos Amarante — disse ele — o que significa que grande parte dos homens de Loison podem voltar para o Porto. Com um pouco de sorte, Major, isso quer dizer que teremos forças suficientes para marcharmos sobre Lisboa.

— Espero que sim, General — retorquiu Dulong, sem saber aonde conduziria a conversa.

— Mas a divisão do general Haudelet continua a limpar a estrada para Vigo — continuou Vuillard —, a infantaria de Foy anda caçando os guerrilheiros das montanhas, por isso as nossas forças continuam dispersas, Major, muito dispersas. Mesmo que as brigadas de Delaborde regressem do exército do general Loison e mesmo com os dragões de Lorge, continuamos muito dispersos para marcharmos sobre Lisboa.

— Estou convencido de que vamos conseguir assim mesmo — disse Dulong lealmente.

— Mas precisamos de todos os homens que possamos reunir. E não quero destacar infantaria valorosa para guardar prisioneiros. — Estabeleceu-se o silêncio ao redor da mesa. Dulong sorriu, dando a entender que entendia as implicações das palavras do brigadeiro, mas não disse nada.

— Sou suficientemente claro, Major? — perguntou Vuillard em tom mais duro.

— Perfeitamente, senhor — disse Dulong.

— Portanto, baionetas fixas — disse Vuillard, sacudindo a cinza do charuto — e use-as, major, use-as bem.

Dulong olhou para cima, o rosto duro e impenetrável.

— Nada de prisioneiros, senhor.

Dulong não entendeu a frase como uma interrogação.

— Isso parece uma boa idéia — disse Vuillard, sorrindo. — Agora vá, vá dormir.

O major Dulong partiu e Vuillard serviu-se de mais vinho do Porto.

— A guerra é cruel — disse ele sentenciosamente —, mas a crueldade às vezes é necessária. O resto de vocês — continuou ele, olhando para os oficiais de ambos os lados da mesa — podem preparar-se para regressar ao Porto. Isto, aqui, deve estar terminado por volta das oito da manhã, por isso vamos fixar a hora de marcha para as dez.

Por essa hora, a torre de vigia da montanha já teria caído. O obus ia manter os homens de Sharpe acordados, disparando durante a noite e, à alvorada, quando os homens cansados estivessem lutando com o sono e uma luz acinzentada começasse a surgir no horizonte, a bem treinada infantaria de Dulong se lançaria à matança.

— À alvorada.

Sharpe mantivera-se observando até o último laivo do crepúsculo desaparecer da montanha, até não haver mais nada senão escuridão. Só então, acompanhado por Pendleton, Tongue e Harris, ultrapassou o muro, seguindo encosta abaixo. Harper quisera ir também, ficando zangado por não acompanhar Sharpe,

mas ele tinha de ficar e comandar os fuzileiros, caso Sharpe não regressasse. Sharpe gostaria de levar Hagman, mas o homem não estava ainda completamente recuperado, por isso escolhera Pendleton, o qual era jovem, ágil e sagaz, e Tongue e Harris, ambos bons atiradores e inteligentes. Cada um levava dois rifles, mas Sharpe entregara a Harper a comprida espada de cavalaria, pois sabia que a pesada bainha podia bater nas pedras e denunciar a posição deles.

Descer a encosta era tarefa dura e lenta. Havia uma fina sugestão de Lua, mas nuvens dispersas continuamente a cobriam e, mesmo quando aparecia, não proporcionava luz suficiente para iluminar a trilha, por isso eles tinham de perscrutar o caminho, calados, apalpando o terreno à frente deles a cada passo e fazendo mais ruído do que Sharpe gostaria, mas a noite estava cheia de ruídos: insetos, o suspiro do vento percorrendo o flanco da montanha, o grito distante de uma raposa. Hagman teria sido melhor, pensou Sharpe, pois movimentava-se no escuro com a graça de um caçador, enquanto eles eram todos cidadãos. Pendleton, sabia Sharpe, era de Bristol, onde se alistara no exército para evitar a prisão por ser batedor de carteira. Tongue, como Sharpe, era de Londres, mas Sharpe não se lembrava de onde era Harris e, quando pararam para tomar fôlego e procurar um laivo de luz no meio da escuridão, Sharpe perguntou-lhe.

— Lichfield, senhor — murmurou-lhe Harris —, onde nasceu Samuel Johnson.

— Johnson? — Sharpe não conseguia localizar o nome. — Um que está no primeiro batalhão?

— Exatamente, senhor — murmurou Harris.

Prosseguiram, então, e à medida que a encosta se tornava menos íngreme e eles se acostumavam à caminhada cega, ficaram mais silenciosos. Sharpe sentiu orgulho neles. Não tinham, talvez, nascido para aquele tipo de tarefa, como Hagman nascera, mas

tinham se tornado salteadores e matadores. Envergavam o uniforme verde dos fuzileiros.

E, então, passada cerca de uma hora desde que haviam saído da torre de vigia, Sharpe viu o que esperava ver. Um rastro de luz, um mero rastro que logo desapareceu, mas era amarelo e Sharpe percebeu que provinha de uma lanterna coberta e que alguém, provavelmente um artilheiro, tinha erguido a tampa para lançar um pequeno raio de luz. E, depois, apareceu outra luz, esta vermelha e minúscula, e Sharpe soube que era o bota-fogo.

— Para baixo — sussurrou ele.

Observou o minúsculo brilho vermelho. Estava mais longe do que ele gostaria, mas havia muito tempo.

— Fechem os olhos — soprou ele.

Fecharam os olhos e, um instante depois, o obus estrondeou a fumaça, a chama e a granada para a noite, Sharpe ouviu o projétil a girar por cima dele e viu uma luz sombria nas pálpebras fechadas, depois abriu os olhos e não conseguiu ver nada durante uns segundos. Sentia, porém, o cheiro da pólvora e viu o bota-fogo mexendo-se, quando o artilheiro o afastava.

— Vamos! — disse ele.

Correram encosta abaixo e a lanterna brilhou de novo, com os artilheiros empurrando as rodas do obus para as pedras que marcavam a posição que, a despeito da escuridão, eles sabiam ser a adequada. Era isso que Sharpe tinha percebido ao pôr do Sol, era essa a razão por que eles tinham marcado o terreno, porque à noite os artilheiros franceses necessitavam de uma maneira fácil para realinharem o obus e as duas grandes pedras eram marcas mais visíveis do que os sulcos no chão. Por isso, Sharpe percebera que ia haver fogo à noite e descobrira o que tinha de fazer.

Passou-se bastante tempo antes do obus tornar a disparar e, nesse momento, Sharpe e os seus companheiros encontravam-se a

menos de duzentos metros de distância e num local não muito mais alto que o obus. Sharpe esperara o segundo tiro muito mais cedo e, então, compreendeu que os artilheiros iam espaçar as granadas pela noite, de forma a manterem os seus homens acordados, e isso significava bastante tempo entre os disparos.

— Harris? Tongue? — murmurou ele. — Pela direita. Se tiverem problemas, corram de volta para junto de Harper. Pendleton, venha! — Conduziu o jovem pela esquerda, andando de cócoras, apalpando o terreno pelo meio das rochas, até pensar que tinha se afastado uns cinquenta metros do caminho. Colocou, então, Pendleton atrás de um rochedo, postando-se ele próprio atrás de alguns tojos.

— Sabe o que tem de fazer.

— Sim, senhor.

— Então, divirta-se.

Ele próprio, Sharpe, estava se divertindo. Isso o surpreendia, mas estava. Havia prazer em surpreender assim o inimigo, embora o inimigo, possivelmente, tivesse previsto o que ia acontecer e tivesse se preparado para isso. Não era, porém, momento para se preocupar, era hora de espalhar a confusão e esperou e esperou, até ter quase certeza de que tinha se enganado e os artilheiros não iam tornar a disparar, mas, depois, a noite foi estilhaçada por uma língua de chama branca, brilhante e alongada, de imediato engolida pela nuvem de fumaça. Sharpe teve um repentino relance do obus recuando, o rodado rolando a uns trinta centímetros no ar e, logo depois, a visão noturna desapareceu-lhe dos olhos, levada pela punhalada brilhante de fogo. Ficou à espera, só que, desta vez, apenas alguns segundos, até ver o brilho amarelo da lanterna, descobrindo assim que os artilheiros estavam empurrando o rodado do obus para junto das pedras.

Apontou à lanterna. A visão dele era ofuscada pelos efeitos do disparo do obus, mas conseguiu ver bastante bem o quadrado da

lanterna. Ia apertar o gatilho, quando um dos homens postados à direita da trilha disparou e a lanterna caiu ao chão, soltando a tampa, e Sharpe viu duas silhuetas iluminadas pela luz mais brilhante. Desviou o rifle para a esquerda e disparou, ouviu Pendleton disparar, agarrou o segundo rifle e apontou para o facho de luz. Um francês saltou para a frente, para apagar a lanterna, três rifles, um dos quais o de Sharpe, soaram ao mesmo tempo, o homem foi atirado para trás, Sharpe ouviu um tinido, como o de um sino, e percebeu que uma das balas atingira o cano do obus.

A luz, então, apagou-se.

— Vamos embora! — exclamou Sharpe para Pendleton.

Correram os dois mais para a esquerda. Ouviam os artilheiros gritando, um deles arfando e gemendo, depois uma voz mais alta ordenando silêncio.

— Deite-se! — segredou Sharpe.

Estenderam-se ambos no chão. Sharpe começou a laboriosa tarefa de carregar os dois rifles no escuro. Viu uma pequena chama arder no lugar onde ele e Pendleton tinham estado e percebeu que um dos cartuchos de um dos rifles deles tinha ateado fogo no restolho. A chama tremeluziu alguns segundos, depois viu formas escuras no mesmo lugar e calculou que a infantaria francesa de guarda ao obus procurava quem disparara os tiros, mas, nada encontrando, apagaram o pequeno fogo e retiraram-se para o meio das árvores.

Houve outra pausa. Sharpe ouvia o murmurar das vozes e pensou que os franceses estavam discutindo o que deviam fazer. A resposta foi rápida, traduzida num ruído de passos e Sharpe deduziu que tinham mandado a infantaria explorar as cercanias do obus. Na escuridão, porém, os homens limitaram-se a perambular pelo meio dos fetos, resmungando sempre que batiam em rochas ou se emaranhavam no restolho. Oficiais e sargentos rosnavam e repreendiam os homens, receosos demais de se dispersarem, de se

perderem ou de, na escuridão, caírem numa emboscada. Pouco depois, recuaram para o meio das árvores e houve outra longa espera, embora Sharpe ouvisse o ruído da vareta comprimindo a nova granada no cano do obus.

Os franceses, possivelmente, pensavam que os atacantes já não estavam ali, imaginou Sharpe. Havia muito tempo que não se ouviam tiros, a infantaria tinha procedido uma busca e os franceses deviam sentir-se mais seguros, pois o artilheiro tentava, estupidamente, reavivar o bota-fogo, agitando-o para a frente e para trás uma série de vezes, até a ponta brilhar num vermelho-vivo. Ele não precisava daquele fogo todo para acender o canudo enfiado no ouvido da peça, mas sim para ver o próprio canudo, mas isso foi uma sentença de morte, pois o homem pôs-se a soprar a ponta do bota-fogo e, então, Harris ou Tongue derrubaram-no. Até mesmo Sharpe teve um choque de surpresa perante o estampido do tiro do rifle, tendo num relance avistado uma chama ao longe à sua direita. A infantaria francesa formou, então em filas, o bota-fogo caído foi apanhado e, quando o obus disparou, os mosquetes dispararam uma rajada cruel na direção de Harris e de Tongue.

E tornaram a aparecer os fogos no restolho. Um surgiu intenso em frente do obus e dois menores foram provocados pelos invólucros dos mosquetes franceses.

Sharpe, com os olhos ainda turvos da chama da peça, conseguiu não obstante ver os artilheiros empurrando o rodado e colocou o rifle em posição. Disparou, mudou de arma e disparou novamente, apontando à mancha negra de homens que empurravam a roda mais próxima do obus. Viu um deles cair. Pendleton disparou também. Mais dois tiros soaram da direita e os fogos no restolho multiplicaram-se. A infantaria francesa compreendeu, então, que os fogos no restolho iluminavam os artilheiros, tornando-os alvos fáceis, e puseram-se, frenéticos, a calcar os pequenos fogos. Não antes, porém, de Pendleton disparar o segundo tiro e Sharpe ver outro artilheiro ser derrubado.

Do lado de Tongue e de Harris houve ainda um último tiro, antes das chamas serem por fim apagadas.

Sharpe e Pendleton recuaram cinquenta metros antes de tornarem a carregar os rifles.

— Desta vez os atingimos — disse Sharpe.

Pequenos grupos de franceses, encorajando-se a altos berros, avançaram para esquadrihar de novo a encosta, mas, uma vez mais, nada encontraram. Sharpe ficou por ali mais meia hora, disparou quatro tiros e, depois, voltou para o topo da montanha, um percurso que, no escuro, levou quase duas horas, embora fosse mais fácil do que descer, pois já havia luz suficiente no céu para se ver o recorte da montanha e o toco da torre de vigia. Tongue e Harris apareceram uma hora depois, soprando a senha para a sentinela, antes de entrarem todo excitados no forte, pondo-se logo a contar a história da sua façanha.

O obus disparou mais duas vezes durante a noite. O primeiro desses disparos fez chover metralha na parte de baixo da encosta e o segundo, uma granada, rompeu a noite com chamas e fumaça a leste da torre de vigia. Ninguém dormiu muito, mas Sharpe muito admirado ficaria se alguém conseguisse dormir bem, depois da tortura daquele dia.

E, antes do romper da aurora, quando o horizonte a leste começava a ficar cinzento, Sharpe fez uma ronda para se certificar de que todos estavam acordados. Harper estava acendendo uma fogueira junto da parede da torre de vigia. Sharpe proibira qualquer fogueira durante a noite, pois as chamas proporcionariam aos artilheiros franceses uma excelente referência para ajustar o tiro, mas, agora, com a luz do dia surgindo, podia-se fazer um chá em segurança.

— Nós podemos ficar aqui — dissera Harper — enquanto pudermos fazer chá, tenente. Mas, se ficarmos sem chá, teremos de nos render.

A risca cinzenta a leste aumentou, iluminando-se na base. Vicente, ao lado de Sharpe, tiritava, pois a noite havia sido surpreendentemente fria.

— Acha que eles vão atacar? — perguntou ele.

— Com toda certeza — disse Sharpe.

Ele sabia que a munição do obus não era inesgotável e que só podia haver uma razão para continuar o fogo durante a noite. E a razão era destroçar os nervos dos seus homens, de forma a torná-los presa fácil para o ataque matinal. E isso queria dizer que os franceses iam atacar na alvorada.

E a luz ia aumentando, lívida, cinzenta e pálida como a morte, os cimos das nuvens mais altas estavam de um vermelho dourado, enquanto a luz de cinzenta se tornava branca e de branca passava a dourada e de dourada a vermelha.

E a matança ia começar.

— Tenente! Tenente Sharpe!

— Eu estou vendo!

Formas negras misturadas com as sombras negras da encosta norte. Era a infantaria francesa ou, talvez, dragões a pé, atacando.

— Preparar rifles!

Ouviram-se os estalidos dos cães dos rifles Baker sendo armados.

— Os seus homens não disparam, entendido? — disse Sharpe para Vicente.

— Claro — respondeu Vicente.

Os mosquetes eram absolutamente inoperantes a distâncias superiores a cinquenta metros, por isso Sharpe ia reservar a descarga portuguesa como última defesa, encarregando os seus

fuzileiros de explicarem aos franceses as vantagens das estrias no último quarto dos canos dos rifles.

Vicente balançava para a frente e para trás nos calcanhares, denunciando o nervosismo que sentia. Passou os dedos no pequeno bigode e umedeceu os lábios.

— Esperamos até eles alcançarem aquela rocha branca, não é?

— Sim, é isso — disse Sharpe. — E porque tira esse bigode?

Vicente olhou para ele, espantado.

— Porque não tiro o meu bigode? — Nem acreditava no que ouvira.

— Tire-o — disse-lhe Sharpe. — Ficaré parecendo mais velho é menos advogado. Luís pode raspá-lo.

Conseguiu desviar o espírito de Vicente das preocupações e, depois, pôs-se a olhar para leste, onde o nevoeiro pairava nas terras baixas. Daquele lado nada os ameaçava e colocara quatro dos fuzileiros vigiando o lado sul. Postara lá apenas quatro homens porque tinha quase certeza de quê os franceses iam concentrar as suas tropas numa das vertentes da montanha e, quando tivesse absoluta certeza disso, traria os quatro homens para a vertente norte e poria alguns homens de Vicente guardando a vertente sul.

— Quando estiverem prontos, rapazes! — gritou Sharpe. — Mas não atirem muito alto!

Sharpe não sabia, mas os franceses estavam atrasados. Dulong quisera ter os homens próximo do topo antes do horizonte ficar cinzento, mas a subida da encosta no escuro levara mais tempo do que ele previra e, além disso, os seus homens estavam perturbados e cansados, depois de passarem a noite caçando fantasmas. Só que os fantasmas eram reais e tinham morto um artilheiro, ferido mais três e enchido de medo os restantes. Dulong,

com ordens para não fazer prisioneiros, sentia algum respeito pelos homens que ia enfrentar. E, então, começou o massacre.

Era um verdadeiro massacre. Os franceses tinham mosquetes, os ingleses tinham rifles e os franceses tinham de convergir para a trilha estreita que dava acesso ao pequeno planalto do cume e, uma vez na trilha, eram alvo fácil para os rifles. Seis homens caíram nos primeiros segundos e a resposta de Dulong foi conduzir os homens para cima, queria subjugar o forte à força de homens, mas mais rifles estrepitavam, mais fumaça surgia no topo da montanha, mais balas se alojavam nos homens. E Dulong compreendeu então o que só tinha ouvido em palestras: a potência de um cano estriado. A uma distância a que uma descarga de mosquetes de um batalhão inteiro era capaz de não matar um único homem, os rifles ingleses eram mortais. As balas, notou ele, produziam um som diferente. Havia um ligeiro guinchar na chicotada ameaçadora. As armas não tossiam como os mosquetes, antes produzindo um estampido ao detonarem, e um homem atingido por uma bala de rifle era atirado muito mais para trás do que era com uma carga de mosquete. Dulong via, agora, os fuzileiros, pois eles estavam de pé nas trincheiras de rocha recarregando os rifles, ignorando a ameaça das granadas do obus que, esporadicamente, arqueando por cima das cabeças dos soldados franceses, iam explodir na crista. Dulong gritava para os homens dispararem contra o inimigo de uniforme verde, mas os tiros de mosquete eram fracos, as descargas não chegavam lá, os tiros de rifle continuavam a atingi-los e os homens estavam relutantes em escalar a parte mais estreita da trilha. Dulong, então, sabendo que o exemplo é tudo e na convicção de que um homem, com um pouco de sorte, podia escapar às balas dos rifles e alcançar os redutos, decidiu dar o exemplo. Gritou para os homens, empunhou o sabre e carregou.

— Pela França — gritou ele —, pelo imperador!

— Cessar fogo! — gritou Sharpe.

Nenhum homem seguira Dulong, nem um único. Dulong avançou sozinho e Sharpe, reconhecendo a coragem do francês e, para demonstrar, avançou alguns passos e ergueu a espada num cumprimento formal.

Dulong viu o cumprimento, parou, voltou-se e verificou que estava sozinho. Tornou a olhar para Sharpe, ergueu o sabre, depois embainhou-o com um gesto violento, demonstrando o desgosto perante a relutância dos seus homens de morrerem pelo imperador. Inclinou a cabeça a Sharpe, voltou para trás e, vinte minutos depois, o resto dos franceses tinha desaparecido da montanha.

Os homens de Vicente tinham se disposto em duas fileiras na plataforma da torre de vigia, prontos para a descarga que não fora necessária. Dois deles tinham sido mortos por uma granada do obus e outra das granadas espetara um estilhaço do invólucro na perna de Gataker, abrindo-lhe um golpe sangrento pela anca direita abaixo, mas sem atingir o osso Sharpe nem notara que o obus continuara a disparar durante o ataque, mas agora estava calado. O Sol estava no alto, os vales estavam inundados de luz e o sargento Harper, o rifle manchado de pólvora e quente dos disparos, preparava o primeiro bule de chá do dia.

CAPÍTULO VII

Um pouco antes do meio-dia, um soldado francês subiu a montanha, com uma bandeira branca atada à ponta do cano do mosquete. Acompanhavam-no dois oficiais, um deles com o uniforme azul da infantaria francesa e o outro, o coronel Christopher, na sua inglesa casaca-vermelha, com as lapelas e os punhos pretos.

Sharpe e Vicente foram ao encontro dos dois oficiais, os quais tinham se postado uma dezena de metros à frente do homem com a bandeira branca. Vicente ficou impressionado com a semelhança de Sharpe com o oficial de infantaria francês, um homem alto, de cabelo preto e com uma cicatriz na face direita e uma ferida na cana do nariz. O amarrotado uniforme azul ostentava os galões orlados de verde, que indicavam que ele pertencia à infantaria ligeira, e o quepe ostentava na frente uma placa de metal, gravada com a águia francesa e o número 31. A placa era encimada por plumas vermelhas e brancas, as quais pareciam novas, comparadas com o uniforme manchado e amarrotado do francês.

— Matamos primeiro o sapo — dissera Sharpe a Vicente —, porque ele é o mais perigoso e, depois, cortamos Christopher em pedaços, devagarinho.

— Sharpe! — exclamara Vicente, chocado. — Eles estão sob a proteção da bandeira de trégua.

Pararam a alguns passos do coronel Christopher, o qual tirou um palito da boca, atirando-o fora.

— Como está, Sharpe? — perguntou ele cordialmente, erguendo depois uma mão para sustentar a resposta. — Um momento, por favor — disse o coronel e, com uma mão só, abriu um isqueiro e

acendeu um charuto. Quando o charuto começou a arder satisfatoriamente, fechou a tampa do isqueiro e sorriu. — O meu companheiro é o major Dulong. Ele não fala uma palavra de inglês, mas queria encontrar-se com você.

Sharpe olhou para Dulong e reconheceu o oficial que avançara tão corajosamente, montanha acima, e sentiu pena por um homem tão decente ter voltado a subir a montanha na companhia de um traidor. De um traidor e de um ladrão.

— Onde é que está o meu óculo? — perguntou Sharpe a Christopher.

— Está lá embaixo — respondeu Christopher, despreocupado. — Devolvo-o mais tarde. — Ergueu o charuto e olhou para os corpos dos soldados franceses, no meio das rochas. — O brigadeiro Vuillard foi um pouco precipitado, não acha? Quer um charuto?

— Não.

— Como quiser. — O coronel puxou uma longa fumaça. — Você portou-se muito bem, tenho orgulho de você. O 31º Ligeiro — disse ele, inclinando a cabeça para apontar Dulong — não está habituado à derrota, mas você mostrou aos Sapos como um inglês combate, não foi?

— E como combatem os irlandeses — disse Sharpe — e os escoceses, os galeses e os portugueses.

— É muito correto da sua parte recordar as raças menores — disse Christopher —, mas, agora, tudo acabou. Chegou a hora de fazer as malas e partir. Os Sapos oferecem-lhe honras de guerra e tudo. Podem partir de arma ao ombro, as suas cores desfraldadas e o que se passou, passou. Eles não queriam, Sharpe, mas eu os convenci.

Sharpe tornou a olhar para Dulong e pareceu-lhe distinguir um aviso nos olhos do francês. Dulong não abriu a boca, mantendo-se um passo atrás de Christopher e dois passos para o lado. Sharpe

desconfiou que o major se distanciava deliberadamente dos desígnios de Christopher.

Sharpe tornou a olhar para Christopher.

— Você pensa que eu sou um idiota completo, não é?

Christopher ignorou o comentário.

— Acho que não vai ter tempo de chegar a Lisboa. Cradock vai embora, dentro de um ou dois dias, e o exército vai com ele. Eles vão voltar para casa, Sharpe. Regressam a Inglaterra, por isso, o melhor que você tem a fazer é esperar no Porto. Os franceses prometeram repatriar todos os cidadãos britânicos, num navio que deve partir do Porto dentro de uma ou duas semanas, e vocês podem embarcar nele.

— Você vai embarcar nele? — perguntou Sharpe.

— Muito provavelmente sim, Sharpe. Obrigado por querer saber e, perdoe-me a imodéstia, acho que vou regressar à pátria para ser recebido como um herói. Como o homem que trouxe a paz a Portugal! Devo ter um grau de cavaleiro à minha espera, não acha? Não que isso me interesse muito, mas tenho certeza de que Kate muito apreciará ser *Lady* Christopher.

— Se não estivesse sob a proteção da bandeira de trégua — disse Sharpe — eu acabaria com você agora. Sei o que tem feito. Jantando com generais franceses, trazendo-os aqui para correrem conosco. Você é um traidor, Christopher, não passa de um reles traidor.

A veemência do tom de Sharpe fez surgir um pequeno sorriso no rosto austero do major Dulong.

— Oh, meu Deus! — Christopher parecia magoado. — Oh, meu Deus, meu Deus. — Fixou, por momentos, o olhar no cadáver de um francês e, depois, balançou a cabeça. — Vou esquecer a sua impertinência, Sharpe. Suponho que o raio daquele meu criado se

juntou a você, não foi? Era o que eu pensava. Luís tem uma tendência especial para interpretar mal as circunstâncias. — Levou o charuto à boca, expelindo depois uma pluma de fumaça que rodopiou ao vento. — Eu fui enviado aqui, Sharpe, pelo Governo de Sua Majestade, com instruções para descobrir se valia a pena defendermos Portugal, ou seja, se valia a pena derramar sangue britânico aqui, e cheguei à conclusão, com a qual sei que não concorda, de que não valia a pena. Por isso, obedeci à segunda parte da minha incumbência, a qual consistia em estabelecer um acordo com os franceses. Não se trata de uma rendição, mas de um acordo. Nós retiramos as nossas forças e eles retiram as deles, embora, por uma questão de forma, eles fiquem autorizados a desfilar uma divisão simbólica pelas ruas de Lisboa. Depois vão embora: *bonsoir, adieu e au revoir*. Em finais de Julho, não haverá um único soldado estrangeiro em Portugal. E isso é obra minha, Sharpe, e, para isso, foi necessário jantar com generais franceses, com marechais franceses e com oficiais franceses. — Fez uma pausa, como que à espera de alguma reação, mas Sharpe ficou calado, continuando com um ar cético, e Christopher soltou um suspiro. — É esta a verdade, Sharpe, embora lhe pareça difícil acreditar nela, mas lembre-se de que “há mais coisas...”

— Eu sei — interrompeu-o Sharpe. — Há muitas coisas no céu e na terra que eu desconheço, mas que raio você veio fazer aqui? — perguntou ele, a voz agora zangada. — E tem usado com um uniforme francês, Luís me disse.

— Geralmente, não podemos andar de uniforme vermelho atrás das linhas francesas, Sharpe — disse Christopher —, e a roupa civil, nos dias que correm, não infundem muito respeito, por isso, sim, às vezes visto um uniforme francês. É um estratagema de guerra, Sharpe, um estratagema de guerra.

— Um estratagema, uma porra — rosnou Sharpe. — Esses sacanas querem chacinar os meus homens e você os trouxe aqui!

— Oh, Sharpe! — exclamou Christopher, com um ar triste. — Nós precisávamos de um lugar tranquilo para assinarmos os termos

do acordo, um lugar onde a multidão não pudesse exprimir as suas opiniões grosseiras e, por isso, eu propus a Quinta. Confesso que não considerei a sua situação como devia ter feito, foi erro meu de que peço desculpas. — Concedeu a Sharpe uma sugestão de vênia. — Os franceses chegaram aqui, consideraram a sua presença uma armadilha e, contra a minha opinião, tentaram atacá-lo. Peço desculpas mais uma vez, Sharpe, muito profundamente, mas o que lá vai, lá vai. Você pode ir embora, não se rende, conserva as armas, sai daqui de cabeça erguida, com as minhas mais sinceras congratulações e, naturalmente, eu não deixarei de relatar ao seu coronel as suas façanhas aqui. — Esperou pela resposta de Sharpe e, como não houve nenhuma, sorriu. — E, claro — continuou ele —, terei muito prazer em devolver-lhe o óculo. Esqueci completamente de trazê-lo agora.

— Você não se esqueceu coisa nenhuma, seu sacana — rugiu Sharpe.

— Sharpe — disse Christopher, com ar reprovador — não seja bruto. Tente compreender que a diplomacia é sutileza, inteligência e, sim, também artifício. E tente compreender, igualmente, que eu negociei a sua liberdade. Pode sair desta montanha em triunfo.

Sharpe estava de olhos fixos na cara de Christopher, a qual parecia sem malícia nenhuma, toda ela regozijo por ser ele o portador daquelas notícias.

— E o que é que acontece se ficarmos aqui? — perguntou ele.

— Não faço a mínima idéia — disse Christopher —, mas, claro, posso tentar saber, se for esse o seu desejo. Mas acho, Sharpe, que os franceses vão considerar essa sua obstinação um ato hostil. Há no nosso país, infelizmente, quem se oponha ao nosso acordo. São pessoas mal avisadas que preferem lutar em vez de aceitarem uma paz negociada e, se você ficar aqui, isso vai encorajá-las a persistirem na loucura. E suspeito que, se você insistir em ficar, desse modo desrespeitando os termos do acordo, os franceses vão mandar vir morteiros do Porto e vão fazer tudo para convencê-lo a

partir. — Levando o charuto à boca, mas depois hesitou, ao ver um corvo bicar os olhos de um dos cadáveres. — O major Dulong gostaria de recolher estes corpos — disse ele, apontando com o charuto para os corpos dos homens atingidos pelos fuzileiros de Sharpe.

— Terá uma hora para fazer isso — disse Sharpe — e só pode trazer dez homens com ele, todos desarmados. E diga-lhe que alguns dos meus homens também estarão na encosta, desarmados como os dele.

Christopher franziu o sobrolho.

— Para que os seus homens precisam vir para campo aberto na encosta? — perguntou ele.

— Porque temos de enterrar também os nossos mortos — disse Sharpe e lá em cima é só rochas.

Christopher tornou a meter o charuto na boca.

— Eu acho que seria muito melhor, Sharpe — disse ele gentilmente —, se você fizesse os seus homens descerem já.

Sharpe balançou a cabeça.

— Vou pensar nisso — disse ele.

— Vai pensar nisso? — repetiu Christopher, parecendo agora irritado. — E quanto tempo, se me permite perguntar, vai você levar pensando nisso?

— Vou levar o tempo que achar necessário — respondeu Sharpe —, e aviso que, às vezes, levo muito tempo pensando.

— Tem uma hora, tenente — disse Christopher —, precisamente uma hora.

Dirigiu-se em francês a Dulong, o qual baixou a cabeça a Sharpe, que retribuiu o gesto. Depois, Christopher deitou fora o

charuto apenas meio fumado, rodou nos calcanhares e foi-se embora.

— Ele está mentindo — disse Sharpe. Vicente não estava tão certo disso.

— Tem certeza disso?

— Vou dizer porque tenho certeza — disse Sharpe. — O sacana não me deu uma única ordem. Isto é o exército. No exército não se sugere, dá-se ordens. Faça isto, faça aquilo, mas ele não. Ele já me deu muitas ordens, mas hoje não.

Vicente ia traduzindo para o sargento Macedo, que, com Harper, tinha sido convidado a ouvir o relato de Sharpe. Ambos os sargentos, como Vicente, pareciam perturbados, mas não diziam nada.

— Por que razão — perguntou Vicente — não terá ele dado ordem nenhuma?

— Porque ele quer que eu abandone este cume por minha vontade, porque o que vai acontecer lá em baixo não é nada bom. Porque ele estava mentindo.

— Não pode ter certeza disso — disse Vicente teimosamente, mais parecendo o advogado que fora do que o militar que era agora.

— Nós não podemos ter certeza de coisa nenhuma — resmungou Sharpe.

Vicente olhou para leste.

— As armas calaram-se em Amarante. Talvez haja paz?

— E porque haveria paz? — perguntou Sharpe. — O que os franceses vieram fazer afinal, afinal de contas?

— Vieram nos impedir de comerciar com a Inglaterra — disse Vicente.

— Então, para que haveriam de retirar-se agora? O comércio recomeçaria logo. Não, eles não terminaram ainda a tarefa e os franceses não costumam desistir tão depressa.

Vicente refletiu por alguns momentos.

— Talvez percebam que vão perder muitos homens. Quanto mais se embrenharem em Portugal, mais inimigos vão encontrar e mais longas vão ser as vias de abastecimento a proteger. Ou talvez sejam sensíveis.

— Eles são uns malditos Sapos — disse Sharpe — e não sabem o significado dessa palavra. E há ainda outra coisa. Christopher não nos mostrou nenhum documento, não é? Nenhum acordo assinado e selado.

Vicente considerou o argumento e depois baixou a cabeça, reconhecendo o seu peso.

— Se quiser — disse ele —, eu vou lá embaixo e peço para me mostrarem o documento.

— Não existe documento nenhum — disse Sharpe — e ninguém vai sair deste cume.

Vicente fez uma pausa.

— Isso é uma ordem?

— É, é uma ordem — disse Sharpe. — Nós vamos ficar aqui.

— Nesse caso, ficamos — disse Vicente.

Deu uma palmada nas costas de Macedo e saiu, para dizer aos seus homens o que estava acontecendo.

Harper sentou-se junto de Sharpe.

— Tem mesmo certeza?

— Claro que não tenho certeza absoluta, Pat — disse Sharpe, irritado — mas acho que ele está mentindo. Ele nem sequer me perguntou quantas baixas tivemos! Se estivesse do nosso lado, teria perguntado, ou não?

Harper encolheu os ombros, como se não soubesse responder à pergunta.

— E o que pode nos acontecer, se partirmos?

— Nos fazem prisioneiros e nos enviam para a França.

— Ou para casa?

— Se a guerra acabou, Pat, eles nos mandam para casa, mas, se a guerra acabou, então alguém mais vai nos dizer. Um oficial português, qualquer outra pessoa. Ele é que não, Christopher é que não. E, se a luta acabou, porque nos dar apenas uma hora para decidirmos? Se a guerra tivesse acabado, nós teríamos o resto das nossas vidas para largarmos esta montanha, não apenas uma hora.

Sharpe pôs-se a olhar para a encosta, onde o último corpo dos soldados franceses mortos estava sendo removido por uma seção de soldados de infantaria, os quais haviam subido a trilha desarmados e com uma bandeira branca. Comandava-os o major Dulong, o qual se lembrara de trazer duas pás para os homens de Sharpe poderem enterrar os seus mortos: os dois portugueses mortos pela granada, no ataque da alvorada, e o atirador Donnelly que ficara estendido no cume, sob uma pilha de pedras, desde que Sharpe correria com os homens de Dulong do topo da montanha.

Vicente mandara o sargento Macedo, com mais três homens, abrir as covas dos dois portugueses mortos e Sharpe entregara a outra pá a Williamson

— Abrir a cova é o fim do seu castigo — dissera-lhe Sharpe.

Desde o confronto na mata, Sharpe dera a Williamson trabalhos extras, para mantê-lo ocupado e lhe vergar o espírito,

mas reconhecia que já o punira bastante.

— Mas deixe o rifle aqui em cima — acrescentara Sharpe.

Williamson agarrara a pá, atirara o rifle com brusquidão desnecessária e, acompanhado por Dodd e Harris, descera a encosta, até encontrarem um lugar com bastante terra por cima das rochas para abrirem uma cova. Harper e Slattery levaram o corpo de Donnelly para baixo e rolaram-no para dentro da cova. Harper, depois, dissera uma oração, Slattery baixara a cabeça e, agora, Williamson, de tronco nu, devolvia a terra à cova, enquanto Dodd e Harris observavam os soldados franceses levando as suas baixas. Harper também observava os soldados franceses.

— O que é que acontece se eles trouxerem um morteiro — perguntou ele.

— Estamos ferrados — disse Sharpe. — Mas muita coisa pode acontecer antes de um morteiro chegar aqui.

— O que pode acontecer?

— Eu sei lá — disse Sharpe, irritado.

Na verdade, não sabia, como tão-pouco sabia o que havia de fazer. Christopher tinha sido muito persuasivo e era apenas uma camada de teimosia que o fazia desconfiar que o coronel mentia. Isso e o olhar do major Dulong.

— Talvez eu esteja enganado, Pat, talvez eu me engane. A questão é que eu gosto disto aqui.

Harper sorriu.

— Gosta disto aqui?

— Gosto de estar longe do exército. O capitão Hogan é um bom sujeito, mas o resto... não suporto o resto.

— Meninos — disse Harper, referindo-se aos oficiais.

— Sinto-me melhor sozinho — disse Sharpe —, e, aqui, estou por minha conta. Isso, vamos ficar aqui.

— Sim — disse Harper — acho que tem razão.

Sharpe parecia surpreso.

— Sim — disse Harper —, embora a minha mãe achasse que eu, pensando, era um zero.

Sharpe riu.

— Vá embora, Pat, vá limpar o rifle.

Cooper fervera uma vasilha de água e um grupo de fuzileiros estava lavando os canos dos rifles com ela. Cada tiro depositava sempre um pouco de pólvora no cano que, amontoada, podia inutilizar a arma, mas a água quente dissolvia os resíduos. Alguns fuzileiros preferiam urinar nos canos. Hagman usava a água quente, secando depois o cano com a vareta.

— Quer que limpe o seu, tenente — perguntou ele a Sharpe.

— O meu pode esperar, Dan — disse Sharpe.

Sharpe viu, então, o sargento Macedo e os seus homens regressando e pôs-se a pensar onde andariam os seus. Foi até à trincheira mais avançada do reduto norte e viu Harris e Dodd calcando a terra da campa de Donnelly e Williamson descansando, apoiado na pá.

— Ainda não acabaram? — gritou Sharpe para eles. — Rápido!

— Já vamos, tenente! — respondeu Harris.

Ele e Dodd apanharam as casacas do chão e começaram a subir a encosta. Williamson ergueu a pá, parecendo que ia segui-los e, de repente, largou a pá, voltou-se e pôs-se a correr encosta abaixo.

— Meu Deus! — exclamou Harper, aparecendo ao lado de Sharpe e erguendo o rifle.

Sharpe baixou-o. Não pretendia salvar Williamson, mas havia uma trégua na montanha, e mesmo um único tiro podia ser olhado como quebra da trégua e o obus podia responder com Dodd e Harris ainda em terreno aberto.

— Que grande sacana!

Hagman observou Williamson correr desalmadamente encosta abaixo, como se quisesse bater em corrida a bala esperada.

Sharpe foi assaltado por um terrível sentimento de culpa. Nunca gostara de Williamson, mas, mesmo assim, era sempre culpa do oficial, quando um homem desertava. O oficial nunca era punido, claro, e o homem, se fosse agarrado, era fuzilado, mas Sharpe sabia que a culpa era dele. Era a negação da sua capacidade de comando.

Harper viu a expressão amargurada no rosto de Sharpe e não compreendeu.

— Ficamos melhor sem esse sacana, tenente — disse ele.

Dodd e Harris estavam espantados e Harris ainda se voltou, como se quisesse perseguir Williamson, mas Sharpe chamou-o.

— Não devia ter mandado Williamson abrir a cova — disse Sharpe amargamente.

— Porque não? — disse Harper. — Não podia saber que ele ia desertar.

— Não gosto de perder homens — disse Sharpe, sempre amargo.

— A culpa não foi sua — protestou Harper,

— Então de quem foi? — perguntou Sharpe, furioso.

Williamson desaparecera para as fileiras francesas, presumivelmente para se juntar a Christopher, e o único consolo é que não pudera levar o rifle com ele. Mas continuava a ser um malogro, pensava Sharpe.

— É melhor nos abrigarmos — disse ele a Harper. — Eles vão começar a disparar a maldita peça dentro em pouco.

O obus começou a disparar faltavam dez minutos para a uma, embora, como ninguém no topo da montanha tinha relógio, eles não pudessem saber disso.

A granada atingiu um rochedo logo abaixo da primeira trincheira e ricocheteou para o céu, explodindo numa chuva de fumaça, chama e estilhaços do invólucro desfeito. Um estilhaço de ferro quente enterrou-se na coronha do rifle de Dodd, o restante matraqueando as rochas.

Sharpe, ainda se recriminando pela deserção de Williamson, observava a estrada principal do vale. Havia poeira lá e ele conseguiu distinguir cavaleiros vindos do noroeste, da estrada do Porto. Trariam um morteiro com eles? Se o trouxessem, pensou ele, então tinha de arranjar uma forma de escapar dali. Talvez, se fossem rápidos, conseguissem abrir uma brecha no cordão de dragões a oeste, e alcançar as colinas, onde o chão rochoso tornaria as coisas muito difíceis para os cavalos, mas isso ia significar uma passagem sangrenta pelos primeiros oitocentos metros. A não ser que tentasse à noite? Mas se era um morteiro que vinha, ia estar em ação antes da noite cair. Fixou olhando para a estrada distante, amaldiçoando o óculo defeituoso de Christopher, persuadindo-se de que não via nenhuma espécie de veículo, nem carreta de peça, nem carroção de morteiro no meio dos cavaleiros, mas eles estavam muito longe e não podia ter certeza.

— Tenente?

Era Hagman a chamá-lo.

— Posso fazer agora uma experiência com aqueles sacanas?

Sharpe continuava a pensar no seu fracasso e o primeiro impulso foi dizer ao velho caçador que era uma perda de tempo. Depois, tomou consciência do estranho ambiente que se estabelecera na montanha. Os homens estavam embaraçados com a atitude de Williamson. Muitos deles, possivelmente, temiam que Sharpe, na sua ira, punisse todos por causa do pecado de um deles e, outros, embora poucos, talvez desejassem seguir Williamson, mas, provavelmente, sentiam que a deserção era uma vergonha para eles todos. Constituíam uma unidade, eram amigos, tinham orgulho uns dos outros e um deles tinha, deliberadamente, menosprezado esse companheirismo. Agora, porém, Hagman oferecia-se para recuperar um pouco do orgulho perdido e Sharpe concordou.

— Vamos I, Dan — disse Sharpe. — Mas só você. Apenas Hagman! — gritou ele para os outros fuzileiros.

Ele sabia que todos eles gostariam de atirar nos artilheiros à vontade, mas a distância era prodigiosa, mesmo no limite do alcance do rifle e apenas Hagman tinha a perícia para, pelo menos, chegar perto.

Sharpe tornou a olhar para a distante nuvem de poeira, mas os cavalos tinham metido pelo caminho mais estreito que conduzia a Vila Real de Zedes e, por mais que fixasse a vista, não conseguia perceber se eles escoltavam algum veículo, por isso apontou o óculo à equipe do obus e verificou que eles lhe metiam uma nova granada no cano.

— Abriguem-se!

Apenas Hagman ficou em campo aberto. Estava carregando o rifle, primeiro despejando no cano pólvora do corno. Geralmente, usava um cartucho com a pólvora e a bala convenientemente enroladas em papel de embrulho, mas, para aquele tipo de tiro, a uns seiscentos metros, empregava a pólvora de alta qualidade que

trazia no corno. Despejou um pouco mais do que um cartucho conteria e, depois de carregar o cano com a pólvora, colocou a arma de lado e pegou a mancheia de balas soltas depositadas em cima das folhas de chá que trazia no fundo da bolsa de munições. A granada do inimigo passou ao lado da torre de vigia e foi explodir na íngreme encosta oeste, sem provocar danos, embora o estrondo repercutisse nos tímpanos dos homens e o invólucro estilhaçado matraqueasse furiosamente as rochas. Hagman nem sequer olhou. Estava rolando as balas com o dedo médio da mão direita, uma a uma na palma da mão esquerda e, quando teve certeza de ter encontrado a mais perfeita, guardou as outras e pegou o rifle de novo. No fundo da coronha havia uma pequena cavidade, coberta com uma tampa de metal. A cavidade tinha dois compartimentos, o maior contendo os utensílios de limpeza do rifle, enquanto o menor estava cheio de pedaços de couro, de um couro muito fino e flexível, besuntados com gordura. Pegou um dos pedaços, fechou a tampa de metal e viu Vicente olhando atentamente para ele. Hagman sorriu.

— É uma operação muito lenta, não é, senhor?

Hagman envolveu, então, a bala no pedaço de couro, de tal forma que, quando o rifle disparasse, a bala dilatada iria comprimir o couro contra as paredes do cano. O couro iria, também, reter os gases da explosão, concentrando a potência da pólvora.

Depois, Hagman enfiou no cano do rifle a bala envolvida no pedaço de couro, utilizando, então, a vareta para comprimi-la para baixo. Era um trabalho duro e ele estava de cara torcida, com o esforço, e fez um gesto de agradecimento a Sharpe, quando este o substituiu na tarefa. Sharpe apoiou o cabo de aço da vareta contra uma rocha e empurrou o rifle lentamente para a frente, até sentir que a bala se encostava e comprimia a pólvora. Retirou a vareta, enfiou-a nos aros por debaixo do cano e devolveu a arma a Hagman que, por sua vez, se serviu da pólvora do corno para encher a escorva. Alisou a pólvora com um indicador negro e tornou a sorrir para Vicente.

— É como uma mulher, senhor — disse Hagman, dando palmadinhas no rifle —, tome conta dele, que ele toma conta de nós.

— Notou que ele deixou o tenente Sharpe fazer o trabalho todo, tenente? — disse Harper, malicioso.

Vicente riu e Sharpe, de repente, lembrou-se dos homens a cavalo e, puxando o pequeno óculo, apontou-o à estrada que conduzia à aldeia, mas tudo o que restava dos recém-chegados era a poeira levantada pelos cascos dos cavalos. Os cavaleiros estavam ocultos pelas árvores em redor da Quinta e, não podendo, saber eles se tinham trazido um morteiro ou não, pôs-se a praguejar. Bem, iria saber dentro em breve.

Hagman estendeu-se de costas no chão, os pés voltados para o inimigo, e depois, encostou a nuca em uma rocha. Tinha os calcanhares cruzados e servia-se do ângulo formado pelas botas para apoiar a boca do cano do rifle e, como a arma tinha pouco mais de um metro de comprimento, tinha de inclinar o tronco desajeitadamente para poder apoiar a coronha no ombro. Ajeitou-se, por fim, a coronha do rifle encostada ao ombro, o cano percorrendo o comprimento do corpo e, embora a posição parecesse canhestra, era a preferida pelos fuzileiros peritos, porque permitia manter o rifle bem firme.

— O vento, tenente?

— Fraco, da esquerda para a direita — disse Sharpe. — Muito fraco, Dan.

— Muito fraco — repetiu Hagman mansamente, armando depois o cão. O cão em pescoço de cisne fez um ligeiro guincho ao comprimir a mola e depois houve um estalido quando a lingueta prendeu o cão. Hagman ergueu a alça o máximo possível, alinhando-lhe a ranhura pela mira da boca do cano. Teve de baixar a cabeça incomodamente para ver ao longo do cano. Respirou

fundo, expirou metade do ar e reteve a respiração. Todos no topo da montanha estavam contendo a respiração.

Hagman fez uns ligeiros ajustamentos, inclinando o cano para a esquerda e puxando a coronha para baixo, para dar mais elevação à arma. Era não só um tiro impossível a longa distância, mas, além disso, ia disparar encosta abaixo, o que era notoriamente muito difícil. Ninguém se mexia. Sharpe observava a equipe do obus pelo óculo. O artilheiro levava o bota-fogo para junto da culatra e Sharpe sabia que devia interromper a concentração de Hagman e mandar os homens abrigarem-se, mas nesse momento Hagman puxou o gatilho, o estampido do tiro espantou os pássaros da encosta da montanha, pairou fumaça por cima das rochas e Sharpe viu o artilheiro rodopiar, largando o bota-fogo e agarrando-se à anca direita. Cambaleou alguns segundos e depois caiu ao chão.

— Anca direita, Dan — disse Sharpe, sabendo que Hagman não podia ver através do fumaça do rifle —, e deitou-o ao chão. Abriguem-se! Todos, depressa! — Outro artilheiro agarrara o bota-fogo.

Meteram-se todos atrás das rochas e estremeceram quando a granada explodiu em cheio num grande rochedo. Sharpe dava palmadas nas costas de Hagman.

— Foi incrível, Dan!

— Eu aponte para o peito, senhor.

— Estragou-lhe o dia, Dan — disse Harper. — Estragou o dia ao raio do sapo.

Os outros fuzileiros congratulavam Hagman também. Tinham orgulho dele, contentes por verem o velho de novo de pé e em boa forma. O tiro, em certa medida, compensava a traição de Williamson. Eram de novo uma elite, eram fuzileiros.

— Posso tentar outra vez, senhor? — perguntou Hagman.

— Porque não? — disse Sharpe.

Se tivessem trazido um morteiro, os municidores iam ficar cheios de medo, quando descobrissem que se encontravam ao alcance dos rifles mortíferos.

Hagman. recomeçara o laborioso processo de carregar o rifle, mas mal tinha enrolado a bala no pedaço de couro quando, para espanto de Sharpe, o obus foi içado para a carreta e a arma arrastada para o meio das árvores. Por um momento, Sharpe exultou, depois, porém, receou que os franceses estivessem, muito simplesmente, retirando o obus para instalarem o morteiro no pedaço de terreno já limpo e nivelado. Esperou com um sentimento de terror, mas nenhum morteiro apareceu. Ninguém apareceu. Até mesmo os soldados de infantaria que tinham sido postados junto do obus tinham se retirado para o meio das árvores. Pela primeira vez desde que Sharpe se retirara para a torre de vigia, a encosta norte estava deserta. Os dragões continuavam a patrulhar a leste e a oeste, mas meia hora depois também eles rodaram a norte, para os lados da aldeia.

— O que é que está acontecendo? — perguntou Vicente.

— Só Deus sabe.

Depois, subitamente, Sharpe viu toda a força francesa, a peça, a cavalaria e a infantaria, tudo se retirando pela estrada que saía de Vila Real de Zedes. Pareciam estar regressando ao Porto e Sharpe olhava, boquiaberto, não ousando acreditar no que via.

— É um estratagema — disse Sharpe —, tem de ser um estratagema.

Passou o óculo a Vicente.

— Talvez seja a paz — sugeriu Vicente, depois de olhar para os franceses em retirada. — Talvez tenham, de fato, terminado os combates. Não vejo outra razão para eles partirem.

— Eles vão se embora, tenente — disse Harper — e isso é que interessa.

Vicente passara-lhe o óculo e Harper pôde ver uma carroça carregada de feridos,

— Jesus, Maria e José — exclamou ele, exultante —, eles vão mesmo embora!

Mas porquê? Haveria paz? Teriam os cavaleiros, que Sharpe receava que tivessem trazido um morteiro, trazido, em vez disso, uma mensagem? A ordem de retirar? Ou seria um engodo? Os franceses pensariam que ele ia descer à aldeia, proporcionando aos dragões a oportunidade de atacarem em terreno aberto e plano? Estava confuso como nunca.

— Eu vou lá embaixo — disse ele. — Eu, Cooper, Harris, Perkins, Cresacre e Sims,

Escolhera deliberadamente os dois últimos por serem amigos de Williamson e os mais capazes de lhe seguirem o exemplo e, por isso, pretendia dar-lhes a entender que ainda confiava neles.

— Os outros ficam aqui em cima.

— Eu gostaria de ir também — disse Vicente que, vendo que Sharpe se preparava para recusar, explicou: — É a aldeia, Sharpe, eu quero ver a aldeia. Quero ver o que aconteceu à minha gente.

Vicente, tal como Sharpe, levou cinco homens com ele. O sargento Harper e o sargento Macedo assumiram o comando no topo da montanha e a patrulha desceu a encosta. Passaram pela plataforma, em leque, toda chamuscada e que indicava o lugar de onde o obus fora disparado. Sharpe quase esperou uma descarga irrompendo da mata, mas não sou nenhuma arma e logo se viu à sombra das árvores. Ele ia à frente com Cooper, avançando sorrateiramente, atentos a uma emboscada no meio dos loureiros, dos vidoeiros e dos carvalhos, mas não foram perturbados. Seguiram pela trilha da Quinta, cuja casa tinha as persianas

fechadas e parecia intacta. Um gato listado estava lambendo-se nas lajes quentes do portão das cocheiras e interrompeu a tarefa para olhar indignado para os soldados, voltando depois às suas abluções. Sharpe experimentou a porta da cozinha, mas estava fechada. Pensou em arrombá-la, mas depois decidiu largar a porta e levou os homens para a parte da frente da casa. A porta da frente estava também fechada e o caminho deserto. Recuou lentamente, olhos postos nas persianas, quase à espera de as ver abrir e soltarem uma descarga de mosquetes. A casa, porém, dormia no ambiente cálido do início da tarde.

— Acho que está vazia, senhor — disse Harris, embora com um ar nervoso.

— Acho que você tem razão — concordou Sharpe, voltando-se e avançando pelo caminho.

O cascalho rangia-lhe sob as botas e, por isso, afastou-se e indicou aos homens que fizessem o mesmo. O dia estava quente e quieto, até os pássaros estavam silenciosos.

E foi então que sentiu o cheiro. Pensou de imediato na Índia e, por um instante terrível, imaginou mesmo que estava de volta a esse país misterioso, pois fora lá que sentira tantas vezes aquele cheiro. Era um cheiro espesso, enjoativo e, em certa medida, adocicado. Um cheiro que quase lhe deu vontade de vomitar, depois a premência passou, mas viu que Perkins, quase tão novo como Pendleton, estava com cara de enjoado.

— Respire fundo — disse-lhe Sharpe. — Vai precisar disso.

Vicente, com um ar tão enjoado como o de Perkins, olhou para Sharpe.

— Este cheiro é... — começou ele.

— É, sim — disse Sharpe. Era o cheiro da morte.

Vila Real de Zedes nunca fora uma grande aldeia, nem uma povoação muito conhecida. Peregrinos não iam lá orar na igreja. São José era ali venerado, mas a sua influência não ultrapassava os vinhedos. Contudo, apesar da sua insignificância, era uma boa aldeia para ver os filhos crescerem. Havia sempre trabalho nas vinhas dos Savages, o solo era fértil e mesmo as casas mais pobres dispunham de uma horta. Alguns dos aldeãos possuíam vacas, a maior parte deles tinham galinhas e alguns poucos engordavam o seu porco, embora não restasse, agora, nenhum gado. Pouca era a autoridade a atormentar os aldeãos. O padre José tinha sido a pessoa mais importante de Vila Real de Zedes, além dos ingleses da Quinta, e o pároco às vezes zangava-se, mas, por outro lado, ensinava as primeiras letras às crianças. E fora sempre generoso.

E, agora, estava morto. O seu cadáver, irreconhecível, estava no meio das cinzas da igreja, onde outros corpos, reduzidos pelo calor das chamas, jaziam no meio do madeiramento derrocado e carbonizado. No meio da rua havia um cão morto, um fio de sangue seco saindo-lhe da boca, uma nuvem de moscas esvoaçando por cima de uma ferida num dos flancos. As moscas zumbiam também no interior da maior das duas tabernas. Sharpe empurrou a porta com a coronha do rifle e teve um estremecimento involuntário. Maria, a garota de quem Harper gostava, estava estendida, nua, em cima da única mesa inteira do compartimento principal da taberna. Tinha sido pregada à mesa com facas espetadas nas palmas das mãos e as moscas percorriam-lhe agora a barriga e os seios feridos. Todos os pipos de vinho tinham sido desfeitos, todos os potes feitos em cacos e todas as peças de mobília, com excepção da única mesa, escavacadas. Sharpe pôs o rifle ao ombro e puxou as facas das mãos de Maria, de modo que os braços brancos esvoaçaram, quando as lâminas se libertaram. Perkins, à porta da taberna, olhava horrorizado.

— Não fique aí parado — atirou-lhe Sharpe —, arranje uma manta, qualquer coisa para cobri-la.

— Sim, senhor.

Sharpe voltou para a rua. Vicente tinha lágrimas nos olhos. Havia corpos em meia-dúzia de casas, sangue em todas elas, mas não havia gente em nenhuma, Os sobreviventes de Vila Real de Zedes, se os havia, deviam ter fugido da aldeia, perante a brutalidade sanguinária dos invasores.

— Devíamos ter ficado aqui — disse Vicente, indignado.

— Para morrermos como eles? — perguntou Sharpe.

— Eles não tinham ninguém que os defendesse — disse Vicente.

— Tinham Manuel Lopes — disse Sharpe — que não sabia combater e que, se soubesse, tão-pouco teria ficado. E, se nós os tivéssemos defendido, estaríamos mortos e eles estariam tão mortos como estão.

— Devíamos ter ficado — insistiu Vicente. Sharpe desistiu.

— Cooper! Sims!

Os dois homens armaram os cães dos rifles. Cooper disparou primeiro, Sharpe contou até dez, Sims, então, puxou o gatilho, Sharpe tornou a contar até dez e foi a vez dele atirar para o ar. Era o sinal para indicar a Harper que podia descer do cume com os outros.

— Arranje pás — disse Sharpe a Vicente.

— Pás?

— Sim, vamos enterrá-los.

O cemitério era um espaço murado ao norte da aldeia, onde havia um pequeno barracão com pás de coveiro que Sharpe distribuiu pelos homens.

— Suficientemente fundas para os animais não os escavarem — disse ele — mas não muito fundas.

— Não muito fundas? — perguntou Vicente, empertigado, considerando que covas pouco fundas eram um insulto grosseiro aos mortos.

— Sim, porque os aldeãos vão voltar — disse Sharpe — e desenterrá-los para encontrarem os Parentes.

Encontrou um monte de serapilheira no barracão e utilizou-a para recolher os corpos carbonizados da igreja, levando-os um a um para o cemitério. O braço esquerdo do padre José soltou-se do corpo, quando Sharpe tentava retirá-lo da cruz carbonizada, e Sims, vendo o que acontecia, foi ajudar a embrulhar na serapilheira o corpo negro e encolhido.

— Eu o levo, senhor — disse Sims, agarrando a serapilheira.

— Não precisa fazer isso.

Sims parecia embaraçado.

— Nós não vamos desertar, senhor — deixou ele escapar, parecendo depois receoso, como se esperasse a reação dura da língua de Sharpe. Sharpe olhou para ele e viu outro ladrão, outro bêbado, outro fracassado, outro atirador. Depois sorriu.

— Obrigado, Sims. Diga a Pat Harper para te dar um pouco da água benta dele.

— Água benta? — perguntou Sims.

— Sim, é o *brandy* que ele tem no segundo cantil. O *brandy* que ele acha que eu não sei que ele tem.

Mais tarde, quando os homens que haviam descido da montanha ajudavam a enterrar os mortos, Sharpe voltou à igreja e foi lá que Harper o encontrou.

— As sentinelas estão a postos, senhor.

— Muito bem.

— E Sims me disse que eu tinha de lhe dar *brandy*.

— Espero que lhe tenha dado.

— Dei, sim, tenente. E o tenente Vicente, senhor, quer dizer umas orações.

— Espero que Deus as ouça.

— E o senhor quer participar?

— Não, Pat, não quero.

— Foi o que eu pensei, senhor.

O irlandês abriu caminho por entre as cinzas. No local onde fora o altar, as cinzas ainda fumegavam, mas ele meteu a mão no meio dos resíduos e retirou de lá um crucifixo negro e torcido, com uns dez centímetros de comprimento. Harper depositou-o na palma da mão e fez o sinal da cruz.

— O tenente Vicente não está nada satisfeito, tenente.

— Eu sei.

— Ele acha que devíamos ter ficado e defendido a aldeia, mas eu lhe disse, senhor, eu lhe disse que não se apanham coelhos matando o cão.

Sharpe fixou o olhar no fumaça.

— Talvez devêssemos ter ficado.

— Falando assim, até parece um irlandês, senhor — disse Harper — porque não há nada que a gente não saiba a respeito de causas perdidas. Certamente, estaríamos agora todos mortos. E se vir a guarda do gatilho do rifle de Gataker solta, não grite com ele por causa disso. Os parafusos gastaram-se com o uso.

Sharpe sorriu, perante o esforço de Harper para mudar de assunto.

— Eu sei que fizemos o que devíamos, Pat. Quem me dera que o tenente Vicente compreendesse isso.

— Ele é advogado, senhor, por isso não consegue ver bem as coisas. E é muito jovem, era capaz de vender a vaca por um gole de leite.

— Nós fizemos o que devíamos — insistiu Sharpe —, mas o que vamos fazer agora?

Harper tentava endireitar o crucifixo.

— Quando era criança — disse ele —, uma vez me perdi. Devia ter os meus sete, oito anos. Menor do que Perkins, de qualquer modo. Havia soldados perto da aldeia, com o uniforme vermelho. Ainda hoje não sei o que estavam fazendo, mas o certo é que eu fugi deles. Não me perseguiram, mas fugi assim mesmo, porque era isso que nós fazíamos quando os sacanas apareciam. Corri, corri, corri até não saber onde estava.

— E o que você fez?

— Segui um ribeiro — disse Harper. — Fui parar perto de duas casinhas, a minha tia vivia numa delas e levou-me para casa.

Sharpe pôs-se a rir e, embora a história não fosse para rir, não conseguiu conter-se.

— Maire, era a minha tia Maire, que tenha a alma em descanso — disse Harper, guardando o crucifixo no bolso.

— Bem gostaria que a sua tia Maire aqui estivesse, Pat, mas nós não estamos perdidos.

— Acha que não?

— Nós vamos para o sul. Encontraremos um barco, atravessaremos o rio e continuaremos para o sul.

— E se o exército não estiver em Lisboa?

— Continuamos até Gibraltar — respondeu Sharpe, sabendo que isso nunca iria acontecer.

Se houvesse paz, iria encontrar alguém com autoridade para mandá-lo seguir para o porto mais próximo e, se houvesse guerra, então ia encontrar alguém com quem combater. Era, na verdade, muito simples, pensava ele.

— Mas vamos de noite, Pat.

— Portanto, acha que continuamos em guerra?

— Ah, sim, continuamos em guerra, Pat — disse Sharpe, olhando para os destroços e pensando em Christopher —, continuamos metidos numa droga de uma guerra.

Vicente estava olhando para as campas. Fez que sim com a cabeça, quando Sharpe lhe disse que pretendia seguir para o sul, mas só falou depois de terem saído do cemitério.

— Eu vou para o Porto — disse ele.

— Acha que houve um acordo de paz?

— Não — disse Vicente, encolhendo depois os ombros. — Talvez, não sei. Mas acho que o coronel Christopher e o brigadeiro Vuillard estão, muito provavelmente lá e, já que não os combati aqui, vou persegui-los lá.

— Vai, portanto, para o Porto — disse Sharpe — para morrer lá?

— Talvez — disse Vicente, nobremente —, mas um homem não pode esconder-se do diabo.

— Não, não pode — disse Sharpe —, mas se combate com ele, deve fazê-lo de maneira inteligente.

— Eu estou aprendendo a combater — disse Vicente —, mas já sei matar. Aquilo era uma receita de suicídio, pensou Sharpe, mas decidiu não argumentar.

— O que eu pretendo fazer — optou ele por dizer — é seguir o caminho por onde viemos. Facilmente me oriento por ele e, quando chegar a Barca de Avintes, vou procurar um barco. Há de haver lá qualquer coisa que flutue.

— Certamente que há.

— Por isso, venha comigo — sugeriu Sharpe —, pois fica muito perto do Porto.

Vicente concordou e, assim, os seus homens seguiram os de Sharpe, quando eles partiram da aldeia. Sharpe regozijou-se com isso, pois a noite estava de novo escura como breu e, apesar de estar convencido de que conseguiria orientar-se, teria se perdido se Vicente não estivesse com ele. Com a noite que estava, progrediram muito devagar, descansando no meio da noite e prosseguindo quando os primeiros raios de luz começaram a surgir no horizonte.

A mente de Sharpe balançava entre dois pensamentos, quanto a dirigir-se a Barca de Avintes. Era um risco, porque a aldeia ficava perigosamente próxima do Porto, mas, por outro lado, sabia que era um local onde era seguro atravessar o rio e esperava encontrar destroços das cabanas e das casas com que os homens pudessem construir uma jangada. Vicente concordava com ele, afirmando que a maior parte do vale do Douro eram ravinas rochosas e que Sharpe teria grande dificuldade, quer em aproximar-se do rio, quer em encontrar um local para atravessar. Um risco maior era os franceses estarem de guarda em Barca de Avintes, mas Sharpe desconfiava que eles tinham se dado por satisfeitos por terem destruído todos os barcos da aldeia.

À alvorada, encontravam-se numas colinas arborizadas. Pararam junto a um riacho e fizeram uma refeição de pão duro e de carne defumada tão rija que os homens falavam em reparar as botas com ela, depois resmungando porque Sharpe não lhes permitiu acender uma fogueira para fazerem chá. Sharpe levou um pedaço de pão para o alto de uma colina e perscrutou os arredores

com o pequeno óculo. Não enxergou inimigos e, na verdade, não viu ninguém. Via-se uma casa deserta um pouco mais acima no vale onde corria o riacho e avistava-se a torre de uma igreja a uns dois quilômetros mais a sul, mas não se via viva alma. Vicente foi para junto dele.

— Acha que pode haver franceses por aqui?

— Eu acredito nisso sempre — disse Sharpe.

— E acha que os ingleses foram embora? — perguntou Vicente.

— Não, acho que não.

— Porque não?

Sharpe encolheu os ombros.

— Se quiséssemos ir embora — disse ele —, teríamos ido durante a retirada de *Sir John Moore*.

Vicente olhou para o sul.

— Eu sei que não podíamos ter defendido a aldeia — disse ele.

— E eu gostaria de ter podido ajudá-los.

— Acontece que é a minha gente — disse Vicente.

— Eu sei.

Sharpe tentou imaginar os franceses nos vales do Yorkshire ou nas ruas de Londres. Tentou imaginar as casas queimando, os botequins sendo saqueados e as mulheres gritando, mas não conseguiu encarar esse horror. Parecia-lhe absolutamente impossível. Harper conseguia, certamente, imaginar a casa dele sendo violada, possivelmente podia até recordar isso, mas Sharpe não.

— Porque eles agem assim? — perguntou Vicente, num tom genuinamente angustiado.

Sharpe guardou o óculo e pôs-se a escavar a terra com a biqueira da bota direita. No dia seguinte à escalada para a torre de vigia, tinha secado as botas encharcadas em uma fogueira, mas aproximara-as demais do fogo e o couro estalara.

— Na guerra não há regras — disse ele, incomodado.

— Há regras, sim — insistiu Vicente.

Sharpe ignorou o protesto.

— A maior parte dos soldados não são santos. São bêbados, ladrões, patifes. Fracassaram em tudo, por isso alistam-se no exército, ou são forçados a se alistar por um magistrado sacana qualquer. Depois lhes dão uma arma e dizem-lhes para matar. Se o fizessem na pátria, seriam enforcados, mas no exército são felicitados por isso e, se não se tem o controle deles, eles acham que podem matar todas as pessoas. Aqueles ali — disse ele, apontando com a cabeça os homens agrupados debaixo dos carvalhos — sabem que serão punidos, se não se manterem na linha. Mas, se eu lhes desse rédea solta, destruíam este país num instante, depois destroçavam a Espanha e só paravam quando os matassem. — Fez uma pausa, percebendo que não estava sendo justo com os homens. — Não me interprete mal — acrescentou —, eu gosto deles. Não são dos piores, são apenas homens sem sorte e muito bons soldados. Eu não sei bem — Sharpe franziu o sobrolho, embaraçado —, mas acho que os Sapos não têm opção, já que são mobilizados. Um desgraçado qualquer está, num dia, trabalhando como padeiro, ou como abegão e, no dia seguinte, está de uniforme e a marchando para meio continente de distância. Eles ressentem-se disso e os Sapos não chicoteiam os soldados, de modo que não têm maneira de refreá-los.

— Vocês chicoteiam?

— Eu não.

Pensou em dizer a Vicente que fora chicoteado uma vez, havia muito tempo, na parada escaldante de um quartel, na Índia, mas depois decidiu que podia soar como presunção.

— Eu os levo para trás de um muro e dou-lhes uma surra — optou ele por dizer. — É mais rápido.

Vicente sorriu.

— Eu não seria capaz de fazer isso.

— Em vez disso podia entregar-lhes uma intimação — disse Sharpe. — Eu preferia uma surra a ter problemas com um advogado.

Talvez, pensou ele, se tivesse dado uma surra em Williamson o homem tivesse se submetido à sua autoridade. Ou talvez não.

— A que distância estaremos do rio? — perguntou ele.

— A umas três horas, não muito mais.

— Bem, não nos convém ficar aqui, é melhor recomeçarmos a andar.

— E os franceses? — perguntou Vicente.

— Não há sinal deles, nem aqui, nem além — disse Sharpe, apontando para o sul. — Não há fumaça, não vejo pássaros fugindo das árvores. E consegue-se cheirar um dragão francês a uma légua de distância. Os cavalos deles estão todos feridos das selas e soltam um fedor de fossa.

Retomaram, pois, a marcha. A erva ainda tinha orvalho. Passaram por uma aldeia deserta que parecia intacta e Sharpe desconfiou que os habitantes os tinham avistado e tinham se escondido. Havia gente ali, pois via-se roupa estendida nos loureiros, mas, embora o sargento Macedo se pusesse a berrar que eram amigos, ninguém ousou aparecer. Uma das peças de roupa

era uma bela camisa de homem com botões de osso e Sharpe viu Cresacre atrasar-se como quem quer aliviar-se.

— O castigo para o roubo — gritou Sharpe para os seus homens — é a forca numa destas árvores.

Cresacre fingiu que não tinha ouvido, mas tratou de apressar-se. Pararam quando atingiram o Douro. Barca de Avintes ficava ainda um pouco para oeste. Sharpe sabia que os homens estavam cansados, por isso acamparam numa mata, numa encosta escarpada, próxima ao rio. Não se viam barcos por ali. Ao longe, para sul, pairava no céu uma única espiral de fumaça e, para oeste, havia uma névoa tremeluzente que Sharpe supôs ser fumaça expelida pelas cozinhas do Porto. Vicente disse que Barca de Avintes não estaria a mais de uma hora de marcha, mas Sharpe decidiu que iriam esperar pela manhã seguinte. Meia-dúzia de homens estavam coxeando, porque as botas estavam rotas e Gataker, que tinha sido ferido na anca, estava sentia dores. Um dos homens de Vicente caminhava descalço e Sharpe estava pensando em fazer o mesmo, dado o estado das suas botas. Havia, porém, outra razão para a parada.

— Se os franceses andarem por aí — explicou Sharpe —, prefiro tentar escapar de madrugada. E, se não estiverem por aqui, ficamos com o dia todo para construir uma jangada.

— E quanto a nós? — perguntou Vicente.

— Ainda quer ir para o Porto?

— O nosso regimento é de lá — disse Vicente. — É a nossa casa. Os homens estão ansiosos. Alguns têm família lá.

— Leve-nos até Barca de Avintes — sugeriu Sharpe — e depois vá para casa. Mas percorra os últimos quilômetros devagar, com toda a cautela, e tudo correrá bem.

Ele não acreditava nisso, mas não podia dizer o que pensava. As sentinelas faziam a guarda na extremidade da mata, enquanto

os outros dormiam e, pouco depois do meio-dia, quando o calor tornava todos sonolentos, a Sharpe pareceu ter ouvido um trovão ao longe, mas não havia nuvens de chuva à vista, o que queria dizer que o estrondo só podia ser de uma arma de fogo, mas não tinha certeza. Harper estava dormindo e Sharpe interrogou-se se não estaria apenas ouvindo o eco do ressonar do irlandês. Depois, porém, tornou a ouvir o estrondo, embora tão fraco que até podia tê-lo imaginado. Sharpe balançou Harper.

— O que foi?

— Estou tentando ouvir — disse Sharpe.

— E eu estou tentando dormir.

— Ouça!

Mas houve apenas silêncio, quebrado somente pelo murmúrio do rio e pelo agitar das folhas ao vento.

Sharpe pensou em ir com uma patrulha de reconhecimento até Barca de Avintes, mas decidiu que não. Não quis dividir a sua já perigosamente pequena força e, fossem quais fossem os perigos que os aguardavam na aldeia, podiam esperar pela manhã seguinte. Ao cair da noite pareceu-lhe tornar a ouvir o estrondo, mas depois soprou o vento e levou com ele o som.

O romper do dia foi silencioso e quieto. O rio, ligeiramente coberto pela neblina, parecia polido como aço. Luís, que se juntara aos homens de Vicente, revelou-se um bom sapateiro e remendara algumas das botas mais decrépitas. Tinha se oferecido para barbear Sharpe, mas este balançara a cabeça.

— Só faço a barba do lado de lá do rio — dissera Sharpe.

Partiram, então, seguindo uma trilha que serpenteava no terreno acidentado. A trilha era dura, cheia de vegetação e esburacada. Caminharam muito devagar, mas não viram inimigos. O terreno, depois, foi ficando mais plano, a trilha tornou-se um

caminho, que ladeava vinhedos e apareceu Barca de Avintes à frente deles, as paredes brancas luzindo ao Sol nascente.

Não havia franceses na aldeia. Alguns dos habitantes tinham regressado às casas pilhadas e pareciam alarmados com os rufiões de uniformes esfarrapados que surgiam pela ponte sobre o pequeno riacho, mas Vicente sossegou-os. Não havia barcos, disseram eles, os franceses tinham levado ou queimado todos. Raramente viam os franceses, acrescentaram. Às vezes, aparecia uma patrulha de dragões, atravessando a aldeia. Punham-se a observar a outra margem do rio, roubavam comida e iam embora. Pouco notícias tinham. Uma mulher, que vendia azeite, ovos e peixe defumado no mercado do Porto, disse-lhes que os franceses guarneciam com sentinelas toda a margem norte do rio, desde a cidade até o mar, mas Sharpe não deu grande importância às palavras dela. O marido, porém, um gigante meio curvado, de mãos calosas, cautelosamente concordou que talvez fosse possível fazer uma jangada com a mobília quebrada que havia na aldeia.

Sharpe colocou sentinelas no extremo oeste da aldeia, onde Hagman tinha sido ferido. Subiu em uma árvore e ficou surpreso por enxergar edifícios do Porto recortados no horizonte montanhoso. O grande edifício branco, de telhado plano, por onde se recordava de ter passado, quando encontrara e conhecido Vicente, era o mais visível e ficou espantado de se encontrarem tão perto. Não estava a mais de uma légua do grande edifício branco e os franceses tinham, certamente, sentinelas naquela colina. E, ainda mais certamente, disporiam de um óculo lá em cima, para observarem os arredores da cidade. Estava, contudo, disposto atravessando o rio ali, por isso desceu da árvore e estava sacudindo a casaca quando um jovem de cabelo desgrenhado e roupa esfarrapada se pôs a mugir para ele. Sharpe olhou atônito para o rapaz. O jovem tornou a mugir, depois fez uma careta, antes de soltar um arremedo de risada. Tinha o cabelo ruivo sujo de terra, olhos azul-claros e uma boca descaída e cheia de baba. Sharpe compreendeu que se tratava de um idiota, provavelmente inofensivo, lembrando-se de Ronnie, um idiota de

uma aldeia do Yorkshire, cujos pais o prendiam ao tronco de um ulmeiro, no prado da aldeia, onde Ronnie se punha a berrar para as vacas que ali pastavam, falando com ele próprio e rosnando para as meninas. Este era muito parecido, mas era também impertinente, agarrando o cotovelo de Sharpe e tentando levar o inglês para os lados do rio.

— Arranjou um amigo, tenente? — perguntou Tongue, todo divertido.

— Ele é um grande chato, senhor — disse Perkins.

— Mas não quer lhe fazer mal — disse Tongue —, ele quer levá-lo para dar um mergulho, tenente.

Sharpe libertou-se da mão do idiota.

— Qual é seu nome — perguntou-lhe Sharpe, depois compreendendo que de pouco valia falar em inglês com um doido português.

O idiota, porém, contente por alguém falar com ele algaraviou perdidamente, rindo e balançando-se em um e outro pé. Depois, agarrou de novo o cotovelo de Sharpe.

— Vou te chamar de Ronnie — disse Sharpe. — E o que você quer? Os homens agora riam, mas Sharpe, de qualquer modo, pretendia ir à margem do rio observar o tipo de corrente que a jangada teria de enfrentar e, por isso, deixou-se arrastar por Ronnie. O idiota foi todo o caminho falando, mas nada do que dizia fazia sentido. Levou Sharpe para a margem do rio e, quando Sharpe tentou sacudir a mão, surpreendentemente forte, Ronnie balançou a cabeça e empurrou Sharpe para debaixo de uns choupos, bem para o interior dos arbustos, onde, então, largou finalmente o braço de Sharpe, batendo palmas.

— Você não é, afinal, tão idiota — disse Sharpe. — Na verdade, Ronnie, você é um gênio.

Havia um barco ali. Sharpe vira uma barca sendo queimada e afundada, quando ali estivera antes, mas agora percebia que devia haver duas barcas e aquela era a segunda. Era um barco chato, largo e mal-acabado, o tipo de barco para transportar um pequeno rebanho de ovelhas, ou mesmo uma carruagem e seus cavalos. Tinham-lhe metido pedras dentro e afundado no riacho que corria sob as árvores, formando com ele uma espécie de tanque. Sharpe pôs-se a pensar porque que os aldeãos não lhe tinham falado no barco e concluiu que eles temiam qualquer tipo de soldado e, por isso, tinham escondido o seu barco mais valioso até regressarem os tempos de paz. Os franceses tinham destruído todos os outros barcos e nem sequer imaginavam que aquela segunda barca ainda existia.

— Você é um grande gênio — disse outra vez Sharpe a Ronnie, dando-lhe o resto do pão, que era o único presente que dispunha.

Mas tinha um barco.

E tinha mais alguma coisa, pois o trovão que ele ouvira à distância soou outra vez. Só que, desta vez, soou mais próximo, não deixou dúvida nenhuma, não era nenhum trovão e Christopher tinha mentido e não havia paz nenhuma em Portugal.

Era um tiro de canhão.

CAPÍTULO VIII

O som dos tiros vinha de Oeste, canalizado pelo vale ladeado de escarpas do rio, e Sharpe não conseguia perceber se a batalha se desenrolava na margem norte ou na margem sul do Douro. Nem sequer sabia se se tratava de uma batalha.

Podia ser que os franceses, para protegerem a cidade do lado do mar, tivessem instalado baterias na costa e estas estivessem disparando em fragatas curiosas demais, ou talvez apenas praticando tiro. Uma coisa, porém, era óbvia: nunca conseguiria saber do que se tratava, a menos que se aproximasse mais.

Correu para a aldeia, seguido por Ronnie, que berrava inarticuladamente ao mundo a sua façanha.

Sharpe procurou Vicente.

— Temos uma barca aqui, foi ele que me mostrou — disse Sharpe, apontando para Ronnie.

— E as peças? — perguntou Vicente, confuso.

— Vamos descobrir o que estão fazendo — disse Sharpe —, mas diga aos aldeãos para erguerem a barca, pois podemos precisar dela. E, agora, vamos para a cidade.

— Todos nós? — perguntou Vicente.

— Sim, todos nós, mas diga-lhes que eu quero aquela barca flutuando no meio da manhã.

A mãe de Ronnie, uma mulher curvada, vestida de preto, puxou o filho de perto de Sharpe e pôs-se a repreendê-lo numa voz estridente. Sharpe deu-lhe o último pedaço de queijo da sacola de

Harper, explicou-lhe que Ronnie era um herói e, depois, conduziu o seu grupo heterogêneo para oeste, pela margem do rio.

Havia muita cobertura. Pomares, olivais, redis cobertos, pequenos vinhedos, tudo apertado na pequena faixa de terreno plano da margem norte do Douro. Os canhões, ocultos pela cumeada da grande colina onde se erguia o edifício de telhado plano, disparavam esporadicamente. O fogo subia para uma intensidade de batalha, para depois se esvanecer. Durante alguns minutos, não havia tiros, ou apenas uma peça disparava, o tiro ecoando nas colinas ao sul, repercutindo nas escarpas a norte e ressaltando rio abaixo.

— Talvez devêssemos ir para o seminário — sugeriu Vicente, indicando o grande edifício branco.

— Os Sapos devem estar lá — disse Sharpe.

Estava agachado junto a uma cerca e, por qualquer razão, falava baixinho. Parecia extraordinário que não houvesse sentinelas francesas, nem uma única, mas ele tinha certeza que os franceses deviam ter homens no grande edifício que dominava o rio a leste da cidade, como um castelo.

— O que disse que era aquilo?

— Um seminário. — Vicente percebeu que Sharpe ficara confuso. — É uma casa onde os padres são educados. Eu, em tempos, pensei em ser padre.

— Santo Deus! — exclamou Sharpe, surpreendido. — Queria ser padre?

— Não, só pensei nisso — disse Vicente, defensivo. — Porque, não gosta de padres?

— Não é isso.

— Então, ainda bem que sou advogado — disse Vicente, com um sorriso.

— Você não é advogado, Jorge — disse Sharpe —, você é um soldado, como todos nós.

Depois daquele cumprimento, voltou-se e verificou que todos os homens já haviam atravessado o pequeno prado e se encontravam agachados junto à cerca.

Se os franceses tinham homens no seminário, pensou ele, ou estavam todos dormindo, ou, mais provavelmente, tinham avistado uniformes azuis e verdes e os tinham confundido com as suas próprias casacas. Teriam confundido o azul dos portugueses com o deles? O azul do uniforme dos portugueses era muito mais escuro do que o da infantaria francesa e o verde dos fuzileiros muito mais escuro que o dos dragões, mas, a uma certa distância, os uniformes podiam confundir-se.

Ou não haveria ninguém no edifício? Sharpe pegou o pequeno óculo e espreitou por ele durante bastante tempo. O seminário era enorme, um grande bloco branco, com quatro andares, e devia ter, pelo menos, umas noventa janelas, só na parede sul. Não conseguiu, contudo, enxergar nenhum movimento em qualquer delas, como tão-pouco avistou alguém no telhado plano, o qual tinha uma cimalha de tijoleira e constituía, sem sombra de dúvida, o melhor posto de observação a leste da cidade.

— Vamos para lá? — pressionou-o Vicente.

— Talvez — respondeu Sharpe, cauteloso.

Estava tentado, pois o edifício proporcionava uma bela vista sobre a cidade, mas continuava a não acreditar que os franceses não tivessem ocupado o seminário.

— Vamos continuar ao longo da margem do rio, por enquanto.

Pôs-se à frente dos seus fuzileiros. O verde das casacas deles era do tom das folhas, proporcionando-lhes uma pequena vantagem, se lhes aparecesse pela frente uma sentinela francesa, mas não viram ninguém. Sharpe tão-pouco viu atividade na

margem sul, embora os canhões continuassem a disparar e, agora, distinguísse, por sobre a cumeada do seminário, uma nuvem de fumaça de canhão, de um branco sujo, sendo empurrada para o vale do rio.

Havia, agora, mais edifícios, a maior parte casas pequenas, construídas junto ao rio, com quintais que eram uma confusão de sebes, de vinhas, de oliveiras que ocultavam os homens de Sharpe, na sua caminhada para oeste. Próximo a Sharpe, à direita dele, o seminário erguia-se no céu como grande ameaça, com as janelas fechadas, mudas, escuras. Sharpe não conseguia libertar-se do medo de que uma horda de soldados franceses estivesse escondida por trás daquela montanha de pedra e de vidro, brilhando ao sol. Contudo, sempre que olhava para lá, não distinguia nenhum movimento.

Depois, de repente, apareceu à sua frente uma sentinela francesa. Sharpe dobrara a esquina de uma casa e ali estava o homem. Estava no meio de uma calçada escorregadia que ligava a oficina de um calafate ao rio, agachado, brincando com um cãozinho. Sharpe fez desesperadamente sinal aos seus homens para pararem. O inimigo era um soldado de infantaria, a uns cinco ou seis metros de distância, de costas para Sharpe, o quepe e o mosquete pousados no piso, deixando o cãozinho morder-lhe a mão direita, na brincadeira.

Se havia ali um soldado francês, devia haver mais. Tinha de haver! Sharpe olhou para além do homem, para alguns choupos e arbustos espessos na extremidade da calçada. Haveria por ali uma patrulha? Não viu sinais disso, nem nenhuma movimentação nos barracões do calafate.

O francês, então, ou ouviu o raspar de uma bota, ou sentiu que estava sendo observado, pois ergueu-se e voltou-se. Depois, vendo que tinha o mosquete ainda no chão, fez um gesto para apanhá-lo, detendo-se, porém, quando Sharpe lhe apontou o rifle. Sharpe fez que não com a cabeça e, sacudindo o rifle para cima,

deu-lhe a entender que devia endireitar-se. O homem obedeceu. Era um jovem, pouco mais velho que Pendleton e Perkins, com uma cara redonda, sem malícia. Estava cheio de medo e deu um passo involuntário para trás, quando Sharpe avançou rapidamente para ele, e choramingando, quando Sharpe o agarrou pela casaca e o arrastou, dobrando a esquina. Sharpe, então, deitou-o ao chão, arrancou-lhe a baioneta do cinturão e atirou-a ao rio.

— Amarre-o — ordenou ele a Tongue.

— Corto-lhe o pescoço — sugeriu Tongue —, é mais fácil.

— Amarre-o — insistiu Sharpe — amordace-o e faça isso bem feito. — Sharpe fez sinal a Vicente para vir junto dele.

— Foi o único que vi.

— Tem de haver mais — declarou Vicente.

— Sabe Deus onde estarão.

Sharpe foi de novo à esquina, espreitou e não viu mais nada a não ser o cãozinho, que estava agora tentando puxar pela correia o mosquete do francês. Sharpe fez sinal a Harper para se juntar a ele.

— Não vejo ninguém — murmurou Sharpe.

— Ele não pode estar sozinho — disse Harper. Contudo, não se via ninguém

— Vamos para aquelas árvores, Pat — segredou Sharpe, apontando para além da calçada.

— Teremos de correr como loucos, senhor — disse Harper. Dispararam os dois a correr pelo espaço aberto e atiraram-se para as árvores. Não houve nenhum disparo de mosquete, ninguém gritou, mas o cãozinho, pensando que se tratava de uma brincadeira, seguiu-os.

— Volte para sua mãe — soprou Harper para o cão que se limitava a ladrar para ele.

— Meu Deus! — disse Sharpe, não por causa do ladrar do cão, mas porque estava vendo barcos.

Tudo levava a pensar que os franceses tivessem destruído ou apreendido os barcos todos ao longo do Douro, mas, em frente dele, varadas na margem lamacenta da maré baixa, numa curva do rio, haviam três grandes barcaças de transporte de vinho. Três barcaças! Quis saber se teriam sido esburacadas e, enquanto Harper sossegava o cão, meteu-se na lama cheia de juncos e içou-se para dentro de uma delas. Estava encoberto por árvores espessas da vista de alguém colocado na margem norte, talvez essa a razão por que os franceses não tinham percebido os três barcos e, melhor do que isso, a barcaça para onde Sharpe saltara não estava danificada. Havia bastante água no fundo, mas, quando a provou, Sharpe verificou que era água doce, portanto, era água da chuva e não a água salgada que as marés, duas vezes por dia, faziam subir o Douro. Sharpe percorreu o porão alagado, chapinhando na água, não encontrando rachaduras feitas à machadada. Subiu depois para uma cobertura lateral onde viu seis remos compridos amarrados com uma corda esfiapada. Havia também um pequeno bote, arrimado à popa, o casco para cima, com dois remos, descorados e rachados, meio metidos debaixo dele.

— Tenente! — soprou Harper. — Tenente!

Harper estava apontando para o outro lado do rio, Sharpe olhou para a outra margem e avistou um uniforme vermelho. Um cavaleiro solitário, evidentemente inglês, olhou também para ele. O homem tinha um tricórnio, era, portanto, um oficial, mas quando Sharpe acenou não retribuiu o aceno. Sharpe calculou que o homem estivesse confuso com o uniforme verde.

— Mande todos virem para cá, já! — ordenou Sharpe a Harper.

Tornou a olhar para o cavaleiro. Por um momento, pensou que era o coronel Christopher, mas aquele homem era mais pesado e o cavalo, como a maioria dos cavalos ingleses, tinha a cauda

aparada, enquanto Christopher, imitando os franceses, não aparava a cauda do cavalo dele. O homem, que conservava o cavalo debaixo de uma árvore, voltou-se, parecendo falar com alguém, embora Sharpe não conseguisse ver mais ninguém na outra margem do rio. Depois, o homem tornou a olhar para Sharpe e apontou vigorosamente para os três barcos.

Sharpe hesitou. Era quase certo que o homem era de mais elevada patente do que ele e, se atravessasse o rio, ia ver-se sob a disciplina férrea do exército, perdendo a liberdade de agir segundo a sua vontade. Se mandasse um dos seus homens daria no mesmo, mas, então, lembrou-se de Luís e fez vir o barbeiro à sua presença, ajudando-o a subir para a barca.

— Sabe manejar um bote? — perguntou-lhe.

Luís ficou momentaneamente com um ar alarmado, mas, logo depois, disse que sim.

— Sei, sim senhor.

— Então, atravesse o rio e descubra o que o oficial inglês quer. Diga-lhe que estamos averiguando o que acontece no seminário. E diga-lhe, também, que há outro barco em Barca de Avintes.

Sharpe pôs-se a pensar que os ingleses teriam avançado para o norte e tinham sido travados pelo Douro. Concluiu que a canhonada eram as peças disparando umas contra as outras através do rio, mas, sem barcos, os ingleses estavam presos. Onde diabos estava a armada?

Harper, Macedo e Luís fizeram passar o bote por cima da amurada da barcaça, para a lama pegajosa do rio. A maré estava subindo, mas ainda levaria algum tempo para atingir as barcaças. Luís agarrou os remos, sentou-se no banco e, com admirável destreza, afastou-se da margem. Olhou por cima do ombro para ver a direção e, depois, pôs-se a remar vigorosamente,

Sharpe viu outro cavaleiro aparecer atrás do primeiro, este segundo homem também de uniforme vermelho e de tricórnio preto, e começou a ver as peias do exército se aproximando dele, de modo que saltou da barcaça abaixo e chapinhou pela lama até à margem.

— Você vai ficar aqui — ordenou ele a Vicente. — Eu vou espiar a colina.

Por um momento, Vicente parecia ir argumentar, mas, depois, aceitou o esquema e Sharpe fez sinal aos fuzileiros para o seguirem. Quando iam meter-se no meio das árvores, Sharpe olhou para trás e viu que Luís estava quase chegando à outra margem. Depois, Sharpe passou alguns loureiros e viu a estrada à frente dele. Era a estrada por onde tinha escapado do Porto e, à esquerda, estavam as casas onde Vicente lhe tinha salvo a pele. Não viu nenhum francês. Fixou de novo os olhos no seminário, mas não havia movimento nenhum por ali. Que se dane, pensou ele, vamos lá.

Conduziu os homens em formação de emboscada, colina acima. A colina oferecia escassa cobertura. Algumas árvores dispersas e uma cabana derrocada surgiam a meio caminho, mas, além disso, era uma armadilha mortal, se houvesse soldados franceses no edifício. Sharpe sabia que devia ter tido mais cuidado, mas ninguém disparou das janelas. Acelerou o passo, de tal modo que começou a sentir dores nos músculos das pernas, já que a colina era muito íngreme.

Depois, de repente, estava junto do seminário. O térreo tinha janelas pequenas, gradeadas, e sete portas em arco. Sharpe experimentou uma das portas, verificando que estava trancada e que era tão sólida que, quando lhe deu um pontapé, o único resultado foi ficar machucado. Agachou-se e aguardou que os retardatários chegassem. Via, para oeste, todo um vale que se estendia entre o seminário e a cidade, conseguindo enxergar, no topo da colina do Porto, as armas francesas que disparavam para a

outra margem do rio, embora o alvo delas estivesse encoberto por uma montanha da margem sul. Um grande convento se erguia nessa montanha oculta, o mesmo, lembrava-se Sharpe, de onde a artilharia portuguesa se digladiara com a francesa, no dia em que a cidade caíra.

— Estão todos aqui — disse-lhe Harper.

Sharpe seguiu ao longo da parede do seminário, construída com maciços blocos de pedra, dirigindo-se para oeste, para o lado da cidade. Queria espreitar o outro lado, mas calculava que a fachada do edifício devia estar de frente para o Porto. Todas as portas por onde passou estavam trancadas. Por que raio não havia ali soldados franceses? Não via ninguém, nem sequer na zona limítrofe da cidade, a cerca de um quilômetro. A parede, então, dobrou para a direita e Sharpe viu um lance de degraus que subiam para uma porta ornamentada. Não havia sentinelas guardando a entrada, embora ele agora, finalmente, visse soldados franceses. Havia um comboio de carroças na estrada do vale que se estendia a norte do seminário. As carroças, puxadas por bois, eram escoltadas por dragões. Sharpe utilizou o pequeno óculo de Christopher e verificou que as carroças estavam cheias de feridos. Estaria Soult evacuando os feridos para a França? Ou estava, simplesmente, esvaziando os hospitais, às vésperas de nova batalha? Não devia, certamente, estar pensando em marchar sobre Lisboa, dado que os ingleses tinham vindo para o Norte, para junto do Douro, e esse fato fez Sharpe pensar que Sir Arthur Wellesley já devia ter chegado a Portugal e galvanizara as forças inglesas.

A frente do seminário tinha um ornato em cercadura, encimado por uma cruz de pedra, que tinha sido atingida por tiros de mosquete. A porta principal, para onde subiam os degraus, era de madeira, chapeada a ferro, e, quando Sharpe rodou o enorme e enferrujado puxador de ferro, ficou surpreendido, pois a porta não estava trancada. Escancarou a porta com a boca do rifle e viu um corredor vazio, lajeado, com as paredes pintadas de um verde desmaiado. O retrato de um santo esfomeado estava pendurado de

esquelha numa das paredes, o corpo do santo esburacado à bala. A representação grosseira de uma mulher e de um soldado francês tinha sido rabiscada junto ao retrato do santo, revelando que os franceses tinham estado no seminário, embora não se visse agora ali nenhum deles. Sharpe entrou, as botas ecoando nas paredes.

— Jesus, Maria e José — disse Harper, fazendo o sinal da cruz.
— Nunca vi um edifício tão grande! — Olhou espantado pelo corredor adiante e perguntou: — Como é que o raio de um país precisa de tantos padres?

— Tudo depende do número de pecadores — disse Sharpe. — Agora, vamos inspecionar isto tudo.

Deixou um piquete de seis homens à entrada e, depois, desceu algumas escadas para ir destrancar uma das portas que davam para o rio. Essa porta seria a sua rota de fuga, se os franceses aparecessem no seminário. Uma vez assegurada a retirada, examinou os dormitórios, os banheiros, as cozinhas, o refeitório e as salas de aulas do vasto edifício. Havia mobília quebrada em todos os compartimentos e, na biblioteca, havia um milhar de livros espalhados e rasgados no soalho de madeira, mas não se via viva alma. A capela tinha sido arrombada, o altar desfeito em lenha e o coro utilizado como latrina.

— Cambada de sacanas — disse Harper baixinho.

Gatker, o guarda-mão do rifle balançando, preso por um único parafuso, parou embasbacado diante de um desenho de duas mulheres, curiosamente agarradas a três dragões, que tinha sido garatujado na parede caiada de branco, onde anteriormente se encontrava um grande tríptico da Sagrada Família, por cima do altar.

— Gosto disto — dizia ele, no tom respeitoso que alguém usaria numa exposição da *Royal Academy*.

— Eu gosto delas um pouco mais cheias — disse Slattery.

— Andando — rosnou Sharpe.

A tarefa mais urgente, agora, era encontrar a adega do seminário. Tinha certeza de que devia haver uma adega, mas, quando finalmente a encontrou, verificou, com alívio, que os franceses já haviam passado por ali e que nada restava, a não ser garrafas quebradas e barris vazios.

— Verdadeiros bárbaros! — exclamou Harper, profundamente sentido. Sharpe, porém, teria destruído ele próprio garrafas e barris, para evitar que os homens se embebedassem. E, ao pensar nisso, percebeu que, inconscientemente, já decidira ficar ali, naquele enorme edifício, tanto tempo quanto pudesse. Os franceses queriam, sem sombra de dúvida, dominar o Porto, mas quem quer que fosse que ocupasse o seminário dominava o flanco oriental da cidade.

A longa fachada com as inúmeras janelas que davam para o rio era ilusória, pois o edifício era bastante estreito. Na fachada, apenas uma dezena de janelas davam para o Porto, embora, na parte de trás, a mais afastada da cidade, houvesse uma comprida ala estendendo-se para norte. No ângulo das duas alas, havia um jardim, onde um certo número de pereiras tinham sido cortadas para lenha. Os dois lados do jardim, não protegidos pelo edifício, estavam cercados por um alto muro de pedra, fendido por dois belos portões de ferro que davam para o Porto. Num barracão, escondido sob uma pilha de redes que serviam para afastar os pássaros das árvores de fruto, Sharpe descobriu uma picareta que entregou a Cooper.

— Abra algumas seteiras — disse-lhe Sharpe, indicando-lhe o muro. — Patrick! Veja se arranja mais ferramentas e destaque mais seis homens para ajudarem o Cooper. O resto dos homens vão para o telhado, mas que ninguém os veja. Compreende? Têm de ficar escondidos.

Sharpe dirigiu-se, então, para uma sala ampla que ele acreditava ter sido o gabinete do reitor do seminário. Tinha

prateleiras como uma biblioteca e fora saqueada como o resto do edifício. Livros rasgados e arrancados das capas jaziam em pilhas no soalho, uma mesa enorme fora atirada contra uma parede e uma pintura a óleo de um clérigo com ar de santo, toda esfaqueada, estava metida na lareira, meia queimada.

Sharpe abriu a janela da sala, que ficava imediatamente por cima da porta de entrada do seminário, e, com o pequeno óculo, pôs-se a perscrutar a cidade, tentadoramente perto, do outro lado do vale. Depois, infringindo as suas próprias instruções de que todos deviam se esconder, debruçou-se no parapeito, tentando ver o que se passava na margem sul do rio, mas não conseguiu ver nada significativo e, então, enquanto estava ainda de pescoço todo torcido, estrondeou uma voz desconhecida atrás dele.

— Você deve ser o tenente Sharpe. O meu nome é Walters, tenente-coronel Walters. Grande proeza, Sharpe, grande proeza.

Sharpe recolheu-se da janela e voltou-se, para ver um oficial de uniforme vermelho caminhando pelo meio da confusão de livros e de papéis.

— O meu nome é, de fato, Sharpe, senhor — confirmou ele.

— Os Sapos estão dormindo — disse Walters. Era um homem robusto, de pernas arqueadas de muito montar a cavalo, com uma cara batida pelo tempo. Sharpe lhe daria uns quarenta anos, mas parecia mais velho por causa do cabelo grisalho. — Eles deviam ter aqui pelo menos um batalhão, não é verdade? Um batalhão e umas duas baterias de artilharia. Os nossos inimigos andam dormindo, Sharpe, andam mesmo dormindo.

— Foi o senhor que eu vi na outra margem do rio? — perguntou Sharpe.

— Exatamente o mesmo. O seu amigo português foi me encontrar. Homem esperto! Trouxe-me quando voltou e, agora, estamos pondo aquelas barcaças para flutuar. — Walters sorriu. —

Tarefa difícil, mas, se conseguirmos pôr o raio das barcaças para flutuar, vêm para cá primeiro os *Bufs*; e, depois, o resto da 1ª Brigada. Gostaria de ver a cara do marechal Soult, quando perceber que entramos pela porta dos fundos. Há por aí alguma coisa que se beba?

— Desapareceu tudo, Coronel.

— Muito bem, homem — disse Walters, deduzindo, erroneamente, que fora o próprio Sharpe quem eliminara a tentação, antes da chegada dos casacas-vermelhas.

Walters, então, dirigiu-se à janela e, tirando um grande óculo de uma bolsa de couro que lhe pendia do ombro, pôs-se a observar o Porto.

— Afinal, o que está acontecendo, Coronel? — perguntou Sharpe.

— O que está acontecendo? O que acontece é que estamos correndo com os Sapos de Portugal! Fora! Fora! Fora! E lá se vão os emproados sacanas. Olhe para lá! — disse-lhe Walters, apontando para a cidade. — Eles não fazem a menor idéia de que estamos aqui! O seu amigo português me disse que você perdeu o contato. É verdade, isso?

— Sim, Coronel. Perdi o contato desde finais de Março.

— Oh, diabo! — exclamou Walters. — Então, não sabe de nada!

O coronel sentou-se no parapeito da janela e disse a Sharpe que *Sir Arthur Wellesley* já estava, de fato, em Portugal.

— Chegou há cerca de três semanas — disse Walters — e já meteu alguma alma nas tropas. Oh, se meteu! Cradock é um sujeito bastante decente, mas não tem alma nenhuma. Portanto, estamos avançando, Sharpe, esquerdo-direito, esquerdo-direito e estamos em cima deles. O exército britânico está além — disse ele,

indicando, pela janela, o terreno oculto pela montanha do convento, na margem sul do rio. — Os Sapos parecem achar que vamos aparecer pelo mar, por isso têm os homens todos, ou na cidade, ou guarnecendo o rio, entre a cidade e o mar.

Apossou-se de Sharpe um certo sentimento de culpa, por não ter acreditado no que a mulher de Barca de Avintes lhe dizia.

— *Sir Arthur* quer atravessar o rio — prosseguiu Walters — e o seu amigo foi providencial ao indicar-nos as três barcaças, mas você me disse que há mais um barco?

— Há, sim, Coronel, a uma légua a montante.

— Você fez um trabalho nada mau esta manhã, Sharpe — disse Walters com um sorriso cordial. — Só temos que pedir uma coisa.

— Que os franceses não nos descubram aqui,

— Exatamente. Portanto, o melhor é tirar esta casaca-vermelha da janela — Walters riu, avançando para o meio da sala. — Esperemos que eles continuem a dormir e a sonhar os seus sonhos de sapo, porque, quando acordarem, vai ficar um calor danado. E quantos homens caberão em cada uma daquelas barcaças? Uns trinta? E só Deus sabe quanto tempo levará cada travessia. Podemos estar metendo a cabeça na boca do tigre, Sharpe.

Sharpe eximiu-se de comentar que tinha passado as últimas semanas com a cabeça metida na boca do tigre. Em vez disso, olhou ao longo do vale, tentando imaginar como os franceses se aproximariam, quando atacassem. Calculou que viessem diretamente da cidade, através do vale, subindo a encosta praticamente sem cobertura nenhuma. O lado norte do seminário dava para a estrada do vale e a encosta desse lado era igualmente nua de cobertura, exceto por uma árvore solitária, de folhas pálidas, que se encontrava no meio da subida. Quem quer que

atacasse o seminário ia, presumivelmente, tentar alcançar os portões do jardim ou a grande porta da frente e isso significava atravessar uma ampla plataforma pavimentada, onde as carruagens que traziam visitantes ao seminário davam a volta, mas onde a infantaria atacante podia ser dizimada pelos tiros dos mosquetes e dos rifles, a partir das janelas e da balaustrada do telhado do seminário.

— Uma armadilha mortífera! — disse Walters.

O coronel Walters olhava também para o vale e, obviamente, pensava o mesmo que Sharpe,

— Eu não gostaria nada de atacar por esta encosta acima — concordou Sharpe.

— E, para tornar as coisas um pouco mais difíceis, vamos instalar algumas peças na outra margem — disse Walters, todo sorridente.

Sharpe esperava que isso fosse verdade. Continuava sem entender por que não havia canhões ingleses no terraço do convento próximo ao rio, terraço onde os portugueses haviam instalado as suas baterias em Março. Era uma posição óbvia, mas *Sir Arthur Wellesley* parecia ter preferido colocar a sua artilharia no meio das caves do vinho do Porto, as quais não se avistavam do seminário.

— Que horas são isto? — perguntou Walters, puxando de um relógio do bolso e respondendo à pergunta. — Quase onze!

— O Coronel pertence ao estado-maior? — perguntou Sharpe, pois, embora o uniforme vermelho de Walters tivesse guarnições douradas, já esmaecidas, não tinha nenhuma insígnia de regimento.

— Eu sou um dos oficiais exploradores de *Sir Arthur* — disse Walters. — Cavalgamos à frente para sondar o terreno, como aqueles sujeitos da Bíblia que Josué mandou à frente para espiarem

Jericó, lembra-se da história? Foi a sorte dos judeus, lembra-se? O povo eleito foi recebido por uma prostituta e eu fui recebido por um fuzileiro, mas acho que foi bem melhor do que um conspurcado beijo úmido de um sacana de um sapo dragão. Sharpe sorriu.

— O Coronel conhece o capitão Hogan?

— O homem dos mapas? Claro que o conheço. Um homem essencial! — Walters de repente calou-se e olhou para Sharpe. — É claro! Você é o fuzileiro perdido, é isso. Ah, agora é que estou a situá-lo. O capitão Hogan bem dizia que você ia sobreviver. Boa proeza, Sharpe. Ah, estão chegando os primeiros dos nossos galantes *Bufs*.

Vicente e os seus homens escoltavam trinta casacas-vermelhas colina acima, mas, em vez de utilizarem a porta lateral que Sharpe destrancara, dobraram para a parte da frente e puseram-se a olhar boquiabertos para cima, para Walters e para Sharpe, os quais, por sua vez olhavam da janela para baixo. Os recém-chegados ostentavam a insígnia do 3º Regimento de Infantaria, um regimento de Kent, e estavam suando, após a subida da colina, sob o sol quente. Eram comandados por um tenente muito magro que informou o coronel Walters de que já havia homens desembarcando das outras duas barcas, olhando, depois, curioso, para Sharpe.

— Que raio os fuzileiros estão fazendo aqui?

— Os primeiros a chegar — disse Sharpe, citando o lema favorito do regimento — e os últimos a sair.

— Os primeiros? Então, devem ter voado por cima do rio — comentou o tenente, limpando o suor da testa. — Não há água por aí?

— Há um barril logo à entrada da porta — disse Sharpe —, uma atenção do 95º.

Mais homens iam chegando. As barcaças mourejavam de uma margem para a outra do rio, impelidas pelos remos maciços, manejados pelos habitantes locais, ansiosos por ajudar, e, em cada vinte minutos, oitenta ou noventa homens afadigavam-se colina acima.

Num dos grupos, chegou um general, *Sir Edward Paget*, que assumiu o comando da crescente guarnição. Paget era um homem novo, ainda na casa dos trinta, enérgico e ambicioso, que devia a sua alta patente ao fato de pertencer a uma família aristocrática e muito rica, mas tinha a reputação de ser um general muito popular entre os soldados. Subiu até ao telhado do seminário, onde Sharpe tinha postado os seus homens e, vendo o óculo de Sharpe, pediu-o.

— Perdi o meu — explicou ele. — Está em algum lugar na bagagem, em Lisboa.

— O General veio com *Sir Arthur*? — perguntou Sharpe.

— Sim, há três semanas — disse Paget, olhando para a cidade.

— *Sir Edward* — disse Walters a Sharpe — É o segundo-comandante de *Sir Arthur*.

— O que não significa grande coisa — disse *Sir Edward* —, pois ele nunca me conta nada. O que acontece com o raio deste óculo?

— Tem de segurar na lente de fora, senhor — disse Sharpe.

— Tem aqui o meu — disse Walters, estendendo o dele.

Sir Edward esquadrinhou a cidade e, depois, franziu o cenho.

— Afinal, o que os franceses estão fazendo? — perguntou ele, intrigado.

— Estão dormindo — respondeu Walters.

— Não vão achar graça nenhuma quando acordarem — comentou Paget. — Dormindo na casa do guarda, com caçadores

por todos os lados. Devolveu o óculo a Walters e voltou-se para Sharpe.

— Muito me agrada ter fuzileiros aqui, tenente. Acredito que vamos ter ocasião de atirar ao alvo antes do final do dia.

Mais outro grupo de homens subia a colina. Cada uma das janelas da reduzida fachada do seminário estava, agora, guarnecida de casacas-vermelhas, bem como cerca de um quarto das janelas da comprida parede lateral. No muro do jardim tinham sido abertas seteiras, guarnecidas de homens de Vicente e de uma companhia de granadeiros *Bufs*.

Os franceses, sentindo-se seguros no Porto, vigiavam o rio entre a cidade e o mar, enquanto, nas costas deles, na elevada colina a leste, os casacas-vermelhas se amontoavam.

O que significava que os deuses da guerra apertavam as tarraxas. E alguma coisa tinha de ceder.

Dois oficiais, postados à entrada do Palácio das Carrancas, certificavam-se de que todos os visitantes descalçavam as botas. “Sua Graça”, explicavam eles, referindo-se ao duque da Dalmácia, com a alcunha de Rei Nicolau, “está dormindo”.

O átrio de entrada era cavernoso, alto, em arcada, e as botas de tacão alto passando no chão de tijolos ecoavam escadas acima, até aos aposentos onde Nicolau dormia. Naquela manhã, muito cedo, um hussardo, apressado, prendera as esporas no tapete ao fundo das escadas e caíra, com um grande estardalhaço do sabre e do talabarte que acordara o marechal, o qual, então, mandara postarem ali os dois oficiais, para garantir que o resto do seu sono não seria perturbado. Os dois oficiais eram impotentes para calarem a artilharia inglesa que disparava da outra margem do rio,

mas o marechal era, talvez, menos sensível ao fogo de canhão do que aos tacões altos.

O marechal tinha convidado uma dúzia de hóspedes para o café da manhã, tendo chegado todos antes das nove da manhã, vendo-se forçados a esperar, num dos grandes salões de recepção da ala oeste do palácio, com altas portas de vidro que davam para um terraço, decorado este com flores plantadas em vasos de pedra esculpidos e arbustos de loureiro que um jardineiro aparava com tesouras enormes. Os hóspedes, todos homens, menos um, todos franceses, menos dois, passeavam continuamente no terraço, que lhes proporcionava, da balaustrada sul, a vista sobre o rio e, portanto, a visão das peças que disparavam por sobre o Douro. Em boa verdade, não havia muito para ver, pois os canhões ingleses estavam instalados nas ruas de Vila Nova de Gaia e, por isso, mesmo com o auxílio dos óculos, os hóspedes apenas viam as manchas de fumaça suja, ouvindo depois o estampido das balas baterem nos edifícios de frente voltada para o cais. A única outra coisa que valia a pena ver eram os restos da ponte das barcas, que os franceses tinham reparado no início de Abril, mas que haviam entretanto destruído, perante o avanço de *Sir Arthur Wellesley*. Três pontões chamuscados ainda se viam presos às âncoras, mas o restante, bem como a plataforma de passagem, tinham sido desfeitos em pedaços e arrastados para o oceano.

Kate era a única mulher convidada para o café da manhã do marechal e o marido fora inflexível, obrigando-a a envergar o uniforme de hussardo. A insistência dele foi recompensada com os olhares de admiração que os outros hóspedes lançaram às compridas pernas da sua mulher. Christopher, pelo seu lado, vestia roupa civil, enquanto os outros dez homens, todos oficiais, envergavam os seus uniformes e, dada a presença de uma senhora, todos se mostravam despreocupados quanto à canhonada inglesa.

— O que eles estão fazendo — salientou um major dos dragões, resplandecente nos seus cordões e guarnições dourados — é disparar nas nossas sentinelas com tiros de peças de seis libras.

Estão esmagando moscas com um cacete. — Acendeu depois um charuto, inspirou fundo e lançou a Kate um prolongado olhar apreciativo. — Com um rabo daqueles — disse para um amigo — devia ser francesa.

— Ela devia era estar deitada de costas.

— Isso também, claro.

Kate mantinha-se afastada dos oficiais franceses. Tinha vergonha daquele uniforme, que considerava indecente e, pior ainda, sugeria que ela simpatizava com os franceses.

— Você podia fazer um esforço — disse-lhe Christopher.

— Eu estou fazendo um esforço — respondeu ela, amarga. — Estou fazendo um esforço para não dar um viva a cada tiro inglês.

— Você está sendo ridícula.

— Estou? — retorquiu Kate.

— Aquilo é apenas uma ostentação — explicou Christopher, apontando para a fumaça que pairava, tal nevoeiro esfarrapado, sobre os telhados de Vila Nova de Gaia. — Wellesley fez os homens marcharem até aqui, mas não pode ir mais longe. Está preso ali. Não há barcos no rio e a armada não é tola a ponto de se arriscar a passar pelos fortes do rio. Por isso, Wellesley vai fustigar a cidade com alguns canhões, depois dá meia volta e marcha para Coimbra ou para Lisboa. Em linguagem de xadrez, isto é um empate forçado. Sault não pode avançar para o sul porque ainda não lhe chegaram os reforços e Wellesley não pode avançar para o norte porque não tem barcos. E, se os militares não conseguem resolver o assunto, é a vez dos diplomatas tratarem da questão. E é para isso que eu estou aqui, como tenho dito várias vezes.

— Você está aqui — disse Kate — porque está do lado dos franceses.

— Esta é uma observação extremamente ofensiva — disse Christopher, altivo. — Eu estou aqui porque, como qualquer homem sensato, tudo devo fazer para evitar que esta guerra se prolongue e, para isso, tenho de falar com o inimigo e não posso falar com o inimigo se estiver no lado errado do rio.

Kate não respondeu. Deixara de acreditar nas intrincadas explicações do marido, quanto à cordialidade dele com os franceses, como tão-pouco acreditava no palavreado quanto às novas idéias que determinavam o destino da Europa. Em vez disso, agarrava-se à idéia simples de ser patriota e tudo o que desejava agora era atravessar o rio e juntar-se aos que estavam na outra margem, mas não havia barcos, não havia ponte, não havia maneira de escapar dali. Começou a chorar e Christopher, desgostoso, perante o patentear da desolação dela, afastou-se. Ia esgaratando os dentes com um palito de marfim, admirado por uma mulher tão bonita ser tão afeita à melancolia.

Kate limpou as lágrimas e caminhou até onde o jardineiro estava aparando os arbustos.

— Como é que eu posso atravessar o rio? — perguntou ela em português. O homem nem olhou para ela, continuando a aparar o arbusto.

— Não pode.

— Eu tenho de atravessar!

— Se tentar, eles a matam. — O homem olhou para ela, apreciando o uniforme justo e tornou a voltar-se para o arbusto. — Eles a matam, de qualquer modo.

Um relógio, no átrio de entrada do palácio, fez soar as onze horas, quando o marechal descia a grande escadaria. Trazia um robe de seda, por cima da camisa e das calças de montar.

— O café está pronto? — perguntou ele.

— Sim, Marechal, no salão azul — respondeu um dos oficiais ajudantes-de-campo —, e os hóspedes estão todos aqui.

— Muito bem, muito bem.

Esperou que lhe abrissem as portas, saudando depois os visitantes com um largo sorriso.

— Sentem-se, por favor. Ah, vai ser um café informal. — Esta observação referia-se ao fato de os alimentos estarem dispostos em travessas de prata aquecidas, colocadas num aparador que o marechal percorreu, levantando as tampas das travessas. — Presunto! Esplêndido. Rim grelhado, excelente! Bifes! Língua, bom, bom. E fígado. Isto parece tudo muito bom. Bom dia, coronel! — Esta saudação foi dirigida a Christopher, que respondeu com uma vênia. — Ainda bem que veio — prosseguiu Sout. — E trouxe a sua encantadora mulher. Ah, estou vendo-a. Bom, bom. Vai sentar-se ali, Coronel.

Sout apontou para uma cadeira junto da que ia ocupar. Sout gostava do inglês que tinha traído os conspiradores, os quais teriam se amotinado se Sout tivesse se declarado rei. O marechal ainda acarinhava essa ambição, mas reconhecia que, antes de assumir a coroa e o cetro, tinha de derrotar o exército anglo-português que se atrevera a avançar a partir de Coimbra.

Sout ficara surpreso com o avanço de Wellesley, mas não alarmado. O rio estava bem vigiado e tinham lhe assegurado que não havia barcos na margem oposta e, por isso, no que dizia respeito ao Rei Nicolau, os ingleses podiam muito bem instalar-se na margem sul do Douro e torcer as mãos para sempre.

As janelas altas tiniam em simpatia com o estrondo das peças e o som fez o marechal voltar-se das travessas.

— Os nossos artilheiros estão um pouco atarefados esta manhã, não acham?

— São principalmente as armas inglesas, senhor — disse um dos oficiais ajudantes.

— Fazendo o quê?

— Estão disparando sobre as nossas sentinelas no cais — disse o ajudante. — Estão esmagando moscas com balas de seis libras.

Soult riu.

— É do que gosta o fanfarrão do Wellesley — disse ele, fazendo sinal a Kate para se sentar no lugar de honra, à direita dele. — Regozijo-me por ter a companhia de uma mulher bonita.

— É melhor ter uma antes do café da manhã — disse um coronel de infantaria e Kate, que sabia muito mais francês do que qualquer dos homens pensava, ficou toda ruborizada.

Soult encheu o prato com fígado e presunto e sentou-se à mesa.

— Eles estão esmagando sentinelas — disse ele — e nós o que estamos fazendo?

— Respondemos com as nossas baterias, senhor — respondeu o ajudante. — Não tem aí rins, senhor. Quer que lhe leve alguns?

— Sim, por favor, Cailloux. Eu gosto muito de rins. Há notícias do Castelo? — O Castelo do Queijo ficava na margem norte do Douro, junto ao mar e estava fortemente guarnecido, para repelir um assalto inglês vindo do mar.

— Informam que há duas fragatas fora de alcance das armas e que não há mais nada à vista.

— Ele hesita, não é? — disse Soult, todo satisfeito. — Wellesley é um hesitante. Sirva-se de café, Coronel — disse ele, dirigindo-se a Christopher — e uma xícara para mim também, por favor. Obrigado. — Soult pegou um pãozinho e serviu-se de

manteiga. — Estive falando com Vuillard, ontem à noite — continuou o marechal —, e ele desfez-se em desculpas. Centenas de desculpas!

— Mais um dia, senhor — disse Christopher —, e nós teríamos tomado aquela montanha.

Kate, os olhos vermelhos, olhou para baixo, para o prato vazio. O marido dissera “teríamos”, o marido dissera “nós”.

— Mais um dia? — retorquiu Sault, carrancudo. — Ele devia tê-la tomado no primeiro minuto do primeiro dia!

Sault mandara Vuillard e as suas tropas se retirarem de Vila Real de Zedes logo que soubera que as tropas anglo-portuguesas avançavam a partir de Coimbra, mas ficara danado por uma força tão considerável ter sido incapaz de desalojar uma força tão diminuta. Embora isso não tivesse importância, o que importava, agora, era dar uma lição a Wellesley.

Sault achava que isso não seria difícil, pois sabia que Wellesley dispunha de um pequeno exército e de pouca artilharia. E sabia disso porque o capitão Argenton havia sido preso alguns dias antes e dissera tudo que sabia e tudo o que observara na sua segunda visita aos ingleses. Argenton encontrara-se, até, com o próprio Wellesley, observara os preparativos para o avanço aliado e fora o seu aviso que possibilitara a retirada em segurança dos regimentos franceses ao sul do rio, escapando de uma força que pretendia isolá-los pela retaguarda. Portanto, Wellesley, agora, estava imobilizado na margem sul do Douro, sem dispor de barcos para a travessia do rio, a menos que a armada inglesa os enviasse, o que não parecia muito viável. Duas fragatas perambulando ao largo? Não era coisa para fazer tremer o duque da Dalmácia.

Argenton, a quem fora poupada a vida em troca das informações prestadas, fora preso graças às revelações de Christopher, o que colocara Sault em dívida com o inglês. Christopher revelara os nomes dos outros conspiradores, Donadieu

do 47º, os irmãos Lafitte do 18º dos Dragões, bem como mais três ou quatro oficiais experientes, mas Soult decidira não castigá-los. A prisão de Argenton era um aviso para eles e, sendo todos oficiais muito populares entre os soldados, não era sensato criar ressentimentos no seio do exército, com uma série de fuzilamentos. Bastava que eles soubessem que ele sabia e que tivessem consciência de que as suas vidas dependiam do seu comportamento futuro. Era melhor ter esses homens na mão, do que enterrados.

Kate estava chorando. Silenciosa, as lágrimas rolavam-lhe muito simplesmente pelas faces, ela limpava-as com as mãos, tentando esconder os seus sentimentos, mas Soult percebeu.

— O que aconteceu, senhora? — perguntou ele, gentilmente.

— Ela está com medo — respondeu Christopher.

— Está com medo?

Christopher fez um gesto indicando a janela, que continuava a estremecer com o estrondear dos canhões.

— Mulheres e batalhas, senhor, não se dão muito bem.

— Só no meio dos lençóis — disse Soult, sorrindo. — Diga-lhe — prosseguiu ele — que não há nada a recear. Os ingleses não conseguem atravessar o rio e, se tentarem, serão repelidos. E, dentro de semanas, chegarão os nossos reforços. — Fez uma pausa, para permitir a tradução, e esperava ter razão quanto aos reforços ou, então, não sabia como iria continuar a invasão de Portugal. — E, quando os reforços chegarem, vamos avançar para o sul, para desfrutarmos das delícias de Lisboa. Diga-lhe que, lá para Agosto, teremos paz. Ah, o cozinheiro!

Um francês com um bigode enorme, entrara na sala. Trazia um avental manchado de sangue, com uma medonha faca de trinchar à cintura.

— Mandou me chamar, meu Marechal? — disse ele, soando a contrariado.

— Mandei. — Soult empurrou a cadeira para trás, esfregando as mãos. — Temos de pensar no jantar, sargento Deron! Vou ter dezesseis talheres e quero saber o que é que sugere?

— Eu tenho enguias.

— Enguias! — exclamou Soult, todo contente. — Recheadas com pescada em molho de manteiga e cogumelos? Excelente.

— Eu vou cortá-las em filetes — disse, teimoso, o sargento Deron —, fritá-las em salsa e servi-las com um molho de vinho tinto. E, para entrada, tenho carneiro, um carneiro muito bom.

— Muito bem! Eu gosto de carneiro — disse Soult. — Não pode fazer um molho de alcaparras?

— Um molho de alcaparras? — Deron parecia desolado. — O vinagre iria afogar o carneiro — disse ele, indignado —, e trata-se de carneiro muito bom, tenro e gordo.

— Podia ser um molho de alcaparras muito leve, talvez? — sugeriu Soult.

O som das armas aumentou para uma fúria repentina, fazendo estremecer as janelas e entrechocar os pingentes de cristal dos dois candelabros suspensos sobre a comprida mesa, mas tanto o marechal como o cozinheiro ignoraram o barulho.

— O que eu posso fazer — disse Deron, num tom que sugeria que a discussão terminava ali — é cozinhar o carneiro em gordura de pato.

— Muito bem! — disse Soult.

— E guarnecê-lo com cebolinhas, presunto e alguns cogumelos.

Um oficial com um ar exausto, suando, a cara vermelha do calor do dia, entrou na sala.

— Marechal!

— Um momento — disse Sault, franzindo o sobrolho, e tornando a olhar para Deron. — Cebolas, presunto e cogumelos? — repetiu ele. — Mas talvez pudéssemos juntar umas tiras de toucinho, Sargento? O toucinho vai tão bem com o carneiro!

— Eu vou guarnecê-lo com fatias de presunto — disse Deron, estoicamente — cebolas e cogumelos.

Sault rendeu-se.

— Eu sei que vai fazê-lo soberbamente. E, Deron, obrigado por este café da manhã. Muito obrigado.

— Ficaria melhor se fosse comido — disse Deron, depois fungando e saindo da sala.

Sault ficou olhando para as costas do cozinheiro, voltando-se depois, com ar carrancudo, para o recém-chegado que o interrompera.

— Você é o capitão Brossard, não é? Quer tomar o café da manhã? — Sault indicou, com a faca da manteiga, que Brossard devia se sentar ao fundo da mesa. — Como está o general Foy?

Brossard era ajudante-de-campo de Foy e não tinha tempo para cafés da manhã, nem tão pouco para relatar o estado de saúde do general Foy. Trazia uma notícia importante e estava tão cheio da importância da notícia que, por um momento, não conseguiu falar adequadamente, mas depois dominou-se e apontou para leste.

— Os ingleses estão no seminário, senhor!

Sault olhou para ele longamente, não acreditando no que ouvia.

— Estão o quê? — perguntou por fim.

— Os ingleses, senhor, estão no seminário.

— Mas Quesnal garantiu-me que eles não tinham barcos! — protestou Sout.

Quesnal era o governador da cidade.

— Não havia nenhum na outra margem, senhor.

Todos os barcos tinham sido retirados da água e empilhados no cais, à disposição dos franceses, mas de nada serviam para quem viesse do sul.

— Eles, contudo, atravessaram o rio — disse Brrossard. — E já ocuparam a colina do seminário.

Sout sentiu o coração falhar uma batida. O seminário ficava numa colina que dominava a estrada para Amarante e essa estrada era a sua ligação aos depósitos na Espanha e, bem assim, a ligação da guarnição do Porto às tropas do general Loison, no Tâmega. Se os ingleses cortassem a estrada, Podiam, depois, massacrar o exército francês quebrado em pedaços e a reputação de Sout ia por água abaixo. O marechal levantou-se, lançando a cadeira ao chão na sua ira.

— Digam ao general Foy para empurrá-lo para o rio! — rugiu ele. — Já! Vão embora! Empurrem-nos para o rio!

Os oficiais apressaram-se a sair da sala, deixando Kate e Christopher sozinhos, Kate viu o ar de pânico estampado na face do marido e sentiu uma alegria feroz. As janelas estremeciam, os candelabros tiniam e os ingleses estavam chegando.

— Bem, bem, bem! Temos fuzileiros entre nós! Somos abençoados, na verdade. Não sabia que havia homens do 95º

agregados à Brigada.

O oficial que falava era um homem grande, rubicundo, com uma cabeça careca e uma cara afável. Se não fosse o uniforme, mais pareceria um alegre lavrador e Sharpe conseguia imaginá-lo no mercado de uma cidadezinha de Inglaterra, encostado a uma cerca, apontando para ovelhas gordas, à espera que o leilão do gado começasse.

— *Daddy' Hill* — disse Harris a Pendleton.

— Ai, ai, meu rapaz — troou o general Hill —, não deve usar o diminutivo de um oficial quando ele pode te ouvir. Pode ser punido por isso.

— Desculpe, senhor — disse Harris, que não pretendia falar tão alto.

— Bem, como você é um fuzileiro, eu o perdoo. Mas é um fuzileiro muito mal vestido, verifico eu! Que vai ser do exército, se as pessoas não se arrumam para a batalha. — Fitou Harris e, depois, meteu a mão no bolso e retirou um punhado de avelãs. — Tome, rapaz, para ocupar a língua.

— Muito obrigado, senhor.

Havia agora dois generais no telhado do seminário. O general Hill, comandante da 1ª Brigada, cujas forças estavam atravessando o rio e cuja natureza cordial lhe valera a alcunha de *Daddy*, juntara-se a *Sir* Edward Paget a tempo de ver três batalhões de franceses surgindo dos limites da cidade e formarem duas colunas para atacar a colina do seminário. Os três batalhões encontravam-se no vale, sendo arrastados e mantidos nas fileiras por sargentos e cabos. Uma coluna dirigia-se diretamente para a fachada do seminário, enquanto a outra estava se formando junto à estrada de Amarante, para assaltar o flanco norte. Os franceses, porém, tinham percebido que estavam chegando constantemente reforços ingleses ao seminário e tinham enviado três baterias de peças para a margem

do rio, com ordens de afundarem as três barcaças. As colunas esperavam que a artilharia abrisse fogo, possivelmente na convicção de que, uma vez afundadas as barcaças, voltassem as peças para o seminário.

E Sharpe, que se admirara por *Sir* Arthur Wellesley não ter instalado peças no convento do outro lado do rio, via agora que se preocupara sem razão, pois, mal as baterias francesas apareceram, uma dúzia de peças inglesas, que tinham estado ocultas na parte de trás do terraço do convento, foram empurradas para frente.

— Aquilo é um raticida para franceses! — exclamou o general Hill, quando a fila de canhões apareceu.

A primeira peça a disparar foi um obus de cinco polegadas e meia, a arma inglesa equivalente à que bombardeara Sharpe na montanha da torre de vigia. Era carregada com um invólucro esférico, uma arma que só os ingleses dispunham, inventada pelo tenente-coronel Shrapnel e o seu modo de funcionamento era um segredo muito bem guardado. A granada, abarrotada com balas de mosquete, em volta de uma carga central de pólvora, ao explodir fazia cair sobre as tropas do inimigo uma chuva de balas e de fragmentos do invólucro. Contudo, para ser eficaz, tinha de explodir a pouca distância do alvo, para que a impulsão do tiro atirasse os projéteis para frente e para cima do inimigo, o que exigia da parte dos artilheiros uma grande perícia quanto ao comprimento do rastilho.

O artilheiro do obus tinha essa perícia. O obus troou e recuou no rodado, a granada descreveu um arco sobre o rio, deixando na sua esteira o revelador fio de fumaça do rastilho, e explodiu a uns vinte metros antes e a uns cinco de altura do local onde a principal peça francesa estava sendo instalada. A explosão rasgou o ar de vermelho e branco, as balas e o invólucro fragmentado guincharam ao caírem e todos os cavalos da equipe francesa ficaram esventrados. Todos os catorze homens, serventes da peça, foram

atingidos, alguns mortos e outros feridos. Quanto à peça, foi arrancada da carreta.

— Oh, meu Deus! — exclamou Hill, esquecendo-se da expressão sanguinária com que saudara o aparecimento das baterias inglesas. — Aqueles desgraçados, meu Deus!

Os vivos dos soldados ingleses no seminário foram abafados pelo enorme ribombo das outras peças britânicas ao abrirem fogo. Da altitude a que se encontravam na margem sul, dominavam a posição francesa e os seus invólucros esféricos, as granadas comuns e as balas de canhão atingiam as peças francesas com efeitos terríveis. Os artilheiros franceses abandonaram as peças, deixaram os cavalos relinchando e morrendo e fugiram. As peças inglesas, então, apertaram os parafusos de elevação, ou aliviaram as cunhas dos obuses, e puseram-se a despejar granada após granada sobre a massa de fileiras da coluna francesa mais próxima. Fustigaram-na de flanco, despejando balas de canhão nas filas compactas, fazendo explodir os invólucros das granadas sobre as cabeças dos soldados franceses e matando-os com uma facilidade terrível.

Os oficiais franceses lançaram um olhar de pânico à sua artilharia destroçada e ordenaram à infantaria que subisse a colina. Os tambores no meio das duas colunas começaram a soar com o seu ritmo incessante e a primeira fileira avançou, ao mesmo tempo que uma bala de canhão irrompeu pelas fileiras, abrindo um sulco vermelho nos uniformes azuis. Homens gritavam e morriam, mas os tambores continuavam a soar, os soldados soltando o seu grito de guerra: *Vive l'Empereur!*

Sharpe já tinha visto colunas compactas e ficava sempre estupefato. O exército inglês combatia contra outra infantaria formado em duas filas, de modo que todos os homens podiam usar o respectivo mosquete. Se, por exemplo, a cavalaria inimiga os atacava, os homens formavam em quadrado e continuavam a poder disparar. Porém, os soldados no meio das compactas colunas

francesas não podiam disparar sem ferirem os homens à frente deles.

As colunas francesas tinham ambas cerca de quarenta homens em cada fila e vinte em coluna. Os franceses utilizavam essa formação, um grande bloco de homens, porque, desse modo, era mais fácil convencer homens mobilizados à força a avançarem e também porque, contra tropas mal treinadas, a simples visão de semelhante massa de homens era aterradora. Mas contra casacas-vermelhas? Era puro suicídio.

Vive l'Empereur!, gritavam os franceses ao ritmo dos tambores, embora com pouca alma, já que ambas as formações estavam escalando a colina e os homens ofegavam.

— Deus salve o nosso bom rei George — pôs-se o general Hill a cantar, surpreendentemente com voz de tenor —, longa vida tenha o nobre rei George, não disparem muito alto.

Cantou, também, as últimas quatro palavras e os homens que estavam no telhado sorriram.

Hagman armou o cão do seu rifle e suspirou ao ver um oficial que se esforçava encosta acima com uma espada na mão. Os fuzileiros de Sharpe guarneciam a ala norte do telhado do seminário, enfrentando a coluna que não estava sendo flagelada pela artilharia instalada no terraço do convento. Uma nova bateria tinha se instalado mais abaixo, na margem sul do rio, juntando o seu fogo ao das duas baterias do terraço do convento. Nenhuma das peças inglesas, porém, conseguia ver a coluna do lado norte, e ela teria de ser repelida apenas pelo fogo dos rifles e dos mosquetes. Os portugueses de Vicente guarneciam as seteiras do muro do jardim, também do lado norte e, naquela altura, já havia tantos soldados no seminário que, em cada seteira, havia três ou quatro homens, de modo que cada um podia disparar, recuando para recarregar a arma, enquanto outro homem tomava o lugar dele. Sharpe reparou que alguns dos casacas-vermelhas tinham guarnições e punhos verdes. Os *Berkshires*, pensou ele, o que

significava que os *Bufs*; já estavam no edifício e novos batalhões continuavam a chegar.

— Apontem nos oficiais! — gritou Sharpe aos fuzileiros. — Mosquetes, não disparem! A ordem é só para os fuzileiros. — Fez a distinção porque, àquela distância, o disparo de um mosquete era um tiro perdido, mas o de um rifle era mortal, Esperou um segundo e inspirou fundo. — Fogo!

O oficial de Hagman inclinou-se para trás, os braços no ar, a espada voando por cima da coluna. Outro oficial caiu de joelhos, agarrado à barriga, e um terceiro agarrou um ombro. A frente da coluna passou sobre o corpo do primeiro oficial, a fileira de uniformes azuis pareceu estremecer, sob o impacto das balas e, então, as filas da frente da coluna francesa, aterrorizadas com o assobiar das balas de rifle nos ouvidos, dispararam contra o seminário. A descarga feriu os ouvidos, a fumaça cobriu a coluna como um nevoeiro e as balas de mosquete matraquearam nas paredes do seminário, estilhaçando os vidros das janelas. A descarga serviu, pelo menos, para ocultar os soldados franceses durante alguns metros, mas tornaram a aparecer no meio da fumaça, mais rifles dispararam e outro oficial caiu ao chão. A coluna dividiu-se para ultrapassar a árvore solitária, para logo as filas se juntarem.

Os homens que guarneciam o jardim abriram fogo, os casacas-vermelhas guarneceram as janelas do seminário e, em conjunto com os fuzileiros de Sharpe no telhado, apertaram os gatilhos. Os mosquetes cuspiam fogo, a fumaça adensava-se, as balas enterravam-se nos homens das filas da frente da coluna, derrubando-os, e os homens que avançavam atrás deles iam perdendo a coesão, ao evitarem pisar os companheiros mortos ou feridos.

— Atirem baixo! — gritava um sargento dos *Bufs* aos seus homens. — Não desperdicem o chumbo de Sua Majestade!

O coronel Walters levava cantis de água aos homens do telhado, sedentos, por morderem os cartuchos. O salitre da pólvora secava a boca num instante e os homens engoliam água no intervalo das descargas.

A coluna que atacava a fachada oeste do seminário estava já fragmentada. Esses soldados estavam sendo dizimados pelo fogo dos rifles e dos mosquetes, mas a canhonada a partir da margem sul era ainda mais mortífera. Os artilheiros raramente enfrentavam um alvo tão fácil, ofereciam-lhes a oportunidade de varrerem o flanco de uma coluna de infantaria inimiga e eles trabalhavam como demônios. Granadas esféricas rebentavam no ar, atirando ígneos rastros de fumaça em trajetórias loucas, balas de canhão reboavam e esmagavam ao longo das filas e as granadas comuns explodiam no centro da coluna. Três tambores foram atingidos por fragmentos de invólucros, uma bala de canhão decapitou um outro e, quando os instrumentos se calaram, os soldados perderam a coragem e começaram a recuar. As descargas de mosquete cuspiam metralha dos três andares do seminário e o enorme edifício parecia agora pasto de fogo, por causa da espessa fumaça de pólvora que pairava junto das janelas. As seteiras jorravam chamas, as balas atingindo as filas hesitantes e, então, os franceses da coluna oeste começaram a se retirar mais depressa, o movimento de recuo transformou-se em pânico e fugiram.

Alguns, em vez de se abrigar nas casas do vale, casas que estavam, agora, sendo destruídas pelos tiros de canhão, com os primeiros incêndios surgindo no meio dos destroços, correram a juntar-se à coluna que atacava do lado norte e que estava protegida dos tiros de canhão pelo seminário. Essa coluna continuava a avançar. Estava sendo horrivelmente castigada, absorvendo as balas dos rifles e dos mosquetes, mas os sargentos e os oficiais continuavam a empurrar os homens para as filas da frente, para tomarem o lugar dos mortos e dos feridos. A coluna chegou, pois, ainda poderosa ao alto da colina, mas ninguém, nas fileiras francesas, tinha pensado no que fariam quando chegassem

lá, onde não havia porta nenhuma. Teriam de ladear o edifício e tentar arrombar os portões do jardim, mas os homens das primeiras filas, não vendo nenhum lugar para onde ir, simplesmente pararam e puseram-se a disparar. Uma bala roçou a manga de Sharpe. Um recém-tenente do regimento de Northamptonshire caiu ao chão com um suspiro, com uma bala na testa. Caiu de costas, morto antes de chegar ao chão, na cara uma expressão estranhamente serena. Os casacas-vermelhas tinham colocado os cartuchos e encostado as varetas ao parapeito do telhado, para recarregarem as armas mais depressa, mas havia agora tantos no telhado que se empurravam uns aos outros para disparar sobre a massa difusa de franceses, envolta na sua própria fumaça. Um francês correu corajosamente para a frente, para disparar por uma seteira, mas foi atingido antes de conseguir chegar ao muro. Sharpe disparou um tiro e, depois, pôs-se simplesmente a observar os seus homens. Pendleton e Perkins, os mais jovens, sorriam, ao disparar. Cooper e Tongue estavam recarregando os rifles para Hagman disparar, sabendo que ele era melhor atirador, e o velho caçador abatia calmamente francês após francês.

Uma bala de canhão rugiu por cima dele e Sharpe voltou-se e verificou que os franceses tinham instalado uma bateria na colina a oeste, nos limites da cidade. Havia ali uma pequena igreja, com uma torre e Sharpe viu a torre desvanecer-se em fumaça e depois ruir, sob o fogo das baterias inglesas do convento, agora fustigando a recém-chegada bateria francesa. Um homem do regimento do *Berkshire* voltou-se para olhar, uma bala entrou-lhe pela boca, destroçando-lhe os dentes e a língua, e ele pôs-se a praguejar incoerentemente, cuspidando sangue.

— Não se ponham a olhar para a cidade! — gritou Sharpe. — Continuem a disparar, não parem de disparar!

Centenas de franceses estavam disparando os seus mosquetes para o alto da colina, a maior parte dos tiros simplesmente perdidos, batendo nas paredes, mas alguns atingindo alvos. Dodd tinha uma ferida no braço esquerdo, mas continuava a disparar. Um

casaca-vermelha foi atingido na garganta e morreu sufocado. A árvore solitária na encosta norte torcia-se ao ser atingida pelas balas e as folhas aos pedaços voavam para longe, com a fumaça dos mosquetes dos franceses. Um sargento dos *Bufs* caiu com uma bala nas costelas e, então, *Sir Edward Paget* mandou homens do lado oeste do telhado, que já haviam visto a coluna deles destruída, juntarem o seu fogo ao dos homens do flanco norte. Os mosquetes flamejavam, tossiam e cuspiam fogo, a fumaça adensava-se e *Sir Edward* sorriu para *Daddy Hill*.

— Sacanas valentes! — *Sir Edward* teve de gritar, para se fazer ouvir sobre o ruído dos rifles e dos mosquetes.

— Eles não vão aguentar, Ned — gritou *Hill* em resposta. — Não podem aguentar.

Hill tinha razão. Os primeiros soldados franceses já estavam retrocedendo na colina, dada a inutilidade de disparar contra paredes de pedra. *Sir Edward*, exultante perante a vitória fácil, foi ao parapeito para observar o inimigo se retirar e ali ficou, as guarnições douradas refletindo ao sol ofuscado pela fumaça, vendo a coluna inimiga a desintegrar-se, mas um francês obstinado ainda disparou e, de repente, *Sir Edward* arquejou, levando uma mão ao cotovelo, e *Sharpe* viu que a manga da elegante casaca-vermelha do general estava rasgada, que a ponta lascada de um osso aparecia através do buraco do tecido e da ensanguentada pele dilacerada.

— Raios! — praguejou *Paget*.

O ferimento doía terrivelmente. A bala tinha lhe quebrado o cotovelo e abrira caminho bíceps acima. Estava meio dobrado com a dor e muito pálido.

— Levem o general lá para baixo, para os médicos — ordenou *Hill*. — Você vai ficar bom, Ned.

Paget esforçou-se por ficar ereto. Um ajudante tirou um lenço do pescoço e tentava enrolá-lo na ferida, mas Paget afastou-o.

— O comando é seu — disse ele para Hill, os dentes cerrados.

— Claro — disse Hill, reconhecendo aceitar o comando.

— Continuem a disparar! — gritou Sharpe para os seus homens.

Não interessava que os canos dos rifles estivessem tão quentes que nem se podia tocá-los, o que era preciso era escorraçar o resto dos soldados franceses para fora da colina ou, melhor ainda, matá-los. Outro amontoado de passos revelava que mais reforços haviam chegado ao seminário, pois os franceses ainda não tinham encontrado maneira de travar o tráfego através do rio. Os artilheiros ingleses, reis daquele campo de batalha, estavam massacrando todos os artilheiros franceses que ousavam aparecer. A cada momento, um destemido grupo de franceses corria para as peças abandonadas no cais, na esperança de atirarem um tiro numa das barcaças, mas a cada momento eram atingidos por granadas esféricas e por metralha, pois a nova bateria inglesa, junto à margem do rio, estava instalada suficientemente perto para utilizar a munição mortífera através do rio. As balas de mosquete explodiam da boca do canhão como chumbo de tiro em pombos, matando cinco ou seis homens de cada vez e, passado pouco, os artilheiros franceses punham fim aos seus esforços, escondendo-se nas casas afastadas do cais.

E, de repente, já não havia soldados franceses disparando na encosta norte. A erva estava horrenda, coberta de mortos, de feridos, de mosquetes caídos e de pequenos fogos tremeluzentes, nos lugares onde as buchas fumegantes tinham ateado fogo à erva. Os sobreviventes, porém, tinham fugido para o vale, para a estrada de Amarante. A árvore isolada parecia ter sido atacada pelos gafanhotos. Um tambor rolava encosta abaixo, produzindo um ruído de matraca. Sharpe enxergou um estandarte francês no meio da

fumaça, mas não conseguiu distinguir se a insígnia era encimada por uma águia.

— Cessar fogo! — ordenou Hill.

— Limpem os canos! — gritou Sharpe. — Verifiquem as pederneiras!

Porque os franceses iam voltar. Disso ele tinha certeza. Eles iam voltar.

CAPÍTULO IX

Mais homens chegavam ao seminário. Uma quantidade de civis portugueses chegou com armas de caça e sacos de munições.

Vinham acompanhados por um padre rubicundo, vivamente aclamado pelos casacas-vermelhas, quando apareceu no jardim com um bacamarte de boca de sino, como os usados pelos condutores de mala-posta para repelirem os ladrões de estrada. Os *Bufs* tinham reacendido os fogões das cozinhas e levavam agora grandes caldeirões de chá e de água quente para o telhado. O chá limpava as gargantas dos soldados e a água quente lavava-lhes os rifles e os mosquetes. Subiram também para o telhado dez caixotes de munições e Harper encheu o quepe de cartuchos que, não sendo tão bons como os de rifle, serviam muito bem num aperto.

— E podemos dizer que estamos num aperto, não é, senhor?
— perguntou ele, distribuindo os cartuchos ao longo do parapeito, onde se encontravam os homens e as varetas.

Os franceses estavam amontoando-se no terreno plano do lado norte. Se fossem espertos, pensava Sharpe, iam trazer morteiros, mas, até então, não aparecera nenhum. Talvez os morteiros estivessem todos a oeste da cidade, aguardando a *Royal Navy*, e muito longe para chegarem depressa.

Mais seteiras se abriam no muro norte do jardim. Dois soldados do regimento de Northampton haviam encostado ao muro duas barricas da água da chuva, colocando-lhes em cima a porta do barracão do jardim, de modo que, subindo para cima da porta, podiam disparar por cima do muro.

Harris levou a Sharpe uma tigela de chá, depois olhou para a esquerda e para a direita, retirando então uma perna de galinha da cartucheira.

— Pensei que talvez quisesse mastigar qualquer coisa, senhor.

— Onde arranjou isto?

— Encontrei por aí, senhor — disse Harris vagamente —, e arranjei também uma para você, Sargento.

Harris deu uma perna a Harper, retirando a seguir um peito que, depois de soprar a pólvora que estava agarrada, se pôs a comer, esfomeado.

Sharpe descobriu que estava faminto e a galinha estava deliciosa.

— De onde isto veio? — insistiu ele.

— Acho que era o jantar do general Paget, senhor — confessou Harris — mas ele, possivelmente, perdeu o apetite.

— Deve ter perdido — disse Sharpe —, e era uma pena desperdiçar esta bela galinha.

Voltou-se, ao soarem tambores, e verificou que os franceses estavam formando as suas fileiras de novo, mas, desta vez, apenas do lado norte do seminário.

— Todos a seus postos! — ordenou ele, atirando o osso da galinha para o jardim.

Alguns soldados franceses carregavam agora com escadas, certamente pilhadas nas casas que a artilharia inglesa derrubara.

— Quando eles se aproximarem — gritou Sharpe —, atirem nos homens com as escadas.

Mesmo sem o fogo dos rifles, duvidava que os franceses conseguissem chegar suficientemente perto para encostar as

escadas ao muro, mas não se perdia nada em evitá-lo. A maior parte dos seus fuzileiros tinha aproveitado a pausa do combate para limpar os canos e carregá-los com balas envoltas em couro e com pólvora de primeira, o que significava que os primeiros tiros que disparassem iam ser mortalmente precisos. Em seguida, à medida que os franceses pressionassem e a fumaça se adensasse, usariam cartuchos, deixando os pedaços de couro no depósito das coronhas, desse modo sacrificando a precisão à velocidade. Sharpe carregava o seu próprio rifle, usando o pedaço de couro, mas, mal tornara a prender a vareta nos grampos, tinha o general Hill junto dele.

— Eu nunca disparei um rifle — disse Hill.

— É muito semelhante a um mosquete, General — disse Sharpe, embaraçado por um general lhe dirigir a palavra,

— Posso? — Hill estendeu a mão para a arma e Sharpe passou-a. — É uma bela arma — disse Hill vivamente, acariciando o guarda-mão do Baker —, nada incômodo como o mosquete.

— É uma coisa amorosa — disse Sharpe, fervoroso.

Hill apontou a arma encosta abaixo, parecendo que ia armar o cão e disparar, porém, rapidamente devolveu o rifle a Sharpe.

— Eu gostaria muito de experimentá-lo — disse ele —, mas, se errasse o alvo, todo o exército ia saber disso, não é? E eu nunca mais me recuperaria do fracasso.

Hill falou em voz alta, com a sua voz sonora, e Sharpe compreendeu que tinha sido um participante involuntário numa pequena peça de teatro. Hill não estava nada interessado no rifle, antes quisera afastar a mente dos homens do perigo que os ameaçava. Com a sua atitude, tinha-os lisonjeado sutilmente, sugerindo que eles eram capazes de fazer algo que ele não sabia fazer e, com isso, pusera-os a sorrir. Sharpe pôs-se a pensar no que acabava de presenciar. Admirava a atitude de Hill, mas também

admirava a atitude de *Sir Arthur Wellesley*, que seria incapaz de semelhante comportamento. *Sir Arthur* ignorava os homens e estes, pelo seu lado, combatiam ferozmente, para conquistar a relutante aprovação dele.

Sharpe nunca perdera muito tempo pensando porque alguns nasciam para serem oficiais e outros não. Ele próprio saltara sobre o abismo, mas isso não tornava o sistema menos injusto. Claro que queixar-se da injustiça do mundo era o mesmo que resmungar porque o sol é quente, ou porque o vento muda de direção. A injustiça existia, sempre existira e continuaria a existir. Porém, aos olhos de Sharpe, o milagre era que alguns homens, como Hill e Wellesley, embora ricos e privilegiados com vantagens injustas, eram, apesar de tudo, soberbamente competentes no que faziam. Nem todos os generais eram bons, muitos eram muito ruins, mas Sharpe tinha, geralmente, tido a sorte de se ver comandado por homens que conheciam seu ofício. A Sharpe pouco interessava que *Sir Arthur Wellesley* fosse filho de um aristocrata e tivesse comprado os degraus da promoção, sendo frio como o sentido de caridade de um advogado. O sacana de nariz comprido sabia como vencer e isso era o que interessava.

E o que interessava agora era bater os franceses. A coluna, muito mais larga do que a primeira, surgia à frente deles, incentivada pelos tambores. Os franceses davam vivas, talvez para se incutirem confiança e deviam sentir-se encorajados pelo fato da artilharia inglesa do outro lado do rio não os enxergar. Então, porém, provocando a aclamação dos ingleses, uma granada esférica, disparada por um obus, explodiu à frente do centro da coluna. Os artilheiros ingleses estavam disparando às cegas, arqueando os tiros por cima do seminário, mas estavam disparando bem e o primeiro tiro calou os vivas dos franceses.

— Só os rifles! — gritou Sharpe. — Disparem quando estiverem prontos. Poupem o couro! Hagman, atire naquele grandalhão com o sabre.

— Estou vendoo — disse Hagman, apontando o rifle para alvejar o oficial que vinha à frente dando exemplo e pedindo fruta de rifle.

— Atenção às escadas! — lembrou Sharpe aos outros.

Foi, depois, para o parapeito, pondo o pé esquerdo na cimalha e o rifle encostado ao ombro. Apontou em um homem com uma escada, alvejando a cabeça, na convicção de que a bala cairia, atingindo-o na barriga ou na virilhas. O vento batia-lhe na cara, portanto não ia desviar o tiro. Disparou e ficou de imediato cego com a fumaça. Hagman disparou logo a seguir, depois houve os estampidos dos outros rifles. Os mosquetes permaneceram calados. Sharpe desviou-se para a esquerda, para conseguir ver através da fumaça e verificou que o oficial do sabre desaparecera, como todos os outros homens atingidos pelas balas. Tinham sido engolidos pela coluna que avançava, a qual passava sobre as vítimas. Depois, Sharpe viu uma escada reaparecer, apanhada do chão por um homem da quarta ou quinta fila. Rebuscou na cartucheira por outra bala e começou a recarregar.

Ao recarregar, nem olhava para o rifle. Fazia simplesmente o que tinha sido treinado a fazer, algo que era capaz de fazer dormindo, e, quando metia a pólvora na arma, soaram os primeiros tiros de mosquete do muro do jardim, depois os mosquetes das janelas e do telhado abriram fogo e o seminário ficou, uma vez mais, envolto em fumaça e em som de fuzilaria. Os canhões troavam por cima deles, tão perto que Sharpe, uma vez, quase se encolheu, e as granadas troavam na encosta. As balas rasgavam as fileiras francesas. Cerca de um milhar de homens encontrava-se agora no seminário, protegidos por paredes de pedra e com um amplo alvo aberto. Sharpe disparou outro tiro encosta abaixo, percorrendo depois a fila dos seus homens, observando-os. Slattery precisava de uma pederneira e Sharpe deu-lhe uma, depois a mola do rifle de Tarrant partiu-se e Sharpe deu-lhe o rifle de Williamson, que Harper levava consigo desde que haviam partido de Vila Real de Zedes. Os tambores do inimigo soavam mais perto e Sharpe

recarregou o rifle quando começaram a ouvir os primeiros tiros de mosquete matraqueando nas paredes do seminário.

— Eles estão atirando às cegas — disse Sharpe aos seus homens —, atiram às cegas! Não percam os tiros. Apontem bem!

O que era coisa difícil, já que a fumaça que pairava sobre a encosta encobria tudo, mas caprichos do vento, por vezes, afastavam o nevoeiro e revelavam uniformes azuis e os franceses estavam tão perto que Sharpe lhes distinguia os rostos. Apontou em um homem com um bigode enorme, disparou e perdeu o homem de vista com a fumaça que saiu da boca do cano do rifle.

O barulho do combate era pavoroso. Mosquetes matraqueando constantemente, o ribombo dos tambores, as granadas explodindo no ar e, sob toda essa violência, ouviam-se os gritos dos homens feridos. Um casaca-vermelha rodopiou para o chão perto de Harper, o sangue brotando da cabeça e formando uma poça, até que um sargento o arrastou para fora do parapeito, deixando um rastro de vermelho-vivo na conduta de escoamento do telhado. Ao longe, tinha de ser na margem sul do rio, uma banda tocava *The Drum Major* e Sharpe pôs-se a bater com a coronha do rifle no chão, ao ritmo da canção. Uma vareta francesa rodopiou no ar, indo bater na parede do seminário, obviamente disparada por um soldado em pânico que puxara o gatilho sem ter limpo o cano. Sharpe lembrou-se como, em Flandres, na sua primeira batalha como casaca-vermelha e soldado raso, o mosquete de um homem não disparou, mas o homem continuou a carregar o mosquete, a puxar o gatilho, a carregar o mosquete e, quando desmancharam o mosquete depois da batalha, encontraram dezesseis cargas inúteis amontoadas no cano. Como é que ele se chamava? Era de Norfolk, embora estivesse num regimento do Yorkshire e chamava todos de "camarada". Sharpe não conseguiu se lembrar do nome do homem e isso o irritou. Uma bala de mosquete zuniu-lhe junto ao seu rosto, uma outra bateu no parapeito, partindo uma telha. Lá embaixo, no jardim, os homens de Vicente e os casacas-vermelhas nem sequer apontavam os mosquetes, limitavam-se a meter os canos nas

seteiras, puxando o gatilho e logo se afastando, dando lugar a que outro utilizasse a abertura. Havia agora no jardim alguns casacas-verdes e Sharpe pensou que devia ser uma companhia do 60º Regimento, os *Royal American Rifles*, agregada à brigada de Hill e que se juntava ao combate. Fariam bem melhor, considerou ele, se subissem para o telhado, em vez de se porem a disparar os Bakers pelas seteiras. A árvore solitária estava esgalhada como se um vendaval tivesse passado por ela, quase sem uma única folha nos ramos partidos. A fumaça pairava no meio dos galhos desnudados, continuamente abanados pelo bater de balas.

Sharpe escorvou o rifle, encostou-o ao ombro, procurou um alvo, viu um grupo de uniformes azuis muito perto do muro do jardim e enfiou a bala no meio deles. O ar chiava de balas. Diabos, porque os sacanas não iam embora! Um destemido grupo de soldados franceses tentou correr ao longo da parede oeste, para alcançar o portão, mas os artilheiros ingleses do convento viram-nos e as granadas explodiram em preto e vermelho, espalhando sangue pela plataforma lajeada e pelas pedras caídas do muro do jardim. Sharpe viu os seus homens fazendo caretas ao enfiarem as balas nos canos sujos de pólvora. Não havia tempo para limparem os rifles, limitavam-se a empurrar as balas para baixo e a puxar o gatilho. Disparavam e tornavam a disparar, os franceses faziam o mesmo, era um duelo louco de balas e, por sobre a fumaça, do outro lado do vale, Sharpe viu uma horda de infantaria francesa de reforço saindo da cidade.

Dois homens em mangas de camisa percorriam o telhado com caixas de munições.

— Quem precisa? — gritavam eles, parecendo vendedores ambulantes nas ruas de Londres. — Chumbo fresco! Quem precisa? Chumbo fresco! Pólvora fresca!

Um dos ajudantes-de-campo do general Hill distribuía cantis de água pelo parapeito, enquanto o próprio Hill, corado e ansioso, permanecia junto dos casacas-vermelhas, para que os homens

vissem que partilhava o perigo com eles. Agarrou o olhar de Sharpe e deu-lhe um sorriso amargo, como que sugerindo que a tarefa era muito mais árdua do que previra.

Mais tropas surgiam no telhado, homens com mosquetes frescos e cartucheiras cheias e, entre elas, vinham os fuzileiros do 60º, cujo comandante devia ter percebido que não estava no lugar certo. Dirigiu a Sharpe um gesto de companheirismo e mandou os homens para o parapeito.

As balas choviam, a fumaça adensava-se, mas os franceses continuavam tentando abrir brechas em paredes de pedra apenas com tiros de mosquete. Dois franceses conseguiram escalar o muro do jardim, mas lá em cima hesitaram e foram agarrados, atirados ao chão e espancados até à morte à coronhada. Sete casacas-vermelhas mortos jaziam também no chão do jardim, as feridas sanguinolentas secando lentamente e ficando negras, mas a maior parte dos mortos ingleses encontrava-se nos corredores do Seminário, para lá arrastados das grandes janelas, que constituíam o melhor alvo para os franceses frustrados.

Uma nova coluna subia agora a encosta. Vinha engrossar as fileiras dizimadas da primeira, mas, embora os homens sitiados no seminário não pudessem saber, os recém-chegados eram o sinal da derrota francesa. O marechal Soult, desesperado por tropas frescas para atacar o seminário, desguarnecera de infantaria a própria cidade e os habitantes do Porto, vendo-se sem guarda à vista, convergiram para o rio e arrastaram os seus barcos para fora dos armazéns, oficinas e quintais onde os ocupantes os mantinham sob vigilância. Uma flotilha de botes atravessavam agora o rio, passando pelos restos da ponte das barcas e dirigindo-se para o cais de Vila Nova de Gaia, onde a Brigada de Guardas Reais aguardava. Um oficial perscrutou ansiosamente a margem norte do Douro, certificando-se de que os franceses não estavam emboscados no cais oposto, logo depois ordenando aos homens para embarcarem. Os Guardas Reais foram transportados nos barcos para a cidade e cada vez apareciam mais barcos que se

punham a trazer casacas-vermelhas para o Porto. Soult não sabia, mas a cidade estava ficando cheia de inimigos.

Tão-pouco os soldados que atacavam o seminário sabiam, pelo menos até começarem a aparecer casacas-vermelhas nos limites a leste da cidade, momento em que a segunda coluna subira já a encosta e se metera no inferno de morte das balas disparadas das paredes, das janelas e do telhado do Seminário. O fragor era semelhante ao de Trafalgar, onde Sharpe ficara espantado com o incessante troar das peças dos enormes navios, mas ali o som era muito mais agudo, pois as descargas dos mosquetes tendiam para um guincho lúgubre e arrepiante. A parte de cima da encosta estava ensopada de sangue e os soldados franceses sobreviventes serviam-se dos corpos dos seus camaradas mortos como proteção. Alguns tambores ainda tentavam fazer avançar a coluna destroçada, mas, então, soou o grito de alarme de um sargento, o grito espalhou-se e, de repente, a fumaça começou a dissipar-se e a encosta a esvaziar-se de franceses, à medida que a Brigada dos Guardas Reais avançava pelo vale.

Os franceses corriam. Tinham combatido valentemente contra paredes de pedra e mosquetes, mas agora, em pânico, a disciplina desvanecia-se e eles corriam em direção à estrada de Amarante. Outras forças francesas, cavalaria e artilharia entre elas, estavam igualmente abandonando a parte alta da cidade, fugindo perante a corrente de casacas-vermelhas transportados através do Douro e tentando escapar à vingança dos habitantes da cidade, que vasculhavam ruas e travessas, atacando, com facas e cacetes, os franceses feridos que encontravam.

Soavam gemidos e urros nas ruas do Porto, mas um estranho silêncio imperava no seminário de paredes cheias de impactos de bala.

O general Hill, então, colocou as mãos em concha.

— Persigam-nos! — gritou ele. — Persigam-nos! Quero uma perseguição!

— Fuzileiros! Reúnam-se a mim! — ordenou Sharpe.

Eximiu os homens da perseguição. Tinham tido uma tarefa árdua, era hora de deixá-los descansar.

— Limpem as armas — ordenou ele.

E, assim, ali ficaram os fuzileiros, enquanto os casacas-vermelhas da 1ª Brigada formavam fileiras no exterior do seminário, marchando depois para leste.

No telhado, jazia uma quantidade de mortos. Havia longas manchas de sangue, marcando o trajeto ao serem arrastados desde o parapeito. A fumaça que rodeava o edifício dissipou-se lentamente e o ar ficou limpo de novo. As encostas do seminário estavam repletas de mochilas, sacolas e corpos de soldados franceses, nem todos mortos. Um ferido rastejava por entre os cardos salpicados de sangue. Um cão farejava um cadáver. Apareciam corvos de asas negras provando os mortos e mulheres e crianças começaram a surgir das casas do vale para iniciarem a pilhagem. Um ferido tentou afastar-se de uma garotinha que não teria mais do que uns onze anos. A menina puxou uma faca de carnicheiro do avental, uma faca tantas vezes afiada que não tinha mais do que uma fina lâmina de aço agarrada a um cabo de osso, e passou-a pela garganta do francês, fazendo depois uma careta, porque o sangue lhe espirrou para o colo. A irmã mais nova arrastava seis mosquetes pela correia. Os pequenos fogos provocados pelos cartuchos fumegavam no meio dos corpos, onde o rubicundo padre, ainda com o bacamarte na mão, fazia o sinal da cruz pelos soldados franceses que ajudara a matar.

Quanto aos franceses vivos, tomados de pânico, fugiam. A cidade do Porto tinha sido reconquistada.

A carta, dirigida a Richard Sharpe, aguardava em cima do lintel da lareira da sala de estar da *House Beautiful*. Era um milagre a carta ter sobrevivido, pois, nessa mesma tarde, um grupo de artilheiros da *Royal Artillery* alojara-se na casa e a primeira coisa que haviam feito fora quebrar a mobília da sala para acender a lareira e a carta era a coisa ideal para lhe atear fogo. Entretanto, porém, antes de eles acenderem a lareira, chegara o capitão Hogan e conseguira salvar a carta. Tinha ido lá à procura de Sharpe e perguntara aos artilheiros se não haviam encontrado nenhuma mensagem na casa, pensando que Sharpe podia ter deixado alguma.

— Ingleses vivem aqui, rapazes — disse ele aos artilheiros, abrindo a carta, que não se encontrava fechada —, por isso limpem os pés e tudo o que sujarem. — Leu a curta mensagem e pensou um momento. — Por acaso, nenhum de vocês viu um oficial de fuzileiros, alto, do 95º? Não? Bom, se ele aparecer por aqui, digam-lhe para ir ao Palácio das Carrancas.

— Aonde, meu Capitão? — perguntou um dos artilheiros.

— É o grande edifício ao fundo da colina — explicou Hogan. — É o quartel-general.

Hogan sabia que Sharpe estava vivo, pois o coronel Walters dissera-lhe que tinha estado com ele nessa manhã, mas Hogan percorrera as ruas e não o encontrara, por isso mandara dois ordenanças em busca do fuzileiro perdido.

Uma nova ponte de barcas estava já sendo instalada no Douro. A cidade estava de novo livre e festejava o fato com bandeiras, vinho e música. Centenas de prisioneiros franceses estavam sob custódia, metidos em um armazém, e uma longa fila de peças francesas capturadas estavam estacionadas no cais, onde os navios mercantes ingleses que tinham sido capturados, quando a cidade caíra, ostentavam agora, de novo, as suas insígnias. O marechal Soult e o seu exército estavam se retirando para leste, a caminho da ponte de Amarante, que os franceses tinham capturado

recentemente, afortunadamente ignorando que o general Beresford, o novo comandante do exército português, tinha recapturado a ponte e estava à espera deles.

— Se não podem atravessar em Amarante — perguntava Wellesley nessa tarde —, para onde irão?

A questão fora colocada no salão azul do Palácio das Carrancas, onde Wellesley e o seu estado-maior tinham comido uma refeição, obviamente preparada para o marechal Soult e que se encontrava ainda quente, nos fogões do palácio. Era um prato de carneiro, de que Wellesley gostava bastante, mas tão carregado de cebolas, de fatias de presunto e de cogumelos que, para ele, o sabor tinha sido completamente adulterado.

— Eu pensava que os franceses apreciavam a boa cozinha — resmungara ele, ordenando depois a um ordenança que lhe trouxesse uma garrafa de vinagre da cozinha.

Ensopara o carneiro, libertando-o dos ofensivos cogumelos e das cebolas e reconhecera que o prato melhorara bastante.

Agora, levantados os restos da refeição, os oficiais debruçavam-se sobre um mapa desenhado à mão que o capitão Hogan estendera em cima da mesa. Sir Arthur colocou um dedo em cima do mapa.

— Eles querem regressar a Espanha — disse ele —, mas como? Esperava que o coronel Walters, o oficial explorador de mais elevada patente, lhe respondesse à pergunta, mas Walters não percorrera o Norte de Portugal e, por isso, o coronel fez sinal ao capitão Hogan, o oficial de mais baixa patente na sala.

Hogan, antes da invasão de Soult, passara semanas levantando o mapa de Trás-os-Montes, as descampadas montanhas do Norte de Portugal, onde as estradas se torciam em curvas, os rios corriam caudalosos e as pontes eram poucas e estreitas. Havia mesmo tropas portuguesas marchando para cortar essas pontes,

negando aos franceses as estradas que podiam levá-los às suas fortalezas na Espanha e Hogan apontava agora o espaço vago no mapa a norte da estrada do Porto para Amarante.

— Se tomamos Amarante, senhor, e se os nossos aliados tomarem Braga amanhã — Hogan fez uma pausa, relanceando *Sir Arthur*, que lhe lançou um olhar irritado —, então Soult está metido num problema, num grande problema. Terá de atravessar a Serra de Santa Catarina e não há estradas nessa serra.

— O que é que há por lá? — perguntou Wellesley, com o olhar fixo no espaço vazio do mapa.

— Caminhos de cabras — disse Hogan — lobos, trilhas, ravinas e camponeses furiosos. Uma vez ali, senhor — Hogan apontava um ponto a norte da serra de Santa Catarina —, vai encontrar uma estrada razoável que pode levá-lo para casa, mas, para chegar ali, vai ter de abandonar carroças, peças, carretas, na verdade, terá de abandonar tudo que não possa ser transportado por um homem ou por uma mula.

Trovões troaram sobre a cidade. A chuva começou a cair, logo engrossando, tamborilando no terraço e matraqueando nas altas janelas sem cortinados.

— Raio de tempo este — rosnou Wellesley, sabendo que a chuva ia atrapalhar a perseguição ao inimigo derrotado.

— Chove também sobre os ímpios, senhor — observou Hogan.

— Aos demônios com eles — empertigou-se Wellesley.

Não sabia se gostava de Hogan, que tinha herdado de Cradock. Para começar, o raio do homem era irlandês, o que fazia recordar a Wellesley que ele próprio nascera na Irlanda, uma circunstância de que não se orgulhava muito. Depois, não era, decididamente, bem-nascido e *Sir Arthur* gostava dos oficiais que provinham de boas famílias, embora reconhecesse que o preconceito era irracional e começasse a desconfiar que aquele

Hogan de ar sereno era bastante competente e o coronel Walters, em quem muito confiava, lhe falasse do irlandês em termos elogiosos.

— Portanto — fez Wellesley o ponto da situação —, eles se encontram na estrada que vai daqui para Amarante, não podem voltar atrás sem nos enfrentar, não podem avançar sem encontrar Beresford e têm de seguir para norte através das montanhas. E para onde é que eles vão depois disso?

— Para esta estrada aqui, senhor — respondeu Hogan, apontando um lápis no mapa. — É uma estrada que vai de Braga a Chaves e, se ele conseguir passar por Ponte Nova e alcançar Ruivães, uma aldeia que fica aqui — Hogan fez uma pausa para marcar a lápis um ponto no mapa —, depois tem um caminho rural que o leva para norte, através das montanhas, até Montalegre, uma vila que fica muito perto da fronteira.

Os ajudantes de *Sir* Arthur amontoavam-se todos ao redor da mesa, olhos postos no mapa, embora um homem, uma fraca figura de tez pálida, elegantemente vestido como civil, nada parecendo interessado no que se passava, se limitasse a ficar estendido numa poltrona, dando a insultuosa impressão de estar aborrecido com toda aquela conversa de mapas, estradas, montanhas e pontes.

— Mas esta estrada, senhor — prosseguiu Hogan, marcando com o lápis um traço no mapa, entre Ponte Nova e Montalegre —, é um verdadeiro inferno. É repleta de curvas e, para se avançar um quilómetro, tem de se andar uma légua. E, pior ainda, senhor, atravessa uma série de rios, pequenos, mas caudalosos e de margens escarpadas, o que quer dizer com pontes muito altas. Se os portugueses cortarem uma dessas pontes, então *Monsieur* Sault está perdido, General. Fica encurralado. Tem de fazer os homens subirem as montanhas e vai ter o diabo sempre atrás dele.

— Que Deus apresse os portugueses — exclamou Wellesley, de cenho carregado ao som da chuva, pois sabia que ela ia retardar os aliados, os quais avançavam para o interior, com a intenção de

fustigar as estradas pelas quais os franceses podiam alcançar a Espanha. Já lhes tinham cortado o caminho em Amarante, mas agora tinham de avançar mais para norte, enquanto o exército de Wellesley, incentivado com o triunfo no Porto, iria perseguir o exército francês. Os ingleses eram os batedores que empurravam a caça para as armas dos portugueses.

Wellesley fixou os olhos no mapa.

— Foi você que desenhou este mapa, Hogan?

— Fui, sim, General?

— E podemos confiar nele?

— Pode, sim, senhor.

Sir Arthur resmungou. Se não fosse o tempo, pensou ele, agarraria Sault e o que restava do exército dele, mas a chuva tornava a perseguição extremamente difícil, o que significava que, quanto mais cedo começasse, melhor, por isso, os ajudantes-de-campo foram enviados com ordens para pôr o exército em marcha ao alvorecer. Depois, expedidos os ajudantes, *Sir* Arthur bocejou. Precisava urgentemente de dormir e ia retirar-se quando a enorme porta do salão azul se abriu e um atirador encharcado, maltrapilho e com a barba por fazer entrou. Ao ver o general Wellesley, pareceu ficar surpreso e, instintivamente, ficou em sentido.

— Santo Deus! — disse Wellesley, irritado.

— Acho que conhece o tenente... — começou Hogan.

— Claro que conheço o tenente Sharpe — estourou Wellesley —, mas o que eu quero saber é que diabos faz aqui? O 95º não veio conosco.

Hogan afastou as velas colocadas aos cantos do mapa e deixou-o enrolar-se.

— A culpa é minha, *Sir Arthur* — disse ele calmamente. — Eu encontrei o tenente Sharpe e os seus homens vagueando como ovelhas perdidas e tomei-os ao meu cuidado e, desde então, eles escoltaram-me nas minhas perambulações na fronteira. Sozinho, eu não conseguiria haver-me com as patrulhas francesas, *Sir Arthur*, e o tenente Sharpe foi-me muito útil.

Wellesley, enquanto Hogan apresentava as explicações, tinha os olhos fixos em Sharpe.

— Perdeu-se? — perguntou ele friamente.

— Perdi o contato, senhor — disse Sharpe.

— Durante a retirada para a Corunha?

— Sim, senhor — disse Sharpe.

Na verdade, a unidade dele se retirara para Vigo, mas a distinção não era importante e Sharpe há muito que aprendera a dar aos oficiais superiores respostas tão breves quanto possível.

— Então, onde diabos tem andado nestas últimas semanas? — perguntou Wellesley acidamente. — Andou vadiando?

— Andei, sim, senhor — disse Sharpe, o estado-maior constrangido, perante o ar de insolência que pairou na sala.

— Eu ordenei ao tenente Sharpe que procurasse uma jovem inglesa que se perdera, senhor — apressou-se Hogan a explicar. — Na verdade, ordenei-lhe que acompanhasse o coronel Christopher nessa busca.

A menção daquele nome foi como que um estalar de chicote. Ninguém falou, embora o jovem civil, que fingira dormir na poltrona e que abrisse os olhos com surpresa quando o nome de Sharpe fora pela primeira vez mencionado, prestasse agora redobrada atenção. Ele era um jovem penosamente magro e pálido, como se tivesse medo do sol, com algo felino, quase feminino, na aparência delicada. A roupa era tão elegante que melhor ficaria numa sala de

estar ou num salão de Paris, mas ali, no meio dos uniformes sujos e dos oficiais queimados do sol, parecia um cãozinho de luxo no meio de galgos de caça. Estava agora sentado muito ereto, os olhos fitos em Sharpe. Wellesley rompeu o silêncio.

— O coronel Christopher? Esteve, então, com ele? — perguntou a Sharpe.

— O general Cradock ordenou-me que permanecesse junto dele, senhor — disse Sharpe, tirando a ordem de Cradock da sacola e colocando-a em cima da mesa.

Wellesley nem sequer olhou para o papel.

— Mas que diabos andou Cradock fazendo? — lançou ele. — Christopher nem sequer é um oficial de verdade, é um raio de um laçao do *Foreign Office*.

As últimas palavras foram atiradas ao jovem pálido que, em vez de responder, fez um gesto vago com os dedos da mão direita. Agarrou o olhar de Sharpe e transformou o gesto num pequeno aceno de saudação e Sharpe percebeu, com um sobressalto de reconhecimento, que se tratava de Lorde Pumphrey, com quem tinha estado em Copenhaguen. Lorde Pumphrey, sabia Sharpe, era um personagem misteriosamente proeminente no *Foreign Office*, mas Pumphrey não avançou nenhuma razão para a sua presença no Porto, enquanto Wellesley pegava a ordem do general Cradock, a lia e atirava, de novo, o papel para cima da mesa.

— E o que é que Christopher lhe ordenou que fizesse? — perguntou ele a Sharpe.

— Ordenou-me que ficasse num lugar chamado Vila Real de Zedes, senhor.

— Fazendo o quê lá?

— Sendo morto, meu General.

— Sendo morto? — perguntou *Sir* Arthur, num tom perigoso.

Achava que Sharpe estava sendo impudente e, embora o atirador lhe tivesse salvo a vida uma vez, era muito bem capaz de castigá-lo.

— Ele levou uma força francesa para a aldeia, que nos atacou.

— Não muito eficazmente, pelo visto — disse Wellesley, sarcástico.

— Não, não mesmo, senhor — concordou Sharpe —, mas eram uns mil e duzentos homens, senhor, e nós apenas sessenta.

Não disse mais nada e estabeleceu-se silêncio na sala, enquanto as pessoas comparavam os números. Vinte para um! Soou novo trovão e um rastro de luz iluminou o céu a oeste.

— Mil e duzentos, Richard? — perguntou Hogan, num tom que sugeria que Sharpe devia baixar o número.

— Eram talvez mais, Capitão — disse Sharpe estoicamente — Quem nos atacou foi o 31º Regimento de Infantaria Ligeira, mas apoiados por, pelo menos, um regimento de Dragões e por um obus. Apenas um, meu Capitão, e nós corremos com eles.

Calou-se e ninguém falou, mas Sharpe lembrou-se que não prestara jus ao seu aliado e dirigiu-se, de novo, a Wellesley.

— Eu tinha comigo o tenente Vicente, senhor, do 18º Regimento português e os trinta homens dele prestaram-nos um grande auxílio, mas lamento informar que ele perdeu dois homens e eu perdi outros dois. E um dos meus homens desertou, senhor, o que também lamento.

Houve outro silêncio, agora mais prolongado, durante o qual os oficiais olhavam para Sharpe e Sharpe tentava contar as velas em cima da mesa. Depois, Lorde Pumphrey rompeu o silêncio.

— Está nos dizendo, tenente, que *Mister* Christopher conduziu as tropas que o atacaram?

— Sim, Vossa Senhoria.

Pumphrey sorriu.

— Foi ele que as levou, ou terá sido levado por elas?

— Foi ele que as levou — disse Sharpe firmemente. — E, depois, teve o desprante de subir à montanha onde nos encontrávamos, para dizer-nos que a guerra tinha acabado e que devíamos descer e permitir que os franceses tomassem conta de nós.

— Muito obrigado, tenente — disse Pumphrey, com exagerada civilidade.

Houve outro silêncio, depois o coronel Walters limpou a garganta.

— Recordo-lhe, senhor — disse ele mansamente —, que foi o tenente Sharpe que nos proporcionou a nossa armada, esta manhã.

Por outras palavras, Walters sugeria a *Sir Arthur Wellesley* que devia demonstrar alguma gratidão,

Sir Arthur, porém, não estava na disposição de se mostrar grato, limitando-se a manter o olhar fixo em Sharpe e, então, Hogan lembrou-se da carta resgatada na *House Beautiful* e tirou-a do bolso.

— Isto é para você, tenente — disse ele, estendendo a carta a Sharpe mas, como estava aberta, eu tomei a liberdade de ler.

Sharpe abriu a carta.

— Ele vai seguir com os franceses — leu Sharpe — e força-me a acompanhá-lo, mas eu não quero ir.

Estava assinada por Kate e tinha sido escrita, claramente, numa pressa chorosa.

— Esse ele, presumo eu, é o Christopher? — perguntou Hogan.

— É, sim, Capitão.

— E a razão da ausência de *Miss Savage* em Março — prosseguiu Hogan — era também o coronel Christopher?

— Era, sim, Capitão.

— Ela está apaixonada por ele?

— Ela casou com ele — disse Sharpe, ficando intrigado porque Pumphrey parecia espantado.

— Algumas semanas antes — Hogan falava agora para Wellesley — o coronel Christopher cortejava a mãe de *Miss Savage*.

— Essas ridículas histórias de amor ajudam alguma coisa em saber o que Christopher anda fazendo agora? — perguntou *Sir Arthur* asperamente.

— Na pior hipótese, isso é muito interessante — disse Pumphrey, que se ergueu da poltrona, sacudiu uma mancha de pó de um punho e sorriu para Sharpe. — Tem certeza de que Christopher casou com essa jovem?

— Casou, sim, Vossa Senhoria.

— Então, portou-se mal — disse Lorde Pumphrey, com ar de regozijo —, pois ele já era casado. — Sua senhoria apreciou plenamente o efeito da revelação. — Ele casou com a filha de Pearce Courtnell há dez anos, na feliz convicção de que ela valia oitocentas *libras* anuais, para depois descobrir que ela nada valia. Não é, segundo dizem, um casamento feliz e eu diria, *Sir Arthur*, que as notícias que o tenente Sharpe nos traz dão resposta às perguntas que temos quanto à lealdade do coronel Christopher.

— Acha que sim? — perguntou Wellesley, intrigado.

— Christopher sabe que não pode sobreviver a um casamento bígamo, se quiser se estabelecer na Inglaterra e em um Portugal livre — observou Lorde Pumphrey. — Mas na França? Ou em um

Portugal governado pela França? Os franceses não vão se preocupar com quantas mulheres ele deixou em Londres.

— Mas disse-me que ele queria voltar.

— Eu expus uma conjectura de que ele era capaz de desejar isso — corrigiu Pumphrey ao general. — Ele tem andado, afinal, jogando com os dois lados e, se achar que nós estamos vencendo, então vai querer voltar, sem dúvida nenhuma e, igualmente sem sombra de dúvida, vai negar que alguma vez tenha casado com *Miss Savage*.

— Ela pode ter uma opinião diferente — observou Wellesley secamente.

— Se estiver viva para afirmar, o que eu duvido — disse Pumphrey. — Não, *Sir Arthur*, não podemos confiar nele e ousar dizer que os meus diretores em Londres ficariam muito gratos se o removesse de suas funções.

— É o que você quer?

— Não, não é o que eu quero — retorquiu Pumphrey a Wellesley e, para um homem de aparência tão delicada e tão frágil, fez isso com considerável firmeza. — Mas é o que Londres desejaria.

— Tem certeza disso? — perguntou Wellesley, nitidamente contrafeito com a insinuação de Pumphrey.

— Ele dispõe de informação que pode nos embaraçar muito — admitiu Pumphrey —, incluindo códigos do *Foreign Office*.

Wellesley soltou a sua grande gargalhada de relincho de cavalo.

— Provavelmente, já os cedeu aos franceses.

— Duvido, *Sir Arthur* — disse Pumphrey, examinando as unhas das mãos com um ligeiro franzir do sobrolho. — Uma pessoa,

geralmente, guarda os seus melhores trunfos para o final. E, no fim, Christopher vai querer negociar, conosco ou com os franceses, e devo dizer-lhe que ao governo de Sua Majestade não agrada nenhuma das duas eventualidades.

— Nesse caso, entrego o destino dele às suas mãos, meu caro Lorde — disse Wellesley, com óbvia má vontade —, e, como se trata de um trabalho sujo, é melhor eu ceder-lhe os serviços do capitão Hogan e do tenente Sharpe. Quanto a mim, vou meter-me na cama.

Inclinou a cabeça cortesmente e saiu da sala, seguido pelos ajudantes-de-campo, estes repletos de maços de papéis.

Lorde Pumphrey pegou uma garrafa de vinho verde de cima da mesa e dirigiu-se para a sua poltrona, onde se sentou com um suspiro exagerado.

— *Sir* Arthur provoca-me arrepios — disse ele e fingiu não perceber a expressão chocada, tanto de Sharpe, como de Hogan. — Você salvou-lhe realmente a vida na Índia, Richard?

Sharpe não disse nada e Hogan respondeu por ele.

— É por isso que ele trata Sharpe tão mal — disse o irlandês. — Orgulhoso como é, não suporta estar em dívida com ninguém, especialmente não suporta estar em dívida com um bastardo vagabundo como Sharpe.

Pumphrey teve um arrepio.

— Sabem o que nós, do *Foreign Office*, mais detestamos? É sairmos para países estrangeiros. São tão desconfortáveis! Mas aqui estou eu parar e acho que temos de nos entregar à nossa missão.

Sharpe atravessara o salão até uma das altas janelas e estava olhando para a escuridão molhada.

— Qual é a minha missão? — perguntou ele.

Lorde Pumphrey encheu liberalmente um copo de vinho verde.

— Para não dourar a pílula, Richard — disse ele —, o seu dever é procurar *Mister Christopher* e, quando o encontrar...

Não terminou a frase, em vez disso passou um dedo pela garganta, um gesto que Sharpe viu refletido na janela escura.

— Quem é ele, afinal? — Sharpe quis saber.

— Ele era um intruso no *Foreign Office*, Richard — disse Pumphrey, a voz ácida de desaprovação —, um intruso muito esperto.

Um intruso era um homem que, nas caçadas de montaria, forçava o andamento do cavalo à chicotada, para se chegar à cabeça da caçada, perturbando dezenas de outros caçadores.

— Contudo, considerava-se que tinha à sua frente um futuro brilhante — prosseguiu Pumphrey —, se conseguisse refrear a tendência para complicar as coisas. Ele gosta de intrigas, esse Christopher. O *Foreign Office*, necessariamente, trata de questões secretas e ele adorava dedicar-se a isso. Apesar de tudo, porém, reconheciam-se méritos de excelente diplomata e, no ano passado, foi enviado para cá, para avaliar a disposição dos portugueses. Havia rumores, felizmente infundados, de que uma larga maioria das pessoas, especialmente aqui no Norte, nutriam uma certa simpatia pelos franceses e Christopher foi, meramente, encarregado de avaliar a extensão dessa simpatia.

— A embaixada não podia fazer isso? — perguntou Hogan.

— Não poderia fazê-lo sem se tornar notada — disse Pumphrey — e, sobretudo, sem eventualmente ofender uma nação que é, afinal de contas, o nosso mais antigo aliado. E eu desconfio que, se encarregar um elemento de uma embaixada de fazer perguntas, as respostas que obtém são as que as pessoas pensam que esse elemento quer ouvir. Não, Christopher devia fazer-se passar por um mero cidadão inglês viajando pelo Norte de Portugal,

mas, como verificaram, a oportunidade subiu-lhe à cabeça. Cradock andava, então, meio tonto, a ponto de graduá-lo a coronel, e o Christopher começou a tecer a sua trama. — Lorde Pumphrey lançou um olhar ao teto do salão, pintado com divindades orgíacas e ninfas dançarinas. — Eu suspeito que *Mister* Christopher apostou em todos os cavalos da corrida. Sabemos que ele encorajou um motim, mas desconfio muito que terá atraído os amotinados. O encorajamento serviu para nos convencer que defendia os nossos interesses e a traição tornou-o benquisto dos franceses. Está decidido, não há dúvida nenhuma, em ficar do lado dos vencedores. Mas a intriga principal, torna-se óbvio, era enriquecer à custa das senhoras Savage. — Pumphrey fez uma pausa, ficando, depois, com um sorriso seráfico nos lábios. — Eu sempre admirei bastante os bígamos. Para mim, uma mulher seria demais, mas que haja homens capazes de aturarem duas!

— Não o ouvi eu dizer que ele pretende voltar? — perguntou Sharpe.

— É o que eu penso. James Christopher não é homem para cortar as suas amarras, a não ser que não tenha alternativa. Sim, sim, estou certo de que ele imaginará uma maneira de regressar a Londres, se perceber que não é bem sucedido com os franceses.

— Portanto, estou encarregado de dar um tiro na merda desse sacana — disse Sharpe.

— Não é precisamente como nós, no *Foreign Office*, poríamos a questão — disse Lorde Pumphrey severamente —, mas vejo que percebeu o essencial. Avance e dê-lhe um tiro, Richard, e que Deus lhe abençoe o rifle.

— E o que você faz aqui? — lembrou-se Sharpe de perguntar.

— Para além de estar muito desconfortável — disse Pumphrey —, fui enviado para supervisionar Christopher. Ele contactou o general Cradock com notícias do possível motim e Cradock, muito corretamente, comunicou o caso a Londres e o Governo ficou

excitado com a idéia de aliciar o exército de Napoleão em Portugal e na Espanha, mas achou que, para impulsionar o esquema, era necessário alguém com alguma prudência e julgamento são e, muito naturalmente, pediram-me que viesse para cá.

— E, agora, podemos esquecer os esquemas — observou Hogan.

— Sem dúvida nenhuma — confirmou Pumphrey asperamente. — Christopher levou com ele um tal capitão Argenton, quando foi falar com Cradock — explicou ele a Sharpe —, e quando este foi substituído, Argenton atravessou as linhas por sua conta e risco para falar com *Sir* Arthur. Queria a promessa de que as nossas forças não interviriam, caso surgisse um motim no exército francês, mas *Sir* Arthur não quis ouvir falar de motins e disse-lhe para meter o rabo entre as pernas e voltar para onde viera. Portanto, não há motins, não há mensageiros misteriosos encapuçados e de punhal à cinta, há apenas operações militares à moda antiga. Pelo que parece eu não sou necessário aqui e *Mister* Christopher, ao acreditarmos na nota da sua amiga, partiu com os franceses, o que significa, acho eu, que acredita que eles ainda podem ganhar esta guerra.

Hogan abriu uma janela para cheirar a chuva, mas voltava-se, agora, para Sharpe.

— Temos de ir embora, Richard. Temos de planejar as coisas.

— Sim, Capitão. — Sharpe agarrou no quepe amassado, tentando endireitar-lhe a pala, depois pensou em outra coisa. — Minha Senhora?

— Sim, Richard?

— Lembra-se de Astrid? — perguntou Sharpe, desajeitado.

— Claro que me lembro da bela Astrid — respondeu Pumphrey mansamente —, a graciosa filha de Ole Skowgaard.

— Gostaria de saber se teve notícias dela — disse Sharpe, ruborizado. Lorde Pumphrey tinha, de fato, notícias dela, mas não eram notícias que lhe agradasse dar a Sharpe, pois tanto Astrid como o pai estavam sepultados, com as goelas cortadas por ordem de Pumphrey.

— Ouvi dizer — disse ele gentilmente — que houve uma epidemia em Copenhague, de malária, acho eu. Ou seria de cólera? Sei lá, Richard — terminou ele, abrindo as mãos.

— E ela morreu.

— Receio que sim.

— Oh! — exclamou Sharpe.

Ficou aturdido, pestanejando. Tinha pensado, em tempos, que podia largar o exército e viver com Astrid, iniciando uma nova vida nos campos asseados da Dinamarca.

— Lamento — disse ele por fim.

— Eu também — disse Pumphrey —, lamento muito mesmo. Mas diga-me uma coisa, Richard, essa *Miss Savage*, é uma jovem bonita?

— É, sim — disse Sharpe —, é muito bonita.

— Era o que eu pensava — disse Lorde Pumphrey resignadamente.

— E ela pode morrer — lançou Hogan a Sharpe —, se não nos apressarmos.

— Sim, Capitão — disse Sharpe, apressando-se.

Hogan e Sharpe caminharam à chuva, subindo a colina, até uma escola que Sharpe havia requisitado para alojar os seus homens.

— Você sabe, — disse Hogan, todo irritado —, que Lorde Pumphrey é um pederasta?

— Claro que sei que ele é um pederasta.

— E pode ser enforcado por isso — observou Hogan com satisfação indecente.

— Mesmo assim eu gosto dele — disse Sharpe.

— Ele é uma serpente. Todos os diplomatas são, ainda mais que os advogados.

— Mas não é nada soberbo — disse Sharpe.

— Com você talvez não — disse Hogan — porque não há nada que ele mais deseje do que agarrá-lo, Richard. — Hogan. riu, de novo bem-disposto.

— Como é vamos descobrir a pobre garota e o seu marido malvado?

— Vamos? — perguntou Sharpe. — O Capitão vai comigo?

— Este é um assunto muito importante para ficar nas mãos de um simples tenente inglês — disse Hogan. — É uma missão que exige a sagacidade de um irlandês.

Chegando à escola, Sharpe e Hogan instalaram-se na cozinha, onde os ocupantes franceses da cidade tinham deixado uma mesa intacta e, como deixara o seu mapa no quartel-general de *Sir Arthur*, Hogan utilizou um pedaço de carvão para desenhar uma tosca versão do mapa no tampo liso da mesa. Da maior das salas de aulas, onde os homens de Sharpe haviam estendido os cobertores, veio o som de risos de mulheres. Os seus homens, pensou Sharpe, não havia ainda um dia que estavam na cidade e já tinham arranjado uma dúzia de mulheres,

— É a melhor forma de aprendermos a língua, senhor — garantira-lhe Harper —, e nós somos todos muito pouco instruídos,

como calcula, senhor.

— Veja! — disse Hogan, fechando a porta da cozinha com um pontapé. — Olhe para o mapa, Richard.

Mostrou-lhe como os ingleses haviam avançado pelo litoral e desalojado os franceses do Porto e como, simultaneamente, o exército português atacara a leste.

— Eles reconquistaram Amarante — disse Hogan — e ainda bem, porque, assim, Soult não pode atravessar a ponte. Ele está encurralado, Richard, está encurralado e só tem uma alternativa. Tem de seguir para norte através das montanhas, onde vai encontrar uma estrada terrível — o pedaço de carvão partiu-se, quando ele traçou uma linha ondulada no tampo da mesa —, uma estrada cheia de curvas e, se os portugueses conseguirem avançar com este tempo horroroso, então vão cortar-lhe a estrada aqui. — O carvão fez uma cruz. — É uma ponte chamada Ponte Nova. Lembra-se dela?

Sharpe balançou a cabeça. Tinha visto tantas pontes e tantas estradas de montanha com Hogan que não conseguia lembrar-se qual era aquela.

— Apesar do nome — disse Hogan —, Ponte Nova deve ser tão velha como as montanhas e um barril de pólvora bastará para atirá-la ravina abaixo e então, Richard, *Monsieur* Soult fica completamente ferrado. Mas só fica ferrado se os portugueses conseguirem chegar lá antes dele.

Hogan ficou com um ar sombrio, pois o tempo não era nada propício a uma marcha forçada através das montanhas.

— E se os portugueses não puderem travar Soult na Ponte Nova, têm ainda a possibilidade de agarrá-lo no Saltador. Lembra-se do Saltador, não se lembra?

— Do Saltador lembro, sim, Capitão — disse Sharpe.

O Saltador era uma ponte no alto das montanhas, alguns palmos de pedra sobre uma garganta estreita e funda e tinham posto ao arco espectacular o nome de Saltador. Sharpe lembrava-se de Hogan inscrevê-lo num mapa, lembrava-se de uma pequena aldeia com algumas casas baixas de pedra, mas, principalmente, lembrava-se do rio rugindo e saltando numa corrente caudalosa, lá muito embaixo, sob a ponte alada.

— Se conseguirem chegar ao Saltador e atravessá-lo — disse Hogan —, então podemos nos despedir deles e desejar-lhes boa sorte. Nesse caso, estarão salvos. — Hesitou, quando o troar de um trovão lhe recordou o tempo. — Bom — suspirou ele —, só podemos fazer o melhor que pudermos.

— Mas, afinal, o que vamos fazer? — quis Sharpe saber.

— Bom, Richard, essa é uma boa pergunta — disse Hogan. Aspirou uma pitada de rapé, fez uma pausa e depois espirrou. — Deus tenha piedade de mim, mas os médicos dizem que isto limpa os canais brônquicos, seja lá isso o que for. Bem, segundo eu encaro a situação, duas coisas podem acontecer. — Hogan apontou a marca de carvão, indicando Ponte Nova. — Se os franceses forem travados nesta ponte, a maior parte vai render-se, pois não têm alternativa. Alguns, claro, se meterão nas montanhas, mas vão encontrar camponeses por todo o lado, ansiosos por cortarem gargantas e outras partes do corpo. E nós, ou encontramos *Mister Christopher* no meio do exército rendido ou, mais provavelmente, ele vai fugir e põe-se a dizer que é um inglês prisioneiro. E, nesse caso, metemo-nos também nas montanhas, o apanhamos e o encostamos em um muro.

— Acha que sim?

— Isso o incomoda?

— Eu preferia enforcá-lo.

— Ah! Bom, decidimos isso quando chegar o momento. A segunda coisa que pode acontecer, Richard, é os franceses não serem travados na Ponte Nova e nesse caso temos de seguir para o Saltador.

— E então?

— Pense bem, Richard — disse Hogan. — Uma ravina funda, encostas íngremes por todo o lado, o tipo de lugar onde um punhado de fuzileiros seriam mortíferos. Os franceses estão atravessando a ponte, nós o vemos e os seus rifles Baker têm de fazer o que devem.

— E podemos nos aproximar? — perguntou Sharpe, tentando recordar-se da conformação do terreno em volta da ponte do Saltador

— Podem, sim. São tudo colinas e escarpas. Acho que podem colocar-se a uma distância de uns cento e cinquenta metros.

— Isso basta — disse Sharpe, sério.

— Portanto, de uma maneira ou de outra, temos de acabar com ele — disse Hogan, recostando-se. — Ele é um traidor, Richard. Talvez não seja tão perigoso como ele pensa que é, mas se consegue chegar a Paris, os franceses vão sacar-lhe tudo da cabeça e vão ficar sabendo de coisas que é melhor que não saibam. E se conseguir voltar a Londres, é suficientemente matreiro para convencer aqueles tontos de que esteve sempre defendendo-lhes os interesses. Em suma, Richard, digo-lhe que o melhor é vê-lo morto.

— E Kate?

— Nós não vamos matá-la — disse Hogan, com ar desaprovador.

— Voltando a Março, Capitão — disse Sharpe —, deu-me ordens de resgatá-la. Essas ordens se mantêm?

Hogan olhou para o teto, enegrecido de fumaça e com ganchos de aspecto letal.

— Pouco tempo desde que o conheço, Richard — disse ele —, tenho notado que você tem uma certa tendência para envergar uma armadura brilhante e pôr-se a salvar damas. O rei Artur, Deus tenha a sua alma em descanso, teria gostado muito de você e o teria mandado bater-se com todos os cavaleiros maus da floresta. É assim tão importante salvar Kate Savage? Não mesmo. O importante é punir *Mister* Christopher e receio que Kate terá de seguir o seu destino.

Sharpe olhou para o mapa.

— Como é que vamos chegar a Ponte Nova?

— Caminhando, Richard, caminhando. Vamos atravessar montanhas e os caminhos são inadequados para cavalos. Passaríamos metade do tempo puxando-os pelas rédeas, alimentando-os, tratando-lhes dos cascos e nos arrependendo de tê-los levado. Mulas talvez, podemos levar algumas mulas, mas onde vamos encontrar mulas a estas horas da noite? Ou com mulas, ou a pé, de qualquer modo vamos levar poucos homens, só os melhores e mais em forma, e temos de partir antes da alvorada.

— O que eu faço com o resto dos meus homens?

Hogan pensou alguns momentos.

— Eles podem ser úteis ao major Potter — sugeriu ele — para guardarem os prisioneiros.

— Eu não quero perdê-los, se mandarem que ele regressem a Shomcliffe — disse Sharpe.

Receava que o batalhão andasse perguntando acerca dos fuzileiros perdidos. Podiam não se preocupar muito com o tenente Sharpe, mas a ausência de um punhado de fuzileiros peritos era decididamente, preocupante.

— Meu caro Richard — disse-lhe Hogan —, se pensa que *Sir Arthur* vai querer perder bons fuzileiros, então não o conhece tão bem como pensa que conhece. Ele tudo fará para mantê-los aqui. E nós temos de nos apressar para alcançarmos Ponte Nova antes de todos.

— Os franceses levam um dia de vantagem.

— Não, não levam. Eles correram como loucos para Amarante, o que quer dizer que não sabiam que os portugueses já a haviam recuperado. Nesta altura já terão se dado conta da situação, mas duvido que se ponham a caminho antes da alvorada. Se nos apressarmos, vamos passar-lhes à frente. — Hogan franziu o cenho, ao olhar para o mapa. — Vejo apenas um problema nisto tudo, além do problema que é descobrirmos *Mister Christopher*.

— Um problema?

— Sim, porque eu consigo chegar a Ponte Nova pela estrada de Braga disse Hogan —, mas, e se os franceses já tiverem alcançado essa estrada? Teremos de seguir pelas montanhas, mas é terreno agreste, Richard, e podemos nos perder. Precisamos de um guia e temos de arranjá-lo de imediato.

Sharpe sorriu.

— Se não se importa de viajar com um oficial português que se considera um filósofo e um poeta, acho que conheço o homem ideal.

— Eu sou irlandês — ripostou Hogan —, não há nada de que gostemos tanto como de filosofia e de poesia.

— Ele é, também, advogado.

— Se ele nos levar a Ponte Nova — disse Hogan —, Deus vai, decerto, perdoar-lhe esse pecado.

As risadas das mulheres eram constantes, mas era hora de acabar com a festa. Era hora de uma dúzia dos melhores homens

de Sharpe se porem a consertar as botas e encher as cartucheiras.

Era chegada a hora da vingança.

CAPÍTULO X

Kate sentou-se a um dos cantos da carruagem e pôs-se a chorar. A carruagem não ia chegar a lado nenhum. Nem era uma boa carruagem, muito mais incómoda do que a frágil charrete da Quinta, abandonada no Porto, e nada tinha a ver com aquela em que a mãe dela atravessara o rio, em Março. Como Kate gostaria, agora, de ter seguido com a mãe, mas fora tomada de amores, fora tomada por uma paixão que lhe ia proporcionar céus dourados, horizontes claros e felicidade infinita.

Ao invés disso, encontrava-se num trem de duas rodas, com um tecto a escorrer água, molas gastas e um cavalo meio manco. E a viatura não ia a lado nenhum porque o exército francês em retirada estava encurralado na estrada de Amarante. A chuva martelava no tecto, escorria pelas janelas, caía no colo de Kate e ela não ligava, apenas se encolhia toda no canto e chorava. A porta abriu-se e Christopher meteu a cabeça lá dentro.

— Vai haver uns estoiros — disse-lhe ele —, mas não há razão para te assustares. — Fez uma pausa, decidiu que não conseguia suportar o choro dela e fechou a porta, abrindo-a de novo logo de seguida. — Eles estão a danificar as peças — explicou ele —, daí os estrondos que vais ouvir.

Kate queria lá saber. Só pensava no que lhe iria acontecer e o horror do que antevia era tão atterrador que nova torrente de lágrimas se soltou, quando as peças foram disparadas boca de cano a boca de cano.

Na manhã seguinte à da queda do Porto, Soult fora acordado com a chocante notícia de que o exército português recuperara Amarante e de que, portanto, caíra nas mãos do inimigo a única ponte por onde poderilevando para as fortalezas francesas em

Espanha as peças de artilharia, as carretas, os caixotões e as carruagens. Alguns mais ousados haviam sugerido abrirem caminho pelo rio Tâmega, mas os exploradores relataram que o exército português ocupava em força Amarante, que a ponte tinha sido minada, que havia uma dúzia de peças a dominar a estrada, que ilevando pelo menos um dia de duros combates para fazerem a travessia e que, depois, era muito provável que não houvesse ponte, pois os portugueses iam sem dúvida nenhuma destruí-la. E Sout não podia dispor de um dia. Sir Arthur Wellesley ia avançar do Porto, por isso só tinha uma decisão a tomar, a qual era abandonar todos os veículos de rodas do exército, todas as carroças, todas as carretas, todos os armões, todas as carruagens, todas as forjas móveis, todas as peças. Teriam de deixar tudo isso para trás e vinte mil homens combatentes, mais cinco mil de apoio, quatro mil cavalos e outras tantas mulas teriam de pôr-se a escalar montanhas o melhor que pudessem.

Sout, porém, não ia entregar ao inimigo armas em bom estado, para ele as voltar contra si. As peças foram, pois, carregadas com dois quilos de pólvora e duas balas cada uma e colocadas com boca de cano contra boca de cano. Os artilheiros labutaram para manter os bota-fogos acesos no meio da chuva e, depois, à voz de comando, lançaram fogo aos dois rastilhos, a pólvora inflamou-se para dentro das câmaras sobrecarregadas, as peças dispararam uma para dentro da outra, recuaram numa violenta explosão de fumaça e de chamas e ali ficaram com os canos rebentados e todos torcidos. Alguns dos artilheiros choravam, quando destruíam as suas peças, enquanto outros praguejavam ao abrirem com navalhas e baionetas os sacos de pólvora, depois abandonados à chuva.

À infantaria foi ordenado que despejassem sacolas e mochilas de tudo o que não fossem alimentos e munições. Alguns oficiais procederam a revistas e ordenaram aos soldados que abandonassem os objectos pilhados na campanha. Cutelaria, castiçais, salvas de prata, tudo tinha de ser abandonado à beira da

estrada. Os cavalos, bois e mulas que puxavam as peças, carretas e carruagens foram abatidos. Os animais relinchavam e debatiam-se ao morrer. Os feridos que não podiam andar foram deixados nas carroças, munidos de mosquetes, para ao menos tentarem defender-se dos portugueses que bem depressa os iriam encontrar e neles exercer a sua vingança. Soult mandou colocar, à beira da estrada, onze barricadas cheias de moedas de prata, para os homens, ao passarem, tirarem cada um uma mão-cheia delas. As mulheres erguiam as saias, enchiam-nas de moedas e marchavam ao lado dos homens. Os dragões, hussardos e caçadores levavam os cavalos pelas rédeas. Milhares de homens e de mulheres trepavam as montanhas maninhas, deixando ficar para trás carroças cheias de garrafas de vinho do Porto, de cruces de ouro roubadas nas igrejas e de quadros ancestrais, pilhados das paredes das grandes casas do Norte de Portugal. Os soldados franceses pensavam que tinham conquistado um país, julgavam que estavam simplesmente à espera de reforços para engrossarem as fileiras e marcharem sobre Lisboa e ninguém compreendia como é que, de súbito, se viam confrontados com a derrota e com o Rei Nicolau a conduzi-los numa retirada desastrosa debaixo de chuva.

— Se ficares aqui — dizia Christopher a Kate —, vais ser violada.

— Eu tenho vindo a ser violada noite após noite — ripostou ela, banhada em lágrimas.

— Por amor de Deus, Kate!

Christopher, vestido à civil, estava de pé à porta do trem, a chuva a pingar-lhe do tricórnio.

— Eu não te vou deixar aqui.

Inclinou-se para dentro do trem, agarrou-lhe um pulso e, apesar dos gritos seus e de ela se debater, retirou-a do trem.

— Toca a andar! — rosou ele, arrastando-a encosta acima.

Uns segundos depois de Kate ter saído do trem, já o uniforme azul de hussardo, que Christopher a obrigara a vestir, estava todo ensopado.

— Isto não é ainda o fim — disse-lhe Christopher, a garra dele a magoar-lhe o pulso. — Simplesmente, os reforços não chegaram. Mas nós vamos voltar!

Kate, apesar do desânimo, notou aquele “nós”. Referir-se-ia ele aos dois, ou aos franceses?

— Eu quero ir para casa — gritou ela.

— Não sejas maçadora e trata de andar! — disse ele, arrastando-a. As botas dela, de solas novas, escorregavam na vereda.

— Os franceses vão ganhar esta guerra — insistiu Christopher.

Já não estava muito seguro disso, mas, quando avaliava o equilíbrio do poder na Europa, convencia-se de que assim seria.

— Eu quero voltar para o Porto! — choramingava Kate.

— Não podemos!

— Porque não? — Kate tentou soltar-se dele, mas, embora não o conseguisse, obrigou-o a parar. — Porque não?

— Não podemos, muito simplesmente — disse ele — anda daí! Arrastou-a de novo, eximindo-se a explicar-lhe que não podia voltar ao Porto porque o raio de um homem chamado Sharpe estava vivo. Bradava aos céus, o sacana era apenas um tenente, velho para a idade, que, sabia-o agora, subira a partir das fileiras, mas era um tenente que sabia de mais a respeito dele e, por isso, Christopher precisava de arranjar um refúgio seguro donde, do modo discreto que tão bem conhecia, fizesse chegar uma carta a Londres. Depois, conforme a resposta que recebesse, avaliaria se Londres acreditava que se vira forçado a mostrar-se leal aos franceses por forma a montar um motim que iria libertar Portugal. A história parecia-lhe

convincente, só que Portugal, de qualquer maneira, estava a ser libertado. Mas nem tudo estava perdido. Ia ser a palavra dele contra a de Sharpe e Christopher, apesar de tudo, era um cavalheiro e Sharpe, decidida-mente, não o era. Havia, ainda, o problema delicado de saber o que fazer com Kate, se viesse a regressar a Londres, mas podia sempre afirmar que não houvera nenhum casamento. Diria que era uma ilusão de Kate. As mulheres, como é sabido, são muito atreitas a ilusões. Como é que dizia Shakespeare? "Fragilidade, o seu nome é mulher." Afirmaria, pois, convictamente, que o palavrório do padre José, na igreja de Vila Real de Zedes, não fora um casamento e que apenas se submetera àquilo para evitar a vergonha a Kate. Era um jogo, sabia-o bem, mas já jogara às cartas o bastante para saber que, muitas vezes, as apostas mais arriscadas eram as que proporcionavam melhores ganhos.

E se a aposta falhasse, se não conseguisse salvar a a carreira em Londres, isso não tinha grande importância, pois continuava agarrado à convicção de que os franceses iam vencer e, no final da guerra, voltaria ao Porto, onde, à falta de outras informações, os advogados o reconheceriam como marido de Kate e ficaria rico. Kate concordaria com isso, pois iria recuperar de todas aquelas agruras logo que se encontrasse no conforto da sua casa. Até então, era bem verdade, sentia-se infeliz, tendo-se o regozijo do casamento transformado em horror na alcova, mas era coisa comum as éguas jovens rebelarem-se ao freio, tornando-se dóceis e obedientes depois de umas chicotadas. E Christopher desejava que fosse esse o desfecho com Kate porque a beleza dela ainda o excitava. Arrastou-a, pois, até onde Williamson, agora o criado de Christopher, lhe segurava o cavalo.

— Monta-te nele — ordenou ele a Kate.

— Eu quero ir para casa — disse ela.

— Monta!

Christopher quase lhe bateu com o chicote que estava enfiado debaixo da sela, mas ela, então, deixou-o, humildemente, ajudá-la a montar o cavalo.

— Agarra nas rédeas, Williamson! — ordenou Christopher.

Não queria que Kate virasse o cavalo e o fizesse correr para oeste.

— Segura-as bem, homem!

— Sim, meu Coronel — disse Williamson.

Estava ainda com o uniforme de fuzileiro, embora tivesse substituído o quepe por um chapéu de abas largas. Na retirada do Porto, agarrara num mosquete francês, numa pistola e num sabre e as armas davam-lhe um aspecto formidável, o que muito agradava a Christopher. O coronel, depois de Luís ter fugido, precisara de um criado, mas desejava mais ainda um guarda-costas e Williamson desempenhava esse papel na perfeição. Contava a Christopher histórias de brigas de taberna, de lutas com navalhas e com cacetes, de combates à punhada, e Christopher apreciava essas histórias quase tão avidamente como escutava as queixas de Williamson em relação a Sharpe.

Em compensação, Christopher prometera a Williamson um futuro dourado.

— Aprende francês — aconselhara ele ao desertor — e podes entrar no exército deles. Mostra que és bom e eles vão promover-te. Eles, no exército francês, não têm preconceitos.

— E se eu quiser ficar consigo, meu Coronel? — perguntara Williamson.

— Eu tive sempre o bom hábito de recompensar a lealdade, Williamson dissera-lhe Christopher.

E, assim, davam-se os dois muito bem, embora, na altura, a sorte deles estivesse em baixo se encontrassem, como milhares de

outros fugitivos, a escalar montanhas à chuva, fustigados pela ventania e não enxergassem a sua frente senão a fome, encostas desoladas e as rochas encharcadas da Serra de Santa Catarina.

Atrás deles, na estrada do Porto para Amarante, ficava um rasto triste de carruagens e de carroças abandonadas à chuva. Os feridos franceses espreitavam a estrada ansiosamente, pedindo a Deus que os ingleses aparecessem antes dos camponeses portugueses, mas os camponeses estavam mais perto do que os casacas-vermelhas, muito mais perto e, bem depressa, começaram a surgir no meio da chuva as suas figuras sombrias, facas a brilharem-lhes nas mãos.

À chuva, os mosquetes dos feridos não iam disparar. E começaram os gritos.

Sharpe gostaria de levar Hagman consigo na perseguição a Christopher, mas o velho caçador clandestino não estava completamente recuperado da ferida no peito e Sharpe viu-se forçado a deixá-lo ficar. Escolheu doze homens, os mais fortes e mais inteligentes, mas todos se queixaram veementemente quando foram acordados para se meterem à chuva antes da alvorada, porque tinham a boca amarga do vinho da véspera, a cabeça a doer e a paciência em baixo.

— Mas não tão em baixo como a minha — avisou-os Sharpe —, portanto acabem com essa lamúria.

Hogan acompanhava-o, bem como Vicente e três dos seus homens. Vicente soubera que havia três carruagens de correio que iam partir para Braga ao alvorecer e disse a Hogan que os veículos eram necessariamente rápidos e iriam seguir por uma boa estrada. Os condutores, que iam transportar sacos de correio que não haviam podido seguir para Braga antes da saída dos franceses, de bom grado arranjaram lugar para os soldados, os quais se atiraram para cima dos sacos e se puseram a dormir.

Passaram pelos restos das defesas a norte da cidade, na meia-luz do alvorecer. A estrada era boa, mas as mala-postas eram retardadas pelas árvores que os guerrilheiros haviam feito cair na estrada e cada barricada levava meia hora ou mais a ser retirada.

— Se os franceses tivessem sabido que Amarante caíra — disse Hogan a Sharpe —, ter-se-iam retirado por esta estrada e nós nunca mais os alcança-ríamos. Não sabemos, porém, se a guarnição francesa de Braga também se retirou.

Mas retirara-se e o correio chegou acompanhado de um contingente de cavalaria inglesa vibrantemente aclamado pelos habitantes, cujo regozijo a chuva não conseguiu arrefecer. Hogan, no seu uniforme azul de engenheiro foi olhado como prisioneiro francês e houve quem lhe atirasse bostas de cavalo, antes de Vicente convencer a multidão que Hogan era inglês.

— Irlandês, se faz favor — protestou Hogan.

— É a mesma coisa — disse Vicente, sem pensar.

— Valha-me Deus! — exclamou Hogan desgostoso, para logo se pôr a rir, pois a multidão, agora, insistia em levá-lo aos ombros.

A estrada principal seguia para norte até Pontevedra, através da fronteira, mas para leste havia uma série de caminhos que subiam pelas montanhas e um deles, prometia Vicente, ia levá-los a Ponte Nova, mas era a mesma estrada que os franceses tentavam alcançar e, por isso, avisou Sharpe de que podiam ter de seguir a corta-mato através das montanhas.

— Se tivermos sorte — disse Vicente —, chegamos à ponte dentro de dois dias.

— E para o Saltador, quanto tempo? — perguntou Hogan.

— Mais meio dia.

— E quanto tempo vão levar os franceses?

— Uns três dias — disse Vicente —, devem levar uns três dias. Vicente fez o sinal da cruz.

— Espero que levem três dias.

Passaram a noite em Braga. Um sapateiro consertou-lhes as botas, insistindo em não lhes levar dinheiro. Aplicou o seu melhor couro nas solas e reforçou-as com cardas, para melhor se agarrarem ao chão no terreno molhado. Deve ter trabalhado toda a noite, pois, de manhã, entregou timidamente a Sharpe capas de couro para os rifles e para os mosquetes. As armas tinham sido protegidas da chuva com rolhas metidas nas bocas dos canos e com os fechos embrulhados em pedaços de pano, mas as capas de couro eram muito melhores. O sapateiro untara as costuras das capas com gordura de ovelha, para as tornar impermeáveis à chuva e Sharpe e os seus homens ficaram extremamente gratos pela oferta.

Deram-lhes tanta comida que acabaram por entregar a maior parte a um padre, para ele distribuir pelos pobres e, depois, puseram-se em marcha, debaixo de chuva. Hogan ia montado, pois o administrador do concelho presenteara-o com um burro, um animal de passo seguro, embora zarolho e teimoso. Hogan colocou-lhe um cobertor a servir de sela e montou-se nele, ficando com os pés quase a roçar no chão. Sugeriu que utilizassem o burro parlevando as armas, mas ele era o mais velho do grupo, e o menos ágil, por isso Sharpe insistiu em que seguisse ele no burro.

— Não faço idéia nenhuma do que iremos encontrar — dizia Hogan a Sharpe, quando subiam para a montanha pejada de rochedos. — Se tiverem destruído a ponte de Ponte Nova, como já devem ter feito, os franceses vão dispersar-se. Vão pôr-se a correr para salvarem a pele e vai ser difícil encontrar Mister Christopher nesse caos. De todo o modo, temos de tentar.

— E se a ponte estiver intacta?

— Atravessamo-la, quando lá chegarmos — disse Hogan, depois rindo-se. Detesto esta chuva! já alguma vez experimentou

aspirar rapé à chuva? Cheira a vômito de gato.

Caminharam para leste através de um amplo vale ladeado de altas mon-tanhas nuas, coroadas com enormes rochedos cinzentos. A estrada estendia-se do lado sul do rio Cávado, o qual corria, límpido e profundo, por entre prados que haviam sido pilhados pelos franceses, de modo que não se viam vacas nem ovelhas a pastarem a erva primaveril. As aldeias, em tempos prósperas, estavam agora desertas e a pouca gente que lá permanecia era muito cautelosa. Hogan, Vicente e os seus homens tinham uniformes azuis, da mesma 'cor que as casacas do inimigo, enquanto que as casacas-verdes dos fuzileiros se confundiam com os uniformes dos dragões franceses. A população, se alguma coisa sabia, pensava que os ingleses tinham uniformes vermelhos, por isso, o sargento Macedo, prevendo a confusão, arranjara em Braga uma bandeira portuguesa que ele levava enfiada num tronco de freixo. A bandeira ostentava uma coroa dourada com uma grinalda e sossegava as populações que reconheciam a insígnia. Nem sempre isso acontecia, mas, depois de falarem com Vicente, os aldeãos tudo faziam pelos soldados.

— Por amor de Deus — dizia Sharpe a Vicente —, diga-lhes para esconderem o vinho.

— São muito amistosos — dizia Harper, quando saíam de uma aldeia onde os montes de estrume eram maiores do que as casas. — Não são como os espanhóis. Esses são frios. Nem todos, mas alguns eram sacanas.

— Os espanhóis não gostam dos ingleses — disse-lhe Hogan.

— Eles não gostam dos ingleses? — exclamou Harper, surpreendido. Então, afinal, não são sacanas. Mas está a querer dizer, meu Capitão, que os portugueses gostam dos ingleses?

— Os portugueses detestam os espanhóis — disse Hogan — e quando se tem um vizinho que se detesta, uma pessoa procura um amigo maior que a possa ajudar.

— Então, quem é que ajuda a Irlanda, meu Capitão?

— Deus, nosso Sargento — disse Hogan. — É Deus que ajuda a Irlanda.

— Senhor aí em cima — disse Harper piamente, olhando para o céu chuvoso por favor, acorda.

Porque é que não luta ao lado dos franceses — rosnou Harris. Basta de conversa! — lançou Sharpe.

Caminharam em silêncio durante algum tempo, mas depois Vicente não conseguiu conter a curiosidade.

— Se os irlandeses detestam os ingleses, porque é que, na verdade, combatem ao lado deles?

Harper riu-se ao ouvir a pergunta, Hogan olhou para o céu cinzento e Sharpe apenas franziu o sobrolho.

A estrada, agora que se encontravam distantes de Braga, estava mais mal conservada. A erva crescia-lhe no meio, entre os sulcos feitos pelos carros de bois. Os franceses não tinham andado a pilhar por ali e viam-se alguns rebanhos de ovelhas encharcadas e algumas pequenas manadas de vacas, mas mal os pastores enxergavam os soldados, logo se apressavam a afastar o gado. Vicente continuava intrigado e, não tendo sido elucidado pelos seus companheiros, tentou de novo.

— De fato, não compreendo — disse ele num tom inocente — porque é que os irlandeses lutam pelo rei inglês.

Harris inspirou fundo, como que a preparar-se para responder, mas o olhar severo de Sharpe fê-lo permanecer calado. Harper pôs-se a assobiar "*Over the Hills and Far Away*"; mas depois não dominou o riso, perante o silêncio opressivo que Hogan, por fim, quebrou.

— É por causa da fome — explicou o engenheiro a Vicente —, da fome, da pobreza e do desespero. E porque há pouco trabalho

para um homem decente ganhar a vida e nós sempre gostámos de uma boa luta.

Vicente ficou intrigado com a resposta.

— E isso é verdade em relação a si, meu Capitão? — perguntou ele.

— Não, em relação a mim, não — concedeu Hogan. — A minha família teve sempre algum dinheiro. Não muito, mas nunca tivemos de cavar em solo escasso o pão nosso de cada dia. Não, eu alistei-me porque queria ser engenheiro. Gosto de coisas práticas e esta era a forma de eu fazer o que gosto. Mas, por exemplo, aqui o sargento Harper — disse Hogan, olhando para Harper tenho quase a certeza de que se alistou para evitar a fome.

— Assim foi — disse Harper.

— E você odeia os ingleses — perguntou Vicente a Harper.

— Cuidado — rosnou Sharpe.

— Eu detesto o raio do chão que os sacanas pisam, meu Tenente — disse Harper vivamente, vendo, depois, que Vicente olhava apreensivo para Sharpe.

— Mas não posso dizer que os odeie a todos — acrescentou Harper.

— A vida é complicada — disse Hogan vagamente. — Por exemplo, ouvi dizer que há uma Legião Portuguesa no exército francês.

Vicente ficou embaraçado.

— Eles acreditam nas idéias francesas, meu Capitão,

— Ah, idéias! — exclamou Hogan. — São muito mais perigosas do que vizinhos grandes ou pequenos. Eu não acredito em lutas por idéias — disse ele, abanando a cabeça com ar triste —, como tão pouco nisso acredita o nosso Sargento Harper.

— Eu não acredito? — perguntou Harper.

— Não acredita, não — atirou Sharpe.

— Então, em que acredita? — quis Vicente saber.

— Na trindade, senhor — respondeu Harper.

— Na trindade? — Vicente estava confuso.

— No rifle — disse Sharpe —, na baioneta e em mim.

— Nesses também — confirmou Harper, com uma gargalhada.

— A questão é que — tentou Hogan ajudar Vicente — é como se estivéssemos numa casa em que houvesse um casamento infeliz e você fizesse uma pergunta a respeito de fidelidade. Ia causar um grande embaraço, pois ninguém queria falar nisso.

— Harris! — avisou Sharpe, vendo que o atirador ruivo abria a boca para falar.

— Eu ia apenas dizer, tenente — disse Harris —, que há ali uma dúzia de cavaleiros, naquela montanha além.

Sharpe voltou-se ainda a tempo de ver os cavaleiros desaparecerem do cimo da montanha. A chuva era muito densa e a luz muito difusa para se ver se envergavam uniforme, mas Hogan sugeriu que os franceses podiam muito bem ter mandado patrulhas de cavalaria à frente da retirada.

— Devem querer saber se tomamos Braga — explicou ele —, porque, se não o tivéssemos feito, eles tomariam esta estrada, tentando escapar para Pontevedra.

Sharpe fixou os olhos na montanha distante.

— Se há por aqui cavalaria — disse ele —, não quero ser apanhado no meio da estrada.

De fato, naquela paisagem de pesadelo, a estrada era o único lugar onde a cavalaria levava vantagem. Por isso, para evitarem a cavalaria inimiga, desviaram para norte, metendo-se no descampado. Isso obrigou-os a atravessar o Cávado, o que conseguiram fazer num vau que dava acesso apenas a elevados prados de Verão. Sharpe olhava continuamente para trás, mas não viu sinais de cavaleiros. A passagem subia para terreno selvagem. As montanhas eram íngremes, os vales profundos e o chão coberto de tojo, de fenos, de erva escassa e enormes rochedos redondos, alguns tão precariamente apoiados noutros que parecia bastar o toque de uma criança para os fazer rolar pelos precipícios das encostas abaixo. A erva parecia servir apenas a poucas ovelhas de lã emaranhada e a algumas cabras selvagens de que os lobos e lince se alimentavam. A única aldeia por onde passaram era uma povoação pobre e desolada, com muros de rocha em redor de pequenas hortas. Viam-se cabras presas em prados do tamanho de quintais. Vacas esqueléticas olharam para os soldados quando eles passaram. Continuaram a subir, ouvindo os chocalhos das cabras no meio dos rochedos e passando por um pequeno oratório coberto de flores secas. Vicente fez o sinal da cruz quando passou por ele.

Tornaram de novo a leste, seguindo por uma cumeada onde os grandes rochedos arredondados tornariam impossível qualquer cavalaria formar e carregar. Sharpe continuava a observar a sul, mas não via nada. No entanto, tinham avistado cavalaria por ali e devia haver mais, pois iam ao encontro de um exército desesperado que, de um triunfo iminente, tinha sido lançado, num único dia, numa derrota vergonhosa.

Era difícil avançar nas montanhas. Descansavam de hora a hora, para logo se afadigarem de novo. Estavam todos encharcados, cansados e gelados. A chuva não cessava e o vento rodara para leste, de forma que, agora, soprava-lhes de frente. As correias dos rifles feriam-lhes os ombros encharcados, mas a chuva, ao menos, parou pela tarde, embora o vento permanecesse áspero e frio. Ao crepúsculo, sentindo-se tão cansado como aquando da

terrível retirada para Vigo, Sharpe conduziu os homens para uma pequena povoação deserta, de casas baixas de pedra, com tectos de colmo.

— Sinto-me em casa — disse Harper, todo contente.

Os lugares mais secos para dormir eram dois compridos palheiros em forma de caixão, cujos conteúdos eram protegidos dos ratos, porque os palheiros estavam erguidos sobre uns pilares de pedra em forma de cogumelos. A maior parte dos homens amontoou-se nesses reduzidos espaços, enquanto Sharpe, Hogan e Vicente compartilharam a menos danificada das casas, onde Sharpe conseguiu acender a lareira com lenha molhada e ferver um chá.

— A perícia mais essencial de um soldado — disse Hogan, quando Sharpe lhe levou o chá.

— Qual é? — perguntou Vicente, sempre ansioso por aprender o seu novo ofício.

— Fazer fogo com lenha molhada — disse Hogan.

— Não devia ter uma ordenança, meu Capitão? — perguntou Sharpe.

— Devia, pois, mas você também, Richard.

— Eu não gosto de ter criados — disse Sharpe.

— Nem eu — disse Hogan —, mas você conseguiu fazer um belo chá, Richard, e, se um dia Sua Majestade decidir que não deseja que um valdevinos londrino seja seu oficial, então eu tomo-o ao meu serviço.

Montaram-se as sentinelas, preparou-se mais chá, acenderam-se os cachimbos com tabaco úmido. Hogan e Vicente iniciaram uma apaixonada discussão a respeito de um homem chamado Hume, de quem Sharpe nunca ouvira falar e que mais não era senão um filósofo escocês já falecido, mas, como parecia que o escocês já falecido dizia que não havia nenhuma certeza no mundo, Sharpe

perguntava-se porque é que havia gente que perdia tempo a lê-lo, para já não falar em discutir a respeito dele, embora isso divertisse Hogan e Vicente. Sharpe, farto da conversa deles, deixou-os entregues ao debate e foi fazer a ronda das sentinelas.

Começou a chover de novo e, depois, os trovões estremeceram o céu e os relâmpagos chicotearam os rochedos. Sharpe, Harris e Perkins estavam abrigados num santuário que era uma espécie de gruta, onde umas flores secas jaziam diante de uma Virgem Maria.

— Jesus, como chove — anunciou-se Harper, chapinhando debaixo da chuva —, e nós podíamos estar agarrados àquelas damas do Porto. — Harper atirou-se para o abrigo exíguo. — Eu não sabia que estava aqui, meu Tenente — disse ele. — Trago sumo de sentinela. — Trazia um cantil de chá. — Meu Deus — continuou ele —, lá fora não se vê a ponta de um corno.

— Esta chuva é como na sua terra, nosso Sargento? — perguntou Perkins.

— O que é que tu sabes disso, meu rapaz? Em Donegal, agora, o sol está sempre a brilhar, todas as mulheres dizem sim e ambos os guardas de caça têm pernas de pau. — Entregou o cantil a Perkins e espreitou a escuridão molhada. — Como é que vamos encontrar o seu amigo com um tempo destes, meu Tenente?

— Só Deus sabe.

— E isso interessa, agora?

— Eu quero reaver o meu óculo.

— Jesus, Maria e José — exclamou Harper —, vai deambular pelo meio do exército francês à procura dele?

— É mais ou menos isso — disse Sharpe.

Passara o dia tomado pelo sentimento da futilidade do esforço, mas isso não era razão para não fazer o esforço. E parecia-

Ihe justo que Christopher fosse castigado. Sharpe achava que a lealdade de um homem era a sua raiz, que era inamovível, mas Christopher, era óbvio, achava que a lealdade era negociável. Isso era assim porque Christopher era inteligente e sofisticado, mas se Sharpe conseguisse apanhá-lo, era um homem morto.

O alvorecer foi frio e molhado. Tornaram a subir aos cimos semeados de rochedos, deixando atrás deles o vale coberto de nevoeiro. A chuva era agora mais ligeira, mas continuava a bater-lhes na cara. Sharpe seguia à frente e não via ninguém, continuando a não ver ninguém quando soou um mosquete, uma nuvem de fumaça surgiu ao lado de uma rocha e ele mergulhou para o chão, embatendo a bala num rochedo e guinchando para o ar. Todos se abrigaram, excepto Hogan, montado no seu burro feio, mas Hogan teve a presença de espírito para se pôr a gritar.

— Inglês — gritava ele —, inglês!

Estava meio montado, meio fora do burro, com receio de outro tiro, na esperança, porém, de que o seu berro o evitasse.

De trás da rocha surgiu uma figura vestida de pele de cabra. O homem tinha uma grande barba, um sorriso aberto, mas sem dentes. Vicente chamou-o e os dois tiveram uma conversa rápida, finda a qual Vicente se voltou para Hogan.

— Ele diz que se chama javali e pede desculpa, mas não sabia que éramos amigos. Pede que o desculpemos.

— Javali? — perguntou Hogan.

— Quer dizer porco selvagem — disse Vicente, encolhendo os ombros. Os camponeses que andam atrás dos franceses para os matar arranjam todos uma alcunha

— Ele está sozinho? — perguntou Sharpe. É só ele.

— Então, ou é um grande estúpido ou é muito valente — disse Sharpe, suportando depois um abraço de Javali e o cheiro pestilento

do bafo dele. O mosquete do homem era muito antigo. A coronha de madeira, presa ao cano por aros de ferro, estava rachada e os próprios aros estavam enferrujados e soltos, mas Javali tinha uma bolsa de lona cheia de pólvora e um sortimento de balas de mosquete e insistiu em acompanhá-los, quando soube que podia encontrar franceses para matar. Trazia enfiada no cinto uma faca curva de aspecto facínora e pendia-lhe junto à perna um machado preso ao cinto por um pedaço de corda.

Sharpe retomou a marcha. Javali não parava de falar e Vicente foi traduzindo partes da sua história. O seu verdadeiro nome era André e era um pastor de cabras do Douro. Era órfão desde os seis anos e pensava que tinha vinte e cinco anos, embora parecesse muito mais velho. Trabalhava para uma dúzia de famílias, guardando-lhes o gado dos lince e dos lobos. Vivia com uma mulher, dizia ele com orgulho, mas os dragões tinham aparecido e violaram-lhe a mulher quando ele estava ausente, e esta que tinha um temperamento, segundo ele, pior que o de um bode, devia ter puxado de uma faca para os violadores, pois eles tinham-na matado. Javali não parecia muito abalado com a morte da mulher, mas ainda assim estava determinado a vingar-se. Apalpou a faca e, depois, o escroto, para indicar o que tinha em mente.

Javali, ao menos, tinha o mérito de conhecer os atalhos mais rápidos através das montanhas. Eles tinham caminhado bastante para o norte da estrada que haviam abandonado, quando Harris avistara os cavaleiros, e essa estrada passava pelo vale amplo que agora se estreitava ao derivar para leste. O Cávado torcia-se ao lado da estrada, por vezes desaparecendo em maciços de árvores, enquanto cursos de água, alimentados pela chuva, tombavam das montanhas e iam engrossar o rio.

A estimativa de dois dias de Vicente fora prejudicada pelo mau tempo e eles passaram a segunda noite nas montanhas, meio abrigados da chuva pelos grandes rochedos, e, na manhã seguinte, puseram-se de novo em marcha. Sharpe observou como o vale do rio se estreitara para quase nada. A meio da manhã, tinham à vista

Salamonde e, então, olhando para trás, pelo vale onde o nevoeiro se desvanecia, viram mais qualquer coisa.

Viram um exército. Avançava num enxame pela estrada e pelos campos de ambos os lados da estrada, um grande aglomerado de homens e de cavalos sem nenhuma ordem em particular, era uma horda que tentava escapar de Portugal e do exército inglês que agora os perseguia a partir de Braga.

— Temos de nos apressar — disse Hogan.

— Vão levar horas a subir aquela estrada — disse Sharpe.

Sharpe apontava para uma aldeia situada no local onde o vale terminava num desfiladeiro, donde a estrada, em vez de seguir em terreno plano, derivava, ao lado do rio, para as montanhas. Por onde então, os franceses podiam espriar-se pelos campos e marchar com uma frente ampla, mas, depois de passarem por Salamonde, ficavam restringidos à estreita estrada, marcada pelos sulcos fundos das rodas dos carros. Sharpe pegou no óculo de Hogan e olhou para o exército francês. Algumas unidades, segundo via, marchavam em boa ordem, mas a maior parte seguia desgarrada. Não se viam peças, nem carroças, nem carruagens, portanto, se conseguisse escapar, o marechal Soult tinha de arrastar-se até Espanha e ia ter de explicar ao chefe como é que tinha perdido tudo o que tinha valor.

— Estão ali uns vinte, trinta mil homens — disse Sharpe, espantado, ao devolver o óculo a Hogan. — Vão levar a maior parte do dia a passar por aquela aldeia.

— Mas têm o diabo nos calcanhares — observou Hogan — e isso incita um homem a ser veloz.

Apressaram-se a avançar. Um sol fraco iluminou finalmente as montanhas lívidas, embora a chuva continuasse a cair a norte e a sul. Atrás deles, os franceses eram uma grande massa escura a comprimir-se na estreita extremidade do vale, onde, tais grãos de

areia a passarem numa ampulheta, atravessavam Salamonde. Subia fumaça da aldeia, à medida que as tropas saqueavam e queimavam.

A estrada da salvação dos franceses começava agora a subir. Seguia o desfiladeiro sulcado pelo Cávado de água espumante, o qual se torcia para fora das montanhas em grandes laçadas, por vezes saltando por uma série de precipícios em nevoeiros de cascatas. Um esquadrão de dragões seguia à frente da retirada, para detectarem se havia guerrilheiros preparados para emboscarem a coluna. Se os dragões enxergaram Hogan e os seus homens no alto das montanhas, nada fizeram para os alcançar, pois os fuzileiros e os soldados portugueses estavam muito longe e muito alto e os franceses tinham mais com que se preocupar, ao final da tarde quando os dragões chegassem à Ponte Nova.

Sharpe já se encontrava acima da Ponte Nova e observava-a. Era ali que podia ser travada a retirada dos franceses, pois a aldeiazinha agarrada à montanha do outro lado da ponte estava abarrotada de homens e, ao primeiro relance da Ponte Nova, do alto das montanhas, Hogan rejubilara.

— Conseguimos! — exclamara ele. — Conseguimos!

Porém, quando pegou no óculo e o apontou para a ponte, o seu júbilo desvaneceu-se.

— São homens da Ordenança — disse ele. — Não há ali um único uniforme de soldado. — Tornou a olhar atentamente. — Nem o raio de uma única peça — disse ele amargamente — e os tolos nem sequer destruíram a ponte.

Sharpe pediu o óculo a Hogan e apontou-o à ponte. Esta tinha dois maciços pilares de pedra, um em cada margem, e o rio era atravessado por duas grandes vigas, sobre as quais se apoiava, antes, uma plataforma de madeira. A Ordenança, eventualmente querendo evitar a completa destruição da ponte, retirara a plataforma de madeira, deixando as duas enormes vigas no seu

lugar. Depois, no limite da aldeia, do lado leste da ponte, tinham aberto trincheiras, a partir das quais podiam cobrir a meio desmantelada ponte com fogo de mosquete.

— Talvez funcione — rosnou Sharpe.

— E o que é que você faria na situação dos franceses? — perguntou-lhe Hogan.

Sharpe olhou lá para baixo, para o desfiladeiro, olhando depois para trás, para oeste. Distinguia bem a serpente escura do exército francês ao longo da estrada, mas mais para trás não havia sinais da perseguição do exército inglês.

— Esperava pela noite — disse ele — e depois atacava pelas vigas.

A Ordenança era entusiástica, mas não passava de uma turba, mal armada e sem treino militar e esse género de tropas entrava facilmente em pânico. Pior ainda, era escassa a força que se encontrava na Ponte Nova. Seria mais do que suficiente se a ponte tivesse sido completamente destruída, mas as duas vigas gémeas eram um convite ao ataque dos franceses. Sharpe apontou o óculo de novo à ponte.

— Aquelas vigas são bastante largas para se andar sobre elas — disse ele. — Eles vão atacar de noite, esperando que os defensores estejam a dormir.

— Vamos esperar que a Ordenança se mantenha acordada — disse Hogan, desmontando do burro. — Tudo o que podemos fazer — acrescentou ele — é esperar.

— Esperar?

— Se eles forem parados aqui — explicou Hogan —, este é um lugar tão bom como outro qualquer para vigiarmos *Mister Christopher*. E se eles conseguirem passar, então... — Hogan encolheu os ombros.

— Eu devia ir lá embaixo — disse Sharpe — dizer-lhes para se livrarem daquelas vigas.

— E como eles vão fazer isso, com os dragões disparando sobre eles da outra margem?

Os dragões tinham desmontado e tinham se espalhado ao longo da margem ocidental e Hogan distinguia bem os tufos de fumaça das carabinas deles.

— É muito tarde, Richard — disse ele —, é muito tarde. Não saia daqui.

Acamparam no meio dos rochedos. A noite escureceu rapidamente, porque a chuva recomeçara a cair e as nuvens amortalharam o Sol poente. Sharpe permitiu aos homens acenderem fogueiras para fazerem chá. Os franceses iam ver as fogueiras, mas isso pouco importava, pois, logo que a escuridão envolveu as montanhas, uma miríade de chamas surgiu nas encostas. Eram os guerrilheiros a reunirem-se, vindos dos quatro cantos do Norte de Portugal, para ajudarem a dizimar o exército francês. Um exército encharcado, cheio de frio e de fome, exausto e encurralado.

O major Dulong ainda se ressentia da derrota que sofrera em Vila Real de Zedes. O hematoma na face desaparecera, mas a recordação de ter sido repellido magoava-o. Por vezes, lembrava-se do fuzileiro que o havia vencido e desejava tê-lo no 31º de Infantaria Ligeira. Também desejava que o 31º estivesse armado com rifles, mas isso era o mesmo que querer a Lua, pois o imperador não queria ouvir falar em rifles. Muito espalhafatosos e lentos, uma arma de mulher, dizia ele. Viva o mosquete!

Agora, junto à ponte chamada Ponte Nova, Soult mandara chamar Dulong, porque tinham dito ao marechal que ele era o

melhor e o mais valente oficial do seu exército. E Dulong assim parecia, com o uniforme amarrotado e a cicatriz na cara, pensou Sout. Dulong retirara a brilhante pluma do quepe, tendo-a embrulhado num pano encerado e prendido ao talabarte. Tivera a esperança de usar a pluma quando o seu regimento entrasse em Lisboa, mas isso parecia que não ia acontecer. Não naquela Primavera, de qualquer modo.

Soutl passeava-se com Dulong num outeiro donde se via a ponte com as duas vigas, vendo-se também, e ouvindo-se, a barulhenta Ordenança na outra margem.

— Não são muitos — observou Soutl. — Talvez uns trezentos?

— Talvez um pouco mais — disse Dulong.

— Como vai se livrar deles?

Dulong apontou um óculo à ponte. As vigas tinham cerca de um metro de largura, mais do que o suficiente, embora a chuva as tornasse escorregadias. Ergueu o óculo e verificou que os portugueses tinham aberto trincheiras das quais podiam atirar diretamente ao longo das vigas, mas a noite ia ser escura e a Lua ia ficar tapada pelas nuvens.

— Vou levar cem voluntários — disse ele —, cinquenta para cada viga, e parto à meia-noite.

A chuva caía cada vez mais forte e o crepúsculo estava a ficar frio. Os mosquetes dos portugueses, Dulong sabia-o, iam ficar encharcados e os homens que os empunhavam gelados até aos ossos.

— Uma centena de homens — prometeu ele ao marechal — e a ponte é nossa.

Soutl inclinou a cabeça.

— Se for bem-sucedido, Major — disse ele —, mande-me avisar logo. Mas, se falhar, não quero saber.

Voltou-se e foi-se embora.

Dulong regressou ao regimento e pediu voluntários, nada surpreendido quando todo o regimento deu um passo em frente. Escolheu, então, uma dúzia de bons sargentos e encarregou-os de escolherem os restantes homens, avisando-os de que o combate ia ser uma grande confusão, à chuva e ao frio.

— Vamos utilizar as baionetas — disse ele —, porque, com este tempo, os mosquetes não disparam e, se conseguissem disparar o primeiro tiro, não iam ter tempo para recarregar.

Chegou a pensar em recordar-lhes que lhe deviam uma demonstração de bravura, depois de terem tido relutância em avançar contra o fogo dos rifles, na torre de vigia, em Vila Real de Zedes, mas depois decidiu que eles bem sabiam isso e calou-se.

Os franceses não acenderam nenhuma fogueira. Os homens resmungaram, mas o marechal persistiu na recusa. Na outra margem, a Ordenança considerou que estava em segurança e acenderam a lareira de uma das casas acima da ponte, para conforto dos comandantes. A casa tinha uma pequena janela, de onde se escapava, através dos vidros sem cortinas, luz suficiente para se refletir nas vigas molhadas que atravessavam o rio. O reflexo débil tremeluzia à chuva, mas servia de guia aos voluntários de Dulong.

Partiram à meia-noite. Em duas colunas, cada uma com cinquenta homens. Dulong disse-lhes que tinham de correr pelas vigas e colocou-se à cabeça da coluna da direita, empunhando o sabre. Os únicos sons que se ouviram foram o chiar do rio lá em baixo, o vento guinchando nas rochas, o bater dos pés e o grito breve de um homem que escorregou e caiu para o Cávado. Dulong chegou à encosta e verificou que a primeira trincheira estava vazia e pensou que os defensores deviam ter se abrigado nas choupanas que ficavam logo atrás da segunda trincheira, sem terem deixado uma única sentinela para guardar a ponte. Teria bastado um cão,

para avisar do ataque dos franceses, mas tanto os homens como os cães tinham se abrigado do mau tempo.

— Sargento! — soprou o major. — As casas! Vamos limpá-las!

Os portugueses estavam todos dormindo quando os franceses entraram. Apareceram de baioneta calada e sem misericórdia. As primeiras duas casas caíram rapidamente, os ocupantes mortos mal acordavam, mas os seus gritos alertaram os outros, que se puseram a correr no meio da escuridão ao encontro da mais bem treinada infantaria do exército francês. As baionetas desempenharam sua tarefa e os gritos das vítimas completaram a vitória, porque os sobreviventes fugiram, confusos e aterrorizados com os gritos horríveis na noite escura.

À meia-noite e um quarto, Dulong aquecia-se ao fogo que o havia conduzido à vitória.

O marechal Soult tirou a medalha da Legião de Honra da sua casaca e espetou-a na lapela da esfarrapada casaca do major Dulong. Depois, com lágrimas nos olhos, beijou as bochechas do major.

Porque acontecera um milagre e a primeira ponte caíra nas mãos dos franceses.

Kate envolveu-se num cobertor molhado e colocou-se ao lado do cavalo fatigado, observava a infantaria francesa derrubando pinheiros, cortando-lhes os ramos e transportando os troncos desbastados para a ponte. Mais madeira era levada das pequenas casas. As vigas dos telhados eram suficientemente compridas para cobrirem a largura da ponte, mas tudo aquilo levava o seu tempo, pois os toros, toscos, tinham de ficar bem unidos, para que os soldados, os cavalos e as mulas pudessem atravessar em segurança. Os soldados que não estavam a trabalhar amontoavam-

se, aconchegando-se, tentando defender-se da chuva e do vento. Subitamente, parecia outra vez Inverno. Soaram tiros de mosquete ao longe e Kate percebeu que eram os habitantes da região que vinham atirar nos invasores.

Uma cantineira, uma das rijas mulheres que vendiam aos soldados café, chá, agulhas, linhas e muitas outras pequenas coisas úteis, teve pena de Kate e levou-lhe uma caneca de café morno, com umas gotas de aguardente.

— Se eles demorarem muito mais tempo — disse ela, apontando com a cabeça os soldados que reconstruíam o passadiço da ponte —, ainda acabamos todas com um dragão inglês em cima de nós. Ao menos, sempre levaríamos alguma coisa desta campanha!

A mulher soltou uma gargalhada e voltou para junto das mulas carregadas com a sua mercadoria.

Kate bebeu o café. Nunca sentira tanto frio, nunca se vira tão molhada, nunca se achara tão desgraçada. E sabia que a culpa era toda sua. Williamson pôs-se a olhar para a caneca do café e Kate, incomodada com o olhar dele, afastou-se para o outro lado do cavalo. Detestava Williamson, detestava o olhar faminto dele e temia a ameaça do transparente desejo dele. Seriam todos os homens uns animais? Christopher, com toda a sua elegante civilidade à luz do dia, gostava de a magoar à noite, mas Kate, depois, recordou-se do beijo meigo que Sharpe lhe dera e sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos. E o tenente Vicente, pensou ela, era um homem gentil. Christopher costumava dizer que havia dois lados no mundo, como havia peças pretas e peças brancas no xadrez, e Kate sabia agora que escolhera o lado ruim. E, pior ainda, não sabia como é que ia voltar ao lado bom,

Christopher apareceu, vindo do meio da coluna atolada.

— Isso é café? — perguntou ele, prazenteiro. — Ainda bem, eu preciso de uma coisa quente. — Tirou a caneca das mãos de Kate,

bebeu o café todo e deitou a caneca fora. — Mais uns minutos, minha querida — disse ele —, e pomo-nos a caminho. Passamos mais uma ponte, atravessamos as montanhas e estamos em Espanha. Vamos ter uma cama como deve ser e um belo banho. Como se sente?

— Sinto frio.

— É difícil acreditar que estamos em Maio, não é? É pior do que na Inglaterra. Mas há quem diga que esta chuva faz bem aos olhos. Você vai ficar ainda mais bonita, minha querida.

Christopher calou-se, ao soar do oeste um matraquear de mosquetes. O matraquear elevou-se durante uns segundos, ecoando pelas íngremes encostas do desfiladeiro, e depois desvaneceu-se.

— Estão afugentando os bandidos — disse Christopher. — É muito cedo para serem os perseguidores.

— Quem dera que eles nos apanhassem — disse Kate.

— Não seja ridícula, minha querida. Temos uma brigada de infantaria e dois regimentos de cavalaria cobrindo-nos a retaguarda.

— Temos? — exclamou Kate, indignada. — Eu sou inglesa!

Christopher sorriu amargamente.

— Eu também, minha querida, mas o que nós queremos acima de tudo é a paz. Paz! E talvez esta retirada seja o que vai convencer os franceses a deixarem Portugal sossegado. É para isso que eu trabalho. Para a paz.

Havia uma pistola enfiada na sela de Christopher, por trás de Kate e ela esteve tentada a pegar a arma, a encostá-la à barriga e a puxar o gatilho. Porém, nunca tinha disparado uma arma, não sabia se a pistola estava carregada e, sobretudo, o que lhe ia acontecer, sem Christopher ao seu lado. Williamson ia, certamente,

maltratá-la. E, por qualquer razão, lembrou-se da carta que conseguira deixar para o tenente Sharpe, colocando-a no lintel da sala da *House Beautiful* sem que Christopher visse. Pensava, agora, como era uma carta estúpida. O que ela queria dizer a Sharpe? E porquê a ele? O que é que ela esperava que ele fizesse?

Kate olhou para o alto da montanha. Havia homens na cumeada e Christopher voltou-se para ver para onde estava ela a olhar.

— São mais dessa escumalha — disse ele.

— Patriotas — insistiu Kate.

— Camponeses com mosquetes enferrujados — disse Christopher, azedo —, que torturam os prisioneiros e que não fazem idéia nenhuma dos princípios que estão em causa nesta guerra. Eles são as forças da velha Europa — prosseguiu ele —, supersticiosas e ignorantes. São os inimigos do progresso.

Ficou de cenho carregado e abriu uma das bolsas da sela, para se certificar de que o seu uniforme vermelho lá estava. Se os franceses se vissem forçados a render-se, aquela casaca-vermelha seria o seu passport. Metia-se montanhas adentro e, se os guerrilheiros o agarrassem, os convenceria que era um inglês que escapara dos franceses.

— Vamos seguir, meu Coronel — disse Williamson. — A ponte está pronta. — Baixou a cabeça a Christopher e, depois, voltou a cara torcida para Kate. — Quer que a ajude a montar, minha senhora?

— Não é preciso — disse Kate friamente.

Ao montar, porém, deixou escorregar o cobertor encharcado para o chão e apercebeu-se de que, tanto Christopher como Williamson, lhe estavam a olhar para as pernas, enfiadas nas calças justas de hussardo.

Vivas soaram na ponte, quando os primeiros cavaleiros fizeram os cavalos entrar no precário passadiço da ponte. O som fez a infantaria erguer-se, agarrar nos mosquetes e nas trouxas e apressar-se para a ponte substituta.

— Mais uma ponte — garantiu Christopher a Kate — e estamos a salvo. Apenas mais uma ponte. O Saltador.

À frente deles, no alto das montanhas, Richard Sharpe dirigia-se para lá. Para a última ponte em Portugal. O Saltador.

CAPÍTULO XI

Ao romper do dia é que Sharpe e Hogan viram que os seus receios se confirmavam. Várias centenas de soldados franceses de infantaria encontravam-se em frente da Ponte Nova. Dos defensores portugueses viam-se apenas corpos numa aldeia devastada, onde equipes de soldados se atarefavam para terminar o passadiço reconstruído sobre as águas revoltas do Cávado. No longo e ventoso desfiladeiro ecoavam tiros esporádicos. Eram os camponeses portugueses, atraídos como abutres pelo exército sitiado, a dispararem fora de alcance. Sharpe viu uns cem *voltigeurs* galgarem em boa ordem uma colina para escorraçarem um bando de valentes que haviam ousado aproximar-se demasiado da colina atolada. Houve uma rajada de tiros, os soldados franceses vasculharam a colina e regressaram à estrada abarrotada. Não havia sinais de perseguição por parte dos ingleses. Hogan achava que o exército de Wellesley estaria ainda a meio dia de marcha afastado dos franceses.

— Ele não os terá seguido diretamente — explicou ele. — Não deve ter atravessado a Serra de Santa Catarina como eles fizeram. Deve ter se mantido nas estradas, dirigindo-se primeiro a Braga e, agora, deve estar marchando para leste. Quanto a nós... — fez uma pausa, olhando para baixo, para a ponte capturada. — Quanto a nós, o melhor que temos a fazer é seguirmos para o Saltador — disse ele amargamente — porque é a nossa última chance.

Para Sharpe parecia que não havia mais nenhuma chance. Via lá em baixo mais de vinte mil fugitivos franceses que obscureciam o vale. Christopher estava metido no meio daquela massa de gente e Sharpe não sabia como encontraria o renegado. Contudo, abotoou a casaca descosturada, agarrou o rifle e seguiu Hogan que, percebia Sharpe, estava igualmente pessimista, enquanto Harper, perseverantemente, continuava todo animado, mesmo quando tiveram de atravessar a vau, com água pela cintura, um afluente do

Cávado que corria por um profundo desfiladeiro, antes de se lançar no rio mais amplo. O burro de Hogan recusou-se a entrar na água fria e revolta e o capitão propunha-se abandonar o animal, mas Javali deu-lhe uma punhada na cabeça e, enquanto o burro pestanejava, pegou nele e levou-o através da corrente. Os fuzileiros saudaram vivamente a demonstração de força, enquanto o burro, a salvo na outra margem do rio, se pôs a mostrar os dentes amarelos ao pastor de cabras que, muito simplesmente, o sovou de novo.

— É um homem útil, esse aí — disse Harper, aprovadamente.

O enorme sargento irlandês estava todo encharcado e tão gelado e cansado como os outros homens, mas parecia gostar da dureza da viagem.

— Não é pior do que cuidar de ovelhas — afirmava ele, enquanto avança-vam. — Lembro-me de uma vez, ia eu, com o meu tio, levar um rebanho de ovelhas a Belfast, tudo carne de primeira, e, a certa altura, metade delas puseram-se a fugir como lebres, nem tínhamos chegado ainda a Letterkenny! Meu Deus, todo aquele dinheiro perdido!

— E conseguiu apanhá-las? — perguntou Perkins.

— Está brincando, ou quê, meu rapaz? Procurei o raio das ovelhas durante toda a noite e tudo o que encontrei foram umas chapadas do meu tio. Mas a culpa era dele, que nunca tratara nem de um coelho, mas tinha ouvido dizer que as ovelhas rendiam bom dinheiro em Belfast e, então, roubou o rebanho de um sovina de Colcarney e pensou que ia ganhar uma fortuna.

— Há lobos na Irlanda? — quis Vicente saber.

— De casaca-vermelha — disse Harper, vendo o cenho carregado de Sharpe. — O meu avô — continuou ele apressadamente — dizia que, uma vez, tinha visto uma alcatéia deles em Derrynagrial. Enormes, dizia ele, com olhos vermelhos e

dentes do tamanho de pedregulhos. E afirmava à minha avó que eles o tinham perseguido todo o caminho até à ponte de Glenleheel. Mas ele era um grande bêbado. Jesus, como ele despejava uma garrafa!

Javali quis saber do que estavam falando e logo se pôs a contar as suas próprias histórias de lobos que atacavam as suas cabras. Contou como tinha lutado com um, apenas com o cajado e uma pedra afiada e que criara um filhote de lobo, mas que o padre da aldeia insistira em que o matasse, porque o diabo vivia nos lobos, e o sargento Macedo disse que era verdade e descreveu como uma sentinela, em Almeida, tinha sido comida pelos lobos, numa noite fria de Inverno.

— Há lobos na Inglaterra? — perguntou Vicente a Sharpe.

— Só os advogados.

— Richard! — admoestou-o Hogan.

Caminhavam agora para norte. A estrada pela qual os franceses iam seguir da Ponte Nova para a fronteira com a Espanha curvava para as montanhas, até encontrar outro afluente do Cávado, o Misarela, e a ponte do Saltador cruzava o alto do Misarela. Sharpe preferiria descer das montanhas para a estrada e marchar à frente dos franceses, mas Hogan nem queria ouvir falar nisso. O inimigo, dizia ele, ia fazer os dragões atravessarem o Cávado logo que a ponte estivesse reparada e a estrada não era um bom local para serem apanhados pelos cavaleiros. Prosseguiram, portanto, no terreno elevado que se tornava cada vez mais escarpado, pedregoso e difícil.

O avanço era lamentavelmente lento, pois viam-se forçados a fazer longos desvios, quando os precipícios ou as encostas de entulho lhes barravam o caminho, e, para cada quilômetro de avanço, tinham de andar três. Sharpe sabia que os franceses estavam avançando mais depressa pelo vale, pois o avanço deles era assinalado por tiros espaçados de mosquete, provindos das

montanhas que rodeavam o desfiladeiro do Misarela. Esses tiros, disparados de muito longe por homens movidos pelo ódio, soavam cada vez mais perto, até que, a meio da manhã, os franceses apareceram à vista.

À cabeça seguia uma centena de dragões, mas não muito atrás vinha a infantaria e esses homens não eram uma turba em pânico, marchavam em boa ordem. Javali, mal os viu, praguejou incoerentemente, tirou uma mancheia de pólvora da sacola e desperdiçou metade dela ao tentar metê-la toda no cano do mosquete. Calçou a bala, armou o mosquete e disparou para o vale. Não era óbvio que tivesse atingido o inimigo, mas ele bailou de regozijo e tornou a carregar o mosquete.

— Você tinha razão, Richard — disse Hogan com ar pesaroso.
— Devíamos ter seguido pela estrada,

Os franceses estavam ultrapassando-os.

— O meu Capitão é que tinha razão — disse Sharpe. — Gente como esse aí — Sharpe indicou com uma inclinação da cabeça o barbudo Javali — teria passado a manhã disparando sobre nós.

— Talvez — disse Hogan. Oscilou em cima do burro e tornou a olhar para baixo, para os franceses. — Espero que tenham destruído a ponte do Saltador — acrescentou ele, mas não tinha um ar muito esperançado.

Tiveram de descer um covo das montanhas e de tornar a subir outra vertente semeada com os maciços rochedos arredondados. Perderam de vista o caudaloso Misarela e os franceses que seguiam na estrada ao lado do rio, mas ouviam ocasionais rajadas de mosquete que indiciavam guerrilheiros, à espreita no vale.

— Deus queira que os portugueses tenham chegado à ponte. — disse Hogan, pela décima ou vigésima vez desde o romper do dia.

Se tudo tivesse corrido bem, as forças portuguesas que avançavam para norte, paralelamente ao exército de *Sir* Arthur Wellesley, teriam travado os franceses em Ruivães, cortando-lhes a última estrada a este para Espanha, enviando depois uma brigada através das montanhas para fechar a via final de fuga no Saltador. Se tudo tivesse corrido bem, os portugueses deveriam estar, então, barrando a estrada de montanha com canhões e infantaria, mas o mau tempo tinha-lhes retardado a marcha, como retardara a perseguição de Wellesley e, por isso, os únicos homens à espera de Soult no Saltador eram os da Ordenança.

Havia cerca de um milhar deles, mal treinados e mal armados, mas um major inglês do estado-maior português cavalgara à frente para os aconselhar.

A sua mais veemente recomendação foi que destruíssem a ponte, mas muitos dos homens que integravam a Ordenança provinham das montanhas fronteiriças e o arco aéreo que atravessava o Misarela era a via essencial do seu comércio e, por isso, recusaram-se a acatar o conselho do major Warren. Concordaram, contudo, em derrubar os parapeitos da ponte e em reduzir o passadiço, partindo-lhes as lajes com grandes malhos, mas insistiram em manter uma estreita faixa de pedra sobre a funda ravina, defendendo o arco, que mais parecia uma fita, do lado norte da ponte, com uma barricada de espinheiros e, por trás desse obstáculo formidável, a cada um dos lados, barreiras de terra onde podiam se abrigar, disparando nos franceses com mosquetes antigos e armas de caça. E não havia artilharia.

A faixa da ponte remanescente era quanto bastava para passar uma carroça, o que permitia, uma vez escorraçados os franceses, retomar o comércio, enquanto se reconstruíam os parapeitos e o passadiço. Para os franceses, porém, essa faixa estreita significava, muito simplesmente, a salvação.

Hogan foi o primeiro a verificar que a ponte não fora completamente destruída. Desmontou do burro e praguejou

desalmadamente, estendendo depois o óculo a Sharpe. Sharpe apontou o óculo aos restos da ponte. A fumaça pairava já em ambas as margens, já que a vanguarda de dragões franceses fazia fogo através da ravina e os homens da Ordenança, nos seus redutos improvisados, respondiam. O som dos mosquetes, porém, era fraco.

— Eles vão conseguir passar — disse Hogan tristemente. — Vão perder muitos homens, mas vão abrir passagem por aquela ponte.

Sharpe ficou calado. Hogan tinha razão, pensou ele. Os franceses, por agora, nada faziam para tomarem a ponte, mas, sem dúvida nenhuma, estavam reunindo uma unidade de assalto e isso significava que ele tinha de descobrir um lugar de onde os seus fuzileiros pudessem atirar sobre Christopher, quando ele atravessasse o estreito arco de pedra. Não havia lugar nenhum daquele lado do rio, mas, na margem oposta do Misarela, havia uma elevada plataforma rochosa, onde se encontrava uma centena ou mais de homens da Ordenança. A plataforma ficava a uns duzentos metros da ponte, muito longe para os mosquetes portugueses, mas proporcionava uma posição vantajosa para os rifles e, se Christopher chegasse ao meio da ponte, seria saudado por uma boa dúzia de balas.

O problema era chegar à plataforma. Não estava longe, ficava a cerca de um quilômetro, mas, entre Sharpe e aquele tentador terreno elevado havia o Misarela.

— Temos de atravessar o rio — disse Sharpe.

— Quanto tempo isso vai levar? — perguntou Hogan.

— Vai levar o tempo que levar — disse Sharpe. — Não há outra alternativa.

Os tiros dos mosquetes soava mais intensamente, estalando como lenha queimando, para depois esmorecer, antes de retomar

intensidade crescente. Os dragões aglomeravam-se na margem sul, fustigando os defensores, mas Sharpe nada podia fazer para ajudá-los.

Assim, afastou-se dali.

No vale do Cávado, a uns vinte quilômetros da guarda avançada que lutava com a Ordenança através da ravina do Misarela, as primeiras tropas do exército britânico alcançava a retaguarda de Soult, que protegia os homens e as mulheres que ainda estavam atravessando a Ponte Nova. As tropas britânicas eram dragões ligeiros e pouco mais podiam fazer do que trocar fogo de carabina com as tropas francesas que se arrastavam pela estrada, enchendo o vale entre o rio e as colinas ao sul. Porém, não muito longe atrás dos dragões, ia a Brigada da Guarda e, atrás dela, avançavam dois canhões de três libras, peças que disparavam projéteis tão leves que eles chamavam de brinquedos, mas, naquele dia, em que mais ninguém dispunha de artilharia, os dois brinquedos valiam o seu peso em ouro.

A retaguarda francesa esperava, enquanto, vinte quilômetros à frente, a vanguarda se preparava para o assalto ao Saltador. Iam assaltar a ponte dois batalhões de infantaria, mas era óbvio que seriam massacrados, se a barreira de espinheiros não fosse removida da outra extremidade da ponte. A barreira tinha mais de um metro de altura, outro tanto de espessura e era composta por duas dúzias de espinheiros, presos em conjunto e com toros em cima, constituindo um obstáculo poderoso. Foi, por isso, proposta uma unidade suicida.

Uma unidade suicida era um grupo de homens dispostos a morrer, mas que, com o seu sacrifício, abriam caminho aos seus camaradas. Esses bandos suicidas eram, outrora, lançados contra as brechas fortemente defendidas das fortalezas inimigas. Ali, porém,

tinham de atravessar os restos estreitos de uma ponte e de enfrentar o flagelo dos tiros de mosquetes e, antes de morrerem, tinham de abrir uma brecha na barreira de espinheiros.

O major Dulong, do 31º de Infantaria Ligeira, a medalha da Legião de Honra brilhando no peito, ofereceu-se para comandar o grupo de homens. Agora não podia aproveitar a escuridão e o inimigo era muito mais numeroso, mas, ainda assim, a sua face dura não mostrava apreensão, ao envergar um par de luvas e ao prender os cordões do sabre ao pulso, por forma a não perder a arma no caos que previa estabelecer-se ao afastarem os espinheiros. O general Loison, comandante da vanguarda francesa, ordenou que todos os homens disponíveis se dispusessem na margem do rio, para submergirem a Ordenança com fogo de mosquete, de carabina e, até, de pistola, e, quando o ruído dos tiros aumentou para uma intensidade ensurdecedora, Dulong ergueu o sabre e apontou-o depois para a frente, em sinal de avançar.

A companhia de assalto do seu próprio regimento correu através da ponte. Apenas três homens cabiam lado a lado na estreita faixa de pedra e Dulong estava na primeira fila. A Ordenança rugiu o seu grito de guerra e uma rajada explodiu da primeira barreira de terra. Dulong foi atingido no peito. Ouviu a bala bater na medalha e, depois, ouviu distintamente o estalo de uma costela se quebrando. Sabia que a bala devia ter se alojado num pulmão, mas não sentiu dor. Tentou gritar, mas estava sem fôlego, contudo começou a empurrar os espinheiros com as mãos enluvadas. Mais homens surgiam, amontoando-se no passadiço estreito da ponte. Um homem escorregou, caindo e gritando na branca turbulência do Misarela. As balas enfiavam-se no grupo suicida, o ar era só fumaça, ruído ensurdecedor e assobiar de balas, mas Dulong conseguiu atirar um pedaço da barreira para o rio, abrindo uma brecha nos espinheiros por onde podia passar um homem, suficientemente grande para salvar um exército encurralado. Avançou pela brecha, sabre em riste, cuspidando sangue

ao respirar, Um grito enorme soou atrás dele, quando o batalhão de apoio correu pela ponte de baioneta calada. Os homens sobreviventes de Dulong afastaram o resto da barreira de espinheiros, uma dúzia de *voltigeurs* mortos foram lançados ao rio sem cerimônias e, de repente, o Saltador estava negro de tropas francesas. Soltavam gritos de guerra ao atacarem os homens da Ordenança, muitos dos quais tentavam recarregar os mosquetes, pondo-se, depois, a fugir. Centenas de homens corriam para oeste, escalando as montanhas para escaparem às baionetas. Dulong parou junto da barreira de terra mais próxima e dobrou-se, o sabre balançando pelos cordões presos ao pulso, uma longa baba de sangue misturado com saliva a pingar-lhe da boca. Dulong fechou os olhos e pôs-se a rezar.

— Uma padiola! — gritou um sargento. — Façam uma padiola. Tragam um médico!

Dois batalhões franceses escorraçaram a Ordenança da ponte. Um punhado de portugueses ainda permaneciam numa elevada plataforma rochosa à esquerda da estrada, mas estavam muito longe para o fogo dos seus mosquetes causarem outro efeito que não o ruído incômodo e, por isso, os franceses deixaram-nos ficar observando a salvação de um exército.

Porque o major Dulong, valorosamente, tinha aberto as mandíbulas da última armadilha e a estrada para norte estava livre.

Sharpe, no alto das ásperas montanhas a sul do Misarela, ouviu o matraquear furioso dos mosquetes e percebeu que os franceses estavam atacando a ponte e fez votos para que a Ordenança conseguisse sustê-los, mas sabia que isso não ia acontecer. Eram soldados amadores, os franceses eram profissionais e, embora morressem alguns, os franceses iam tomar

a ponte sobre o Misarela. E, uma vez passadas as primeiras tropas, todo o exército as seguiria.

Dispunha, pois, de pouco tempo para atravessar o rio revoltado que corria no fundo da ravina rochosa. Sharpe teve de percorrer uns dois quilômetros para montante, para encontrar um local onde pudessem ultrapassar as encostas íngremes e a corrente engrossada pela água da chuva. O burro tinha de ser abandonado, pois a ravina era tão íngreme que nem mesmo Javali conseguiria levar o burro montanha abaixo e pela água tumultuosa adentro. Sharpe ordenou aos homens para retirarem as correias dos rifles e dos mosquetes, atando-as umas às outras para fazerem uma corda comprida. Javali, desprezando esse auxílio, escorregou encosta abaixo para o Misarela, atravessou o rio a vau e trepou para a outra margem, mas Sharpe receava perder algum dos homens com uma perna quebrada naquelas montanhas e avançou mais lentamente. Os homens desceram a encosta utilizando a corda como apoio, passando depois as armas. O rio tinha pouco mais do que uns dez metros de largura, mas era fundo e a água fria batia com força nas pernas de Sharpe, à cabeça da coluna. Os calhaus do fundo eram escorregadios e irregulares. Tongue caiu e submergiu alguns metros rio abaixo, antes de conseguir erguer-se para a margem.

— Desculpe, senhor — conseguiu ele dizer, os dentes a tremer e a água a escorrer-lhe da cartucheira.

Levaram quarenta minutos para atravessar o rio e subir para o outro lado, onde Sharpe, em cima de um rochedo, nada mais enxergava do que as montanhas de Espanha envoltas em nuvens.

Derivaram para leste, na direção da ponte, quando recomeçou a chover. Durante toda a manhã, os aguaceiros tinham caído ao redor deles, mas, desta vez, descarregou diretamente sobre eles e, logo a seguir, os trovões urraram no céu. Ao longe, para sul, havia uma abertura de sol iluminando as montanhas lívidas, mas o céu por cima deles estava ficando cada vez mais escuro, a chuva engrossava e Sharpe sabia que ia ser difícil disparar os rifles com

aquela chuva copiosa. Mas não disse nada. Estavam todos gelados e desanimados, os franceses escapavam e Christopher podia já ter passado pelo Misarela, a caminho da Espanha.

À esquerda deles, a estrada, coberta de erva, subia para as últimas montanhas portuguesas e eles viam os dragões e a infantaria apressando-se nas tortuosas e íngremes trilhas, mas esses homens estavam a um quilômetro de distância e a plataforma rochosa estava ali, à frente deles. Javali já estava no cimo e avisara os homens da Ordenança que aguardavam no meio dos fetos e dos rochedos que a tropa de uniforme que se aproximava era de amigos. Os portugueses, cujos mosquetes eram inúteis com aquela chuva, tinham-se limitado a lançar rochedos encosta abaixo, pouco incomodando os franceses que atravessavam a corda de salvação sobre o Misarela.

Sharpe sacudiu os homens da Ordenança que o queriam vitoriar e estendeu-se na aba da plataforma. A chuva fustigava as rochas, escorria pelo penhasco abaixo e tamborilava-lhe no quepe. O estrondo de um trovão troou por cima dele, seguido por outro estrondo a sudoeste, mas Sharpe reconheceu que o segundo estrépito era o troar de peças. Era fogo de canhões e esse som queria dizer que o exército de *Sir Arthur Wellesley* devia ter alcançado os franceses e que a sua artilharia tinha aberto fogo, mas esse combate desenrolava-se a quilômetros de distância atrás da Ponte Nova e ali, no último obstáculo, os franceses estavam escapando.

Hogan, resfolegando, com o esforço de subir ao penhasco, deixou-se cair ao lado de Sharpe. Estavam tão perto da ponte que conseguiam distinguir os bigodes dos soldados franceses e o padrão de riscas castanhas e pretas da saia comprida de uma mulher. A mulher caminhava ao lado do seu homem, um filho nos braços, carregando-lhe o mosquete e com um cão preso à cintura por uma corda. Atrás deles, um oficial puxava um cavalo mancando.

— É um canhão, o que estou ouvindo? — perguntou Hogan.

— É, sim, Capitão.

— Devem ser os três libras — disse Hogan. — Nos ajudaria muito ter um par desses brinquedos aqui.

Mas não tinham nenhum. Apenas Sharpe, Vicente e os homens deles. E um exército que escapava.

Lá para trás, em Ponte Nova, os artilheiros tinham conseguido instalar, à força de braço, os dois canhões de brinquedo na crista de um outeiro, próximo à retaguarda francesa. Ali não estava chovendo. Ocasionalmente, caía das montanhas uma chuva, mas os mosquetes ainda disparavam. A Brigada da Guarda carregou as armas, armou as baionetas e formou para avançar em coluna de companhias.

E as peças, os menosprezados três libras, abriram fogo sobre os franceses. Os pequenos projéteis, pouco maiores do que uma laranja, fustigavam as espessas fileiras, repicando nas rochas e matando mais soldados franceses, a banda dos Guardas de *Coldstream* pôs-se a tocar *Rule Britannia*, os estandartes foram desfraldados ao vento úmido e os canhões de três libras dispararam de novo, cada tiro deixando um longo jato de sangue no ar, como se uma invisível faca gigante golpeasse as fileiras francesas. As duas companhias ligeiras dos Guardas e uma companhia das casacas-verdes do 60º, o *Royal American Rifles*, avançavam, por uma amálgama de pedregulhos e de muros baixos, sobre o flanco esquerdo dos franceses e os mosquetes e os rifles *Baker* começaram a cobrar a sua quota de sargentos e de oficiais franceses. Homens do famoso 4º de Infantaria Ligeira, o regimento designado por Sault para proteger a sua retaguarda, dada a sua reconhecida valentia, correram para repelir os ingleses, mas os rifles eram mortíferos demais para eles. Os *voltigeurs* viram-se obrigados a recuar, pois nunca tinham enfrentado um fogo tão preciso àquela distância.

— Avance com eles, Campbell, avance com eles! — gritou *Sir Arthur Wellesley* para o comandante da brigada.

E o primeiro batalhão dos Guardas de *Coldstream* e o primeiro batalhão do 3º Regimento dos Guardas de Infantaria marcharam para a ponte. As peles de urso que envergavam faziam-nos parecer enormes, os tambores rufavam o máximo que podiam, os rifles estrepitavam e os dois pequenos canhões recuavam nas rodas depois de dispararem, abrindo novos sulcos sangrentos nas compridas linhas francesas.

— Eles vão ceder — disse o coronel Walters.

O coronel Walters servira todo o dia de guia a *Sir Arthur Wellesley* e observava a retaguarda francesa pelo óculo. Via-os a vacilar, via os sargentos correndo à frente e atrás, metendo os homens na fila.

— Eles vão ceder, senhor.

— Esperemos que sim — disse *Sir Arthur* —, esperemos que sim.

E desejava saber o que se passava lá à frente, se a via de fuga dos franceses teria sido cortada. Já tinha alcançado uma vitória, mas queria conhecer a dimensão dela,

Os dois batalhões de Guardas, ambos com o dobro do tamanho de um batalhão comum, marchavam firmemente e as baionetas, no vale obscurecido pelas nuvens, eram duas mil manchas de luz, vermelhas, brancas, azuis, douradas, sobre as cabeças dos soldados. E, em frente deles, os franceses estremeciam, os canhões disparavam e a névoa de sangue brilhava em duas longas linhas, indicando onde as balas dos canhões dizimavam as fileiras.

A estrada não estava bloqueada porque uma aérea faixa de pedra ligava as margens do Misarela, e uma fila aparentemente

infindável de franceses passava pelo arco corcunda. Sharpe observava-os. Caminhavam como homens derrotados, cansados e desanimados, e Sharpe lia-lhes na face o ressentimento em relação aos oficiais de engenharia que os apressavam através da ponte. Em Abril, aqueles mesmos homens tinham conquistado o Norte de Portugal e tinham pensado que iam avançar para o sul e tomar Lisboa. Tinham saqueado a região ao norte do rio Douro, pilhando casas e igrejas, violando mulheres, matando homens, pavoneando-se como galos nas capoeiras. Agora, porém, tinham sido derrotados, destroçados e escorraçados e o som distante dos dois canhões dizia-lhes que o ordálio ainda não terminara. E, lá no alto, nos penhascos, viam dezenas de homens irados, à espera dos atrasados, para logo afiarem as facas e acenderem as fogueiras. E todos os franceses tinham ouvido falar dos cadáveres horrivelmente mutilados, encontrados nas altas montanhas.

Sharpe limitava-se a observá-los. De quando em vez, a ponte era liberta, para um cavalo recalcitrante ser coagido a passar na estreita plataforma. Os cavaleiros eram peremptoriamente obrigados a desmontar e dois hussardos estavam vendando os cavalos, para conduzi-los pelo passadiço remanescente. A chuva amainou, para logo engrossar de novo. Estava escurecendo, um lusco-fusco extemporâneo provocado por nuvens negras e cortinas de chuva. Um general, com o uniforme pesado com as guarnições encharcadas, seguia o seu cavalo vendado pela ponte. A água fervilhava lá no fundo, ressaltando nas rochas da ravina, formando poças, espumando Cávado abaixo. O general apressou-se atravessando a ponte e, depois, teve uma certa dificuldade para montar. Os homens da Ordenança injuriaram-no e atiraram-lhe uma rajada de pedras, mas os projéteis saltaram meramente na encosta e rolaram inocuamente para a estrada.

Hogan observava os franceses amontoados antes da ponte, através do óculo que constantemente enxugava.

— Onde está *Mister* Christopher? — perguntava ele amargamente.

— Talvez o sacana já tenha atravessado — disse Harper, em tom neutro. — Se eu fosse a ele, Capitão, iria longe. Fugir, era o que eu queria.

— Talvez — reconheceu Sharpe. — Talvez.

Achava que Harper tinha provavelmente razão e que Christopher podia estar na Espanha com a vanguarda francesa, mas não havia maneira de saber.

— Vamos ficar aqui de guarda, até o cair da noite, Richard — sugeriu Hogan, num tom calmo que não escondia o seu desapontamento.

Sharpe avistava a estrada até uns dois quilômetros atrás dele, onde se amontoavam homens, mulheres, cavalos e mulas, todos apressando-se para o gargalo do Saltador. Duas macas passaram na ponte e, à vista dos feridos, logo os homens da Ordenança soltaram gritos de triunfo no penhasco. Outro ferido, com uma perna quebrada, coxeava apoiado numa muleta improvisada. Estava morrendo, mas era melhor esforçar-se, com as mãos cheias de bolhas e uma perna sangrando, do que ficar para trás e ser apanhado pelos guerrilheiros. A muleta escorregou na pedra da ponte e ele caiu pesadamente, o infortúnio do homem provocando outra rajada de pragas. Um soldado de infantaria francês apontou o mosquete aos portugueses escarnecedores, mas, quando apertou o gatilho, a faísca caiu sobre pólvora molhada, não produzindo outro efeito senão o de aumentar as vaias.

E, de repente, Sharpe avistou-o. Viu Christopher. Ou, melhor dizendo, ele viu primeiro Kate, reconheceu-lhe o oval do rosto, o contraste da pele branca com o cabelo preto, a beleza dela transparecendo, mesmo naquele precoce crepúsculo de horror e de chuva, e viu, surpreso, que ela envergava um uniforme francês, o que era muito estranho, mas depois viu Christopher e Williamson ao lado do cavalo dela. O coronel estava vestido como civil e imiscuía-se, empurrava, abria caminho pela multidão, para chegar à ponte e atravessá-la, para se ver a salvo dos perseguidores. Sharpe ergueu

o óculo de Hogan, limpou-lhe as lentes e olhou por ele. Christopher pareceu-lhe envelhecido, a cara sombria e cinzenta. Depois, desviou o óculo para a direita, viu a carranca de Williamson e sentiu-se tomado por uma vaga de pura cólera.

— Conseguiu descobri-lo — perguntou Hogan.

— Sim, ele está ali — disse Sharpe.

Entregou o óculo a Hogan, puxou o cano do rifle para fora da capa nova de couro e apoiou-o numa rocha.

— É ele, não há dúvida — disse Harper, que acabara de distinguir Christopher.

— Onde? — quis Hogan saber.

— Lá, aí a uns vinte metros da ponte, Capitão — disse Harper — ao lado do cavalo. E é *Miss* Kate que está montada nele. E, meu Deus! — Harper acabava de ver Williamson. — Aquele é...

— Sim — disse Sharpe secamente, tentado em apontar o rifle ao desertor, e não a Christopher.

Hogan estava olhando pelo óculo.

— É uma bela moça, sim senhor — disse ele.

— Faz o coração bater mais depressa, isso é que faz — disse Harper. Sharpe mantinha o fecho do rifle tapado, para manter a pólvora seca. Retirou, então, a capa de couro, armou o cão e apontou a arma para Christopher e, nesse preciso momento, os trovões urraram no céu e a chuva, que já era copiosa, aumentou de malevolência. Caía em torrente, fazendo Sharpe praguejar. Agora, nem conseguia ver Christopher! Ergueu o rifle e olhou lá para baixo, para o aglomerado de manchas, para o ar cheio de riscas de prata, para as nuvens desfazendo-se em chuva, para o dilúvio próprio para um homem construir uma barca. Meu Deus! E ele não conseguia distinguir nada! E, então, uma faixa de luz cortou o céu em dois, a chuva retumbando como cascos do demônio e Sharpe apontou o

rifle para o céu e puxou o gatilho. Ele sabia o que ia acontecer. A faísca apagou-se, o rifle era inútil e, por isso, Sharpe largou-o, no chão, ergueu-se e puxou a espada.

— Que diabos vai fazer? — perguntou-lhe Hogan.

— Vou reaver o meu óculo — disse Sharpe. E correu para os franceses.

O 4º Regimento de Infantaria Ligeira, tido como uma das melhores unidades de infantaria do exército de Soult, soçobrou e os dois regimentos de cavalaria soçobraram com ele. Os três regimentos tinham se posicionado bem, dominando uma pequena cumeada que cruzava a estrada, próximo da Ponte Nova, mas, perante a Brigada da Guarda, os constantes impactos das balas de rifle e os disparos mortíferos do par de canhões, a retaguarda francesa cedera. A sua missão era deter a perseguição inglesa, recuar depois lentamente e destruir a Ponte Nova depois de passarem, mas, em vez disso, fugiam.

Dois mil homens e mil e quatrocentos cavalos convergiam para a improvisada ponte sobre o Cávado. Ninguém tentou lutar. Voltaram costas ao inimigo, fugindo, e a grande massa deles, escura e em pânico, amontoava-se na margem do rio, quando os Guardas apareceram atrás deles.

— Façam avançar os canhões!

Sir Arthur esporeou o cavalo, conduzindo-o para junto dos artilheiros, cujas peças haviam queimado a erva em leque, em frente dos canos.

— Levem-nos para cima! — gritava ele. — Avancem para cima! Não os larguem!

Começava a chover mais, o céu estava escurecendo e os relâmpagos faiscavam sobre as montanhas a norte.

As peças foram arrastadas uns cem metros mais para a frente e depois alçadas pela encosta sul do vale, até uma pequena plataforma, a partir da qual podiam lançar os projéteis redondos para o meio do amontoado de franceses. A chuva chiava e fervia nos canos das peças, à medida que os disparos batiam e o sangue adejava numa névoa vermelha, sobre a destroçada retaguarda. O cavalo de um dragão soltou um relincho agudo e recuou, matando um homem com os cascos. Mais tiros acertavam no alvo. Alguns franceses, que estavam mais atrás e sabiam que não iam alcançar a ponte vivos, voltaram-se, lançaram os mosquetes ao chão e ergueram os braços. Os Guardas abriram fileiras para deixarem passar os prisioneiros, tornaram a cerrar fileiras e dispararam uma rajada que perfurou a retaguarda da turba francesa. Os fugitivos comprimiam-se, empurravam-se, lutavam para abrir caminho para a ponte e a pressão no passadiço desprovido de parapeitos era tão grande que homens e cavalos eram empurrados para fora dele, caindo desamparados no Cávado, soltando gritos lancinantes. E os canhões continuavam a massacrá-los, disparando para a própria Ponte Nova, ensanguentando os esteios e os troncos derrubados que eram a única salvação da retaguarda. Os tiros fizeram cair mais homens e cavalos do passadiço desprotegido, em tão grande número que os mortos e os agonizantes formavam já uma barragem, por baixo da ponte. O ponto alto da invasão francesa de Portugal fora uma ponte no Porto, onde centenas de pessoas, em pânico, se tinham afogado, agora, os franceses encontravam-se em outra ponte quebrada e os mortos do Douro estavam sendo vingados. E as peças continuavam a fustigar os franceses, ouvindo-se de quando em vez o disparo de um mosquete ou de um rifle, apesar da chuva. Os ingleses eram uma linha vingativa convergindo para o horror da Ponte Nova. Mais franceses se rendiam. Alguns choravam, de vergonha, de desânimo, de fome e de frio, ao arrastarem-se para trás. Um capitão, do 4º de Infantaria Ligeira,

lançou a espada ao chão e depois, desgostoso, pegou-a e passou a fina lâmina pelo joelho, antes de se entregar.

— Cessar fogo! — gritou um oficial dos *Coldstreams*.

Um cavalo agonizante gemia. A fumaça dos mosquetes e dos canhões desvanecia-se na chuva e o leito do rio era uma lástima, com os gemidos dos homens e dos cavalos que tinham quebrado os ossos ao caírem do passadiço da ponte. A barragem de agonizantes e de mortos era tão alta que o Cávado estava enchendo atrás deles e inundando as margens a montante, embora um regato de água ensanguentada escapasse pela brecha humana. Um francês ferido tentou arrastar-se para fora do rio e morreu justamente quando alcançava a margem, onde os homens da banda dos *Coldstreams* estavam recolhendo os inimigos feridos. Os médicos enfiavam os escalpelos nas bolsas de couro que tinham à cintura e bebiam goladas fortificantes de *brandy*. Os Guardas retiravam as baionetas da ponta dos mosquetes e os artilheiros descansavam ao lado das pequenas peças.

A perseguição terminara e Sault fora escorraçado de Portugal.

Sharpe desceu impetuoso pelo penhasco, saltando temerariamente de rocha para rocha e implorando que não escorregasse no musgo encharcado. A chuva continuava a cair fortemente e os trovões estavam abafando o som dos canhões para os lados da Ponte Nova. Estava ficando cada vez mais escuro, crepúsculo e temporal dando as mãos e lançando trevas infernais sobre as montanhas agrestes do Norte de Portugal, embora fosse a tremenda intensidade da chuva o que mais contribuísse para obscurecer a ponte. Sharpe, contudo, quando alcançou o sopé do penhasco, onde o terreno era mais plano, verificou que o Saltador se encontrava quase vazio. Um cavalo estava sendo puxado pela rédea pelo estreito passadiço e o animal travara os homens atrás

dele e, então, Sharpe viu um hussardo conduzir o cavalo e Christopher, Williamson e Kate seguiam logo atrás do cavalo. Alguns soldados de infantaria que estavam afastando-se da ponte, quando Sharpe surgiu do meio da chuva de espada em riste, olharam para ele, atônitos, e um deles avançou para o interceptar, mas Sharpe, em duas curtas palavras, disse-lhe o que tinha a fazer e o homem, mesmo sem entender inglês, teve o bom senso de obedecer.

Sharpe, logo depois, estava no Saltador e o hussardo que conduzia o cavalo limitou-se a olhar pasmado para ele. Christopher viu-o e voltou-se para fugir, mas havia agora mais homens no passadiço e, por isso, não havia chance de escapar pelo outro lado da ponte.

— Matem-no! — gritou Christopher, tanto para Williamson, como para o hussardo.

Foi o francês quem, obedientemente, começou a desembainhar o sabre, mas a espada de Sharpe assobiou na chuva, a mão do homem que empunhava o sabre foi-lhe quase cortada do pulso e, depois, Sharpe enfiou a espada no peito do hussardo, ouviu-se um grito e o cavaleiro caiu ao Misarela. O cavalo, assustado com os relâmpagos e com o piso escorregadio da ponte, deu um grande relincho e, num salto, passou por Sharpe, quase o derrubando para fora do passadiço. Os cascos do cavalo produziram faíscas nas pedras da ponte e o animal desapareceu. Sharpe ficou cara a cara com Christopher e Williamson, na estreita plataforma do Saltador.

Kate gritou, ao ver a comprida espada.

— Corra para a montanha! — gritou-lhe Sharpe. — Corra, Kate, corra! E você, sacana, me devolva o meu óculo!

Christopher estendeu o braço para agarrar Kate, mas Williamson avançou, passando pelo coronel e afastando-lhe a mão. Kate, vendo a segurança a alguns passos de distância, teve o bom senso de correr, passando por Sharpe. Williamson tentou agarrá-la,

mas, vendo a espada de Sharpe apontando para ele, conseguiu parar o bote com o seu mosquete francês. O choque da espada e do mosquete empurrou Williamson um passo para trás e Sharpe estava já seguindo-o, rugindo, a espada meneando como a língua de uma serpente, para forçar Williamson a recuar outro passo, mas Christopher empurrou o desertor outra vez para a frente.

— Mate-o! — berrou ele para Williamson.

E o desertor fez o que pôde, balançando o mosquete como um cacete, mas Sharpe recuou, esquivando-se do golpe terrível, depois avançou e a espada, insensível à chuva, atingiu Williamson de lado na cabeça, quase lhe arrancando uma orelha. Williamson cambaleou. O chapéu de couro, de abas largas, amortecera o ímpeto da espada, mas a potência do bote deixou Williamson balançando na beira do passadiço e Sharpe continuou a atacá-lo e, desta vez, com uma estocada, a ponta da lâmina cravou-se na casaca-verde do desertor, bateu numa costela e atirou Williamson da ponte abaixo. Williamson soltou um grande berro ao cair e Christopher viu-se sozinho com Sharpe, em cima do elevado arco do Saltador.

Christopher ficou de olhos postos no inimigo de casaca-verde. Nem queria acreditar no que via. Tentou falar, porque as palavras tinham sido sempre a sua melhor arma, mas, agora, fora atingido pela mudez. Sharpe avançou para ele. Então, surgiu um grupo de soldados franceses atrás de Christopher, que iam obrigá-lo a avançar ao encontro da espada de Sharpe e Christopher, sem coragem para empunhar a sua própria espada, no cúmulo do desespero, seguiu Williamson para a escura ravina encharcada de chuva do Misarela, saltando lá para baixo.

Vicente, Harper e o sargento Macedo haviam seguido Sharpe montanha abaixo e encontraram Kate.

— Tome conta dela, tenente! — disse Harper, dirigindo-se a Vicente. Apressou-se, depois, com o sargento Macedo, a seguir para a ponte, a tempo de ver Sharpe saltar do passadiço.

— Tenente! — gritou Harper. — Oh, meu Deus, que raio de sacana louco! — praguejou ele.

Harper e Macedo atravessaram a estrada, justamente quando uma corrente de soldados de infantaria de uniforme azul saíam da ponte, mas, se alguns dos franceses acharam estranho encontrarem soldados inimigos na margem do Misarela, não deram sinal disso. Queriam pura e simplesmente escapar e apressaram-se a seguir para norte, em direção a Espanha, enquanto Harper percorria a margem do rio, espreitando lá para baixo, em busca de Sharpe. Via cavalos mortos no meio das rochas, meio submersos na água cheia de espuma, via os corpos estendidos de uma dúzia de soldados franceses que haviam caído do alto passadiço da ponte do Saltador, mas nada via da capa escura de Christopher, nem da casaca-verde de Sharpe.

Williamson tinha caído diretamente na parte mais funda da ravina e, por sorte, tinha mergulhado num fundão revolto que lhe amortecera a queda e fora arremessado contra o corpo de um cavalo que o parara. Christopher tivera menos sorte. Caíra perto de Williamson, mas a perna esquerda batera numa rocha e o tornozelo ficara de repente uma massa dolorosa naquela água gelada do rio. Agarrou-se a Williamson e pôs-se a olhar desesperadamente ao redor e, não vendo indícios de perseguição, considerou que Sharpe não poderia ficar muito tempo na ponte, em face da retirada dos franceses.

— Leve-me para a margem — disse ele a Williamson. — Acho que quebrei o tornozelo.

— Vai ficar bom, Coronel — disse Williamson. — Eu estou aqui.

Williamson pôs um braço em volta da cintura de Christopher e ajudou-o a subir para a margem.

— Onde está Kate? — perguntou Christopher.

— Ela fugiu, senhor, mas nós vamos encontrá-la. Olhe, aqui estamos, senhor, vamos subir por aqui.

Williamson içou Christopher para cima das rochas e olhou em volta, em busca de um caminho para escalar a encosta da ravina e o que viu foi Sharpe. Williamson praguejou.

— O que foi?

Christopher estava com dores demais para notar fosse o que fosse.

— É aquele maldito sacana de casaca-verde — disse Williamson, puxando o sabre que tirara de um oficial francês morto, na estrada perto do seminário. — É o demônio do Sharpe — explicou ele.

Sharpe escapara ao engrossar da coluna francesa através da ponte, saltando para a encosta da ravina, onde um rebento de tojo se prendia a uma saliência da rocha. O ramo de tojo inclinou-se com o peso dele, mas aguentou-se e Sharpe conseguiu apoiar um pé numa rocha molhada por baixo dele e, depois, saltar para outro rochedo, onde os pés lhe fugiram, escorregando pela face arredondada do rochedo e indo cair no rio, mas ainda com a espada na mão. Em frente dele, estava Williamson e, ao lado do desertor, estava um encharcado e aterrorizado Christopher. A chuva silvava em redor deles, a escura ravina extravagantemente iluminada pelos relâmpagos.

— O meu óculo — disse Sharpe a Christopher.

— Claro, Sharpe, claro — disse Christopher, metendo a mão, por baixo da aba encharcada da capa, num dos bolsos e tirando o óculo. — Está intacto! — disse ele vivamente. — Era apenas emprestado.

— Coloque-o em cima desse rochedo — ordenou-lhe Sharpe.

— Não tem nem um arranhão — disse Christopher, colocando o óculo precioso em cima do rochedo. — E belo trabalho, tenente!

Christopher deu uma cotovelada em Williamson, que se limitou a manter os olhos fixos em Sharpe.

Sharpe deu um passo em direção aos dois homens, mas ambos recuaram. Christopher tornou a empurrar Williamson, tentando induzi-lo a atacar Sharpe, mas o desertor era prudente. A lâmina mais comprida que alguma vez utilizara fora uma baioneta, mas essa experiência não o habilitava a lutar com um sabre, especialmente contra uma mortífera lâmina como a pesada espada de cavalaria que Sharpe empunhava. Williamson recuou, esperando por uma oportunidade.

— Ainda bem que está aqui, Sharpe — disse Christopher. — Eu estava pensando em como escapar dos franceses, mas eles me vigiavam bem, como deve calcular. Eu tenho muita coisa para contar a *Sir* Arthur. Ele tem feito um belo trabalho, não tem?

— Tem, sim — concordou Sharpe —, e ele o quer morto.

— Não seja ridículo, Sharpe. Nós somos ingleses! — Christopher tinha perdido o chapéu quando saltara e a chuva colara-lhe o cabelo ao crânio. — Nós não assassinamos as pessoas.

— Eu sim — disse Sharpe, dando um passo a frente, ao mesmo tempo que Christopher e Williamson recuavam.

Christopher observou Sharpe ao apanhar o óculo.

— Está intacto, como vê. Eu tive muito cuidado com ele.

Tinha de gritar, para ser ouvido sobre a chuva que espumava e sobre o barulho do rio batendo nas rochas. Empurrou Williamson de novo para frente, mas o homem recusou-se obstinadamente a atacar e Christopher, vendo-se encurralado, num rochedo escorregadio entre a escarpa e o rio, nessa situação extrema

deixou, por fim, de tentar se salvar falando com Sharpe e, muito simplesmente, deu um grande empurrão no desertor.

— Mate-o! — gritou ele para Williamson. — Mate-o!

A grande impulsão nas costas surpreendeu Williamson que, no entanto, ergueu o sabre e o desfechou à cabeça de Sharpe. Ressoou um grande tinido, quando as duas lâminas se encontraram. Sharpe, então, espetou um pontapé no joelho esquerdo do desertor, pontapé que fez a perna de Williamson dobrar-se. Depois, Sharpe, que aparentava não estar fazendo grande esforço, deslizou a espada pelo pescoço de Williamson, obrigando-o a se inclinar para a direita e levando a lâmina a cortar a casaca-verde do desertor e introduzir-se na sua barriga. Sharpe torceu a lâmina para evitar que ficasse presa pela sucção da pele, retirou-a e ficou olhando o agonizante Williamson tombar no rio.

— Detesto desertores — disse Sharpe. — Odeio os malditos desertores.

Christopher vira o seu homem ser derrotado e como Sharpe o fizera sem grande esforço.

— Sharpe, você não está a perceber — disse ele.

Tentou pensar nas palavras que poderiam pôr Sharpe a pensar, fazendo-o recuar, mas a mente dele estava em pânico e as palavras não lhe vinham. Sharpe observava Williamson. Por um momento, o homem agonizante tentou sair do rio, mas o sangue corria-lhe vermelho do pescoço e da barriga e, de repente, baqueou para trás e a cara horrenda afundou na água.

— Eu detesto desertores — repetiu Sharpe, olhando depois para Christopher. — Essa espada serve para mais alguma coisa além de palitar os dentes, coronel de merda?

Christopher, estarecido, sacou a sua fina espada da bainha. Ele treinara esgrima. Gastara bom dinheiro, do pouco de que dispunha, na sala de armas de Horace Jackson, na *Jermyn Street*,

onde aprendera as finas graças da esgrima e granjeara, até, os lisonjeiros louvores do próprio grande mestre Jackson. Porém, uma coisa era esgrimir no soalho marcado com giz da *Jermyn Street* e outra, bem diferente, era enfrentar Richard Sharpe na ravina do Misarela.

— Não, Sharpe! — exclamou ele, quando o fuzileiro avançou, erguendo depois a espada numa parada atemorizada, quando a comprida espada de Sharpe faiscou na direção dele.

A estocada de Sharpe fora apenas uma incitação, uma experiência para ver se Christopher iria lutar como um homem, mas Sharpe tinha os olhos fitos nos do seu inimigo e percebeu que ele ia deixar-se matar como um cordeiro.

— Lute, sacana!

Sharpe lançou nova estocada e de novo Christopher esboçou uma débil defesa.

Porém, o coronel, então, enxergou um rochedo no meio do rio e pensou que podia saltar para lá e, do rochedo, alcançar a margem oposta e pôr-se a salvo. Lançou a espada num bote perigoso, para ganhar espaço para o salto, voltou-se e saltou, mas o tornozelo quebrado cedeu, o rochedo escorregou sob seus pés e teria caído no rio, não fosse Sharpe agarrá-lo pelo colete, depositando-o no chão de rocha, a espada inútil na mão e o seu inimigo olhando de cima para ele.

— Não! — implorou ele. — Não. — Christopher olhava para cima, os olhos fixos em Sharpe. — Você me salvou, Sharpe — disse ele, percebendo o que acontecera e com uma súbita esperança a apossar-se dele. — Você me salvou.

— Não poderia vasculhar os seus bolsos, coronel, se você estivesse debaixo de água — disse Sharpe.

E, então, a boca torceu-se de raiva, enquanto impulsionava a espada para baixo.

Christopher morreu na saliência de rocha junto ao fundão onde Williamson afundara. O remoinho sobre o corpo do desertor cobriu-se de novo de sangue vermelho, depois o vermelho escorreu para a corrente principal, onde se diluiu, primeiro em cor-de-rosa e, depois, em nada. Christopher torceu-se e gargarejou, pois a espada de Sharpe atingira-lhe a traquéia, tendo uma morte mais misericordiosa do que merecia. Sharpe viu o corpo do coronel estremecer e depois ficar queito. Mergulhou a espada na água do rio para limpá-la e secou-a o melhor que pôde na capa de Christopher. Depois, vasculhou rapidamente os bolsos do coronel, encontrando três moedas de ouro, um relógio quebrado, com uma caixa de prata, e uma pasta de couro atulhada de papéis que deviam interessar ao capitão Hogan.

— Louco de um raio — disse Sharpe para o cadáver.

Sharpe olhou depois para cima, para a noite que se adensava, e viu uma grande sombra à beira da ravina, por cima dele. Por um momento pensou que era um francês, mas depois ouviu a voz de Harper.

— Ele está morto?

— Sim, mas nem sequer lutou. Williamson também morreu.

Sharpe subiu pela encosta da ravina até chegar próximo de Harper, o sargento estendendo o rifle para içar Sharpe pelo resto da distância que os separava. O sargento Macedo também ali estava e os três não podiam voltar ao penhasco porque os franceses se encontravam na estrada e, por isso, abrigaram-se da chuva numa cova escavada pelo gelo num dos enormes rochedos arredondados. Sharpe contou a Harper o que acontecera e, depois, quis saber se o irlandês tinha visto Kate.

— O tenente Vicente ficou com ela, senhor — respondeu Harper. — A última coisa que vi foi que ela estava chorando e Tenente estava apertando-a nos braços e dando-lhe palmadinhas nas costas. As mulheres gostam muito de chorar, já notou, senhor?

— Já notei, sim — disse Sharpe.

— Faz com que elas se sintam melhores — disse Harper. — O engraçado é que conosco não funciona.

Sharpe deu uma das moedas de ouro a Harper, deu outra a Macedo e ficou com a terceira. A escuridão adensara-se. Prometia ser uma noite longa, fria e cheia de fome, mas Sharpe não se importava.

— Recuperei o meu óculo — disse ele a Harper.

— Sempre achei que o recuperaria.

— E não está quebrado. Pelo menos, não me parece.

O óculo não chocalhara, quando ele o abanara, por isso assumia que estava intacto.

A chuva amainou. Sharpe pôs-se à escuta, mas não conseguiu ouvir mais nada a não ser os passos dos franceses soando nas pedras da ponte do Saltador, o assobiar do vento, o ruído do rio e da queda da chuva. Não ouvia fogo de canhão. Isso queria dizer que o combate longínquo na Ponte Nova terminara e ele não tinha dúvida nenhuma de que constituíra uma vitória. Os franceses iam embora. Tinham enfrentado *Sir* Arthur Wellesley e ele os tinha destroçado. Sharpe sorriu ao pensar nisso, pois, embora Wellesley fosse um animal frio, intratável e altivo, era um grande general. E tinha massacrado o exército do Rei Nicolau. E Sharpe ajudara nisso. Tinha executado a sua parte.

Era, pois, o massacre de Sharpe.

NOTA HISTÓRICA

Sharpe é de novo culpado de roubar os louros de outros. Foi, de fato, um barbeiro português que atravessou o Douro num bote, para avisar o coronel Walters da existência de três barcaças na margem norte do rio, mas fê-lo por sua própria iniciativa, sem que na altura, houvesse tropas inglesas na margem norte. Tão-pouco houve fuzileiros do 95º Regimento integrados na defesa do seminário. Os franceses estavam convencidos de que haviam destruído ou removido todos os barcos existentes no rio, mas erraram com aquelas três barcaças que, então, começaram num afanoso vaivém que despejou casacas-vermelhas para dentro do seminário que, inexplicavelmente, ficara desguarnecido de vigilância.

A história dos projéteis esféricos que destruíram as principais peças francesas foi retirada da obra de Oman, *A History of the Peninsular War, Vol. II*. O general *Sir* Edward Paget foi ferido no braço, nesse combate. Perdeu o braço, regressou a Inglaterra para se recuperar e voltou a Portugal como general da Primeira Brigada, mas a sua má sorte persistiu, pois foi capturado pelos franceses. Os ingleses perderam setenta e sete homens, entre mortos e feridos, no combate do seminário, enquanto as baixas francesas foram três ou quatro vezes superiores. Os franceses tão-pouco conseguiram destruir o vaivém de Barca de Avintes, as barcaças que foram postas a flutuar na manhã do ataque e que transportaram através do rio dois batalhões de infantaria da Legião Germânica do Rei e o 14º Regimento de Dragões Ligeiros, uma força que poderia ter causado sérios problemas aos franceses que fugiam do Porto, mas o general que comandava essas unidades, George Murray, embora tivesse avançado para norte, pela estrada de Amarante, tolamente limitou-se a vê-los passar. Mais tarde, nesse mesmo dia, o general

Charles Stewart dirigiu o 14º de Dragões numa magnífica carga que destroçou a retaguarda francesa, mas Murray continuou a recusar-se a avançar com a sua infantaria e, desse modo, tudo se tornou sempre um pouco demasiado tarde.

Provavelmente exagerei, ao sugerir que Soult estava falando com o cozinheiro quando os ingleses atravessaram o rio, mas ele, de fato, nessa manhã, dormiu quase até às onze horas e, fosse o que fosse o que o cozinheiro preparara para o jantar, foi realmente *Sir Arthur Wellesley* quem o comeu.

O seminário ainda existe, embora, nos dias de hoje, tenha sido engolido pelos subúrbios do Porto. Uma placa, porém, regista a sua defesa aos 12 de Maio de 1809. Outra placa, no cais junto à magnífica ponte de ferro de Eiffel que hoje atravessa o rio, regista os horrores de 29 de Março, quando os refugiados portugueses se amontoaram na quebrada Ponte das Barcas. Há duas explicações para os afogamentos. Há quem afirme que as tropas portuguesas em retirada removeram a ponte levadiça, para evitar que os franceses utilizassem a ponte, enquanto a segunda explicação, que eu prefiro, é que o enorme peso dos refugiados afundou os pontões centrais, os quais se partiram sob a pressão exercida pelo rio. Seja qual for a verdadeira explicação, o resultado foi o horror de centenas de pessoas, na maior parte civis, terem sido empurradas para fora da extremidade quebrada, afogando-se no Douro.

Ao capturar o Porto, o marechal Soult conquistava o Norte de Portugal e, enquanto se reforçava para avançar sobre Lisboa, ele acarinhou, de fato, a idéia de se tornar rei. Mais do que acarinhar a idéia, tentou convencer os seus oficiais generais, tentou obter apoios entre os portugueses e, sem sombra de dúvida, subsidiou o *Diário do Porto*, um jornal publicado durante a ocupação francesa e editado por um padre que apoiava a idéia peregrina. O que Napoleão faria, perante semelhante autopromoção, não é difícil de adivinhar e foi, provavelmente, a perspectiva do desagrado do imperador que terá persuadido Soult a abandonar a idéia.

Mas a idéia foi realmente concebida e concedeu a Soult a alcunha de "Rei Nicolau", quase provocando um motim chefiado pelo coronel Donadieu e pelo coronel Lafitte, mais vários outros oficiais, hoje desconhecidos. E o capitão Argenton atravessou, de fato, por duas vezes as linhas, para consultar os ingleses. Argenton queria que os ingleses usassem da sua influência sobre os portugueses para os convencer a encorajarem Soult a declarar-se rei, pois, quando Soult o fizesse, rebentaria o motim e, então, Donadieu e os outros encarregar-se-iam de fazer regressar o exército a França. Aos ingleses pedia-se-lhes que encorajassem a absurda pretensão bloqueando as estradas a leste para Espanha, mas sem ameaçarem as estradas do norte. *Sir* Arthur Wellesley, chegado a Lisboa para assumir o comando das mãos de Cradock, rejeitou de imediato o esquema. Argenton voltou, então, para junto de Soult, foi denunciado e preso, mas pouparam-lhe a vida por ter revelado tudo o que sabia e, entre essas revelações, constava a confirmação de que o exército britânico, longe de se preparar para se retirar de Portugal, se preparava para atacar o Norte. O aviso permitiu a Soult retirar as forças que haviam avançado para sul do Douro, as quais, de outro modo, teriam sido encurraladas por um ambicioso movimento de cerco já iniciado por Wellesley. A carreira de Argenton não terminara. Conseguiu escapar aos seus captores, alcançou o exército britânico e concederam-lhe uma passagem para Inglaterra. Porém, por qualquer razão, decidiu voltar a França, onde foi, de novo, preso e, desta vez, fuzilado. É conveniente salientar, já que falamos de conspirações, que as aspirações atribuídas por Christopher a Napoleão, aspirações que se referiam a "um sistema europeu, um código de leis europeu, um sistema judiciário europeu e a uma única nação na Europa, os Europeus", foram, de fato, articuladas por Bonaparte.

Sharpe e a Campanha de Wellington no Norte de Portugal em Maio de 1809 é uma história que começa e termina em pontes, mas ambos os relatos da proeza do major Dulong, do 31º Regimento de Infantaria Ligeira, de tomar a Ponte Nova e, depois, a ponte do Saltador, são verídicos. Ele tinha um temperamento semelhante ao

de Sharpe, gozava de uma reputação de extraordinária bravura, mas foi ferido no Saltador e eu não consegui descobrir o seu subsequente destino. Ele salvou quase sozinho o exército de Soult, merecendo por isso uma vida longa e uma morte tranquila, de modo nenhum merecendo o papel de malogrado, na ficcionada história de Vila Real de Zedes.

O feito de Hagman de acertar um tiro de rifle a seiscentos metros pode parecer inacreditável, mas baseia-se num acontecimento real que ocorrera no ano anterior, durante a retirada de *Sir John Moore* para a Corunha. Tom Plunkett — “um irreprimível atirador comum”, como lhe chama Christopher Hibbert, no seu livro *Corunna* — disparou um “tiro miraculoso” que matou, a seiscentos metros de distância, o general francês Coibert. O tiro, muito justamente, ficou célebre entre os fuzileiros. Li recentemente, numa revista, que o máximo alcance de um rifle Baker era da ordem dos trezentos metros, uma asserção que surpreenderia os homens vestidos de verde, que diriam ser esse um alcance medíocre.

O marechal Soult, então apenas duque da Dalmácia, foi forçado a retirar, quando Wellesley atravessou o Douro, e o relato da sua retirada consta do romance. Os franceses deviam ter ficado encurralados e ter sido forçados a renderem-se, mas é muito fácil expender críticas passado muito tempo após os acontecimentos. Se os portugueses, ou os ingleses, tivessem avançado um pouco mais rapidamente, ou se a Ordenança tivesse destruído a Ponte Nova ou a ponte do Saltador, então, Soult teria soçobrado, mas um pouco de sorte e o singular heroísmo do major Dulong salvaram os franceses. O mau tempo teve, sem dúvida, muito a ver com isso. A chuva e o frio daquele início de Maio foram inabitualmente rigorosos, atrasando a perseguição e, como *Sir Arthur Wellesley* acentuou, num relatório para o primeiro-ministro, um exército que abandona as peças, os veículos e os feridos movimenta-se muito mais depressa do que um exército que mantém todo o seu equipamento pesado. A fuga dos franceses, contudo, foi uma oportunidade perdida, depois da brilhante vitória do Porto.

A cidade do Porto aumentou muito, ao ponto de absorver o seminário, sendo, por isso, difícil distinguir o terreno como ele era, no dia em que os Buffs atravessaram o rio, mas, alguém que esteja interessado em ver o seminário, pode encontrá-lo no Largo do Padre Baltazar Guedes, uma pequena praça sobranceira ao rio. O melhor roteiro para a batalha, em boa verdade para todas as batalhas de Sir *Arthur* Wellesley em Portugal e em Espanha, é a *Wellington's Peninsular War*, de Julian Paget, publicada por Leo Cooper. O livro, atravessado o rio, conduzi-lo-á ao Mosteiro da Serra do Pilar, onde se encontra um monumento recordando a batalha, erguido no local onde Wellesley instalou as peças que tanta vantagem lhe proporcionaram, e a visita à margem sul deve incluir as caves do vinho do Porto, muitas das quais são, ainda hoje, propriedade de ingleses. Há restaurantes esplêndidos no cais da margem norte, onde a tal placa recorda os afogados do dia 29 de Março de 1809. O Palácio das Carrancas, onde Soult e Wellesley instalaram os respectivos quartéis-generais, é, actualmente, o Museu Nacional Soares dos Reis e situa-se na Rua Dom Manuel II. Tanto a Ponte Nova, como a Ponte do Saltador ainda existem, embora, infelizmente, debaixo de água, pois foram ambas submergidas por uma barragem, mas a região merece uma visita, pela beleza agreste e espectacular.

Soult escapara, mas a sua incursão em Portugal custara-lhe seis mil dos seus vinte e seis mil homens, cerca de metade mortos ou capturados durante a retirada. Perdera, também, toda a bagagem, todos os veículos e todas as suas cinquenta e quatro peças de artilharia. Era, na realidade, um exército destroçado e uma pesada derrota, mas essa derrota não pôs termo aos desígnios franceses em relação a Portugal. Iam voltar no ano seguinte e iam ser escorraçados de novo.

Sharpe e Harper vão, pois, tornar a avançar.

{1} *Frogs*, no original. Designação pejorativa dos Ingleses em relação aos Franceses, em virtude destes gostarem de pernas de rãs. [N. do T.]

{2} Em francês no original. “Senhor! Venha aqui, por favor.” N. do T.